

CES | Revista

ISSN 1983-1625

Administração, Administração e Unidades Acadêmicas, Biblioteca, Conselho Editorial, Conselho de Software, Conselho de Telecomunicações, Design de Mundo, Design de Interiores,
Filosofia, Geometria, Gestão da Qualidade, Gestão de Recursos Humanos, Jornalismo, Marketing, Matemática, Música, Física, Psicologia, Teoria e Prática, Sistemas de Informação, Teologia



32

v. 32 n. 2 ago./dez. 2018



**PESQUISA, ENSINO
E EXTENSÃO**

SUMÁRIO

EDITORIAL/EDITORIAL

CONTEMPORANEIDADES

Juliana Gervason DEFILIPPO, Mariana Aparecida
VENÂNCIO..... 4-6

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

FEBRE AMARELA: O MOSQUITO, O MACACO E O SER HUMANO
Caroline Almeida do VALE, Vicente Sanches JUNIOR,
Fábio PREZOTO..... 7-27

GASTRONOMIA

AÇÚCAR EM QUATRO ATOS
Marcela Benevenuto FERREIRA, Patrícia Maia do
Vale HORTA, Haline Aparecida de Oliveira MAIA..... 28-46

PSICOLOGIA

A CRIANÇA ESPERA? O ESPAÇO CONVIVER COMO DISPOSITIVO DE
CUIDADO
Mariana KERBER, Suzana Feldens SCHWERTNER..... 47-71

LAÇOS E AFETOS DA ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRIANÇA E A
FAMÍLIA SOB A PERSPECTIVA DA GESTALT
Ana Maria Mattos de ANDRADE, Juliana
Ferreira Barreto SENO..... 72-98

MESTRADO EM LETRAS

“MUITO PRAZER, ME APRESENTO, O MEU NOME É... RENEGADO”:
EXPERIÊNCIA E NARRATIVA NO RAP DE FLÁVIO RENEGADO
Joseli Aparecida FERNANDES, Cilene PEREIRA..... 99-117

NÃO CONTEM COM O FIM DO LEITOR
Jennifer da Silva Gramiani CELESTE, Juliana
Gervason DEFILIPPO..... 118-138

PAISAGEM, IMAGEM E SUJEITO: UM OLHAR SOBRE A POESIA DE
MARCOS SISCAR
Ariane Ávila Neto de FARIAS, Ânderson Martins
PEREIRA, Mariane Pereira ROCHA..... 139-153

TEORIA DO MEDALHÃO E O HOMEM QUE SABIA
JAVANÊS: AS FACES DO (NÃO) TRABALHO NO BRASIL
NO LIMIAR DOS SÉCULOS XIX E XX
Ernani MÜGGE, Daniel CONTE, Liandra
Fátima HENGEN..... 134-176

UM SINO QUE DOBRA OU LETRAS QUE BALANÇAM?
CONSIDERAÇÕES SOBRE NOVELAS ROSIANAS E PALAVRAS
BÍBLICAS
Altamir Celio de ANDRADE, Mariana Aparecida VENÂNCIO..... 177-194

JORNALISMO

O MEDO E A VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO: A CONSTRUÇÃO DOS
SUJEITOS NO ORDENAMENTO DA CIDADE
Marise Baesso TRISTÃO..... 195-220

DESIGN DE MODA

DIÁLOGOS SOCIOTÉCNICOS E EXISTÊNCIAS HIBRÍDAS: A
ABORDAGEM DE BRUNO LATOUR APLICADA À PERFORMANCE NA
PASSARELA DE ALEXANDER MCQUEEN
Henrique Grimaldi FIGUEREDO, Thamara Venâncio de ALMEIDA..... 221-238

EN(SAIA)NDO A MODA: A INDUMENTÁRIA DO TORÉ POTIGUARA
PARAIBANO EM UMA COLEÇÃO DE MODA
Anderson Noel de Lima e SILVA, Eduardo Dias da SILVA..... 239-265

DIFERENTES CAMINHOS, UM MESMO PROPÓSITO

O trabalho de editar um periódico multidisciplinar como a **CES Revista** é gratificante pelo simples fato de que cada edição vai sendo tecida por si só e formando seu rosto de modo independente. O trabalho de receber os originais, encaminhá-los à avaliação, editar os arquivos e conversar (virtualmente) com os autores nos faz passar de atores a meros espectadores quando consideramos a diversidade de temáticas e abordagens aqui recebidas. A cada edição, maior é a diversidade de temas e objetos de pesquisa que recebemos e, papéis que parecem tão diferentes, acabam tecendo um periódico de grande relevância e unidade.

O **volume 32, n.2 da CES Revista, edição ago/dez de 2018**, é como um emaranhado de pesquisas advindas das mais diversas áreas, que representam, cada uma em seu caminho, o único propósito de atingir a excelência. Consideramos que esta seja a urgência dos tempos que vivemos dentro e fora do ambiente acadêmico: conciliar diferentes direções, pensamentos e opiniões em um mesmo propósito de excelência, tanto na pesquisa, quanto nas relações.

Abrindo a presente edição, portanto, apresentamos o artigo intitulado **Febre amarela: o mosquito, o macaco e o ser humano**, que compõe a seção correspondente à área de **Ciências Biológicas**. Resultado de uma mesa redonda realizada pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) em março de 2018, apresenta a análise dos autores sobre a transmissão, os sintomas, o manejo clínico, a vacinação e o tratamento da doença. A atualidade e a relevância do texto são asseguradas pela análise que os autores fazem dos eventos situados ao redor

do surto de Febre amarela na cidade de Juiz de Fora (MG) e arredores.

Na seção dedicada à **Gastronomia**, **Açúcar em quatro atos** apresenta a aplicabilidade de diferentes tipos de açúcar. Após uma revisão de literatura e um histórico da produção deste ingrediente essencial na confeitaria, as autores propõe uma receita que combina o açúcar mascavo, o refinado, o cristal e o de confeito impalpável.

Dois artigos compõe a seção da **Psicologia**. Em **A criança espera? O Espaço Conviver como dispositivo de cuidado**, os autores analisam de que maneira a sala de espera de uma clínica universitária, chamada Espaço Conviver, pode auxiliar no processo terapêutico das crianças atendidas. Seu impacto foi analisado por meio de oito entrevistas com pacientes e responsáveis. Já em **Laços e afetos da alienação parental: a criança e a família sob a perspectiva da Gestalt**, a abordagem circunscreve-se aos conflitos familiares, mais especificamente, à alienação parental. Ao lado da revisão da literatura a respeito do tema, as autoras analisam também o documentário **A morte inventada**, a fim de aplicar a situações práticas os conhecimentos teóricos levantados ao longo do estudo.

Para a seção do **Mestrado em Letras**, apresentamos cinco contribuições. A primeira delas é **“Muito prazer, me apresento, o meu nome é... Renegado”**: **experiência e narrativa no rap de Flávio Renegado**, na qual se analisa a crítica social encontrada nas letras da produção musical de Flávio Renegado, tratada como literatura de resistência. A visão positiva de **Não contem com o fim do leitor** analisa a reconfiguração da leitura nas duas últimas décadas, contrapondo as profecias negativas do início do período à contribuição dos espaços virtuais às novas gerações de leitores. **Paisagem, imagem e sujeito: um olhar sobre a poesia de Marcos Siscar** é uma pesquisa sobre a poesia brasileira contemporânea, que verifica-se neste recorte sobre a produção de Siscar, a partir do seu olhar e da sua representação sobre os diferentes espaços. Um diálogo entre Literatura e História está presente em **Teoria do medalhão e O homem que sabia javanês: as faces do (não) trabalho no Brasil no limiar dos séculos XIX e XX, que, sob a ótica das relações de trabalho**, estuda dois contos de Machado de Assis e Lima Barreto. Por fim, em **Um sino que dobra ou letras que balançam? Considerações sobre novelas rosianas e palavras bíblicas**, os autores investigam o sentido de um neologismo de João Guimarães Rosa a partir de intertextualidades na obra do autor e considerando a proximidade possível com radicais da língua hebraica.

Para integrar a seção do **Jornalismo**, apresentamos **O medo e a violência no Rio de Janeiro: a construção dos sujeitos no ordenamento da cidade**. Nele, a autora analisa, a partir de matérias jornalísticas, a narrativa da violência carioca, destacando três protagonistas: os traficantes de droga, os milicianos e os policiais.

Para encerrar a edição, dois artigos figuram no espaço dedicado ao **Design de Moda**. São eles: **Diálogos sociotécnicos e existências híbridas: a abordagem de Bruno Latour aplicada à performance na passarela de Alexander McQueen** e **En(saia)ndo a moda: a indumentária do Toré Potiguara paraibano em uma coleção de moda**. Ambos contribuem para a reflexão sobre como a criação de roupas e estilos podem iluminar a configuração das identidades, não só fazendo emergir características particulares a determinado grupo social, como também possibilitando que esses grupos ganhem voz e visibilidade em um cenário tão plural quanto o contemporâneo.

Apresentamos com satisfação a segunda publicação da **CES Revista** em 2018, certas de que o propósito interdisciplinar deste periódico é uma resposta valiosa à pluralidade de nossos dias.

Boa leitura!

Prof^a. Dr^a. Juliana Gervason Defilippo

Coordenadora adjunta do Programa de Mestrado em Letras

Editora-Gerente CES Revista

Prof.^a Esp. Mariana Aparecida Venâncio

Professora do Curso de Teologia

Editora de seção na CES Revista

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Dezembro de 2018

FEBRE AMARELA: O MOSQUITO, O MACACO E O SER HUMANO^{✓1}

7

Caroline Almeida do VALE²
Vicente Sanches JUNIOR³
Fábio PREZOTO⁴

✓ Artigo recebido em 31/08/2018 e aprovado em 26/11/2018.

¹ Este artigo é resultado da Mesa Redonda- Febre Amarela: O mosquito, o macaco e o ser humano, realizado pelo CES JF e a Simbiose em março de 2018.

² Mestre em Comportamento e Biologia Animal pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Doutoranda em Ecologia pela UFJF. E-mail <carolineavale@gmail.com>.

³ Médico do Exército Brasileiro - Hospital Geral de Juiz de Fora, Especialista em radiologia e diagnóstico por imagem. E-mail: <vicente1000@ig.com.br>

⁴ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993), mestre em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997) e doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: <fabio.prezoto@ufjf.edu.br>.

FEBRE AMARELA:

O MOSQUITO, O MACACO E O SER
HUMANO

RESUMO

A febre amarela é uma doença infecciosa não contagiosa que é transmitida pela picada de um mosquito infectado, recentes surtos da doença no País levaram a centenas de óbitos humanos e milhares de mortes de primatas. Este trabalho tem como objetivo trazer informações sobre a febre amarela e a tríade envolvida no ciclo de transmissão do vírus, além de dados atualizados sobre os números de casos humanos, notificações de epizootias, mortalidade de primatas e informações sobre a cobertura vacinal do município de Juiz de Fora. Uma extensa revisão literária foi realizada sobre o tema. Foram elucidadas as principais questões referentes aos sintomas, manejo clínico, vacinação e tratamento da doença. Os aspectos básicos da biologia, ecologia e comportamento dos mosquitos ligados ao ciclo da Febre Amarela silvestre (*Haemagogus* e *Sabethes*) e urbana (*Aedes aegypti*) no Brasil. São apresentadas informações sobre os casos humanos da doença no Estado de Minas Gerais e no município de Juiz de Fora. Além de dados sobre as epizootias que acometeram as populações de primatas no país e os danos de ações humanas agressivas sobre esses animais. Grandes esforços foram realizados com intuito de conter o surto da doença. As medidas preventivas contra a febre amarela devem ser constantes, mas ainda se faz necessário mais ações que promovam a conscientização e ampliem o acesso a informação sobre a transmissão da doença.

Palavras-chave: *Aedes aegypti*. Estratégias de enfrentamento. *Haemagogus*. Primatas. *Sabethes*.

YELLOW FEVER:

THE MOSQUITO, THE MONKEY AND THE
HUMAN BEING

ABSTRACT

Yellow fever is a non-contagious infectious disease that is transmitted by a bite from an infected mosquito. Recent outbreaks of the disease in the country have led to hundreds of human deaths and thousands of primate deaths. This work aims to provide information on yellow fever and the triad involved in the virus transmission cycle, as well as updated data on human case numbers, epizootic reports, primate mortality, and information on the municipality's vaccination coverage of Juiz de Fora. An extensive literary review was conducted on the subject. In this article the symptoms, clinical management, vaccination and treatment of the disease are exposed. The basic aspects of the biology, ecology and behavior of mosquitoes linked to the cycle of Yellow Fever (*Haemagogus* and *Sabethes*) and urban Yellow Fever (*Aedes aegypti*) in Brazil. It shows data on the epizootics that affected the primate populations in the country and the state of Minas Gerais, and the damages that the recent epidemics of yellow fever have caused on these populations. Information on the cases of the disease and actions for coping in the municipality of Juiz de Fora and the repercussion of the consequences of aggressive actions on the monkeys are also presented. Great efforts have been made to contain the outbreak of the disease, but there is still a need for more actions that promote awareness, broaden access to information on the transmission of the disease, and preventive measures must be constant.

Keywords: *Aedes aegypti*. Coping strategies. *Haemagogus*. Primates. *Sabethes*.

1 INTRODUÇÃO

A febre amarela teve origem na África, e chegou ao Brasil no século XVII, com os primeiros casos sendo documentados em Recife em 1685 (FRANCO, 1969; VASCONCELOS, 2003), surtos da doença ocorreram em muitas cidades até 1942, quando o ciclo urbano foi erradicado no país (VASCONCELOS, 2003; ALMEIDA et al., 2012). Os últimos casos da febre amarela urbana no país ocorreram na cidade de Sena Madureira (AC), em 1942. Desde então o ciclo de transmissão silvestre passou a predominar com registros de epidemias. Atualmente a febre amarela silvestre é uma doença endêmica no Brasil (i.e., região amazônica). Na região extra-amazônica, períodos epidêmicos são registrados ocasionalmente, caracterizando a reemergência do vírus no País (VASCONCELOS, 2003).

A febre amarela é transmitida aos seres humanos pela picada de um mosquito infectado, e se apresenta sobre duas formas distintas a silvestre e a urbana (TRANQUILIN et al, 2013), que diferem entre si quanto à natureza dos transmissores e dos hospedeiros vertebrados e o local de ocorrência (MONATH, 1988).

Em 1937 foi descoberta a vacina contra a febre amarela, e uma imunização em massa ocorreu no país na década seguinte, que conjuntamente com o intenso combate ao vetor, foram determinantes para a erradicação da febre amarela urbana (MONATH, 2018).

O padrão temporal de ocorrência é sazonal (dezembro e maio) e com surtos que ocorrem com periodicidade irregular, quando o vírus encontra condições favoráveis para a transmissão que são elas: elevadas temperatura e pluviosidade; alta densidade de vetores e hospedeiros primários; indivíduos suscetíveis e baixas coberturas vacinais (VASCONCELOS, 2003; SES MG, 2017b).

Diante do exposto e dos últimos eventos envolvendo os recentes surtos da febre amarela no Brasil, nosso trabalho teve como objetivo trazer informações sobre a febre amarela e a tríade envolvida no ciclo de transmissão do vírus (o mosquito, o macaco e o ser humano), além de dados atualizados sobre os números de casos humanos, notificações de epizootias, mortalidade de primatas, e informações sobre a cobertura

vacinal do município de Juiz de Fora.

2 METODOLOGIA

Para construção desse artigo foi realizada uma extensa busca bibliográfica em bases de dados científicos, como o portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), *Web of Science*, *Scielo (Scientific Electronic Library Online)* e *Scholar Google*. Foram inicialmente buscados artigos publicados do ano 2000 até a data atual, trabalhos anteriores a essa data que possuíam alta relevância foram incluídos para ampliar a discussão do tema e auxiliar com informações sobre o histórico da doença. Na busca isolada as palavras utilizadas em português foram “febre amarela”, “arbovírus”, “arboviroses”, “epizootias”, “*Aedes aegypti*”, “*Haemagogus*” e “*Sabethes*”, e em inglês “yellow fever” e “arboviruses”. Como busca combinada foram utilizadas em português “vacina febre amarela”, “epizootias primatas não humanos”, “vetores febre amarela” em inglês “vaccine yellow fever”, “epidemic yellow fever” e “outbreak primates”. Para critério de exclusão não foram considerados os trabalhos, que após a leitura, não abordavam o tema central proposto neste artigo.

Afim de complementar a busca bibliográfica e obter dados atualizados foram realizadas pesquisas nos portais governamentais do Ministério da Saúde, da Secretária de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES MG), da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora e Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz). E nos portais dos órgãos ambientais IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e ICMBIO (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Também foram consultados livros e manuais. Dentre todo o material utilizado como referências bibliográficas desta pesquisa, foram escritos em língua inglesa 22 (vinte e dois) e em língua portuguesa outros 23 (vinte e três).

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O MOSQUITO

A febre amarela é uma doença que se mantém endêmica ou enzoótica nas florestas tropicais da América e África causando periodicamente surtos isolados ou epidemias de maior ou menor impacto em saúde pública, sendo transmitida ao homem mediante a picada de insetos hematófagos da família Culicidae, em especial dos gêneros *Aedes*, *Haemagogus* e *Sabethes* (MONATH, 2001; VASCONCELOS, 2003).

Ciclo Silvestre: o ciclo silvestre foi reconhecido na década de 1930 (SOPER, 1936). Além de complexo, persiste imperfeitamente compreendido e varia de acordo com a região onde ocorre. Nas Américas, apesar da ausência dos transmissores africanos, outros mosquitos mostram-se responsáveis pela transmissão da forma silvestre da arbovirose. No Novo Mundo, os mosquitos dos gêneros *Haemagogus* (*Haemagogus janthinomys*, *Haemagogus albomaculatus*, *Haemagogus leucocelaenus*, etc.) e *Sabethes* (*Sabethes chloropterus*, *Sabethes soperi*, *Sabethes cyaneus*, etc.) constituem os vetores da febre amarela (DÉGALLIER et al. 1992). Segundo Vasconcelos (2003), cerca de 98% de todos os isolamentos do vírus da febre amarela procedentes de mosquitos, obtidos no Instituto Evandro Chagas, originaram-se desses gêneros e só excepcionalmente espécies de outros gêneros foram encontradas infectadas.

O principal transmissor, no entanto, é o mosquito *Haemagogus janthinomys* (Figura 1), que apresenta a maior distribuição geográfica conhecida entre as espécies desse gênero (PINHEIRO; MORAES, 1983). Trata-se de uma espécie de hábitos estritamente silvestres e que pica o indivíduo que se expõe na mata (floresta), ou seja, quando penetra em seu nicho ecológico (DÉGALLIER et al. 1992). Uma vez que esta espécie se mostra extremamente susceptível ao vírus amarelo, acaba por apresentar as melhores condições para sua transmissão. Se alimenta preferencialmente em macacos (primatófila) e, secundariamente, no homem. Apresenta atividade diurna, período em que a maioria dos que adoecem da enfermidade realizam suas atividades ou incursões nas matas. Durante as epidemias os mosquitos dessa espécie que habitam a copa das árvores, também têm sido encontrados frequentemente infectados com elevados índices de infecção (MONDET et al., 2002).

Figura 1: Mosquito *Haemagogus janthinomys*, principal transmissor da febre amarela na América do Sul



Fonte: Vasconcelos, 2003.

Ciclo Urbano: neste ciclo, a transmissão pelo *Aedes aegypti* é feita diretamente ao homem sem necessitar da presença de outros hospedeiros amplificadores. O próprio homem infectado e em fase virêmica atua como amplificador e disseminador do vírus na população. Em geral, também é o homem que introduz o vírus numa área urbana. Uma vez introduzido o vírus no ambiente urbano, o paciente infectado desenvolverá viremia, podendo expressar a doença e servir de fonte de infecção a novos mosquitos (*Aedes aegypti*). Assim, o ciclo se perpetua, até que se esgotem os suscetíveis ou se realize vacinação em massa da população para bloquear a transmissão (VASCONCELOS, 2000).

O *Aedes aegypti* foi apontado como transmissor do vírus pela primeira vez em 1881 por Finlay, a identificação definitiva do vetor ocorreu em 1954, desde então foram implementadas ações de controle do vetor que resultaram em significativo declínio da doença fora das áreas tropicais endêmicas (FRANCO, 1969; VASCONCELOS, 2003), e a eliminação da febre amarela urbana no Brasil.

A análise da literatura demonstra uma enorme lacuna nos estudos com os mosquitos vetores da década de 50 até os dias atuais. Devido ao status que a Febre amarela alcançou no Brasil e principalmente em Minas Gerais, existe uma necessidade urgente em se fomentar estudos para conhecer a real situação sobre a ocorrência e incidência dos mosquitos *Haemagogus* e *Sabethes* em fragmentos

florestais urbanos, bem como de sua ecologia comportamental, uma vez que podem se tornar fonte de infecção para humanos que visitam essas áreas e assim possibilitar a ponte entre o ciclo silvestre e o urbano da febre amarela.

3.2 FEBRE AMARELA: MANEJO CLÍNICO, VACINAÇÃO E TRATAMENTO

3.2.1 Manejo clínico

A febre amarela é uma doença infecciosa, não contagiosa, e quando uma pessoa é contaminada, ela passa por um período de incubação da doença que dura de 3 a 6 dias, na maioria dos casos, podendo chegar até 15 dias. O período de transmissão do vírus em geral é de 24 a 48h antes dos sintomas aparecerem, podendo se estender até a 5 dias após início dos sintomas (MONATH, 2018; SES MG, 2017b). Este período, de transmissão é caracterizado pelo espaço de tempo em que o mosquito, ao picar um indivíduo doente, se contamina com o vírus devido a alta virulência no organismo infectado, passando a disseminar a febre amarela durante seu período de vida entre seis e oito semanas (MONATH, 2018; SES MG, 2017b).

As manifestações clínicas, podem ser desde infecções assintomáticas (até 50% dos casos), passando por quadros leves e moderados, podendo chegar até quadros graves e fatais (SES MG, 2017b). As formas clínicas, a evolução da doença e os principais sintomas são apresentados abaixo (Tabela 1).

No estado de Minas Gerais foram registrados 351 casos confirmados de febre amarela silvestre, durante o período de monitoramento de julho/2017 a junho/2018, destes casos 177 evoluíram para óbito. No município de Juiz de Fora durante o mesmo período de monitoramento foram confirmados 43 casos da doença e 10 deles progrediram para óbito (SES MG, 2018a).

Tabela 1: Apresentações das formas clínicas da febre amarela, evolução e os principais sintomas no homem.

Forma clínica	Evolução (dias)	Principais manifestações (sintomas)
Leve	Até 2	Febre e cefaleia (dor de cabeça)
Moderada	2-3	Febre, cefaleia, mialgia, artralgia, náuseas, vômitos e astenia
Grave	3-5	Além dos anteriores icterícia, hematêmese ou oligúria
Maligna	≥ 6	Todos os sintomas são observados

Fonte: Vale; Prezoto, 2017.

3.2.2 Vacinação

Para o enfrentamento da doença, o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece gratuitamente a vacina por meio do Calendário Nacional de Vacinação nas Unidades Básicas de Saúde (SES MG, 2018b). A vacina para febre amarela apresenta entre 90% a 98% de eficácia, entre os indivíduos vacinados 10% a 2% evoluem com falha em produção de anticorpos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017c; MONATH, 2018).

A vacina contra febre amarela é considerada segura, pois possui baixas taxas de reações adversas, sendo registrados entre 0,2 a 0,8 de casos de complicações mais graves a cada 100.000 doses aplicadas (MONATH, 2018). Por isso a vacinação em massa é justificável apenas em áreas endêmicas ou locais onde estão ocorrendo surtos da doença (MONATH, 2018).

Apesar do vírus da febre amarela estar sofrendo mutações genéticas desde a década de 40, estudos realizados pela fundação Oswaldo Cruz em 2017, demonstraram que a vacina continua igualmente segura e eficaz (FIOCRUZ, 2017). A imunogenicidade da vacina tem se demonstrado menos eficaz em crianças, sugerindo que elas precisariam de ao menos uma segunda dose para garantir proteção contra doença (NASCIMENTO SILVA et al., 2011). No Brasil desde a década de 80, foram registrados 29 casos da doença em pessoas que haviam recebido a vacina (VASCONCELOS, 2018).

Atualmente, o Ministério da Saúde segue a recomendação de imunização da

Organização Mundial da Saúde (OMS) que preconiza desde 2014 a vacinação em dose única, que garante proteção ao indivíduo durante toda a vida. Anteriormente, o esquema de vacinação realizava um reforço a cada 10 anos após a primeira dose da vacina (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017c).

Apesar da recomendação, trabalhos recentes sugerem que uma única dose pode não conferir imunidade ao longo de toda a vida. Um estudo sorológico demonstrou que após 10 anos de vacinação cerca de 25% das pessoas não possuíam anticorpos de neutralização contra a febre amarela, que confeririam a elas proteção contra a doença (NIEDRIG et al., 2002; VASCONCELOS, 2018).

De forma geral, todos devem ser vacinados nos locais determinados pelo Ministério da Saúde. A vacina é contraindicada para pessoas que possuam alergia a componentes da vacina, e a indivíduos imunossuprimidos ou imunodeprimidos. Outros casos devem ser avaliados de forma individual pelo profissional habilitado (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017c).

Atualmente, no município de Juiz de Fora, a cobertura vacinal acumulada é de 100% (período entre 2007-2018) (SES MG, 2018a).

3.2.3 Tratamento

Não existe atualmente tratamento específico para febre amarela, o que ocorre é um tratamento sintomático de acordo com a evolução da doença. Os cuidados podem ser desde medidas simples como hidratação via oral e analgésicos, até medidas de suporte intensivo, entubação orotraqueal, drogas vasoativas, antibióticos para tratar infecções oportunistas, hemodiálise ou mesmo transplante hepático (SES MG, 2017b).

O sofosbuvir, um medicamento antirretroviral, inicialmente elaborado para o tratamento da hepatite C, foi liberado pela ANVISA, em caráter experimental, e está sendo utilizado contra febre amarela. Em 80% das arboviroses o medicamento foi utilizado com sucesso, mas a um alto custo, 28 comprimidos custam de 61 a 85 mil reais, o que pode inviabilizar sua utilização no tratamento da doença (FREIRE et al., 2018).

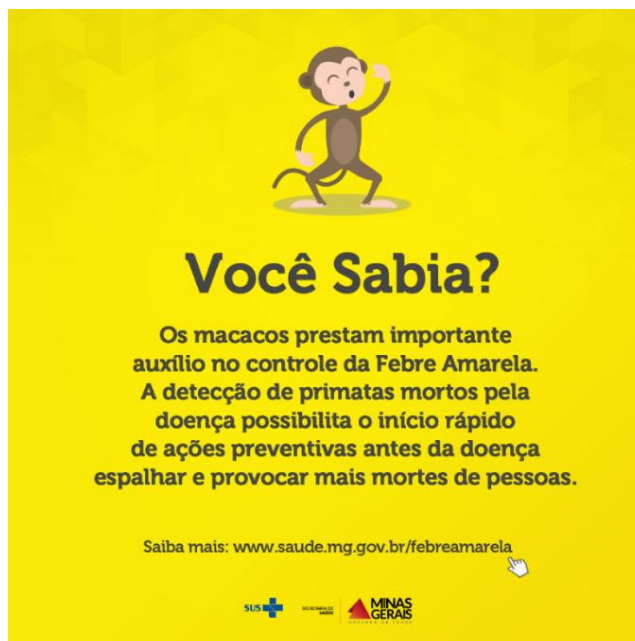
3.3 OS PRIMATAS E A FEBRE AMARELA

Os primatas participam do ciclo silvestre da febre amarela e, assim como os seres humanos, são considerados apenas hospedeiros amplificadores da doença, pois uma vez infectados, ou vêm a óbito ou curam-se da doença, ficando posteriormente imunes a ela. Os mosquitos, uma vez infectados pelos vírus, permanecem dessa forma a vida toda, por isso, além de vetores transmissores são também reservatórios da doença (VASCONCELOS, 2003; MONATH; VASCONCELOS, 2015).

Os Primatas do continente Africano são altamente resistentes ao vírus da febre amarela, enquanto os das Américas são mais susceptíveis (VASCONCELOS, 2003; MORENO et al., 2013). No Brasil alguns gêneros como *Ateles* (macaco aranha), *Saimiri* (macaco de cheiro), *Cebus* e *Sapajus* (macaco prego) são mais resistentes e outros como *Alouatta* (bugios) e *Callithrix* (saguis) são mais propensos a adoecerem quando contaminados com a doença (MORENO et al., 2011; 2013).

Como a febre amarela afeta várias espécies de primatas não humanos (PNH), em 1999 o Ministério da Saúde do Brasil criou o Sistema de Vigilância de Eventos Epizoóticos de Primatas Não Humanos, e o incorporou ao Sistema de Vigilância da Febre Amarela (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017b). Os eventos epidemiológicos registrados nas populações de macacos e saguis auxiliam na identificação da circulação e da rota geográfica do vírus da febre amarela nos ambientes onde os seres humanos possam ser expostos e contaminados (ROMANO et al., 2014) (Figura 2).

Figura 2: Campanha do governo do estado de Minas Gerais para a conscientização da importância dos primatas como sentinelas da febre amarela.



Fonte: SES MG, 2017b

No Brasil, durante o período de monitoramento de dezembro de 2016 a julho de 2017, 24 Estados e o Distrito Federal notificaram epizootias em PNH; 12 Estados (PA, RO, RR, TO, BA, DF, GO, MT, ES, MG, RJ, SP) tiveram casos confirmados de febre amarela em primatas e 22 Estados ainda possuem casos em investigação (AM, PA, RO, RR, TO, AL, PR, PB, RN, SE, BA, DF, GO, MS, MT, ES, MG, RJ, SP, PR, SC, RS) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017a) (Tabela 2).

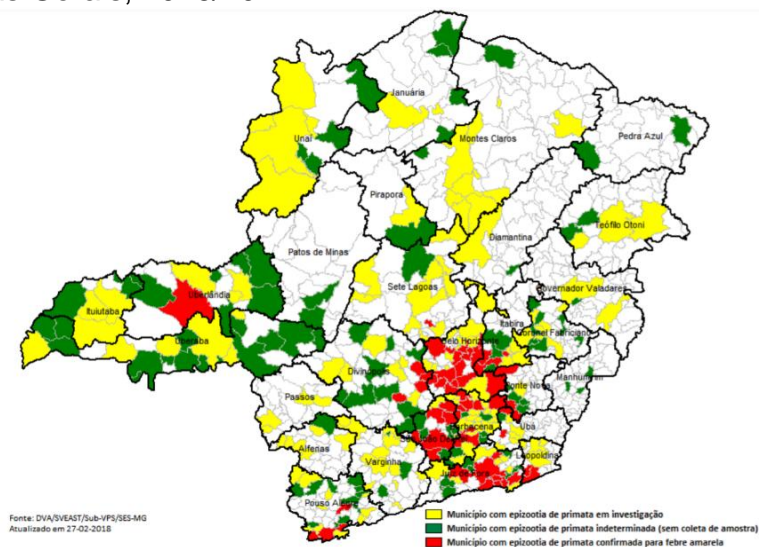
Tabela 2: Epizootias para primatas não humanos (PNH) notificadas entre 2001-2017, número de animais acometidos por ano/ período e os Estados que tiverem notificações.

Ano/ Período	Nº de epizootias em PNH notificadas	Nº de animais mortos	Estados afetados
2001	82	80	RS, MG, AP, RO, RR, TO
Outubro de 2007 a Maio de 2008	596	987	BA, MA, PI, DF, GO, MT, MS, ES, MG, SP, PR, RS
Junho de 2008 a Junho de 2009	1.898	2.615	RO, RR, MA, DF, MT, MS, MG, SP, PR, SC, RS
Julho de 2012 a Junho de 2013	125	181	TO, CE, RN, BA, DF, MS, GO, MT, MG, SP, PR, SC, RS
Julho de 2014 a Junho de 2015	205	234	PA, TO, GO, MS
Dezembro de 2016 a Julho de 2017	5.364	7.000	TO, AP, PA, BA, GO, DF, MS, MT, ES, RJ, MG, SP, PR, SC, RS

Fonte: Boletins Epidemiológicos do Ministério da Saúde 2014, 2015 e 2017; Araújo et al. (2011); Sallis et al. (2003).

No Estado de Minas Gerais, durante o período de monitoramento de junho de 2016 a julho de 2017, 182 municípios notificaram epizootias em PNH, em 142 municípios ocorreram mortes de PNH por febre amarela (SES MG, 2017a) (Figura 3).

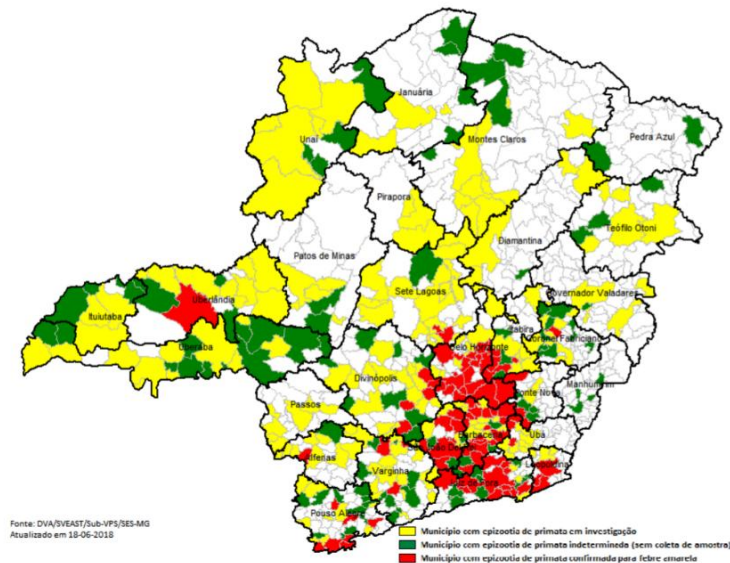
Figura 3: Epizootias em primatas não humanos (PNH), segundo município de ocorrência, Minas Gerais, 2016/2017.



Fonte: SES MG, 2017a.

No período de monitoramento de julho de 2017 a junho de 2018, 379 municípios em Minas Gerais notificaram epizootias em primatas não humanos, com óbitos de animais confirmados para a doença em 87 municípios. Das notificações de epizootias, 188 municípios ainda possuem casos em investigação, e em 105 municípios ocorreram casos de epizootias indeterminadas (sem coleta de amostra) (SES MG, 2018a) (Figura 4).

Figura 4: Epizootias em primatas não humanos (PNH), segundo município de ocorrência, Minas Gerais, 2017/2018



Fonte: SES MG, 2018a

O grande número de casos da doença em pessoas e primatas não humanos, aliado a falta de informação, acabaram causando pânico na população, e mortes de macacos provocadas intencionalmente por humanos aconteceram em diversos Estados, pois muitas pessoas acreditaram que eles poderiam transmitir a doença (ICMBIO, 2017; VALE; PREZOTO, 2017).

Ocorreram notificações de espancamento com múltiplas fraturas, animais com vísceras estouradas por conta de chutes, casos de envenenamento causados pela ingestão de chumbinho disfarçado em bananas, mortes causadas pelo uso armas de fogo e lesões por facões (TOMAZELA, 2017; VALE; PREZOTO, 2017).

No último balanço da Subsecretaria de Vigilância, Fiscalização Sanitária e Controle de Zoonoses da prefeitura do Rio, dos 131 macacos mortos desde o início do ano (2018), 69% têm sinais de agressão humana. Em São Paulo, ao menos dez cidades relatam casos ou denúncias de execução, incluindo registros de traumas, tortura e até de animais carbonizados. Casos semelhantes foram registrados nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Bahia. (TOMAZELA, 2017; VALE; PREZOTO, 2017; RODRIGUES, 2018).

As mortes desses animais provocam grande desequilíbrio ecológico, pois muitos primatas são dispersores na natureza (BICCA-MARQUES, 2003; PORTO et al.,

2015). Os bugios em especial conseguem se alimentar de frutos e sementes maiores que as outras espécies de primatas de menor porte (HAWES; PERES, 2014), e devido a sua tolerância são capazes de sobreviver em uma ampla variedade de habitats, e em locais onde outras espécies não conseguem (BICCAMARQUES, 2003; BENCHIMOL; PERES, 2014; VALE; PREZOTO, 2016).

Apesar de doenças infecciosas não serem oficialmente consideradas uma das ameaças à conservação de primatas não humanos, epizootias de febre amarela vem causando doença e mortes em primatas não humanos de vida livre em vários Países da América Latina, incluindo o Brasil (ARAÚJO et al., 2011; ALMEIDA et al., 2012, 2014, 2016). Mais de 7.000 epizootias em primatas não humanos foram notificadas ao Ministério da Saúde entre dezembro de 2016 e julho de 2017 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017a), ocasionando extinção de bugios em reservas e áreas de proteção ambiental, na região sul e sudeste do país (ALMEIDA et al., 2012; FIALHO et al., 2012; DE AZEVEDO et al., 2017).

As mortes desses animais geram consequências ambientais graves e causam desequilíbrio ecológico nas populações (ARAÚJO et al., 2011; ALMEIDA et al., 2012, 2014; VALE; PREZOTO, 2017). Ações que visem a conservação das espécies de primatas devem ser realizadas juntamente a população, uma vez que esses animais atuam como vigilantes, demonstrando onde está ocorrendo a circulação do vírus, auxiliando as ações preventivas na área da saúde. As agressões aos macacos aumentam o número de óbitos e sobrecarregam o sistema que detecta os casos de doenças, dificultando as análises e a emissão de laudos. Além de ser um crime ambiental passível de punição legal ao transgressor (IBAMA, 2017; VALE; PREZOTO, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfrentamento da febre amarela exige políticas e intervenções que visem a contenção da doença e futuras epidemias. As medidas preventivas devem priorizar o combate ao vetor *Aedes aegypti*, a vacinação da população além de ações de conscientização e sensibilização junto às pessoas sobre a transmissão da doença,

os prejuízos ecológicos sofridos pelos primatas e das punições no caso de crimes ambientais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B. D. et al. Yellow fever outbreak affecting *Alouatta* populations in Southern Brazil (Rio Grande do Sul State), 2008–2009. **American Journal of Primatology**, v. 74, n. 1, p. 68-76, 2012.

ALMEIDA, M. A. B. D. et al. Surveillance for yellow fever virus in non-human primates in southern Brazil, 2001- 2011: a tool for prioritizing human populations for vaccination. **Plos Neglected Tropical Diseases**, v. 8, n. 1, p. 27-41, 2014.

Disponível em:

https://pdfs.semanticscholar.org/a9df/69889d8c1e48fdb562fe9d99bddcfd98ba9.pdf?_ga=2.4724467.1394771124.1535736614-1232061352.1535736614. Acesso em: 20 jul. 2018.

ALMEIDA, M. A. B. D. et al. Immunity to yellow fever, Oropouche and Saint Louis viruses in a wild howler monkey. **Neotropical Primates**, v. 23, n. 1, p. 19-21, 2016.

Disponível em:

http://static1.1.sqspcdn.com/static/f/1200343/27521031/1491851655523/NP_23.1_Almeida_et_al_Yellow_Fever_Howler_pp.19-21.pdf?token=Xb7qVaYlXGrHEgVqU06%2BaUKJ40c%3D. Acesso em: 20 jul. 2018.

ARAÚJO, F. A. A. et al. Epizootias em primatas não humanos durante reemergência do vírus da febre amarela no Brasil, 2007 a 2009. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 20, n. 4, p. 527-536, 2011. Disponível em:

http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742011000400012. Acesso em: 25 jul. 2018.

BENCHIMOL, M.; PERES, C.A. Predicting primate local extinctions within “Real-World” forest fragments: a pan-neotropical analysis. **American Journal of Primatology**, v. 76, p. 289–302, 2014. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/260212460_Predicting_primate_local_extinctions_within_real-world_forest_fragments_a_Pan-Neotropical_analysis. Acesso em: 15 ago. 2018.

BICCA-MARQUES, J. C. How do howler monkeys cope with habitat fragmentation? In: MARSH, L. K. (Ed). **Primates in fragments: Ecology and conservation**. New York: Kluwer Academic Plenum, 2003. p. 283-303.

DE AZEVEDO, N. C. C. et al. Outbreak of yellow fever among nonhuman primates, Espírito Santo, Brazil, 2017. **Emerging Infectious Diseases**, v. 23, n. 12, p. 2038-2041, 2017. Disponível em: https://wwwnc.cdc.gov/eid/article/23/12/17-0685_article. Acesso em: 15 ago. 2018.

DÉGALLIER, N. et al. New entomological and virological data on the vectors of sylvatic yellow fever in Brazil. **Brazilian Journal of the Association for Advancement of Science**, v. 44, p. 136-142, 1992.

FIALHO, M. S. et al. Avaliação do impacto da epizootia de febre amarela sobre as populações de primatas não humanos nas unidades de conservação do Rio Grande do Sul, Brasil. **Biotemas**, v. 25, n. 3, p. 217-225, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/viewFile/2175-7925.2012v25n3p217/22817>. Acesso em: 25 jul. 2018.

FIOCRUZ. **Febre amarela: pesquisa identifica mutações na sequência genética do vírus**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/febre-amarela-pesquisa-identifica-mutacoes-na-sequencia-genetica-do-virus>. Acesso em 24 ago. 2018.

FRANCO, O. **História da febre amarela no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Endemias Rurais, 1969. 200 p.

FREIRE, F. D. et al. Febre amarela: uma velha doença, mas com novos desafios. **Conexão Ciência**, v. 13, n. 1 p. 79-86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uniformg.edu.br:21011/ojs/index.php/conexaociencia/article/view/913>. Acesso em 24 ago. 2018.

HAWES, J. E.; PERES, C. A. Ecological correlates of trophic status and frugivory in neotropical primates. **Oikos**, v. 123, p. 365–377, 2014.

IBAMA. **Macacos não transmitem febre amarela: denuncie agressões**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://ibama.ibama.gov.br/informes/macacos-nao-transmitem-febre-amarela-denuncie-agressoes>. Acesso em: 14 jul. 2018.

ICMBIO. **Febre amarela põe em risco macacos**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/8752-febre-amarela-poe-em-risco-macacos>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. **Boletim epidemiológico**: aspectos epidemiológicos da febre amarela silvestre e a vigilância intensificada durante período de monitoramento, 2012/2013. Brasília, 2014. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/maio/27/BE-V45-n---07-FebreAmarela.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. **Boletim epidemiológico**: reemergência da febre amarela silvestre no Brasil, 2014/2015, situação epidemiológica e a importância da vacinação preventiva e da vigilância intensificada no período sazonal. Brasília, 2015. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2015/outubro/19/2015-032---FA-ok.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE: Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico**: emergência epidemiológica de febre amarela no Brasil, no período de dezembro de 2016 a julho de 2017. Brasília, 2017a. Disponível em: http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/06/2017_027.pdf. Acesso em: 25 jul. 2018.

_____. **Guia de vigilância de epizootias em primatas não humanos e entomologia aplicada à vigilância da febre amarela**. 2. ed. Brasília: MS/CGDI, 2017b. 100 p.

_____. **Febre amarela**: Brasil adota dose única da vacina por recomendação da OMS. Brasília, 2017c. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/28003-febre-amarela-brasil-adota-dose-unica-da-vacina-por-recomendacao-da-oms>. Acesso em: 25 jul. 2018.

MONATH, T. P. Yellow fever. In: MONATH T. P. (Ed). **Arboviruses: ecology and epidemiology**. Boca Raton: CRC Press, 1988. p. 139-241.

_____. Yellow fever: an update. **Lancet Infectious Diseases**, v.1, n. 1, p. 11- 20, 2001. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(01\)00016-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(01)00016-0/fulltext). Acesso em: 27 ago. 2018.

MONATH, T. P.; VASCONCELOS, P. F. C. Yellow fever. **Journal of Clinical Virology**, v. 64, p. 160-173, 2015. Disponível em: [https://www.journalofclinicalvirology.com/article/S1386-6532\(14\)00369-2/fulltext](https://www.journalofclinicalvirology.com/article/S1386-6532(14)00369-2/fulltext). Acesso em: 25 jul. 2018.

MONATH, T. P. Yellow fever. **Update**, p 2-16. 2018. Disponível em: <https://www.uptodate.com/contents/yellow-fever>. Acesso em: 24 ago. 2018.

MONDET, B. et al. Isolation of yellow fever virus from nulliparous *Haemagogus (Haemagogus) janthinomys* in Eastern Amazonia. **Vector Borne and Zoonotic Diseases**, v. 2, n. 1, p. 47-50, 2002.

MORENO, E. S. et al. Reemergence of yellow fever: detection of transmission in São Paulo State, 2008. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 44, n. 3, p. 290-296, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822011000300005. Acesso em: 14 jul. 2018.

MORENO, E. S. et al. Yellow fever epizootics in non-human primates, São Paulo state, Brazil, 2008-2009. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 55, n. 1, p. 45-50, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-46652013000100008. Acesso em: 14 jul. 2018.

NASCIMENTO SILVA, J. R. N. et al. Mutual interference on the immune response to yellow fever vaccine and a combined vaccine against measles, mumps and rubella. **Vaccine**, v. 29, n. 37, p. 6327-6334, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X11007298?via%3Dihub>. Acesso em: 14 jul. 2018.

NIEDRIG, M.; LADEMANN, M.; EMMERICH, P.; LAFRENZ, M. Assessment of IgG antibodies against yellow fever virus after vaccination with 17D by different assays: neutralization test, haemagglutination inhibition test, immunofluorescence assay and ELISA. **Tropical Medicine & International Health**, v. 12, n.4, p. 867-71, 2002.

Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1046/j.1365-3156.1999.00496.x>. Acesso em: 03 ago. 2018.

PINHEIRO, F. P.; MORAES, M. A. P. Febre amarela. In: NEVES J (Ed.) **Diagnóstico e tratamento das doenças infectuosas e parasitárias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1983. p. 303- 314.

RODRIGUES, L. **Rio já tem 131 macacos mortos em todo o estado; 69% foram vítimas de ação humana**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-01/rio-ja-tem-131-macacos-mortos-em-todo-o-estado-69-foram-vitimas-de-acao-humana>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ROMANO, A. P. M. et al. Yellow fever outbreaks in unvaccinated populations, Brazil, 2008– 2009. **Plos Neglected Tropical Diseases**, v. 8, n. 3, p. 1-8, 2014. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0002740>. Acesso em: 24 ago. 2018.

SALLIS, E. S. V. et al. A case of yellow fever in a brown howler (*Alouatta fusca*) in Southern Brazil. **Journal of Veterinary Diagnostic Investigation**, v. 15, n. 6, p. 574-576, 2003. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/104063870301500611>. Acesso em: 13 jun. 2018.

SES MG, Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. **Boletim epidemiológico** – 21/08/2017. Belo Horizonte, 2017a. Disponível em: <file:///Z:/Arquivos/artigo%20mesa%20redonda/Atualizacao%20FA%20%2022%20de%200agosto%202017.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2018.

_____. **Manejo clínico febre amarela**. Minas Gerais, 2017b. Disponível em: http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Manejo%20Clinico%20Febre%20Amarela%20SES-MG_03-02-2017.pdf. Acesso em: 13 jun. 2018.

_____. **Boletim epidemiológico** – 21/06/2018, Belo Horizonte, 2018a. Disponível em: http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Boletim%20_Febre%20Amar_ela_21.06.2018_atualizada.pdf. Acesso em: 25 ago. 2018.

_____. **Febre amarela**. Belo Horizonte, 2018b. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/febreamarela>. Acesso em: 25 ago. 2018

SOPER, F. L. Jungle yellow fever: new epidemiological entity in South America. **Revista de Higiene e Saúde Pública**, v. 10, p. 107-144, 1936.

TOMAZELA, J. M. **Febre amarela provoca caça e morte de macacos**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,febre-amarela-provoca-caca-e-morte-de-macacos,70001685036>. Acesso em: 13 jun. 2018.

TRANQUILIN, M. V. et al. First report of yellow fever virus in non-human primates in the State of Paraná, Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 46, n. 4, p. 522-524, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822013000400522. Acesso em: 13 jun. 2018.

VASCONCELOS, P. F. C. Febre amarela. **Sociedade Brasileira de Pediatria**, Rio de Janeiro, 2000.

VASCONCELOS, P. F. C. Febre amarela. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 36, n. 2, p. 275-293, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v36n2/a12v36n2.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2018.

VASCONCELOS, P. F. C. Single shot of 17D vaccine may not confer life-long protection against yellow fever. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 113, n. 2, p. 135-137, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0074-02762018000200135. Acesso em 25 ago. 2018.

VALE, C. A.; PREZOTO, F. Papel dos primatas do gênero *Callithrix* na manutenção das relações ecológicas em áreas defaunadas na Floresta Atlântica. **Ces Revista**, v. 30, n. 2, p. 19-33, 2016. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/928/pdf>. Acesso em: 25 ago. 2018.

_____.; PREZOTO, F. A culpa não é do macaco: os primatas e a febre amarela. **Multiverso**, v. 2, n. 1, p.1-12, 2017. Disponível em: <http://periodicos.jf.ifsudestemg.edu.br/multiverso/article/view/168/pdf>. Acesso em: 25 ago. 2018.

AÇÚCAR EM QUATRO ATOS ✓

Marcela Benevenuto FERREIRA¹
Patrícia Maia do Vale HORTA²
Haline Aparecida de Oliveira MAIA³

28

✓ Artigo recebido em 27/08/2018 e aprovado em 04/12/2018.

¹ Graduada em Gastronomia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <marcela.benevenuto@hotmail.com>

² Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Brasil. Mestrado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Brasil. Docente de Gastronomia e Administração no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). E-mail: <patriciahorta@cesjf.br>.

³ Graduada em Turismo e Hotelaria pela Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Brasil. Especialização em Gestão da Segurança de Alimentos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, SENAC Minas, SENAC/MG, Brasil. Docente de Gastronomia no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). E-mail: <halinemaia@cesjf.br>.

AÇÚCAR EM QUATRO ATOS

RESUMO

A cana de açúcar, elemento de grande importância para a colonização do Brasil, foi uma alternativa lucrativa à metrópole Portugal, que manteve as terras sob seu domínio e nelas investiu. A partir dela se produz o açúcar, um insumo extremamente caro nos primórdios de sua produção, mas que hoje se tornou popular. Entretanto, é possível encontrar diversos tipos de açúcar, sendo cada um mais adequado para uma determinada aplicação, tendo em vista um resultado esperado. Presente em diversas áreas da gastronomia encontra destaque na confeitaria, que foi foco deste trabalho, e na qual o açúcar serve como base para diversas preparações. Diante disso, se propôs por meio da elaboração de uma sobremesa, apresentar diferentes tipos de açúcares e confirmar sua aplicabilidade na confeitaria. Para tanto, a metodologia se baseou numa pesquisa bibliográfica, em livros e artigos, e numa pesquisa experimental, para elaboração de uma sobremesa que colocou em prática essa proposta. A partir de alguns testes foi elaborado o 'açúcar em quatro atos', sobremesa harmônica, que apresentou a aplicação do açúcar mascavo, refinado, cristal e de confeitiro impalpável.

Palavras-chave: Gastronomia. Merengue. Confeitaria. Tartelette. Coulis.

SUGAR IN FOUR ACTS

ABSTRACT

Sugar cane, the major element responsible for Brazil's colonization, was a lucrative alternative for Portugal, which kept the lands under its domain and invested in them. It is from this cane that sugar is produced; an extremely expensive input when it was first manufactured, although today it has become accessible. However, it is possible to find a number of types of sugar, each more suitable for a particular use, according to the result expected. Even though it is present in different segments of the gastronomy, it finds its highlight in the bakery, the focus of this paper and where sugar is the basis for many preparations. Therefore, this paper, through the preparation of a dessert, presents different types of sugar and validates its applicability in the bakery. For that, the methodology was based both on bibliographic research, books and articles, and an experimental research, to elaborate a dessert that executed this proposal. From a few tests the 'sugar in four acts' was drawn, a harmonic dessert that contemplated the brown, the refined, the crystal and the icing sugar.

Key words: Gastronomy. Merengue. Bakery. Tartelette. Coulis.

1 INTRODUÇÃO

Originária da Nova Guiné, a cana-de-açúcar foi levada por migrações à Ásia, existem relatos que os indianos fabricavam o açúcar não refinado já em 500 a.C. Porém, os europeus ocidentais têm contato com ele apenas no século XI, no período das Cruzadas (McGEE, 2014). O açúcar e o mel eram muito utilizados na criação de sabores, sendo que o primeiro se destacou na culinária, principalmente nas sobremesas (ARAÚJO et al., 2015).

No Brasil, a cana-de-açúcar foi introduzida pelos portugueses como forma de ocupação econômica rentável à metrópole, já que tinham experiências bem sucedidas anteriores com a produção açucareira nas Ilhas do Atlântico, Ilha da Madeira, por exemplo. O primeiro engenho construído aqui foi em 1532 por Martim Afonso de Souza na capitania de São Vicente no estado de Pernambuco e, posteriormente, tal produção se espalhou por quase todo o litoral brasileiro (FERLINI, 1992).

A sacarose, encontrada na cana de açúcar e na beterraba, é produzida pela planta durante a fotossíntese, é extraída e, por meio de alguns processos é concentrada, gerando diferentes tipos de açúcar (MACHADO, 2012). Na gastronomia ele tem grande aplicabilidade, principalmente na confeitaria: confere cor, sabor e textura às sobremesas e serve de substrato na fermentação biológica (ARAÚJO et al., 2015).

Entretanto, é importante compreender as características de cada tipo de açúcar para poder explorá-las ao máximo, obtendo resultados concisos na gastronomia. Como é possível utilizar diferentes tipos de açúcares na composição de uma única sobremesa explorando a melhor aplicabilidade de cada tipo?

O objetivo geral deste trabalho foi apresentar diferentes tipos de açúcares e confirmar suas aplicabilidades na confeitaria por meio da elaboração de uma sobremesa, neste caso, uma *tartelette* de açúcar mascavo, recheada com *mousse* de morango e mirtilo, com merengues assados e frescos, frutas vermelhas e fios de açúcar.

Este artigo encontra-se dividido em outras cinco partes, a primeira apresenta uma breve história do açúcar, a segunda aborda o processo de produção do mesmo, os tipos encontrados para uso e a aplicação deles na gastronomia, especificamente na confeitaria. Na terceira parte são demonstradas as fichas técnicas que compõem a sobremesa. Logo após, o texto traz os resultados e a discussão da pesquisa e as conclusões.

2 DO AÇÚCAR À SOBREMESA: UMA HISTÓRIA LUSO-BRASILEIRA

Na antiguidade era uma simples curiosidade exótica, insumo raro e muito caro, utilizado por vezes como medicamento e em alguns temperos. O açúcar era considerado uma especiaria, e no decorrer do século XVI passou a ocupar um espaço cada vez maior, tornando-se alimento, um gênero de primeira necessidade (LEMPS, 1998).

Não é possível precisar a data exata do início da produção do açúcar. Acredita-se que métodos rudimentares de extração e purificação foram levados do Oriente para a Europa por volta de 1400, além disso, o comércio desse produto entre a Ásia e a Europa foi um dos mais importantes em séculos passados (CASTRO, 2013).

No Brasil, o açúcar teve papel importante na economia e na cultura gastronômica da região Nordeste. Por meio dos engenhos nordestinos surgiram vários preparos com subprodutos, como o melado e adaptações de diversas receitas europeias, originando verdadeiras artes como a produção de bolos e doces na região (LODY, 2014).

O açúcar destronou o mel de abelhas, não o eliminou da culinária, no entanto, aquilo que era feito com mel passou a ser produzido com açúcar, que no século XVI se tornou abundante no mundo (CASCUDO, 2011). Em outra obra o autor ressalta que “antes do séc. XIV seria raridade custosa. Em seiscentos anos conquistou o Mundo dos organismos vivos, em todos os quadrantes da Terra, do inseto ao ‘Homo Sapiens’, na unanimidade das gargantas, indispensável como água” (CASCUDO, 1971, p. 49, grifo do autor).

Se fosse luxo dispensável não teriam ocorrido tantas excursões e investimentos em busca desse produto, isso ocorreu pela crescente demanda por novos sabores para sobremesas pelo europeu. A sobremesa coroava as refeições, os pratos servidos antes dela eram para suprir as necessidades de nutrição que o organismo possui e, ao fim, serve-se a sobremesa, em momento de despedida amável. O doce carrega uma função social substancial nas famílias portuguesas. A tradição doceira brasileira é reflexo da de Portugal, sendo adaptada aos ingredientes aqui existentes em junção aos trazidos da Europa (CASCUDO, 2011).

O gosto pela doçura é algo partilhado pelos seres humanos, uma predileção talvez que venha do primeiro contato com esse sabor no leite materno (McGEE, 2014). A aplicação do açúcar começou com as caldas dos árabes, passou por Portugal, encantando com os doces das freiras e chegou à confeitaria brasileira, considerada a mais doce, demasiadamente doce para os europeus. Cada doce carrega consigo uma história, algumas receitas, segredos de família, são feitas por gerações sem perder a essência, e continuam a agradar o paladar, mesmo ante as inovações (FREYRE, 2007).

3 AÇÚCAR: FABRICAÇÃO, TIPOS E APLICAÇÕES

Antes de existir a produção de açúcar propriamente dita, o homem apenas chupava a cana-de-açúcar (CASCUDO, 2011). Posteriormente, começou a ferver esse caldo até que reduzisse, e assim obtinha uma massa que formava cristais quando resfriada. Essa massa passou a ser chamada *sharkara*, que significa pedaços pequenos de um material qualquer, e esse termo deu origem às versões da palavra açúcar conhecidas atualmente (McGEE, 2014).

Segundo Olimpio (2014), açúcar é uma palavra que identifica carboidratos cristalizados comestíveis, encontrado como sacarose, frutose e lactose. Já para Araújo et al. (2015) são compostos químicos do grupo carboidratos que fornecem doçura, se dissolvam em água e cristalizem, sendo monossacarídeos e dissacarídeos. A sacarose é formada por duas moléculas: uma molécula de frutose e uma de glicose. É sobre a sacarose que o presente artigo discorre.

A sacarose é o segundo açúcar mais doce e solúvel, sendo a frutose o primeiro; no entanto, possui o sabor mais agradável em altas concentrações e tem ampla utilização doméstica e industrial (McGEE, 2014). A seguir são apresentados o processo de produção do açúcar a partir da cana-de-açúcar, os diferentes tipos desse produto disponíveis e suas aplicações na confeitaria.

3.1 O PROCESSO DE FABRICAÇÃO

O açúcar consumido atualmente é extraído da cana-de-açúcar principalmente, uma vez que esta possui de 14 a 24% de sacarose em sua composição (OETTERER, 2016). Ela é constituída por fibra e caldo, sendo a fibra composta por materiais insolúveis em água e o caldo composto por água e sólidos solúveis, que incluem a sacarose (LOPES, 2011).

A fabricação de açúcar é um processo composto por várias etapas. A primeira é a lavagem da cana-de-açúcar, com o objetivo de eliminar resquícios de terras e detritos, depois, ela é cortada e levada às moendas para a extração do caldo. No entanto, essa etapa não é utilizada quando a colheita foi efetuada por máquinas, uma vez que nessa forma de colheita a cana é picada, aumentando a área de contato com a água, o que levaria a uma perda do teor de sacarose por difusão. É necessário que o caldo passe por um tratamento, que é composto pelos processos de: sulfitação, calagem, sedimentação e filtração. Após esse tratamento ele é decantado (IGLESIAS, 2009).

O caldo concentrado passa para a etapa de cozimento, na qual se iniciará o processo de formação de cristais de sacarose, por um processo chamado evapocristalização (TAMBELLINI, 2005). Essa evaporação tem por objetivo eliminar, do caldo que foi clarificado, a água presente, tornando a mistura tão concentrada que o açúcar ali tem dificuldade de manter-se no estado líquido, alcançando a supersaturação (WOLKE, 2003).

A solução composta por xarope e cristais de sacarose é chamada de massa cozida. Esse xarope é então cozido e como resultado tem-se a massa de primeira (massa A), depois de centrifugada obtêm o chamado mel de primeira e o açúcar de primeira (parte sólida). Esse mel tem possibilidade de cristalização, e, portanto é

realizada outra centrifugação, retirando o mel de segunda e o açúcar de segunda. Ainda é possível repetir o processo, mas as indústrias têm parado na segunda centrifugação (IGLESIAS, 2009). Nesse momento são adicionados núcleos de açúcar cristal (processo chamado semeadura), possibilitando o crescimento dos cristais de açúcar o tanto quanto possível na busca de extrair o máximo de sacarose da solução (LOPES, 2011).

O último processo que precede a armazenagem é a secagem, que consiste na diminuição de umidade do açúcar ao mesmo tempo em que ele é resfriado. Mas, não é a secagem que determina a qualidade do produto final, e sim o conjunto de etapas realizadas anteriormente. Ela apenas garante a possibilidade de armazenagem do produto mantendo suas devidas qualidades por um período maior de tempo (ACKERMANN, 2005). Após a retirada da sacarose cristalizada permanece um líquido residual, é o chamado melaço, um subproduto do processo utilizado na alimentação humana para adoçar e em preparos como bolos de gengibre, molho de churrasco americano e balas de alcaçuz (WOLKE, 2003).

O Brasil destaca-se pela produção de açúcar extraído da cana-de-açúcar em um processo industrial. De acordo com as etapas de processamento e refinamento obtêm-se os diferentes tipos de açúcar utilizados na confeitaria (OLIMPIO, 2014).

3.2 OS TIPOS DE AÇÚCAR E SUAS APLICAÇÕES NA CONFEITARIA

No momento de classificar o açúcar são analisados vários critérios, obtidos em laboratório químico. Os itens principais analisados são teor de sacarose, cor, umidade e cinzas (ORNELAS, 2013).

No processo de produção do açúcar obtém-se um xarope, que no caso da cana-de-açúcar tem sabor agradável, e os cristais de açúcar, entretanto, parte desse xarope permanece envolta dos cristais, como uma película, esse é o açúcar mascavo (WOLKE, 2003).

O mascavo é escuro e úmido, rico em sais minerais como ferro e cálcio, pois não sofre etapas de refinamento, conseguindo manter em sua composição esses componentes (McGEE, 2014). Existem opiniões diversas sobre a preferência do consumo do açúcar mascavo, nutricionistas o recomendam por conter maior nível de

nutrientes, mas, há autores que dizem que a quantidade não chega a ser significativa ao organismo humano (CHEMELLO, 2005). Além do consumo in natura, para adoçar bebidas, é muito utilizado em preparações assadas pelo aroma e sabor característico que concede ao produto final (GOMENSORO, 1999).

O açúcar orgânico é aquele que não possui adição de ingredientes artificiais hora alguma em seu processo de obtenção. Possui grãos mais grossos e escuros que o refinado, no entanto adoça na mesma medida, uma vez que é composto apenas por sacarose. Utilizado no preparo de caldas (CHEMELLO, 2005).

Empregado no preparo de doces, bolos e pães, o açúcar demerara, que em seu processo de produção não recebe aditivo algum, possui coloração levemente amarronzada, pois mantém uma camada de melado envolta dos cristais. É obtido na primeira etapa da cristalização do suco de cana de açúcar (McGEE, 2014).

O açúcar cristal é designado ao consumo direto, ou utilizado pelas indústrias de doces e refrigerantes como matéria prima (ORNELAS, 2013). Sua forma é de cristais grandes e transparentes, e possui certa dificuldade em ser dissolvido na água, no entanto rende bastante, razão pela qual é muito utilizado em receitas de bolos (CHEMELLO, 2005).

Identificado também por açúcar branco, açúcar de mesa, o açúcar refinado recebe no refinamento adição de enxofre buscando uma tonalidade mais clara e é um dos mais comuns no supermercado (ARAÚJO et al., 2015). É o mais versátil dos açúcares, o mais utilizado na confeitaria como para adoçar bebidas, indicado especialmente por seu potencial de dissolução, por ter partículas pequenas e regulares (CURLEY; CURLEY, 2015).

O açúcar de confeito comercialmente chamado glaçúcar tem grãos muito finos, indicado para preparar glacês e coberturas (CHEMELLO, 2005). Nos merengues ele traz maior estabilidade à mistura das claras em neve, pois atrai a água das claras, auxiliando no endurecimento da mistura, que varia de acordo com a quantidade de açúcar adicionada (CANELLA-RAWLS, 2014). Por ser um pó fino a tendência seria que ele absorvesse umidade do ar e endurecesse, entretanto, para evitar isso, os fabricantes adicionam amido de milho em sua composição, criando o chamado açúcar de confeito impalpável, amplamente utilizado na finalização dos pratos (WOLKE, 2003).

Existem três tipos de *merengue*, que diferem por seu modo de preparo: o francês, no qual o açúcar é adicionado gradualmente às claras em neve até o ponto desejado; o italiano, para o qual se faz uma calda de açúcar primeiro, que será adicionada de forma gradual às claras em neve e batido até o ponto desejado e o suíço no qual as claras e o açúcar são levados em banho-maria e depois batidos até a consistência desejada (CULEY; CURLEY, 2011).

Em sorvetes e bolos quanto menores os cristais de açúcar, mais macia será a textura final. Em massas de biscoitos o açúcar contribui com cor e sabor (ARAÚJO et al., 2015). No preparo de bolos e biscoitos é melhor optar pelos açúcares mais claros (CURLEY; CURLEY, 2015). Os açúcares brancos agregam crocância às receitas, já os escuros imprimem um sabor mais profundo e uma textura mais consistente (TURNER, 2015).

É importante conhecer a solubilidade dos açúcares para elaborar um produto (ARAÚJO et al., 2015). De acordo com McGee (2014) as balas e alguns doces são feitos a partir de caldas de açúcar com diferentes concentrações. Duas partes de açúcar são dissolvidas em uma parte de água na temperatura ambiente, com o aumento da temperatura o açúcar inicia seu derretimento e a partir disso existem os pontos de calda alcançados. O ponto de fio é alcançado a uma temperatura de ebulição entre 102-113°C; o ponto de bala mole entre 113-116°C; o ponto de bala dura entre 118-121°C; o ponto de areia entre 132-143°C e o ponto de caramelo é atingido entre 149-154°C. Ainda com base no mesmo autor, caramelização é o nome utilizado quando o açúcar é aquecido a uma temperatura que decompõe suas moléculas.

Como objeto de trabalho, na elaboração da sobremesa foram escolhidos o açúcar mascavo para a massa, o refinado para o *merengue* e *coulis*⁴, o cristal para os fios de açúcar e o de confeito impalpável para finalização, conforme mostrado na próxima seção.

⁴ Molho de consistência macia e grossa, normalmente de frutas (RUHLMAN, 2009, p. 128).

4 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada neste artigo, de acordo com Severino (2011), é caracterizada como: pesquisa bibliográfica, pois foram utilizados recursos provenientes de pesquisas anteriores em livros e artigos, e pesquisa experimental pelo fato de ter sido criada uma sobremesa por meio da qual foi possível colocar em prática a pesquisa, observando e realizando a análise dos resultados e experiências.

O prato desenvolvido é composto de uma *tartelette*⁵ feita com açúcar mascavo, recheada com *mousse* de morango e mirtilo, *merengue* suíço (assado em suspiros), fios de açúcar e frutas vermelhas nevadas com açúcar de confeitiro impalpável. Para a composição do prato foram desenvolvidas três fichas técnicas.

O Quadro 1 apresenta a ficha técnica da *tartelette*, do *coulis*, da *mousse* e da montagem.

QUADRO 1- Ficha técnica.

PRATO:	<i>Tartelette, coulis, mousse e montagem</i>		
Categoria:	Sobremesa	Rendimento:	4 porções
INGREDIENTE	QUANTIDADE	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Para a massa			
Açúcar mascavo	11	g	
Farinha de trigo	19	g	
Manteiga sem sal	7	g	
Ovo	4	g	
Para o coulis			
Morangos	12	g	
Mirtilo	26	g	
Açúcar refinado	12	g	
Para a mousse			
<i>Coulis</i>	8	g	
Açúcar refinado	11	g	
Creme de leite fresco	21	g	
Para a montagem final			
Frutas vermelhas	80	g	Cerca de 20 unidades.
Pétalas de flores comestíveis	0,2	g	Cerca de 12 pétalas.
Açúcar de confeitiro impalpável	10	g	

⁵ Pequena torta aberta, de origem francesa, que pode ter recheio doce ou salgado (GOMENSORO, 1999, p. 388).

MODO DE PREPARO:	
<p>Para a massa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Peneirar os ingredientes secos juntos. 2. Adicionar a manteiga e o ovo em temperatura ambiente e misturar até formar a massa. 3. Embrulhar a massa em papel filme e levar à geladeira por aproximadamente 6 horas. 4. Retirar a massa da geladeira e preencher as forminhas. Levar ao freezer por 5 minutos. 5. Assar as <i>tartelettes</i> em forno pré aquecido a 180º por 10 minutos. 6. Retirar da forminha, deixar esfriar e então rechear com a <i>mousse</i> e adicionar uma fina camada de <i>coulis</i>. <p>Para o coulis:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Higienizar os morangos e mirtilos cortá-los em cubos pequenos com apenas alguns maiores. 2. Adicionar o açúcar. 3. Levar ao fogo baixo e deixar cozinhar por 8 minutos. Retirar do fogo e reservar. <p>Para a mousse:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Levar o creme de leite fresco por 15 minutos no freezer. 2. Bater o creme de leite fresco até obter a consistência de <i>chantilly</i>, polvilhar o açúcar enquanto bater. 3. Incorporar o <i>coulis</i> ao <i>chantilly</i> delicadamente. 4. Reservar na geladeira até o momento da montagem. <p>Montagem</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Colocar a <i>tartelette</i> recheada e com <i>coulis</i> no centro do prato. 2. Dispor os <i>merengues</i> assados e as frutas vermelhas sobre a <i>tartelette</i> e no prato. 3. Peneirar o açúcar de confeiteiro impalpável para conferir o efeito nevado. 4. Adicionar ao prato os fios de ouro e pétalas de flores. Servir. 	

Fonte: O autor.

No quadro 2 é apresentado o tipo de *merengue* escolhido para compor a sobremesa.

QUADRO 2- Ficha técnica.

PRATO:		<i>Merengue suíço</i>		
Categoria:	Sobremesa	Rendimento:	4 porções	
INGREDIENTE		QUANTIDADE	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Açúcar refinado		38	g	
Clara de ovo		21	g	
MODO DE PREPARO:				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Levar a clara e o açúcar juntos em uma tigela em banho-maria. 2. Mexer por aproximadamente 4 minutos com o <i>fouet</i>⁶, até que o açúcar tenha se derretido nas claras. 3. Bater em velocidade alta na batedeira até a consistência de merengue. 4. Colocar no saco de confeiteiro com o bico de confeitar com orifício circular liso e então formar os merengues em uma assadeira com papel manteiga. 5. Levar ao forno a 110º por cerca de 90 minutos, até que estejam secos. 6. Guardar em lugar de baixa umidade para que se mantenham secos. 				

Fonte: O autor.

⁶ Batedor de arame tipo balão (INSTITUTO AMERICANO DE CULINÁRIA, 2011, p. 178).

Os fios de açúcar foram preparados a partir do açúcar cristal, como observa-se no quadro 3.

QUADRO 3- Ficha técnica.

PRATO:	Fios de açúcar		
Categoria:	Sobremesa	Rendimento:	4 porções
INGREDIENTE	QUANTIDADE	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Açúcar cristal	80	g	
Água	25	g	
Cremer tártaro ⁷	9	g	
MODO DE PREPARO:			
<ol style="list-style-type: none"> 1. Levar todos os ingredientes em fogo baixo sem mexer em uma panela de fundo grosso (para melhor distribuir o calor). 2. Acompanhar o desenvolvimento da calda e com o auxílio de um copo com água testar o ponto até chegar ao de bala dura, cerca de 15 minutos. 3. Retirar a panela do fogo. 4. Aguardar que o açúcar esfrie um pouco e com o auxílio de um <i>fouet</i> com as pontas cortadas ou dois garfos juntos um de costas ao outro, começar a puxar os fios. Cuidado para não os colocar em contato com a umidade, pois isso fará com que eles derretam. 			

Fonte: O autor.

É recomendada a montagem da sobremesa pouco antes de servi-la para que as texturas se mantenham. Até alcançar o resultado final aqui apresentado foram necessários cerca de seis testes para cada componente, que são apresentados no próximo tópico.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas experimentais foram baseadas no objetivo de utilizar cada tipo de açúcar conforme sua aplicabilidade, na busca de uma composição harmoniosa. Várias opções de sobremesa passaram pelas possibilidades, mas a que obteve melhor resultado foi a aqui apresentada: uma *tartelette* de açúcar mascavo, recheada de *mousse* de morango e mirtilo, com merengues assados e fios de açúcar.

⁷ É um ácido. Por vezes é adicionado a claras de ovos para ajudar a estabilizar um merengue (RUHLMAN, 2009, p. 135).

Cada componente da sobremesa, ou seja, a *tartelette*, a *mousse*, *coulis*, o *merengue* e os fios de açúcar, foram trabalhados individualmente em um primeiro momento para que mudanças necessárias pudessem ser percebidas mais facilmente, já que um erro nesta fase afetaria a qualidade de todo o conjunto que compõe a sobremesa. Outro ponto a considerar sobre isso é a facilidade de acertar um componente de cada vez ao invés de fazer isso quando a sobremesa já estivesse toda pronta. Assim, optou-se por num segundo momento testar todos os componentes em conjunto para então avaliar a harmonia da proposta.

O primeiro componente testado foram os fios de açúcar. Foram necessários seis testes para encontrar o tempo médio, em minutos, que a calda leva para atingir o ponto desejado e a quantidade de cremor tártaro a ser adicionada à mistura.

Foram executados três testes utilizando vinagre para evitar a cristalização da calda e três testes substituindo o vinagre pelo cremor tártaro, constatou-se que o segundo trazia maior estabilidade à calda no momento de formar os fios. Em todos os testes utilizou-se a proporção de 190g de açúcar cristal para 100g de água. Quanto ao cremor tártaro utilizou-se a proporção de 9g para 190g de açúcar cristal.

O próximo elemento testado foi a *tartelette*. Foram efetuados mais seis testes. No primeiro teste utilizou-se 60g de açúcar mascavo, e constatou-se que o gosto deste não se fazia presente no produto final. Passou-se ao segundo teste no qual a quantidade foi aumentada para 72g, obtendo um leve sabor deste açúcar, o que era buscado para a *tartelette*. No terceiro teste foi feita a massa sem peneirar o açúcar mascavo, para avaliar se isso traria maior presença desse ingrediente no produto final. Entretanto, o resultado final não teve o visual esperado, uma vez que os aglomerados de açúcar mascavo se mantiveram, formando espécies de manchas na *tartelette*. No quarto teste a quantidade de açúcar subiu para 75g (apenas para arredondar a medida) e foi peneirado alcançando um resultado satisfatório. Outro teste significativo foi o quinto, no qual a quantidade foi aumentada consideravelmente, passou para 95g, também em busca de realçar o sabor. Nesse caso o açúcar atuou como agente de crescimento, gerando uma massa próxima à de bolo, o que não era o ideal. Com essas informações foi então possível chegar à ficha técnica para a massa da *tartelette*, para isso foi realizado mais um teste, no qual retornou-se a quantidade de 75g de açúcar mascavo chegando ao produto final

aqui apresentado. No decorrer dos testes percebeu-se a necessidade de deixar a massa descansar na geladeira antes de ser aberta nas forminhas, isso se dá pelo fato de ser necessário descansar o glúten da massa para evitar o encolhimento no momento de assar.

O *coulis* nesta sobremesa é usado como base da *mousse* e sobreposto numa fina camada na *tartelette*. Essa informação é importante porque acertar o sabor e a cor do *coulis* também dependia da análise da combinação dele com o *chantilly*. Inicialmente o *coulis* seria apenas com morango, mas após testes sentiu-se a necessidade da adição do mirtilo.

Foram efetuados quatro testes para este componente, três apenas com morango. O primeiro e segundo teste foram efetuados apenas com morangos, o objetivo destes era decidir pela adição ou não de açúcar no *coulis*. Constatou-se que sem o açúcar a acidez do morango era realçada, então optou-se por adicioná-lo. O terceiro teste foi realizado, pois constatou-se nos anteriores que bater no liquidificador estava oxidando a preparação, trazendo sabor desagradável, como solução cortou-se a fruta em pedaços bem pequenos. Um quarto teste foi realizado porque notou-se que ao misturar o *coulis* com o *chantilly* a cor e sabor não era o esperado. Decidiu-se adicionar o mirtilo, que complementou o sabor e cor do produto final aqui apresentado.

Para a elaboração da *mousse* cogitou-se adicionar leite condensado ao *coulis* para adoçá-la. Foram efetuados três testes com o leite condensado, pois acreditava-se que o ponto da *mousse* não estava sendo encontrado devido a quantidade adicionada desse produto. Somente depois destes três testes foi percebido que o leite condensado é que estava dificultando atingir a textura necessária deste componente. Outros dois testes foram realizados apenas adicionando creme de leite fresco batido em ponto de *chantilly* ao *coulis* pronto, buscando acertar a textura ideal da *mousse*. O sabor ainda não estava tão satisfatório, e a solução encontrada foi, num último teste, adicionar o açúcar também ao creme de leite no momento de batê-lo em ponto de *chantilly*. Isso também trouxe maior estabilidade ao creme e proporcionou o resultado esperado.

O último componente a ser testado foi o *merengue*. Para este componente da sobremesa a primeira decisão foi sobre o tipo de *merengue* a ser elaborado

conforme explicado anteriormente. Optou-se pelo suíço por ser cozido, e por sua praticidade. O açúcar refinado foi o mais apropriado por ter grânulos finos que derretem facilmente. Foram efetuados três testes para este componente. No primeiro teste as claras não montaram da forma necessária, pois faltou açúcar. No segundo teste aumentou-se a quantidade de açúcar para 78g e obteve-se o resultado esperado. O terceiro teste foi efetuado para acertar o tempo necessário para que ele secasse no forno. Como o forno convencional tem por mínima temperatura 160°C foi preciso assar o *merengue* com a porta do forno entreaberta para garantir que secasse corretamente.

Com os componentes prontos passou-se para a etapa de montagem. Para decidir o posicionamento de cada componente utilizou-se uma foto como inspiração. Os fios de açúcar foram colocados sobre a sobremesa buscando maior altura ao prato final, resultando no 'açúcar em quatro atos', que é apresentado na figura 1.

FIGURA 1 - Açúcar em quatro atos.



Fonte: Arquivo pessoal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a pesquisa desenvolvida neste trabalho conclui-se que é possível elaborar uma sobremesa que apresente diferentes tipos de açúcares e confirme a aplicabilidade deles na confeitaria. Neste caso, optou-se por usar quatro tipos, mascavo, refinado, cristal e de confeito impalpável, cada um em um

componente da sobremesa de maneira a realçar suas características e contribuições para a receita.

O açúcar em quatro atos deixa nítido o papel de cada um dos açúcares utilizados nesta pesquisa; entretanto, para outras sobremesas cabem novos estudos até porque esses mesmos açúcares podem ser utilizados em outras preparações e a sobremesa não fez uso de todos os açúcares apresentados neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ACKERMANN, Helgo Paul Hermann. Secagem do açúcar. **Revista Opiniões**, n. 6. p. 28-28. out/dez. 2005. Disponível em: <<http://revistaonline.revistaopinioes.com.br/revistas/suc/55/#page/28>>. Acesso em: 12 out. 2016.

ARAÚJO et al. Transformação dos alimentos: açúcares e açucarados. In: ARAÚJO et al. **Alquimia do alimentos**. Brasília: Senac-DF, 2015.

CANELLA-RAWLS, Sandra. **Espessantes na confeitaria**: texturas e sabores. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Sociologia do açúcar**: Pesquisa e Dedução. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971. (Coleção Canavieira, 5)

_____. **História da Alimentação no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2011.

CASTRO, Heizir Ferreira de. **Indústria Açucareira**. Apostila 1. São Paulo: Universidade de São Paulo Escola de Engenharia Lorena EEL, 2013. Disponível em <<http://sistemas.eel.usp.br/docentes/arquivos/5840855/LOQ4023/Apostila1-Industriaacucareira2013.pdf>> Acesso em: 17 ago. 2016.

CHEMELLO, Emiliano. A Química na Cozinha apresenta: O Açúcar. **Revista Eletrônica ZOOM**. Editora Cia da Escola. São Paulo, Ano 6, nº 4, 2005. Disponível em <http://www.quimica.net/emiliano/artigos/2005nov_qnc_sugar.pdf>. Acesso em 03 set. 2016.

COULIS. In: RUHLMAN, Michael. **Elementos da culinária de A a Z**: técnicas, ingredientes e utensílios: a arte do chef traduzida para a cozinha da sua casa. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2009.

CREMOR TÁRTARO. In: RUHLMAN, Michael. **Elementos da culinária de A a Z**: técnicas, ingredientes e utensílios: a arte do chef traduzida para a cozinha da sua casa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CURLEY, Suzue; CURLEY, William. **Pâtisserie**: arte e técnica para profissionais. Barueri: Manole, 2015.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **A Civilização do Açúcar** (séculos XVI a XVIII). 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

FOUET. In: INSTITUTO AMERICANO DE CULINÁRIA. **Chef profissional**. 4. ed. São Paulo: Senac Editoras, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Açúcar**: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil. 5. ed. São Paulo: Global, 2007.

GOMENSORO, Maria Lucia. **Pequeno dicionário de gastronomia**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 1999.

IGLESIAS, José Miguel Cardemil. **Simulação de sistemas térmicos para gerenciamento energético de usina sucroalcooleira**. 2009. 110 f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Engenharia Mecânica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp084481.pdf>> Acesso em 22 mar. 2017.

LEMPS, Alain Huetz de. As bebidas coloniais e a rápida expansão do açúcar. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

LODY, Raul. **A virtude da gula**: pensando a cozinha brasileira. São Paulo: Editora Senac, 2014.

LOPES, Cláudio Hartkopf. **Tecnologia de produção de açúcar de cana**. São Carlos: Edufscar, 2011.

MACHADO, Simone Silva. **Tecnologia da fabricação do açúcar**. Inhumas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2012. Disponível em: <http://estudio01.proj.ufsm.br/cadernos/ifgo/tecnico_acucar_alcool/tecnologia_fabricacao_acucar.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

McGEE, Harold. **Comida e cozinha**: ciência e cultura da culinária. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

OETTERER, Marília. **Mono e dissacarídeos** - propriedades dos açúcares. "Escola superior de agricultura "Luiz de Queiroz" departamento de agroindústria, alimentos e nutrição, 2016. Disponível em <<http://www.esalq.usp.br/departamentos/lan/pdf/Mono%20e%20Dissacarideos%20-%20Propriedades%20dos%20Acucares.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

OLÍMPIO, José Adauto. **O açúcar do Brasil**. 2014. Disponível em <www.sinterpi.org.br/media/upload/O%20acucar%20no%20Brasil.doc> Acesso em: 08 out. 2016.

ORNELAS, Lieselotte Hoeschel. **Técnica dietética**: seleção e preparo de alimentos. 8. ed. São Paulo: Atheneu, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

TAMBELLINI, Carlos Adriano. Evaporação e Cozimento. **Revista Opiniões**, n. 6, p. 26, out./dez. 2005. Disponível em: <<http://revistaonline.revistaopinioes.com.br/revistas/suc/55/#page/26>>. Acesso em: 12 out. 2016.

TARTELETTE. In: GOMENSORO, Maria Lucia. **Pequeno dicionário de gastronomia**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 1999.

TURNER, Mich. **Escola de Bolos**: um curso completo com a premiada cake master Mich Turner. Barueri: Manole, 2015.

WOLKE, Robert L. **O que Einstein disse a seu cozinheiro**: a ciência na cozinha. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

A CRIANÇA ESPERA? O ESPAÇO CONVIVER COMO DISPOSITIVO DE CUIDADO ✓

47

Mariana KERBER¹
Suzana Feldens SCHWERTNER²

✓ Artigo recebido em 27/08/2018 e aprovado em 21/11/2018.

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates e estagiária da Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES). E-mail: <marianakerber79@gmail.com>

² Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós Doutorado em Educação (UFRGS). Professora do curso de Psicologia e Mestrado em Ensino na Universidade do Vale do Taquari – Univates. E-mail: <suzifs@univates.br>.

A CRIANÇA ESPERA?

O ESPAÇO CONVIVER COMO
DISPOSITIVO DE CUIDADO

RESUMO

O presente estudo engloba o tema da sala de espera nos espaços de saúde; mais precisamente, o Espaço Conviver, uma sala especificamente destinada à espera/ao acolhimento em uma clínica-escola vinculada a uma Universidade do interior do Rio Grande do Sul. Buscou-se, com o trabalho, analisar de que modo este espaço do serviço pode se constituir como prática de cuidado para crianças que o frequentam. Dentre os objetivos específicos intenta-se discutir sobre a Sala de Espera como dispositivo de cuidado e compreender como crianças, familiares e acompanhantes percebem os significados e efeitos deste espaço no público infantil. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito crianças e seus respectivos familiares e acompanhantes, em momentos distintos, com dois roteiros diferentes, de acordo com o público-alvo. Como ferramenta de análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo. Pode-se destacar que o local de espera é um ambiente que permite encontro, convivência com os demais, possibilidades de atividades para crianças e adultos enquanto estão em espera. Além disso, o fato de estar ou ficar sozinho enquanto se espera também foi mencionado e permite refletir sobre os locais de espera disponíveis. Sendo assim, foi possível analisar a importância das salas de espera nos serviços de saúde, pois estas, muitas vezes, são a porta de entrada dos sujeitos e primeira forma de acolhimento, possibilitando formas de diálogo e aproximação com os profissionais da saúde.

Palavras-chave: Sala de espera. Crianças. Cuidado. Saúde.

DOES THE CHILD WAIT?

THE ESPAÇO CONVIVER AS
A DEVICE OF CARE

ABSTRACT

The present study encompasses the theme of the waiting room in the health environments; most precisely, the Espaço Conviver, a room specifically destined to the waiting/welcoming in a school-clinic linked to a University in the interior of Rio Grande do Sul. In the study we aimed to analyze in what ways this environment can constitute itself as the praxis of the care for the children who attend it. Among the specific objectives, it tries to discuss the Waiting Room as a device of care, and also to understand how children, their relatives, and companions understand the meanings and the effects of this environment on the children. Semi-structured interviews were carried out with eight children and their respective relatives and those who accompanied, in separate moments, with two different scripts, according to the target public. The Content Analysis was used as an analyzing tool. The waiting room can be highlighted as an environment that allows meetings, interaction among the users, and possibilities for children and adults while they wait. Besides that, the fact that being alone while waiting is also mentioned and it allows the users to reflect on the available waiting areas. Considering these, it was possible to analyze the importance of the waiting areas in the health system, because, many times, they are the door and entrance for the people and the first tool of welcoming them, making it possible to have ways of dialogue and closeness with the health system professionals.

Key-words: Waiting room. Children. Care. Health.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa abordar o tema da Sala de Espera como um dispositivo de cuidado nos espaços de saúde, especialmente o local de espera de uma clínica-escola vinculada a uma universidade do interior do Rio Grande do Sul. Este serviço-escola engloba nove cursos da área da Saúde e Educação, possibilitando que os estudantes realizem práticas e estágios curriculares no local.

Este serviço está em funcionamento desde março de 2011 e um de seus principais focos é a vivência interdisciplinar dos estudantes, além do trabalho em equipes multidisciplinares, articulação com os serviços da rede de saúde, assistência social e educação da região, com base em práticas norteadas pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo Saldanha (2013), o serviço busca atender a duas demandas principais: ser um serviço de apoio à rede de saúde da localidade e ser um espaço de formação permanente em Saúde e Educação. Sendo assim, a vivência na clínica-escola coloca-se como uma chance de experimentação, em que há espaço para o aprendizado ocorrer ao mesmo tempo em que se implementam mudanças no cuidado. A proposta deste local surgiu a partir da mobilização do corpo docente da área da Saúde daquela universidade, envolvendo estudantes e estagiários, que se organizaram de modo a pensar estratégias coletivas e ações interdisciplinares. Além de ter como objetivo promover a troca de saberes entre as áreas, assim como propor transformações no modo de ensino, formação em saúde e mudanças no próprio sistema de saúde, realidade do usuário (SALDANHA et al., 2014).

Este trabalho é relacionado ao espaço de espera do serviço, conhecido como Espaço Conviver, que é parte constituinte do local e funciona no mesmo horário da clínica, de segunda à quinta-feira, nos turnos da manhã e tarde. Dessa forma, é um lugar em que familiares, acompanhantes e/ou usuários possam aguardar enquanto esperam ser atendidos. A sala de espera, para Teixeira e Veloso (2006), é um espaço dinâmico em que podem ocorrer as mais variadas situações do cotidiano. Possibilita, no caso desta clínica-escola, aos estagiários, um modo de aproximação com os sujeitos, pensando que muitas vezes o local de espera é também a porta de entrada do serviço.

A Sala de Espera pode ser um ambiente de troca entre os usuários e profissionais em que se manifestam os mais variados assuntos e demandas, a partir da espera e vinculação com os demais do local. Rosa et al. (2011) afirmam que no espaço de espera, além de ocorrer a interação, também são desmistificados tabus, são compreendidas determinadas crenças e mitos que fazem parte da condição humana, compreendendo o usuário a partir de um contexto em que está inserido. Diante disso, a Sala de Espera é também um ambiente em que pode ser realizada a escuta, exercitado o diálogo, acolhendo os sujeitos em suas demandas ao expandir as formas de cuidado, valorizando os espaços coletivos. Pensando na Sala de Espera como uma estratégia para os serviços de saúde, Rodrigues et al. (2009) afirmam:

É por meio da sala de espera que os profissionais da área da saúde tem a oportunidade de estar desenvolvendo atividades que extrapolam o cuidado, como a educação em saúde, auxiliando na prevenção de doenças e promoção de saúde; proporcionando também uma melhora na qualidade do atendimento, garantindo maior acolhimento entre os usuários, e melhorando a inter-relação usuário/sistema/trabalhador de saúde, além de constituir-se em uma forma de humanizar muitas vezes os burocratizados serviços prestados (RODRIGUES et al., 2009, p. 103).

O acolhimento é uma prática muito importante nos espaços de espera, que não se limita a uma ação inicial ou pontual, mas é compreendida como uma conduta contínua dos profissionais que seguem acompanhando os sujeitos no serviço. Desse modo: “O acolhimento na porta de entrada só ganha sentido se o entendermos como uma passagem para o acolhimento nos processos de produção em saúde” (BRASIL, 2010, p. 16). Além da importância de acolher as demandas que emergem nos espaços de espera, para inclusive repensar constantemente as práticas que estão sendo desenvolvidas no serviço. Dessa forma, o acolhimento nos locais de espera pode ser um dispositivo produtor de mudanças nas relações de trabalho e cuidado em saúde.

A clínica-escola propõe um modo de trabalho em que os usuários que frequentam este local possam ter participação ativa no seu processo de cuidado, além de ressaltar que todos os atores do serviço, equipe de estagiários, supervisores do local, sejam igualmente responsáveis por esse modo de pensar o

cuidado. Tendo em vista que a base que fundamenta muitas destas práticas do serviço busca estar em consonância com as diretrizes do SUS, como os princípios da Política Nacional de Humanização, conforme define os cadernos Humaniza SUS da Atenção Básica (BRASIL, 2010) sobre a humanização do cuidado:

Humanização é, assim, propositura para a criação de novas práticas em saúde, de novos modos de gestão, tarefas inseparáveis da produção de novos sujeitos. A inclusão está orientada para analisar e modificar as práticas de gestão e de atenção, que se influenciam mutuamente; ampliar o grau de contato e de troca entre as pessoas (o que exige deslocamentos subjetivos e identitários) e aposta na capacidade de criar, de acionar vontade e desejo de fazer sujeitos (BRASIL, 2010, p. 25).

A Sala de Espera pode ser pensada como ferramenta de criação a partir das demandas que emergem deste local, pensando em atividades voltadas para promoção e educação em saúde, que expressem a vontade dos sujeitos e a construção conjunta de estratégias que façam sentido para determinados grupos ou pessoas. Por isso a importância de se olhar para esse ambiente, como afirmam Rosa et al. (2011), a partir da criação de diálogo para debate nestes espaços de espera. Eles se constituem, então, como uma ferramenta importante na qualidade do serviço prestado, além de garantir o acolhimento que, por resultado, reflete em um cuidado mais humanizado, ampliando o conceito de cuidado biológico para cuidado integral ao usuário.

O espaço de espera é mais um local do serviço em que é possível ser realizado o diálogo e a escuta, além de ser um ambiente importante também para as crianças que estão em espera, aguardando seu atendimento. A esse respeito, Polleto e Motta (2015) destacam que as Salas de Espera são ambientes favoráveis para se desenvolver atividades de educação em saúde com crianças, propondo estratégias lúdicas, buscando envolver os familiares, cuidadores e profissionais da saúde. O Espaço Conviver deste serviço-escola é uma sala estruturada com diversos materiais lúdicos, um ambiente que possibilita ocorrer atividades de interação entre adultos e crianças com seus familiares, onde muitos elementos do contexto familiar podem emergir. Ocorrem neste espaço diversos jogos, pinturas,

desenhos, produção de materiais, conversas e rodas de chimarrão³ que movimentam a dinâmica no tempo de espera.

Diante destas discussões sobre Sala de Espera, o Espaço Conviver pode ser um dispositivo para se pensar o cuidado com as crianças, na medida em que se faz possível explorar este espaço de uma forma livre, além da interação destas com as demais participantes do local. Sendo assim, este estudo busca responder: de que modo o Espaço Conviver pode se constituir como um dispositivo de cuidado para crianças? E tem como objetivo geral analisar como o Espaço Conviver se constitui como uma prática de cuidado para crianças que frequentam uma clínica-escola. Dentre os objetivos específicos, destacam-se: discutir sobre Sala de Espera como dispositivo de cuidado; compreender como familiares ou acompanhantes percebem os efeitos deste espaço nas crianças que o frequentam e compreender o significado do Espaço Conviver de uma clínica-escola para crianças que frequentam este local.

2 METODOLOGIA

Para esta pesquisa buscou-se analisar de que forma a Sala de Espera de um serviço-escola pode se constituir como um dispositivo de cuidado para crianças. O trabalho foi desenvolvido a partir da abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2007), se refere a um tipo de pesquisa que se aplica ao estudo da história, das relações, representações e crenças, percepções e opiniões que os humanos desenvolvem a respeito de como vivem, sentem e pensam. Portanto, é um método que vem ao encontro do presente estudo, pois dentre os objetivos que atravessam o trabalho estão dar voz às percepções e relações, sentimentos e opiniões dos sujeitos.

Ainda sobre o estudo qualitativo, Minayo e Sanches (1993, p. 245) afirmam: “O material primordial da pesquisa qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos”. Desse modo, a pesquisa qualitativa tem o intuito de, pelas

³ Chimarrão é uma bebida característica da região sul do país, ligada às tradições do Rio Grande do Sul, sendo composta basicamente por erva mate e água quente. O chimarrão também pode ser sinônimo de encontro, aproximação, pois geralmente algumas pessoas são convidadas a compartilhar esta bebida, que pode ser oferecida em grupo, distribuída em formato de roda.

falas e outros modos de expressão, em suas mais variadas origens e contextos, compreender como se constitui o entendimento de determinados assuntos e representação de certos espaços, considerando um conjunto de pessoas.

A escolha por esse método diz respeito à importância dos usuários que frequentam o Espaço Conviver manifestar suas opiniões e percepções sobre o local, explorando o significado deste ambiente no serviço. Para isso, foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado com crianças e seus familiares ou acompanhantes, que frequentam este local de espera do serviço. Optou-se por essa modalidade de entrevista para que os participantes expressassem suas opiniões, sugestões e comentários sobre o ambiente de espera que frequentam, além de acrescentar outros pontos que pudessem ser importantes a respeito do tema.

Ainda sobre a classificação das entrevistas, Boni e Quaresma (2005) esclarecem que esta modalidade combina perguntas abertas e fechadas, o que possibilita que os participantes conversem sobre o tema proposto. O entrevistador deve seguir as questões previamente definidas, mas a entrevista deve ocorrer o mais próximo a uma conversa informal. Além disso, podem ser realizadas questões adicionais quando o assunto não tiver ficado claro ao entrevistador, ou retomar o tema e dirigir a conversa novamente ao assunto proposto, caso houver necessidade.

Antes mesmo do período de convites para o estudo, o projeto desta pesquisa foi apresentado à coordenação do serviço, além de ter sido assinada a carta de anuência com o aceite do local. Após este processo, o projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade (CAAE 80977617.1.0000.5310). Na sequência, foi realizado um mapeamento no serviço, em março de 2018, buscando identificar os turnos em que há um número maior de crianças atendidas no serviço e que estivessem dentre os critérios elencados: foram convidadas crianças com idade inferior a 12 anos, que frequentam o Espaço Conviver e que estão acompanhadas de um responsável no local, sendo desenvolvidos roteiros diferentes para esses dois públicos. Crianças e seus respectivos acompanhantes que frequentam o Espaço Conviver e a CURES há menos seis meses, não foram convidadas.

O roteiro das perguntas organizado para a investigação com as crianças envolveu algumas questões, tais como: Idade; O que tu pensas sobre ter um lugar

de espera como o Espaço Conviver na CURES?; O que te chama a atenção no Espaço Conviver? Por quê?; O que tu costumava fazer enquanto espera neste espaço?; Como é estar no Espaço Conviver com outras pessoas (adultos, crianças, estagiários)?; Acredita que este é um espaço importante da CURES? Por quê?; Gostaria de fazer um desenho mostrando como tu te sentes neste espaço?.

E já para o público adulto, as perguntas foram: Grau de parentesco ou relacionamento com a criança; Há quanto tempo você vem frequentando o Espaço Conviver da CURES?; Qual sua opinião sobre o espaço de espera do serviço?; Quais atividades as crianças costumam realizar neste ambiente? De que forma estas atividades ocorrem?; Que significado você acredita que este espaço possui para as crianças?; Como você percebe a relação das crianças com os demais participantes do Espaço Conviver.

Após este mapeamento inicial, foram realizados os convites, com o intuito de explicar sobre o trabalho e agendamento da entrevista com os acompanhantes e crianças. Os convites e entrevistas ocorreram em quatro turnos de funcionamento do serviço, tanto crianças como adultos participaram da pesquisa voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento, conforme proposto pela Resolução 466/2012 (BRASIL, 2012), em atenção aos cuidados éticos de pesquisa. As entrevistas ocorreram na clínica-escola, nos turnos em que acompanhantes e crianças convidadas frequentavam o serviço.

As entrevistas foram gravadas em dispositivo eletrônico de áudio e após, transcritas para estudo do material. Nas entrevistas com crianças, nem todas realizaram a parte final do desenho, o que era opcional. Ao todo participaram oito crianças (duas meninas e seis meninos) e sete familiares e acompanhantes (seis mães e uma acompanhante mulher), realçando que ao final das entrevistas foi possível observar que todos os adultos/acompanhantes que participaram, e que geralmente acompanham estas crianças, são mulheres.

As crianças que participaram deste estudo possuem idade entre 5 a 10 anos e sobre o tempo que frequentam o serviço pode-se destacar o período mínimo de 6-7 meses a um máximo de 12-15 meses, aproximadamente. Os participantes foram identificados como C referente à criança, A para acompanhante/familiar, identificados por ordem numérica, conforme consta nos relatos na seção dos

resultados. Vale ressaltar que as expressões e palavras utilizadas pelos sujeitos foram mantidas literalmente na transcrição.

Após finalizadas as transcrições, se iniciou a organização e análise deste material. Foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) para fazer a discussão dos resultados deste trabalho. A escolha por esse método de análise está relacionada às diversas discussões que podem ser realizadas a partir dos conteúdos das entrevistas, opiniões e percepções sobre o serviço e espaço de espera que é ofertado. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/percepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Portanto, buscou-se entender o conteúdo manifesto nestes relatos/desenhos e como ele se desenvolveu e apareceu de modo diferente, ou complementar, em alguns pontos para os diferentes sujeitos. Para a análise deste material foi utilizada a técnica de análise categorial, que segundo Bardin (2011), consiste em operações de desmembramento do texto em categorias conforme reagrupamentos. A categorização é uma operação de classificação de elementos característicos de um conjunto por diferenciação e também por reagrupamento segundo os critérios definidos (BARDIN, 2011). As entrevistas transcritas foram analisadas conforme os temas que apareceram através das falas dos sujeitos envolvidos. Na sequência, estes conteúdos foram organizados e divididos em categorias de análise.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias a seguir, relacionadas ao Espaço Conviver, analisam as opiniões e percepções referentes a este espaço de espera, a partir das falas e ilustrações de crianças, familiares e acompanhantes que compõem este local. Logo, diversas discussões podem ser realizadas em torno do modo como este espaço é entendido, além dos atravessamentos das relações de cuidado neste ambiente. As discussões estão organizadas por categorias, divididas de acordo com as seguintes

temáticas: 3.1 Os sujeitos no espaço de espera: atividades e diferentes formas de interação; 3.2 Ambiente de encontro, criação e fortalecimento de vínculos; e 3.3 Um espaço de espera.

A seguir, apresentam-se as categorias, analisando suas especificidades e incluindo falas e registros dos desenhos produzidos pelo público-alvo durante as entrevistas. Os excertos são seguidos do número designado a cada participante, atentando ao critério de anonimato da pesquisa.

3.1 OS SUJEITOS NO ESPAÇO DE ESPERA: ATIVIDADES E DIFERENTES FORMAS DE INTERAÇÃO

Entende-se que o Espaço Conviver é um local em que ocorrem atividades, momentos de conversa e, muitas vezes, diversas situações podem se passar ao mesmo tempo no local. Algumas ações podem estar presentes, envolvendo adultos ou crianças, fazendo com que cada um, ao seu modo, participe e se envolva conforme sua preferência. Sobre as atividades que ocorrem no espaço e que as crianças gostam de fazer, é possível destacar, conforme as falas de algumas participantes:

C4: É um espaço para as crianças brincarem e tem bebês. [...] Jogar cartinha.

C2: Que tem bambolê pra brincar, hum (pensativa). É que eu gosto de bambolê.

C5: Ah, lá no Espaço Conviver tem livro.

C6: Eu costumo brincar, ler, jogar Uno com elas (outras crianças).

O brincar e atividades envolvendo jogos aparecem tanto na fala das crianças como no relato dos adultos, assim como o livro ou leitura também aparece em alguns momentos, como um recurso do local. E sobre algum elemento que representasse o espaço, uma das crianças também desenhou vários livros (figura 1), como uma atividade que conecta ela a esse ambiente.

Figura 1. Livros no espaço de espera



Fonte: C5 - Arquivo da pesquisa.

Esta criança, de 5 anos, desenha vários livros como objetos que a fazem lembrar deste local; na imagem, aparecem livros de diferentes formatos, alguns não estão pintados e outros aparecem mais coloridos (amarelo, azul), mas a maioria aparece em tons vermelhos. Conforme citado anteriormente, a criança relata que no Espaço Conviver há muitos livros, escolhendo este elemento do local para retratar.

As acompanhantes também relatam sobre as atividades e o modo como ocorrem no espaço de espera:

A2: Ah, ali na sala, aí tem os brinquedos, daí eles brincam, pintam, elas adoram pintar, aí a outra gosta de jogar Uno, ano passado tinha bastante mais pessoas, aí sempre estavam jogando, daí ela já sentava na roda pra jogar também.

A1: Ai, eu gosto, tu te distrai e aí eu peguei a época do Natal, em que nós fazíamos aqueles enfeites, em que uns ensinavam os outros, muito bom. [...] Ai, eu acho que bem bom, acho que elas gostam, né, porque brincam e criança pra esperar é horrível, né, e ali eles se *entertem*.

As acompanhantes relatam sobre as atividades que acontecem no espaço e também como seus filhos, ou crianças que acompanham, participam e interagem no local. Além disso, comentam sobre a relação da criança, a espera e sobre a configuração deste espaço, entendido como diferente de uma sala de atendimento:

A4: É, quando ele chega ele desenha e fica esperando, é, fica conversando.

A3: Assim como a gente estava jogando Uno, ele gosta muito, cartinha dos dinossauros ele gosta, ele gosta muito de jogos.

Estudante: E pensando neste espaço para as crianças, que significado tu acredita que ele tem pra elas, este lugar de espera voltado desse jeito?

A3: Eu acho que é bom porque descontraí um pouquinho, tira aquela tensão de aí eu vou no médico ou eu vou me tratar, né? Então descontraí um pouco [...].

A5: E tu acaba conhecendo uma equipe bem bacana, diferente e foge de uma sala de atendimento, né, acho isso bem interessante, além de fazer atividades interessantes, a gente faz trabalhos manuais, artesanais, acho bem interessante. [...] Olha eu posso falar pelo meu, né, que ele é bem interativo, né, gosta de tudo, participa, mexe com todo mundo, né... mas tem outras crianças que às vezes a gente vê que ficam mais retraídas, mas isso depende do biotipo, né, do jeito da criança, né? Algumas se envolvem mais outras menos, mas a gente vê quem participa das brincadeiras, tem brincadeira de roda.

As mães e acompanhantes relatam sobre a interação das crianças com os demais participantes do local. A mãe A5 destaca como a relação das crianças com este espaço pode ocorrer de forma diferente para cada uma delas, produzindo efeitos únicos para cada sujeito que frequenta este local.

O brincar e os brinquedos aparecem em algumas falas das crianças sobre as atividades que estas realizam no local de espera. Pedro et al. afirmam: “Ao brincar a criança modifica o ambiente da sala de espera, aproximando-o de seu cotidiano, o que pode ser uma estratégia positiva de enfrentamento da situação que vivencia” (PEDRO, 2007, p. 8). Além da escuta, é importante ouvi-las dentro deste local, que muitas vezes se configura de um modo diferente de um atendimento, mas que faz surgir muitas informações.

E pensando no cuidado ao público infantil que frequenta este espaço, muitas são as atividades ali realizadas: envolvendo jogos, brincadeiras, desenhos, pintura, conversas. As brincadeiras e jogos, além de ser uma forma da criança se expressar,

também são atividades ofertadas neste ambiente no tempo de espera: o Uno⁴ é um dos muitos jogos indicados pelas crianças e acompanhantes, assim como o bambolê, além de outros brinquedos da sala. Sobre a relação com jogos, Kishimoto (1995) ressalta que o aproveitamento do jogo como recurso potencial para o desenvolvimento infantil requer não contrariar a sua natureza, em busca da alegria, prazer, exploração livre.

Segundo Fortuna (2008), a brincadeira se constitui como uma atividade paradoxal, no sentido de ao mesmo tempo ser conservadora e transformadora: assim como reforça as relações e concepções de mundo, modos de conhecer e viver, também os recria, reinventa a todo instante. Diante disso, o Espaço Conviver pode se constituir um local de acolhimento para as crianças, suas percepções acerca do momento que estão vivenciando, modo como se relacionam com os demais, até possíveis ansiedades e angústias.

A relação das crianças com as demais pessoas ou com seus familiares e acompanhantes é um fator interessante deste local, pois muitas vezes este é um ambiente que permite que ocorram as mais diversas atividades. Possibilita, assim, que cada participante contribua com o local da forma com a qual melhor se aproxima e identifica.

3.2 AMBIENTE DE ENCONTRO, CRIAÇÃO E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS

A sala de espera é também um local de compartilhar as vivências e diversas situações e atividades, na medida em que este é um local coletivo e de circulação dos sujeitos. Para Teixeira e Veloso (2006), a sala de espera é um local em que podem ocorrer vários fenômenos psíquicos, culturais, singulares e coletivos. Pensando nisso, no Espaço Conviver, o próprio grupo constituído dentro dos turnos (manhã ou tarde) cria um vínculo, acaba colocando vários assuntos em conversas, ou em atividades, brincadeiras, rodas de chimarrão, em que ocorrem trocas de afinidades, informações e afetos.

⁴ Uno é um jogo de cartas mundialmente conhecido, recomendado para crianças a partir de sete anos e pode ser jogado entre duas e até dez pessoas. Para jogar é necessário um baralho próprio, com 108 cartas coloridas e cartas de instruções.

Os relatos a seguir apresentam as opiniões das acompanhantes sobre o Espaço Conviver, indicando como se percebem e se envolvem neste local:

A1: Ai, é maravilhoso! Pra mim é uma terapia (risadas).

A3: Eu gosto muito, assim, eu acho bem, me ajuda também, a gente troca muitas ideias também [...] ter um espaço assim em que a gente conversa, troca ideia, todo mundo conversa, né, diversos assuntos e tal, então acaba te tirando daquela rotina, né, um pouco fora de casa.

Estas acompanhantes relatam sobre o encontro propiciado pelo espaço, destacando as trocas e conversas que percebem durante sua presença no local de espera. Segundo Becker e Rocha (2017), a sala de espera é um espaço que acolhe um grande número de pessoas e diversidade de atividades, sendo considerado um local para intervenções que possuem foco na saúde coletiva, por meio de ações grupais. Proporciona aos usuários e profissionais atividades que partem de um nível individual para um plano grupal, no sentido de desenvolver estratégias envolvendo o âmbito social.

Outras duas acompanhantes também relatam suas opiniões sobre o Espaço Conviver, no sentido de acreditarem que de algum modo este local também traga benefícios a elas:

A5: É eu acho que é bem interessante, porque além de ficar na espera do filho que tá em atendimento a gente acaba também tendo um atendimento, que engloba a convivência, a gente acaba conhecendo os profissionais que trabalham na área também, acho bem interessante.

Nesta situação são citados os **profissionais**, ou seja, os estagiários que também fazem parte deste espaço juntamente com os demais participantes. Em uma das entrevistas com crianças, uma participante igualmente ressalta a presença dos estagiários, além das outras pessoas que compõem este espaço:

C2: É legal, é legal pra fazer tipo amizade. [...] Por que dá pra se encontrar com outras pessoas, com os estagiários.

E pensando no significado que este lugar tem para as crianças, a acompanhante ainda comenta:

A5: Ai, o que eu vou te dizer... (silêncio) eu acho que é o momento de parar um pouco de...também é um momento de conhecer outras crianças, né, tipo assim que não seja só envolvida com atendimento ou que tenha algum problema específico ou que tem que participar de um atendimento.

Percebe-se, em algumas destas falas, que este espaço é entendido como um ambiente de convivência e que o momento de espera pode oportunizar, também, olhar para algumas relações que se iniciam e seguem sendo construídas neste espaço, especialmente pelos adultos. Além de surgirem comentários acerca do modo como este local de espera usualmente é pensado:

A6: Ah...é bom porque geralmente a gente acaba conhecendo pessoas diferentes e ouvindo histórias de cada um, também conhece os alunos...é bem legal, fica mais à vontade, porque é bem chato chegar em algum lugar e tá sozinha ali olhando para as paredes, né, assim sempre tem alguma coisa pra fazer.

A partir desses relatos, é possível destacar a importância de todos os sujeitos que fazem parte deste ambiente: acompanhantes, usuários do serviço, assim como estagiários são participantes que promovem a construção e criação deste local. Sobre as interações que ocorrem no espaço de espera, Teixeira e Veloso (2006) afirmam que este é um local em que as pessoas possam conversar, trocar experiências entre si, observar, se emocionar e expressar, ou seja, as pluralidades emergem através do processo interativo, que ocorre muitas vezes por meio dos diversos tipos de linguagem.

Este espaço de espera geralmente é o local em que os sujeitos aguardam seu atendimento ou um familiar e acompanhante possa estar esperando também. Mas

ao mesmo tempo é um local que pode permitir encontros e possivelmente a criação de vínculos, se ocorrer semanalmente uma aproximação e interação entre os participantes. A partir das falas, principalmente das acompanhantes, o diálogo e a escuta ocorrem neste espaço, o que para estes familiares e acompanhantes também aparece como um fator importante do local, juntamente com a troca de experiências e convivência.

Além de ser um ambiente em que os familiares e acompanhantes possam estar com as crianças, eles também podem observar como elas interagem ou se apresentam neste local. Duas crianças ilustraram no desenho sobre o Espaço Conviver as pessoas que as acompanham ao serviço. Em um deles (figura 2, produzido por uma criança de 7 anos), aparece a figura da mãe e no outro (figura 3, produzido por uma criança de 9 anos) a mãe e irmã.

Figura 2. Criança e mãe



Fonte: C4 - Arquivo da pesquisa.

Figura 3: Participação da família



Fonte: C7 - Arquivo da pesquisa.

As crianças que aceitaram desenhar algo referente ao espaço de espera que frequentam estavam livres para desenhar sobre o que quisessem. Os participantes C4 e C7 desenharam membros de sua família neste local. O tempo de espera parece ser um momento em que as crianças, seus pais e acompanhantes possam permanecer juntos, desenvolver alguma atividade ou realizar estas com outros participantes do local, além de expressar muitos elementos do contexto familiar, tais como rotina e realidade da criança.

No primeiro desenho aparece a criança e sua mãe como personagens principais, sem a aparição de outros detalhes ou objetos, mostrando desta relação com a mãe que frequenta o serviço. E no segundo desenho, diferente do primeiro, aparece uma mesa, cadeiras e luminárias do espaço de espera, assim como a figura da criança, mãe e irmã. A criança desenha as pessoas da sua família que frequentam o Espaço Conviver juntamente com ela e se coloca em movimento, em direção à mesa, para se sentar ou realizar alguma atividade. De certa forma, as famílias e essas relações perpassam os dois desenhos; em um destes, mais especificamente, destaca-se a família no local de espera, retratando um pouco do tempo de permanência no lugar.

Sobre os momentos de espera das crianças com seus familiares, Faria, Carvalho e Telles (2017) afirmam que é preciso olhar a família para além do que está posto, enxergando-a em seu contexto. Por isso a importância da equipe que

acompanha um usuário perceber e compreender a família de maneira particular, além de desenvolver estratégias para acolher as dificuldades e sentimentos destes familiares. E pensando no Espaço Conviver, a escuta a estes acompanhantes no local pode ser considerado um importante recurso para buscar entender quem convive e tem o papel de cuidador da criança.

3.3 UM ESPAÇO DE ESPERA

64

Conforme discutido ao longo deste trabalho, a sala de espera pode ser um ambiente dinâmico, que possibilita as mais diversas situações e atuações dos sujeitos, enquanto aguardam no local por seu atendimento. Contudo, outros elementos podem dificultar as relações neste ambiente, como a falta de tempo para os encontros ou a dificuldade de interação de alguns usuários. Sobre o tempo de espera, uma das acompanhantes relatou sobre as atividades para as crianças e como elas ocorrem no momento que ela está presente no local, explicando sobre o fluxo de pessoas que circulam no espaço:

A3: Poucos minutos, poucos minutos eles ficam juntos, mas geralmente não interagem. [...] É entrada e saída, aí não tem nem tempo de interagir, né?

Também foi possível perceber alguns apontamentos de crianças em relação a estar neste espaço de espera com outras pessoas. Algumas relatam que permanecem ali sentadas, aguardando. Uma delas, de 5 anos, comenta:

C5: Eu fico sentado, sentado lá. [...] Ah, eu fico lá sentado, lá sentado, sempre com minha mãe.

Percebe-se que esta criança parece não interagir muito com os demais participantes do espaço, aguardando no local de espera com sua mãe, com quem permanece no local. Ao perguntar para outra criança, sobre o assunto que mais chama a atenção no Espaço Conviver, esta relata:

C7: Eu entro e fico sentado aí [...].

Estudante: E o que tu costuma fazer enquanto espera nesse espaço?

C7: Eu fico sentado esperando ou eu brinco um pouco.

O participante C7, assim como o C5, do relato anterior, parecem não interagir muito com os demais do local, destacando o espaço como destinado à espera, ou restando um pouco de tempo para a brincadeira. O que não significa que de algum modo a interação não ocorra entre as crianças e os demais participantes, pois este local de espera está disponível para acolher estes sujeitos da maneira como eles se sentem à vontade no local. Sendo que muitos podem participar de atividades que estejam ocorrendo, enquanto outros sujeitos optem por ficarem mais quietos ou isolados, o que não necessariamente quer dizer que não estejam participando de alguma forma e sendo assistidos pela equipe do local.

A respeito da organização dos ambientes de espera, Verissimo e Valle (2006) destacam que geralmente estes lugares são poucos estruturados, no sentido de ocorrerem na própria sala de espera, com as pessoas que se encontram ali no local. Podem ocorrer várias configurações em um mesmo encontro, pois os sujeitos chegam e aguardam seu atendimento, enquanto outros, ao mesmo tempo, podem estar deixando o lugar. Ressaltando que este é um ambiente dinâmico também em relação à idade e sexo dos participantes, assim como ao tempo de permanência e nível de interação dos integrantes.

A acompanhante A3, em seu relato, comenta sobre a pouca interação entre as crianças no espaço devido à falta de tempo em decorrência da troca de horários para os atendimentos, ocasionando, assim, alguns desencontros entre os participantes. Para muitas crianças este é um fator que as impossibilita de desenvolverem alguma atividade específica no local, o que faz pensar sobre o tempo de espera, as interações que ocorrem, frequência dos participantes como características que expressam a forma de vinculação com este espaço e serviço.

Segundo Nora, Mânica e Germani (2009), as salas de espera podem se apresentar como locais para amenizar o desgaste físico e emocional que estão associados ao tempo de espera por um atendimento nos serviços de saúde. Além de ser um espaço que possibilita trabalhar as emoções, situações difíceis, buscando

proporcionar conforto e segurança, como também facilitar a troca de saberes entre os participantes. Porém, para que os espaços de espera promovam o acolhimento e amenizem eventuais desgastes referentes aos atendimentos e à espera, é importante que os profissionais ou estagiários desenvolvam a escuta, uma postura que respeite o desejo, modo dos sujeitos se colocarem neste ambiente.

Muitas podem ser as observações realizadas neste lugar e diversas situações podem ocorrer ao mesmo tempo. E pensando no Espaço Conviver, cada encontro pode acontecer de forma única. Anteriormente, no relato de C7, este comenta que às vezes permanece sentado no local de espera e outras vezes brinca um pouco. Modos de relações e interações que expressam como os sujeitos entendem este local, como se sentem em cada encontro entre os participantes, além da maneira como são acolhidos pela equipe.

Ainda sobre a atuação dos profissionais no espaço de espera, Nora, Mânica e Germani (2009) expressam a importância do profissional da saúde desenvolver um pensar crítico e reflexivo, buscando entender as demandas e necessidades e propor ações de cuidado que levem o indivíduo a sua autonomia. Para que, assim, estes possam propor e opinar nas decisões de saúde para o cuidado de si, familiares e espaços coletivos. Desse modo todos os participantes do Espaço Conviver são importantes para a construção deste local, com muitas possibilidades de atuações.

Conforme descrito, este é um local de espera planejado de um modo diferente do que habitualmente se encontra nos serviços de saúde, em que algumas vezes se observa uma espera mais prolongada ou por vezes, um ambiente em que paira ou remete ao silêncio com poucos recursos disponíveis (estrutura física e acompanhamento de profissionais). Percebe-se que estar sentado, ter que aguardar, está associado aos ambientes de espera, que algumas vezes carece de um olhar dos profissionais da saúde. Apesar de o Espaço Conviver ser um local com estrutura e proposta diversificada, alguns resquícios dessa lógica de espera costumeira ainda aparecem em algumas falas das crianças. Fator que não necessariamente indica que estas não participam, de algum modo, no local, mas que serve de análise para refletir e discutir o que se compreende e está disponível nos serviços de saúde como locais de espera, até mesmo para aprimorar o planejamento em relação a estes espaços.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos das crianças, acompanhantes e familiares, percebe-se que o local de espera é um recurso muito interessante para propor intervenções a estes públicos, tanto o infantil como o adulto. Os modos de se produzir cuidado neste ambiente podem ocorrer de várias maneiras, com efeitos muito particulares para cada criança, que se relaciona, demonstra e cria este espaço de forma singularizada.

As crianças demonstraram algumas das relações e principalmente atividades que realizam no tempo de espera: o brincar, assim como brinquedos diferentes, jogos e livros, aparecem como importantes recursos do local. Estas atividades podem ser realizadas pelas crianças juntamente com os outros participantes do local, com algum familiar ou mesmo de forma individualizada, movimentando a dinâmica deste espaço.

Nos relatos dos acompanhantes e familiares, pode-se notar que este espaço de espera é importante por ser um local de criação de vínculos, aproximação com outros participantes do local. Além de ser um ambiente de convivência e troca de informações entre os pais ou acompanhantes, uma vez que a escuta é uma ferramenta potente para a compreensão das situações e organização familiar, no sentido de entender o momento que a criança e seu responsável estão vivenciando.

Também foram destacadas algumas situações em relação ao momento de espera, como estar aguardando sentado, estar sozinho e esperando. Percebe-se que o pouco tempo de permanência no local é um fator que influencia estas relações no espaço, além de possíveis dificuldades de interação de algumas crianças com os demais do local. Assim, cada sujeito se envolve da maneira como preferir no Espaço Conviver, sendo que este local se configura como um espaço aberto para diversas formas de participações. Ressalta-se que cabe à equipe do local estar atenta para as diferentes manifestações, acolhendo as demandas que surgem de participantes ou desse coletivo: respeitar o tempo e o espaço daqueles que ali estão também é uma atitude de cuidado dos profissionais e estagiários que ali estão.

A partir deste estudo, pode-se destacar que os espaços de espera, especificamente, o Espaço Conviver de uma clínica-escola, é um local em que podem ser realizadas práticas voltadas ao cuidado para os usuários do serviço, como também para alguns acompanhantes que frequentam o local. Portanto, práticas de escuta e diálogo, bem como o brincar e suas formas de estratégias para o público infantil, tem ocasionado um ambiente de convivência, aproximação dos participantes com equipe de estagiários, criação e fortalecimento de vínculos com o local.

Dessa forma, acredita-se que a Psicologia pode contribuir muito com este ambiente, ampliando as formas de cuidado para além das salas de atendimentos e se inserindo em espaços de acolhimento em saúde, assim como propor intervenções que façam sentido para determinado local. A Psicologia ainda pode ampliar discussões e estudos sobre a temática, a fim de compartilhar as experiências e modos de cuidados em saúde nos espaços de espera.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

BECKER, Ana P.; ROCHA, Natália L. Ações de promoção de saúde em sala de espera: contribuições da Psicologia. **Mental**, Barbacena, v. 11, n. 21, p. 339-355, jul./dez. 2017. Disponível em: http://pepsisc.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200004. Acesso em: 28 maio 2018.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 10 outubro 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. **Cadernos Humaniza SUS: Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, p. 11-28, 2010. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizasus_atencao_basica.pdf. Acesso em: 04 setembro 2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_praticas_producao_saude.pdf. Acesso em: 05 setembro 2017.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 28 outubro 2017.

FARIA, Hila M; CARVALHO, Júlia C; TELLES, Marina A. o processo de humanização no acolhimento às famílias de pacientes hospitalizados. **Revista Psique**, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 95-109, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:j-rZRKbFzWYJ:https://seer.cesjf.br/index.php/psq/article/download/1240/853+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 29 maio 2018.

FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar, as diferenças, a inclusão e a transformação social. **Atos de pesquisa em educação**, v. 3, n. 3, p. 460-472, set./dez. 2008. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1228/890>. Acesso em: 05 setembro 2017.

KISHIMOTO, Tizuko M. O brinquedo na Educação: considerações históricas. **Série Ideias**, São Paulo: FDE, nº 7, p. 39-45, 1995. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_07_p039-045_c.pdf. Acesso em: 10 outubro 2017.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 406 p.

MINAYO, Maria Cecília S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo- Qualitativo: Oposição ou complementariedade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./ set. 1993. Disponível em: <http://www.ufjr.br/especializacaofisioto/files/2010/03/Quantitativo-qualitativo-posi%C3%A7%C3%A3o-ou-complementariedade1.pdf>. Acesso em: 09 outubro 2017.

NORA, Carlise R.; MÂNICA, Fabiana; GERMANI, Alessandra R. Sala de espera uma ferramenta para efetivar a educação em saúde. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 2, n. 3, p. 397-402, set./dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/viewFile/1125/907>. Acesso em: 30 maio 2018.

PEDRO, Iara Cristina et al. O brincar em sala de espera de um ambulatório infantil na perspectiva de crianças e seus acompanhantes. **Revista Latino am. Enfermagem**, v.15, n. 2, p. 1-9, mar./abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a15. Acesso em: 01 setembro 2017.

POLETTO, Paula Manoela; MOTTA, Maria da Graça. Educação em Saúde na sala de espera: cuidados e ações à criança que vive com HIV/aids. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 4, p. 641- 647, out./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n4/1414-8145-ean-19-04-0641.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2017.

ROSA, Jonathan; BARTH, Priscila Orlandi; GERMANI, Alessandra Regina. A sala de espera no agir em saúde: espaço de educação e promoção à saúde. **Perspectiva**, Erechim, v. 35, n. 129, p. 121-130, mar. 2011. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/129_160.pdf. Acesso em: 12 setembro 2017.

RODRIGUES, Andréia Dornelles et al. Sala de Espera: um ambiente para efetivar a educação em saúde. **Vivências**, v. 5, n. 7, p. 101-106, mai. 2009. Disponível em: http://www.reitoria.uri.br/vivencias/Numero_007/artigos_vivencias_07/Artigo_13.pdf. Acesso em: 15 setembro 2017.

SALDANHA, Olinda Maria F. et al. Clínica escola: Apoio Institucional inovador às práticas de gestão e atenção da saúde como parte da integração ensino-serviço. **Interface**: comunicação saúde e educação, v. 18, n.1, p. 1053–1062, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s1/1807-576-icse-1807-576220130446.pdf>. Acesso em: 28 agosto 2017.

SALDANHA, Olinda Maria F. **Clínica- Escola**: discussões e desafios na educação superior em saúde. 2013, 156 f. Tese (Doutorado em Educação), UFRGS, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/85182>. Acesso em: 04 setembro 2017.

TEIXEIRA, Enéas Rangel; VELOSO, Raquel Coutinho. O grupo em sala de espera: território de práticas e representações em saúde. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.15, n. 2, p. 320-325, abr./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/scielo.br/v15n2.pdf>. Acesso em: 28 agosto 2017.

VERISSIMO, Saretta; VALLE, Elizabeth R. A experiência vivida por pessoas com tumor cerebral e por seus familiares. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 24, n. 45, p. 45-57, abr./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20093/19371>. Acesso em: 25 maio 2018.

LAÇOS E AFETOS DA ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRIANÇA E A FAMÍLIA SOB A PERSPECTIVA DA GESTALT✓

72

Ana Maria Mattos de ANDRADE¹
Juliana Ferreira Barreto SENO²

✓ Artigo recebido em 06/08/2018 e aprovado em 26/11/2018.

¹ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) (2004). Área de pesquisa: psicologia, religião, espiritualidade, educação, assessoria a instituições religiosas e educacionais. Docente do CES/JF e supervisora clínica. E-mail: <ana.osvaldo@gmail.com>

² Pós-graduanda em Gestão de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Possui graduação em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2018). Atualmente atua como Psicóloga Clínica. Tem experiência na área de Psicologia Jurídica no Tribunal de Justiça de Juiz de Fora -MG (2017). E-mail: <julianafbseno@gmail.com>.

LAÇOS E AFETOS DA ALIENAÇÃO PARENTAL:

A CRIANÇA E A FAMÍLIA SOB A
PERSPECTIVA DA GESTALT

RESUMO

O presente estudo aborda a Alienação Parental sob a perspectiva da Gestalt-Terapia, sendo utilizado um referencial teórico do âmbito judicial e gestáltico a fim de possibilitar uma conversa entre estes meios. Buscando a compreensão de uma violação de direito vivenciado em uma alienação, onde criança se torna vítima de uma situação conflituosa no seu ambiente familiar, assim entendemos a Gestalt como uma abordagem cabível para o estudo, por esta compreender a importância da família e suas relações e como isto interfere no desenvolvimento de uma criança. Portanto, a fim de trazer uma nova perspectiva sobre os temas, o estudo buscou apresentar a associação das idéias no sentido de ampliar conhecimento de Gestalt sobre crianças e sobre a complexidade e afetação que existe no contexto de uma alienação parental. Além do referencial, ainda foi utilizado o filme **A Morte Inventada** que é um documentário em que profissionais de psicologia, direito e serviço social, juntamente com pessoas que sofreram alienação, explicam melhor o que é alienação e como se sentem diante disto. A partir daí foi feita uma análise para assim, associar as teorias às falas das pessoas do documentário, para que seja possível um estudo qualitativo desenvolvendo associações teorias de forma mais acessível, visto que se trata de um trabalho de conclusão de curso. O propósito deste trabalho é possibilitar que haja melhor compreensão do que é Alienação parental e em que sentido a Gestalt terapia pode auxiliar no tratamento de pessoas que passaram por essa violação de direitos.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Alienação parental. Criança em Gestalt-terapia. Família em Gestalt-terapia.

TIES AND AFFECTS OF PARENTAL ALIENATION:

THE CHILD AND THE FAMILY UNDER
GESTALT'S PERSPECTIVE

ABSTRACT

The present work deals with Parental Alienation from the Gestalt-Therapy perspective, using a theoretical framework of the judicial and gestalt scope in order to enable a conversation between these realings. Faced with a violation of law experienced in alienation, the child becomes the victim of a conflictive situation in his family environment. Gestalt was seen as a suitable approach to the study, for it to understand the importance of family and its relationships and how this interferes in the development of a child. Therefore, in order to bring a new perspective on the themes, the study sought to present the association of ideas in order to extend Gestalt knowledge about children and the complexity and affectation that exists in the context of a parental alienation. In addition to the referential, the film **The Death Invented** is still used which is a documentary in which professionals of psychology, law and social service, together with people who have suffered alienation, explain better what alienation is and how they feel about it. From that point on, an analysis was made to associate theories with the statements of the people of the documentary, so that a qualitative study could be developed by developing associations of theories in a more accessible way, since it is a work of conclusion of course. The purpose of this work is to enable a better understanding of what Parental Alienation is and in what sense Gestalt therapy can assist in the treatment of people who have experienced this violation of rights.

Keywords: Gestalt therapy. Parental alienation. Child in gestalt-therapy. Family in gestalt-therapy.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo visa apresentar e compreender a interface entre a Alienação Parental e Psicologia, baseando-se na teoria da Gestalt-Terapia. Viu-se a necessidade de associar a psicologia jurídica com a abordagem da Gestalt, pois existem poucas pesquisas sobre este tema, principalmente no que diz respeito à infância.

A Alienação Parental, de forma sucinta, é um termo utilizado quando um conjunto de atos praticados pelo genitor (pai/mãe) ou por um responsável passam a prejudicar o relacionamento da criança com o outro genitor e sua família (BRASIL, 2010). Abordando os possíveis conflitos relacionais entre os familiares e a criança que sofre tal abuso, levando em consideração que cada indivíduo possui histórico relacional e de contato diferente, não é possível padronizar as consequências que podem ocorrer com a violação do direito, mas, este estudo nos aponta como algumas consequências, tais como, o sofrimento psíquico, a diminuição de produtividade no meio escolar, tendências à agressividade entre outros. Na perspectiva gestáltica, o ser humano é compreendido como um ser que pertence a uma rede de relações e de contato, que interferem a todo o momento nas experiências vivenciadas (SPANGENBERG, 2007).

Quando emerge a identificação da violação do direito da criança, torna-se necessário o encaminhamento das partes afetadas para o acompanhamento terapêutico, pois, somente desta forma, existirá a capacidade de uma confirmação de que houve ou não a violação (COSTA et al., 2009).

Ainda, será analisado o filme Morte Inventada, que apresenta relatos de pessoas que sofreram Alienação Parental, como elas se posicionaram diante de tal situação, qual a afetação presente no período da infância e no atual.

Como hipótese, tem-se que a Gestalt terapia, consegue abordar o tema da alienação parental de forma acessível, pois considera que a criança é, entre outras influências, resultado de sua interação ambiente, eu e o outro, portanto na análise da situação alienante, trabalha-se a perspectiva de cada sujeito, as

condições predisponentes; as situações encobridora e as consequências deste conjunto para o menor vulnerável, portanto fica viciada a culpabilização de uma das partes, avalia-se a totalidade em que a questão se localiza. (AGUIAR, 2015).

Diante dos aspectos apresentados, o trabalho visa apresentar o trabalho do psicólogo na área judicial, assim como o que é alienação parental, juntamente com o tratamento através da abordagem da Gestalt. Este objeto de pesquisa surgiu durante minha experiência como estagiária na Vara de Família, momento em que foi possível ver na prática a Alienação Parental. Desta forma, foram utilizados referenciais teóricos, associados à análise do documentário através de um estudo qualitativo. Os resultados podem ser ampliados em outra oportunidade de estudo, porém foi possível perceber que existe a necessidade de mais trabalhos sobre criança em Gestalt assim como a associação das abordagens, visto que é importante o trabalho em rede entre psicólogos judiciais e clínicos.

2 TRABALHO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO JUDICIAL: VARA DE FAMÍLIA

A atuação do psicólogo se iniciou neste campo na década de 50, elaborando laudos nas Varas Cíveis, Criminais, Justiça do Trabalho, Vara da Família e da Criança e Adolescente. São atribuições do Serviço Psicossocial Forense a atuação nos processos encaminhados e realizar o estudo psicossocial elaborando um relatório final dos casos (COSTA et al, 2009).

O psicólogo nesta práxis, também é responsável por realizar entrevistas, individuais e conjuntas [caso as partes concordem], promover visitas nas residências, o que possibilita a melhor compreensão do contexto a ser estudado. Através destas formas de abordagem, o psicólogo consegue ouvir todos os envolvidos, assim, o estudo se torna o mais próximo, completo e preciso (COSTA et al, 2009).

No processo de divórcio litigioso, pode ser considerado que o casal ainda não tenha conseguido recuperar-se do luto da separação, o que dificulta que haja uma boa comunicação, aqui, emergem situações extremamente doídas, não resolvidas e indisposição de ânimos, o que pode impedir que se chegue a uma solução durante uma entrevista conjunta.

A separação envolve geralmente um processo de luto para todos os envolvidos, pois além de existir um vazio, ainda há a perda, então este processo é natural, porém muito difícil, e também é representativo na sociedade.

Diante do explanado, vê-se que é importante existir o trabalho inter e transdisciplinar, pois Direito e Psicologia devem ter boa comunicação, para que os princípios e direitos de família sejam preservados. Pelos trabalhos desenvolvidos e as necessidades emergentes, os psicólogos que atuam nessas áreas perceberam que crianças que sofrem alienação devem ser observadas, visto que há o sofrimento, a perda e a ruptura das relações no contexto familiar, assim, alertaram a importância deste trabalho em conjunto.

2.1 ALIENAÇÃO PARENTAL

A alienação parental segundo Waquim (2015, p. 18) é “[...] todo o distanciamento que se vislumbra entre prole e genitor, afastamento este que pode ser justificado ou não, ou seja, nem toda alienação parental decorre da implantação da síndrome [...]”. A alienação pode ocorrer por diversos fatores e por pessoas diferentes, pode ocorrer durante o casamento, onde um dos genitores denigre a imagem do outro para o filho ou filha; os familiares também podem interferir, utilizando-se de argumentos negativos sobre um dos genitores e/ou familiares, então, esta violação, não surge apenas a partir de uma separação, existem vários motivos (WAQUIM, 2015).

A síndrome da alienação parental foi nomeada e descrita pelo psiquiatra norte-americano Richard Gardner em 1998. Consiste em um processo em que a criança é programada, por um dos genitores, a odiar o outro genitor sem justificativa. Cria-se um pacto de lealdade inconsciente entre a criança e o genitor alienador, visando à destruição do vínculo afetivo entre ela e o genitor alienado (SILVA, 2006).

Waquim (2015, p. 57) acrescentou duas novas nomenclaturas para a descrição de Alienação subdividindo em Alienação **Parental** Induzida e a Alienação **Familiar** Induzida, sendo a primeira um “[...] conjunto de comportamentos de um genitor que visa especificamente prejudicar o convívio do outro genitor com a prole em comum, sem que essa prática interfere na constelação familiar como um todo”.

Portanto esta seria em uma situação onde um dos genitores prejudica o outro, porém sem interferência da família.

Alienação **Familiar** Induzida foi colocada como “[...] conjunto de comportamentos de um ou mais familiares que visa prejudicar o exercício do direito fundamental à convivência familiar entre crianças e adolescentes e outros familiares” (WAQUIM, 2015, p.58), neste sentido, existe uma ruptura das relações entre criança e os familiares, não havendo contato em visitas ou telefonemas. Diante disto, Waquim (2015) afirma o quanto é importante os vínculos entre os familiares, porém existem situações que estes acabam retirando o direito de ter esta convivência de forma sadia.

Em 26 de agosto de 2010 foi criada a Lei 12.318, esta dispõe sobre a alienação parental.

No Art.2º desta lei, cabe lembrar que este pode ser praticado por familiares, padrasto/madrasta, onde a pessoa denigre não só a imagem de um dos genitores, mas também pode fazer o mesmo sobre a família deste, deixando a criança em uma situação que ela não consiga discernir o que é verdade ou não, e acaba por se prender a quem conseguir manter-se mais tempo com ele.

No que diz respeito à consequência acarretada ao genitor alienante, quando constatado possibilidade de alienação, é feita uma investigação por psicólogos peritos a fim de auferir se a situação de fato ocorre. Em se tratando de uma conclusão afirmativa para a suspeita, o Art.6º da lei atenua os feitos segundo a gravidade dos casos, podendo estipular multa, ampliar a convivência em favor do genitor alienado, determinar acompanhamento psicológico, podendo até alterar o tipo de guarda ou até mesmo a suspensão da autoridade parental, ou seja, que este perca qualquer direito como genitor da criança, sendo destituído desta posição (BRASIL, 2010).

O alienador em diversos casos pode ser uma pessoa superprotetora com os filhos, em alguns momentos pode se posicionar como vítima da situação. Algumas vezes o alienador não acata as decisões judiciais, negando visitas e contatos com o genitor alienado, além de manter um constante discurso negativo sobre o mesmo. Exemplos de comportamentos: recusa a passar o telefone para o filho, coloca obstáculos para a concretização da visita, apresenta o (a) novo (a) companheiro (a)

para o filho como se fosse pai/mãe, toma decisões importantes que dizem respeito à criança sem comunicar ao outro genitor, cria e sustenta a mentira de abuso físico, emocional ou sexual (SILVA et al., 2007).

Diante das demandas do genitor alienante, a criança acaba por se apropriar das verdades que este lhe diz, e começa a utilizar de justificativas para não se envolver com a parte alienada. Segundo Waquim (2015, p. 28) “Como justificativa para seu comportamento, o filho aponta experiências frívolas que poderiam ser facilmente superadas ou acontecimentos absurdos [...]”. Cumpre-se esclarecer que cada criança reage de uma forma diferente à alienação, inclusive quanto à maneira superar, mas mesmo quando a resposta para a situação seja diferente, existem consequências, as quais devem ser avaliadas a fim de compreender o significado da alienação para cada pessoa, não havendo padronização.

No que diz respeito a indícios da prática de alienação, a lei determina que:

Art. 5º Havendo indício da prática de ato de alienação parental, em ação autônoma ou incidental, o juiz, se necessário, determinará perícia psicológica ou biopsicossocial.

§ 1º O laudo pericial terá base em ampla avaliação psicológica ou biopsicossocial, conforme o caso, compreendendo, inclusive, entrevista pessoal com as partes, exame de documentos dos autos, histórico do relacionamento do casal e da separação, cronologia de incidentes, avaliação da personalidade dos envolvidos e exame da forma como a criança ou adolescente se manifesta acerca de eventual acusação contra genitor.

§ 2º A perícia será realizada por profissional ou equipe multidisciplinar habilitados, exigido, em qualquer caso, aptidão comprovada por histórico profissional ou acadêmico para diagnosticar atos de alienação parental.

§ 3º O perito ou equipe multidisciplinar designada para verificar a ocorrência de alienação parental terá prazo de 90 (noventa) dias para apresentação do laudo, prorrogável exclusivamente por autorização judicial baseada em justificativa circunstanciada.

Art. 6º Caracterizados atos típicos de alienação parental ou qualquer conduta que dificulte a convivência de criança ou adolescente com genitor, em ação autônoma ou incidental, o juiz poderá, cumulativamente ou não, sem prejuízo da decorrente responsabilidade civil ou criminal e da ampla utilização de instrumentos processuais aptos a inibir ou atenuar seus efeitos, segundo a gravidade do caso:

I - declarar a ocorrência de alienação parental e advertir o alienador;

II - ampliar o regime de convivência familiar em favor do genitor alienado;

III - estipular multa ao alienador;

IV - determinar acompanhamento psicológico e/ou biopsicossocial;

V - determinar a alteração da guarda para guarda compartilhada ou sua inversão;

VI - determinar a fixação cautelar do domicílio da criança ou adolescente;
VII - declarar a suspensão da autoridade parental.

Parágrafo único. Caracterizado mudança abusiva de endereço, inviabilização ou obstrução à convivência familiar, o juiz também poderá inverter a obrigação de levar para ou retirar a criança ou adolescente da residência do genitor, por ocasião das alternâncias dos períodos de convivência familiar (BRASIL, 2010).

De uma maneira geral, a separação consensual tende a evitar que a alienação parental ocorra, porém mesmo neste cenário, pode ocorrer a violência, mesmo após terem sido tomadas decisões concretas sobre a separação, poderá ocorrer que um dos genitores se envolva afetivamente com outra pessoa, podendo esta atitude vir a provocar ciúmes sendo que a parte que se sente afetada poderá reagir usando a criança como escudo. Nesses casos, muitas vezes há a abertura de um processo novo, visando modificar o acordo que já havia sido homologado, podendo modificar guarda, visitas e outros. Com isto faz-se necessário o estudo psicológico para analisar se existe alienação parental ou se há outro tipo de conflito entre as partes.

Como coloca Antony (2009, p.56), “Criança doente emocionalmente é família afetivamente adoecida em suas relações. Família doente é sociedade doente em seu sistema de valores, crenças, comportamentos e interações”. Portanto, todos os fatores que ocorrem durante o desenvolvimento da criança, não envolvem somente o seu conteúdo interno, vai além, compreende a cultura, a família, a sociedade e o ambiente ao qual a criança está inserida. Ela sofre influência de todos os elementos, e modifica o meio e também é modificada por ele, estando sempre em uma relação de afetação com o mundo.

No que se tratando da lei 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA, cabe apontar que: “Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. (BRASIL, 1990). Diante disto, nota-se a importância que é dada ao direito da criança e do adolescente. Portanto, cabe salientar algumas diretrizes, tendo como base, o direito à vida e saúde, direito de liberdade, respeito e dignidade, direito a convivência familiar e comunitária, direito a educação, cultura, esporte e

lazer, e ainda aborda assuntos como guarda, adoção e quanto a medidas cabíveis a situações inflacionárias dos infantes.

O ECA defende e protege o direito da criança, sendo a Alienação Parental uma ruptura de um direito, portanto, foi necessário a criação da lei para que medidas fossem tomadas no que diz respeito a esta violação.

3 GESTALT TERAPIA E A VISÃO DE SER HUMANO

80

A Gestalt-terapia foi influenciada por várias correntes teóricas; a do humanismo, do existencialismo, da fenomenologia, psicanálise, teoria de campo de Kurt Lewin, teoria organísmica, taoísmo de Lao Tse, Zen Budismo. Assim. Propõe abordar a pessoa humana de uma forma holística buscando fugir da dicotomia conceitual corpo e mente, investiga o campo como é experienciado pela pessoa no momento.

Assim forma-se a visão da Gestalt-terapia, que diz que o ser humano faz parte de uma totalidade, na qual existe a interação do campo, organismo e ambiente, os quais formam uma unidade inseparável que sofrem influências mútuas, constantes e recíprocas. (ANTONY, 2006).

A relação entre o indivíduo e o campo é conhecida como contato. Este processo cumpre com o papel de ser/estar consciente das situações vividas, além de buscar experiências novas e diferentes. O contato é considerado a base relacional fundamental, este surge da experiência do eu com o outro na relação de reciprocidade, sendo considerado um instrumento de crescimento (SILVA; GONTIJO, 2016).

Cabe salientar que existem paradigmas culturais que classificam o que é bom e o que é mal, o que acaba por implicar em uma visão de mundo dualista. Diante disto somos colocados a negar os pensamentos e experiências de um mundo como todo. Quando se trata de desenvolvimento, a criança será vista pertencente a um conjunto de sistemas, são eles, neurológicos, fisiológicos e psicológicos. Considerando que todas as habilidades, comportamentos e reações emocionais estão vinculados à relação entre o ambiente, à criança e o outro. (SOARES, 2005)

Durante o período da infância, as crianças também afetam e são afetadas por seu ambiente (sociocultural) e os acontecimentos os quais a rodeia. Assim, há uma relação de co-regulação dinâmica frente às mudanças que ocorrem no seu dia-a-dia, que acabam por influenciar na personalidade da criança (ANTONY, 2006).

Para a Gestalt, o desenvolvimento é considerado um processo singular e infinito, contemplando a possibilidade de se desenvolver durante toda a vida, em movimentos de constantes mudanças. Quando criança, esta vivencia uma constante relação de dependência com os adultos que estão no seu ambiente, os quais tomam as decisões para a criança, visando o melhor interesse da mesma. (AGUIAR, 2015)

3.1 LAÇOS E AFETOS: A CRIANÇA E A FAMÍLIA

Antony (2009, p.60) descreve o que é ser criança: “Ser criança é uma luta constante entre o eu em formação e o meio exterior que confunde a sua autodescoberta, a autoafirmação, a autorregulação e sua identidade”.

Segundo Aguiar (2015), quando abordado o tema do desenvolvimento, sob a perspectiva gestáltica, não cabe determinar etapas específicas com padrões de desenvolvimento, pois acaba por reduzir o ser humano a estas regularidades estabelecidas culturalmente. Assim, considera-se a criança como “transformadora do seu meio e protagonista do seu desenvolvimento, assim como o adulto” (AGUIAR, 2015, p. 47).

O ajustamento criativo é considerado uma forma adaptativa de compreender o que está ao seu redor, absorvendo e transformando tudo o que está em seu ambiente, sendo esta uma constância ao longo da vida. Através do ajustamento criativo a criança:

Convive com seu meio familiar, social e escolar e constrói gradativamente sua história de vida no contato com eles. Por intermédio de seus ajustamentos criativos, ele vai pouco a pouco se inserindo de forma cada vez mais ampla no mundo, pela aquisição de recursos e domínio daquele que o mundo oferece, experimentando, mastigando, transformando o novo em algo assimilável, desenvolvendo e aprendendo coisas. Os campos de onde faz parte, por sua vez, transmitem seus mitos, valores. Modo de ser e perceber o mundo (AGUIAR, 2015, p. 53).

Antes mesmo do nascimento, a criança na barriga da mãe, já é afetada e afeta seu ambiente. Durante este período da gestação, os genitores começam a

idealizar a criança, fantasiar como ela será e criam expectativas. Assim, mesmo ainda em desenvolvimento intrauterino, ela entra em um processo de introjeção, o qual absorve todas as informações que lhe são passadas, como carinho, rejeição, projetos de vida, valores, mitos e aspectos culturais diversos. (AGUIAR, 2015)

O processo de introjeção fornece a base sobre a qual a criança construirá seu conhecimento a cerca de si mesma e do mundo, e de início aquilo que é apresentado é entendido como a única possibilidade de perceber o mundo, as pessoas, as coisas o que é certo e o que é errado e principalmente quem é ela (AGUIAR, 2015, p. 58).

Após o nascimento, surge o primeiro dilema do contato que é a da união e separação. Está relacionado à relação de confiança entre mãe [ou representante materno] e o bebê, o fato dela estar na presença da mãe em seu contato visual e físico, favorece a questão da união, porém neste movimento presença e ausência materna, acaba por tornar-se a primeira Gestalt aberta da criança, com este conflito de contato que permeia durante o desenvolvimento. O vínculo com a mãe deve existir de forma que o processo de separação-individação seja bem sucedido (ANTONY, 2006).³

Os genitores tem papel fundamental para o desenvolvimento da criança, eles devem estar presentes auxiliando ao máximo as diversas áreas da criança a serem desenvolvidas, seja a parte cognitiva, a motora e a corporal. A partir desta contribuição paternal, a criança terá sua construção da autoconfiança para buscar a sua autoimagem, confirmando a noção do “eu” e desenvolvendo a sua personalidade (ANTONY, 2006).

Caso ocorra à ausência de um dos genitores, a criança pode vivenciar uma ruptura afetiva abrupta que pode vir a gerar diversas consequências relacionais, seja com o genitor alienado, com o alienante ou em qualquer outro envolvimento afetivo futuro.

³ Cumpre esclarecer que durante o trabalho, as notas de rodapé são conclusivas quanto à leitura das teorias e análise das práticas da autora deste trabalho. Portanto, neste ponto cabe salientar que no caso de separação dos pais, muitas vezes os genitores colocam uma carga grande de responsabilidade emocional na criança, que dificulta o processo de individualidade. Em entrevistas foi possível perceber que alguns genitores abrem mão de sua vida particular dizendo que vive pelo filho, colocando-o como o objeto que traz a felicidade ao genitor.

A criança vive a ambivalência do amor e do ódio em relação às figuras parentais. A angústia, a raiva, a tristeza que a criança provoca nos pais produzem sentimentos de angústia (pelo medo de retaliação e rejeição) [grifo do autor] e culpa por seus atos. Pais que se fazem de vítima e utilizam a “retirada do amor” [grifo do autor] como estratégia punitiva leva a criança a desenvolver fortes sentimentos de culpa pelo bem ou mal-estar do outro (ANTONY, 2006, p. 6)⁴.

A cada frustração durante o crescimento, nasce uma insatisfação e uma Gestalt fica aberta, podendo acarretar em um distúrbio psicológico. Genitores rígidos que impedem a autonomia da criança podem ter como uma possível resposta, sintomas de agressividade, a qual pode ter sido advinda da Gestalt aberta entre mãe e criança, apresentada por um sentimento de raiva oculta de dependência e independência da mesma (ANTONY, 2009)⁵.

Levando em consideração o quão importante são as relações entre familiares e as crianças, qualquer forma de violação dos direitos da mesma acaba por acarretar em diversas questões que podem trazer consequência no desenvolvimento da personalidade da mesma.

Quando falamos da interferência relacional por parte de um dos genitores para com a criança e o outro genitor, falamos de Alienação Parental. A consequência deste corte abrupto do convívio pode trazer diversos danos à criança. A crença no genitor alienante é marcante, a dinâmica familiar começa a se tornar frágil, e então a partir disto o ambiente e as relações são vividos de maneira apreensiva pela criança (ANTONY, 2009).

Compreendendo este cenário, o psicólogo jurídico encaminha para acompanhamento terapêutico quando percebe que existe uma situação em que a criança acredita em algo e fantasia a realidade, que se torna conflitante entre o que é real e o que não é, quem está certo ou não, entre outras questões. Então, o psicólogo da Gestalt deverá compreender o contexto familiar para poder avaliar se

⁴ Desta forma quando um dos genitores alega que o outro não ama mais a criança, que este não a procura por falta de amor, pode provocar uma angústia no filho, gerando sentimentos de culpa, seja pela separação dos pais, ou motivo para este genitor não ser mais presente, entre outros motivos. Acredita nas histórias do genitor alienante, que diz que a ama, e distancia do outro, tornando o abandono como uma forma punitiva. Deixando claro que o distúrbio vai surgir do que está no campo, visto que ninguém adoce sozinho.

⁵ Quando existe a separação dos pais, para evitar conflito, passividade e agressividade, a criança revela conduta de submissão e amabilidade com o outro, visa agradar, deixando às vezes de expressar o amor a um dos genitores para não gerar brigas, ciúmes, situações que geram mal estar entre os envolvidos.

existe alienação ou não além de fazer um acompanhamento durante um período para que se torne possível a eliminação da alienação de forma sadia sem prejudicar nenhuma das partes.

4 MOMENTO TERAPÊUTICO

A procura pelo terapeuta muitas das vezes ocorre somente quando os genitores percebem que a criança começa a fazer birras, brigas, raiva, são alguns sintomas que aparecem como queixa dos genitores, porém estes não conseguem a princípio compreender de onde vem toda a agressividade ou qualquer que seja o sintoma. Não é culpa dos pais, em nenhum momento deve-se culpabilizar, somente deve-se tomar consciência da importância dos atos que são feitos no ambiente e em como a criança toma estes para si.

Para lidar com as crianças em terapia, é necessário conversar com os genitores e conhecer o contexto familiar. Através desta avaliação, será possível compreender o que fez os genitores procurarem a terapia, pois as gestalts abertas destes podem ser projetadas nos filhos e acarretando no aparecimento de sintomas nas crianças. (RIBEIRO, 2006)

Com frequência a criança não se abre para os pais, não conseguem expressar exatamente o que sentem, até porque muitas das vezes eles também estão passando por situação conflituosa e a criança se sente culpada por expor seus sentimentos, ela busca evitar trazer mais pesar e infelicidade.

Diante destas situações, as crianças acabam por ter um sofrimento específico, podendo ser por experiências ruins, torna-se, então, necessário a procura de um terapeuta. Conforme Oaklander “[...] Geralmente a ajuda é necessária para elaborar os sentimentos resultantes, que são oprimentes, ou que podem estar soterrados causando problemas indiretos” (OAKLANDER, 1980, p. 275).

O primeiro encontro normalmente é com os genitores, para que seja possível a compreensão do contexto da criança e também as queixas que os pais possuem, porém, é importante deixar claro que a relação terapeuta cliente é com a criança, o posicionamento diante dela deve ser de transparência, com clareza e honestidade.

Em alguns momentos no desenvolver da terapia, quando houver a necessidade, reúne os genitores e a criança, no decorrer dos atendimentos, sempre que for preciso (AGUIAR, 2015).

Após as apresentações e questionamentos acerca da procura da terapia, é interessante, de acordo com Oaklander (1980), que reserve um tempo para conhecer a criança, se apresentar e mostrar que o ambiente seria de acolhida, que lá ela seria tratada com respeito, que traz o interesse por saber da criança e não como se ela fosse um objeto de estudo e análise. O trabalho é em conjunto, onde existe a confidencialidade e a conversa sobre os sentimentos existentes, em um ambiente acolhedor onde ela possa se sentir confortável.

Completando a ideia de Oaklander (1980), Aguiar (2015) apontam de forma mais descritiva a metodologia utilizada para o atendimento, principalmente na primeira sessão, momento em que serão coletados alguns dados, que são verbalizados ou não, para compreensão do contexto em que a criança está inserida. Cabe ressaltar, que estes dados devem ser acompanhados durante todo o processo terapêutico a fim de atualizar a compreensão a partir das observações do psicoterapeuta.

É importante que se estabeleça o vínculo terapêutico entre terapeuta, criança e responsáveis, pois o processo é conjunto. A melhor forma de estabelecer o vínculo seria demonstrando que o ambiente é seguro, acolhedor, que existe respeito da singularidade de cada um, fornecendo um espaço onde a pessoa pode ser quem é em sua verdade.

Assim, para que isto ocorra o terapeuta também deve compreender que a verdade dele não é absoluta, julgamentos não devem ocorrer, então, “abre-se mão da ideia ⁶ de verdade, já que não pode haver sistemas teóricos explicativos, restando à experiência, os discursos, a linguagem e a conversação entre o terapeuta e seus clientes” (PONCIANO, 2002, p. 8).

De acordo com Aguiar (2015), a Gestalt durante muito tempo negou a existência de diagnóstico, visto que considera o ser humano como total, portanto

⁶ De acordo com a nova norma ortográfica, ideia não utiliza acento mais, porém levando em consideração que esta é uma citação direta, viu-se necessário que a palavra deve ser mantida como no texto original.

não cabendo à padronização, classificação do homem, onde estes são colocados em uma posição de julgamento de suas escolhas, atitudes e comportamentos, como se a cada momento eles fossem caracterizados como um diagnóstico e não como a pessoa singular que ele é.

Assim, depois de anos, os terapeutas desta linha começaram a perceber que existe a necessidade de se posicionar no que diz respeito à questão diagnóstica, porém, deram um novo nome para isto, sendo denominado de compreensão diagnóstica, “[...] privilegia a observação, a descrição da experiência singular do cliente, a identificação de como ele interrompe o fluxo do contato e o tipo de apelo que ele endereça ao psicoterapeuta [...]” (AGUIAR, 2015, p. 93). Assim, acredita-se que o desenvolvimento do processo terapêutico aponta situações e conflitos específicos que são vivenciados por cada cliente e que este acaba por transmitir alguns aspectos sobre o contexto em que ele está presente.

O terapeuta deve compreender que na situação de alienação parental, no momento da terapia, a reação do presente deve ser analisada como o vestígio emocional atua no aqui agora, como esta experiência de violação aparece no momento de vivência atual, levando-se em consideração que a realidade é o aqui e agora (RIBEIRO, 2006).

A partir disto, é interessante usar meios para que a criança consiga se expressar, muitas delas podem não verbalizar, então a utilização de desenho, e fantasias podem trazer grande auxílio para a sessão, buscando-se ter como objetivo de trabalho fazer com que a criança consiga entrar em contato com sua autoconsciência e levar os pontos que a perturbam para a sessão, podendo expressar de diversas maneiras diferentes, seja por desenho, jogos, histórias, entre outros.

A partir dos desenhos, é possível que se trabalhe as projeções, as quais possibilitam a manifestação de aspectos que a criança não tem consciência ou algo que não quer ou não pode revelar. A partir da leitura deste desenho, pode-se compreender algumas questões advindas do interior da criança. Este método é expressivo e criativo que faz com que o cliente se abra mais, tornando possível conversar sobre o mesmo com a criança, a fim de compreender melhor o que se

passa e o que o desenho representa para a mesma. É importante lembrar de que não se deve simplesmente interpretar o que o desenho indica.

A fantasia também é utilizada como instrumento terapêutico, pois ela torna visível o que está oculto, sendo considerada inclusive uma expressão de sentimento. De acordo com Oaklander (1980, p. 26) “A fantasia torna-se um meio de expressar as coisas que ela tem dificuldade em admitir como realidade”. Portanto é uma forma de abordar assuntos que para a criança podem ser complexos, e demonstram mais facilidade quando se utilizam da fantasia, do desenho e do lúdico em geral.

É importante salientar que o terapeuta diante deste cenário tem o papel de procurar traduzir o que vê e não fazer a interpretação, levando em consideração também, que as projeções podem acontecer, como também podem estar vinculadas à fantasia infantil ou influenciadas por criação específica da criança, de filmes e desenhos que assiste (OAKLANDER, 1980).

Assim, depois de conseguir trazer para o aqui e agora a experiência passada, o indivíduo começa a se tornar consciente de si, e somente desta maneira irá se atentar nas dificuldades, se tornando capaz de fazer uma releitura do que já passou. Este movimento é conhecido como *Awareness*⁷, o dar-se conta, tomar consciência da própria consciência, a experiência da própria totalidade. (RIBEIRO, 2006)

Quando necessário, é importante que exista um trabalho com a família, neste momento, o objetivo é de todos terem voz, a comunicação deve ser livre, aberta ao diálogo, sendo o terapeuta responsável por mediar algumas situações, principalmente no que diz respeito à alienação, visto que este cenário gera alguns conflitos.

Para Ponciano (2002) a família é entendida como um sistema aberto em transformação, onde todo o ambiente vive em constante mudança, inclusive no que diz respeito à adaptação dos genitores à chegada dos filhos, surge uma nova relação de compromisso, responsabilidade.

Para Oaklander (1980) é importante ter todo cuidado no momento do término da terapia. Levando em consideração que no geral as crianças não possuem muitos assuntos inacabados, ela considera o período de três a seis meses de acompanhamento como suficientes, logicamente este tempo é relativo, deve-se

⁷ Palavra estrangeira.

avaliar como está o desenrolar da terapia e avaliar juntamente com a criança e os genitores se consideram que está sanada a queixa.

Faz-se uma análise de todos os fatos ocorridos até então, principalmente com a criança, terapeuta e cliente juntos refletem sobre como foi o desenvolvimento e conseguem chegar à conclusão de que o término da terapia está para chegar, e assim, marca-se a data do último encontro com uma previsão de quando será este momento. Nada impede que esta criança não possa voltar para a terapia, mas o objetivo é fazer com que ela se torne autoconsciente, então.

Na Gestalt, o fato de sermos seres de relações e de afetações, faz com que no término do trabalho, no momento da separação, possa surgir sentimentos no terapeuta e no cliente, pois o processo foi importante para ambos, não há como negar a existência de um sentimento neste momento. Não há razão para não chorar, ou se emocionar diante do cliente, este conseguirá perceber que também foi de grande importância no desenrolar dos atendimentos, não há nada de errado em ser humano.

Como Antony (2006, p. 6) aponta, “Após longa prática clínica, passei a considerar que as doenças psicológicas são doenças do amor: da falta de amor, do excesso de amor, do amor possessivo e egoísta, do amor deformado que gera o medo de amar e ser amado”.

5 ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO A MORTE INVENTADA⁸

O documentário, Morte Inventada aborda o tema da alienação parental, nele estão presentes psicólogos, assistentes sociais, advogados e pessoas que sofreram esta violação de direitos. Foram selecionados os casos de Sócrates, genitor, e as filhas Karla e Daniela; José Carlos, genitor, e a filha Rafaella.

Inicialmente, a psicóloga Andreia Calçada (2009) aponta que a alienação parental se dá quando “um genitor altera a percepção da criança sobre o outro genitor. Alterando esta percepção, ele faz odiar”. (MORTE INVENTADA, 2009)

⁸ Este capítulo terá um breve resumo sobre os casos que foram escolhidos para serem trabalhados, e durante a exposição destes, teremos como referência o documentário, Morte Inventada (2009), em algumas citações diretas serão colocados apenas o nome da pessoa que fez o relato.

Acaba por existir um genitor que se torna um alguém que morre para a criança, mesmo estando vivo.

A assistente social Maria Luiza Valente (2009), coloca que a criança para a genitora alienante é como um prolongamento dela, que nasceu dela, relação vínculo intrauterino, sendo possessiva e acaba por anular o desejo da criança e seu próprio desejo.

Andreia coloca ainda, que existe alienação durante o casamento, que pode ocorrer por diversos fatores, às vezes pelo fato do outro genitor não estar muito presente, ou frustração entre o casal, entre outros. O genitor alienante desqualifica o alienado, o coloca como uma pessoa que não oferece bem estar para a criança, que o prejudica. E o alienante ainda diz que é o oposto do alienado, que é carinhoso, que protege que sabe o que é certo.

5.1 CASO DE SÓCRATES, KARLA E DANIELA.

Karla e Daniela não sabiam o nome e nem tinham foto do pai, a genitora relatava que o pai era bandido, que havia traído ela e ainda que ele tivesse a agredido, relatando que o genitor não estava presente, pois o mesmo não procurava as filhas, que não fazia questão de tê-las por perto.⁹

Após a separação, o genitor relatou que se sentiu agredido e humilhado pela mãe e pela justiça, que tentou contato, mas não conseguia, até que um dia a genitora teve interesse pessoal e finalmente as filhas tiveram o primeiro contato com o genitor. Ele relatou que as meninas pareciam “bichinhos assustados”. (SÓCRATES)

Após o primeiro encontro, foi combinado entre os genitores que as filhas iriam viajar com o pai, elas se arrumaram, mas ele não apareceu para busca-las em casa, a mãe dizia que ele não queria saber delas. Porém com o genitor, a mãe havia combinado que ele as encontrasse em outro lugar, assim ele fez. Quando ligou para ter mais informações do motivo delas não terem encontrado ele, a genitora respondeu que as filhas estavam abaladas com o encontro e que acha melhor ele se

⁹ Fato narrado desta forma pelas meninas, preferi manter desta forma para dar mais intensidade e sentido ao que elas expressavam em suas falas. Não foi uma citação direta.

afastar destas. Diante disto o genitor decidiu não interferir e esperar elas serem adultas e independentes para procurá-las.

Daniela e Karla disseram que o que ficou foi um sentimento de frustração e raiva, elas queriam o pai mais presente, mas também que nunca mais o vissem, que nunca tivessem o conhecido, que pelo menos em sua ausência elas não ficariam confusas. Apontaram ainda, que a genitora na verdade criou uma armadilha, fazendo com que elas tivessem dúvidas no que se tratava do genitor.

Aos 19 anos, Daniela foi agredida pela mãe enquanto dormia, esta decidiu fugir de casa, sem levar nenhum pertence e foi para a casa de uma amiga se abrigar. Quis se emancipar e sua mãe queria processá-la para que ela voltasse para casa, assim, ligou para o ex-marido para pedir autorização para entrar com a ação e ele negou. Logo em seguida ele procurou a filha e ofereceu apoio, ele morava nos Estados Unidos, e assim, levou Daniela e depois buscou Karla para irem morar com ele. Depois disto conversaram sobre os fatos que ocorreu e ele esclareceu a parte dele da história.

As meninas relataram que não gostaram do pai ter se afastado, acreditam que o genitor não deveria ter fugido da luta, apontaram ainda, que os filhos querem que o pai seja um herói, que este faça de tudo para os terem de volta e não perderem o contato.

E finalizaram dizendo que a alienação parental é um tipo de violência muito pior do que a física, pois a reconstrução psicológica é complicada, pois para a vida elas carregam o medo de serem aceitas, medo da rejeição.

5.1.1 Análise do caso Sócrates, Karla e Daniela.

Após a apresentação do caso, foi possível perceber que além do fato da genitora cortar por completo o vínculo relacional, ainda criou uma imagem distorcida de quem seria o genitor para as filhas. Estas quando foram o conhecer, imaginavam que ele seria agressivo, perigoso, assim, tiveram medo do primeiro contato. Após este, quando não conseguiram se encontrar novamente, o vínculo que poderia estar começando a surgir, foi abruptamente quebrado, quando não ocorreu o encontro

entre pai e filhas. Como consequência, surgiram sentimentos devido à ausência do pai.

Neste cenário, pode-se perceber que a genitora, como forma de criar o distanciamento das filhas com o pai, criou falsas memórias e denegriu a imagem do mesmo para elas, o que gerou o afastamento entre pai e filhas.

Não se sabe o motivo que desencadeou o movimento de afastamento feito pela genitora, pode ser por diversos fatores, como Dias et al. (2007) aponta, pode ocorrer por ciúmes, raiva, superproteção, onipotência, sedução e manipulação, baixa autoestima, dependência entre outros. Diante da percepção de que a criança é influenciada pelo seu meio e suas relações, estes sentimentos da genitora podem ser transferidos aos filhos, gerando a implantação de falsas memórias ou a criação de memórias distorcidas neles.

Diante das narrativas, a lembrança mais marcante para as meninas, foi a ansiedade, o medo, a insegurança, diante do genitor, pois não tinham muitas informações sobre o pai, portanto no momento do encontro houve uma mistura de sentimentos.

Outro fato apontado foi do genitor não procurá-las quando novas, elas acreditam que ele poderia ter tentado mais, que o pai tinha que ir além de qualquer barreira, que deveria conseguir um bom advogado e continuar tentando, pois diante da fala das mesmas, nota-se que elas se sentiram abandonadas por ele, como se não as quisesse por perto. Assim, como forma da recuperação deste contato, deve-se buscar um vínculo de forma processual, respeitando os limites das pessoas, não pode ser rápido e abrupto. Durante boa parte da vida delas não havia a presença do pai, este era uma pessoa ausente, portanto a paciência e a vontade de estar juntos deve ir evoluindo, sendo importante criar a possibilidade de se relacionar de forma saudável.

Neste caso, a mãe que a princípio era boa e amável, se tornou agressiva, isto trouxe questionamentos para elas, quando começaram a morar com o pai, elas perceberam que o que sabiam antes do pai não era verdade, que a genitora não passava as informações corretas sobre ele. A reconstrução psicológica é difícil, mas se as partes tiverem interesse, isto pode ser trabalhado em terapia tornando-se uma

relação benéfica para todos, o que não tem como conseguir é a recuperação do tempo perdido.

5.2 CASO DE JOSÉ CARLOS E RAFAELLA

Os genitores de Rafaella se separaram e Rafaella e seu irmão Diego, tiveram como lar de referência a casa de sua mãe no Rio de Janeiro e o pai [por motivos não esclarecidos] se mudou para residir em Recife. Depois de um período a genitora decidiu se mudar para Recife também, assim, o pai organizou escola, e montou um apartamento para que ela e os filhos morassem. Rafaella acredita que sua mãe se mudou, na época, acreditando que voltaria a ter relacionamento com seu pai, mas este já estava envolvido com outra pessoa, então, depois de três meses ela decidiu, por bem, que iria voltar para o Rio de Janeiro, e assim o fez, porém, sem avisar a José Carlos.

Até os 15 anos de Rafaella, o pai visitava os filhos quinzenalmente no Rio de Janeiro, ele tinha um emprego lá. Ela relatou que por conta da “mãe ser enganada” [grifo nosso], ela e o irmão ficaram apoiando a mãe, se posicionando como defensores da mesma, “tomamos as dores dela” (RAFAELLA). Não tinham vontade de ficar com o pai, dizendo que se sentiam traídos também, mesmo não tendo certeza de qual era a verdade sobre o fim do relacionamento dos pais, eles acabaram ficando a favor da genitora.

Assim, quando os irmãos saíam com o pai, eles se sentiam na obrigação de não aproveitar o tempo com o mesmo, pois, seria como se estivessem traindo a confiança da mãe, estar com o genitor, para eles, era obrigação que tinham que cumprir. Eles tinham cumplicidade pela mãe, e esta se mantinha dizendo constantemente coisas ruins sobre o pai, sobre a falta de comprometimento do mesmo com os filhos entre outros fatores.

José Carlos diminuiu a frequência das visitas, pois havia sido demitido. Então Rafaella somente entrava em contato com o pai para pedir dinheiro, ela achava que negando a relação com o pai ela conseguiria deixar a mãe orgulhosa e satisfeita, diante disto ficou 11 anos sem encontrar com ele. Acreditava que ele tinha desistido

dos filhos, pois não tentava se aproximar, ele dizia que era para preservá-la, mas ela não concorda com isto, e ainda diz que ele fez isto para preservá-lo.

Emocionada, Rafaella ainda relatou que buscou ajuda terapêutica e que durante este período percebeu que deveria conhecer melhor o outro lado da história, a versão dos fatos sendo narradas pelo pai, então ele a convidou para visitá-lo em Recife, quando chegou ao aeroporto, ela disse que mesmo depois de tanto tempo, ela o identificou como o pai, como se não tivesse ocorrido este distanciamento.

Para ela a mãe era maravilhosa, mas que por conta de seus discursos sobre o genitor, falando mal do mesmo, fez com que dificultasse a existência da relação da menina com seu pai. Disse que se a mãe tivesse percebido que ele era um bom pai, só não era um bom marido, que as coisas seriam mais saudáveis, e não teria tanto sofrimento no que diz respeito à dificuldade de relação que teve e do tempo perdido, em que ela não tinha contato com o genitor o qual não fez parte de grande parte da vida da mesma.

Diante disto, do reconhecimento do outro lado da história e do processo terapêutico, ela resolveu conversar com sua mãe falando sobre a alienação parental, porém a mãe não reconhece que fez algo de errado, então, Rafaella, para conseguir continuar a seguir sua vida se viu na posição de se afastar de sua genitora, foi morar com o pai e perdeu o contato com sua mãe e irmão.

Ao finalizar ela ainda apontou uma questão que permeia seus pensamentos, que é o medo de que ela faça a mesma coisa com os filhos, ela não quer usá-los como “fantoques” (RAFAELLA). Ainda diz que mesmo vivendo com o pai, e tendo esta proximidade, ainda existe um ressentimento que permeia toda a relação, algo que não deveria existir, que deveria ter sido resolvido de outra forma.

5.2.1 Análise do caso José Carlos e Rafaella

A relação da mãe com os filhos era de cuidado e de afeto, porém o fato dela não se relacionar bem com o genitor dos mesmos, tornou o vínculo dos filhos com o pai complexo, de desconfiança e de desprazer, onde as crianças não sabiam o que fazer e acabaram por apoiar a genitora, sendo fiel a esta e não se abrindo para o vínculo com o pai, e este acabou por se tornar um estranho durante anos.

Neste cenário, o genitor se colocou como ativo, que procurava e buscava manter a relação com seus filhos, porém durante tanta negação e mudanças no que diz respeito ao convívio com os mesmos, com isto, ele desiste de buscá-los durante um período, o que trouxe uma frustração na filha, que disse que este não deveria ter desistido de procurar, de enfrentar a genitora, apontando ainda, que ele estaria privando as crianças a terem uma relação, por conta de seu melhor interesse, se privando de conflitos com a genitora.

Quando Rafaella procura compreender-se melhor, e começa a fazer terapia, ela consegue perceber que há mais na história a ser contada, além de suas vivências, havia se perdido algo/alguém e, portanto ela buscou explorar estas questões e se pôs a encontrar o genitor para compreender melhor o que ocorreu e como podem ser solucionadas algumas questões do passado que ficaram mal resolvidas, assim, Cavanellas aponta que: “[...] enxergar o sintoma como expressão genuína do organismo e colaborar para que a criatividade se restabeleça trazendo novo horizonte de possibilidades saudáveis” (CAVANELLAS, 2007, p.232). Demonstrando que a partir da compreensão dos sintomas e dos fatores que ocorrem durante toda a relação danificada pela alienação parental, existe a possibilidade de tornar-se criativo, de forma assertiva, para conseguir que existam novas verdades, e novas noções de uma relação sadia.

5.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DOCUMENTÁRIO

Muito se discute sobre quem praticaria alienação em quem, não existe um padrão de qual dos genitores ou familiares poderia se tornar alienador existem dados de que muitas mães fazem isto, pelo fato de que durante anos, as mulheres no geral, detinham a guarda dos filhos. Mas o cenário atual aponta uma nova percepção, que em casais em que a mulher sofre violência doméstica, ou que o genitor tem melhor condição financeira ou qualquer outro motivo, situações que trazem o conflito para a casa e a criança por estar presente e por ter facilidade de absorver as informações e de receber introyeções [sejam boas ou ruins], acaba por ter um posicionamento diante do conflito.

Como Oaklander (1980, p. 222) aponta “[...] A criança observa, ouve, mede você. As crianças possuem uma maneira muito calibrada de avaliar rapidamente os

adultos e o comportamento destes com ela.”. A criança é muito perceptiva e demonstra a sua inquietação sobre seu ambiente diante de expressões a princípio de maneira sutil, podendo depois se expressar de maneira mais expansiva, onde acaba por tornar mais visível para os adultos de que algo não está certo.

A quebra do direito de ter pai e mãe e convívio com os familiares de ambas as partes, causa uma ruptura relacional da criança com o seu ambiente, este é visto como algo conflituoso, que faz com que ela seja colocada em um meio que não a respeita. Dizer que ama o filho/neto, não significa que estará fazendo o melhor para ele sempre. É importante perceber que todos os membros da família, mesmo não sendo perfeitos aos olhos de um deles, mas que são importantes para o desenvolvimento da criança e para a formação de sua personalidade. Excluir uma destas representatividades pode interferir drasticamente nas relações que a pessoa pode vir a ter durante a vida adulta.

Assim, tudo o que a criança tem como experiência é retratada pelo seu comportamento e forma de pensar e agir. O ser humano visto como um ser de relações e considerado em sua totalidade, é colocado em uma posição onde ele pode ser ativo e modificar sua situação ou pode cair no conformismo. Em casos de alienação, o genitor alienado pode perder as esperanças e o contato com os filhos; a forma de lidar com este contexto é de grande importância, o alienado tem como função, para sair deste cenário, se tornar ativo para que se torne possível à modificação da forma em que está sendo retratado.

Dar presente, ou ser invasivo não seria a melhor forma de se tratar, no campo da jurídica, deve-se buscar continuar batalhando, assim como no caso de Sócrates, em que uma das filhas expressou o desejo de que ele tivesse buscado mais forças para não ter perdido o tempo de união com as mesmas. A parte burocrática não é fácil, portanto, independente se é ou não comprovada alienação, é importante que todos que estão vivenciando este momento de tensão, busquem o auxílio terapêutico a fim de encontrar maneiras mais saudáveis para que seja possível manter as relações.¹⁰

¹⁰ Conclusão feita pela autora do artigo, utilizando-se as falas no documentário junto ao referencial teórico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ainda não haja muitos estudos com crianças na Gestalt Terapia associados à Alienação Parental, este trabalho teve o intuito de tornar possível a junção dos temas para que estes sejam mais compreendidos trazendo uma nova percepção da construção terapêutica no contexto de uma alienação, levando esta constatação a uma nova noção de perspectiva e abordagem.

A abordagem da Gestalt- Terapia foi compreendida como importante para o trabalho com crianças que sofreram Alienação Parental, pois considera que o indivíduo existe em relação, é uma abordagem que possibilita a ampliação de conhecimentos sobre o contexto vivenciado pela criança, compreendendo sua realidade, fazendo a leitura do que chega ao ambiente terapêutico associando com os vínculos relacionais e sua importância no desenvolvimento infantil. Não é simplesmente considerado a criança e seu inconsciente, mas sim ela, seu ambiente, suas relações, como ela modifica e é modificada pelo campo, além de que utiliza do potencial da criatividade como meio de chegar a uma resolução dos problemas.

A Alienação Parental não torna a ruptura do vínculo afetivo com um dos genitores como algo permanente, com o apoio da família e acompanhamento terapêutico, de preferência com todos os envolvidos nesta situação, é possível que ocorra a reinserção do genitor alienado no convívio com o filho, seja na infância ou em outra fase. A partir desta, poderá surgir uma nova perspectiva do laço afetivo, acarretando gradativamente em um estreitamento da relação. O fato de se recuperar o contato, não quer dizer que irá substituir o tempo que foi perdido durante todo o afastamento, mas com o trabalho do terapeuta associado à família, há a possibilidade de entender e valorizar a relação que está sendo retomada.

REFERÊNCIAS

A morte inventada. Direção: Alan Minas. Produção: Daniela Vitorino. [S.l]: Caraminhola Produções, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dgLkikiYUmc>> (77min) Acesso em: 25 out. 2017.

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática.** São Paulo, Summus, 2015.

ANTONY, Sheila M. da R. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. **IGTnR**, v. 3, n. 4, p. 1-11. 2006. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/Artigos/a_crianca_em_desenvolvimento_um_olhar_gestaltico.htm>. Acesso em: 23 mar. 2017.

_____. A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. **Revista abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 55-61, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2017.

BRASIL. Lei 12.318, de 26 de agosto de 2010. Dispõe sobre a alienação parental. **Diário Oficial da União.** Brasília, 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12318.htm>. Acesso em: 23 mar.2017.

_____. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília, 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 23 mar.2017.

CAVANELLAS, Luciana B. Trazendo os pais pelas mãos: em busca de um sentido para a terapia de crianças. Rio de Janeiro, **IGTnR**, v. 4, nº 7, p. 230-235, 2007. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc.php?id=1024&article=160&mode=pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017

COSTA, Liana F. et al. **As competências da psicologia jurídica na avaliação psicossocial de famílias em conflito.** *Psicol. Soc.* Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 233-241, Ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2017.

DIAS, Maria B. et al. Incesto e alienação parental: realidades que a justiça insiste em não ver. São Paulo, **Revista dos Tribunais**, 2007.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo crianças**: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo, Summus, 1980.

PONCIANO, Edna Lúcia T. Família nuclear e terapia de família: conexões entre duas histórias. **Revista Estudo e Pesquisa em Psicologia**, v. 2, n. 2, 2002. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7757/5605>> Acesso em: 30 out. 2017.

RIBEIRO, Jorge P. **Vade-mécum de gestalt terapia**: conceitos básicos. São Paulo, Summus, 2006.

SILVA, Denise Maria P. **Psicologia jurídica no processo civil brasileiro**: a interface da psicologia com direito nas questões de família e infância. 1. ed. Revisada. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SILVA, Evandro Luiz et al. **Síndrome da alienação parental e a tirania do guardião**: aspectos psicológicos, sociais e jurídicos. Porto Alegre: Equilíbrio, 2007.

SILVA, Thalita Rodrigues; GONTIJO, Cristina Silva. A família e o desenvolvimento infantil sob a ótica da Gestalt-terapia. **IGTnR**, v. 13, n. 24, p. 15-36, 2016. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v13n24/v13n24a03.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

SOARES, L. L. M. Um convite para pensar sobre desenvolvimento em Gestalt-Terapia. **IGTnR**, v. 2, n. 3, [s.p.], 2005. Disponível em:<<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=58&layout=html>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

SPANGENBERG, Alejandro. **Gestalt-terapia**: um caminho de volta para casa. Local Livro Pleno, 2007.

WAQUIM, Bruna B. **Alienação familiar induzida**: aprofundando o estudo da alienação parental. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

“MUITO PRAZER, ME APRESENTO, O MEU NOME É... RENEGADO”¹: EXPERIÊNCIA E NARRATIVA NO RAP DE FLÁVIO RENEGADO[✓]

1

Joseli Aparecida FERNANDES²
Cilene PEREIRA³

¹ Esse verso faz parte da canção **Renegado**, de Flávio Renegado.

[✓] Artigo recebido em 13/08/2018 e aprovado em 20/11/2018.

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Vale do Rio Verde (2000). Especialização em Supervisão Escolar pela FIJ-RJ(2009); Inspeção Escolar pela Faculdade FINOM(2012); Gestão Escolar (2013-2015) pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestrado em Letras pela Universidade Vale do Rio Verde. E-mail: <josyfernanddes@hotmail.com>

³ Doutora em Teoria e História Literária. Docente do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: <coord.mestrado.lettras@unincor.edu.br>.

“MUITO PRAZER, ME APRESENTO, O MEU NOME É... RENEGADO”:

EXPERIÊNCIA E NARRATIVA NO RAP DE FLÁVIO RENEGADO

RESUMO

Este artigo propõe refletir sobre o modo como o *rapper* mineiro Flávio Renegado se apropria da própria vivência para a escrita de suas canções⁴. Nascido em Belo Horizonte, na comunidade Alto Vera Cruz, ele está hoje em seu terceiro álbum. Renegado apresenta em suas letras uma crítica social permeada pela ideia de resistência e pelo incentivo a atitudes positivas diante das mazelas que assolam a vida dos moradores da periferia. Pautado por suas próprias experiências de vida, ele leva informação e conhecimento, o que faz com que o *rapper* se assuma como o grande narrador e mensageiro de sua comunidade, um cronista das injustiças sociais, espécie de *griot* moderno, exercendo um papel político fundamental, o de entoar a história das pessoas, utilizando a arte como mecanismo de resistência. Para evidenciar isso, iremos analisar as canções **Renegado**, **Benção** e **Redenção**, todas pertencentes ao álbum **Do Oiapoque a Nova York**.

Palavras-chave: Vivência. Flávio Renegado. Narrador. Resistência.

“VERY PLEASED, I INTRODUCE MYSELF, MY NAME IS... RENEGADO”:

EXPERIENCE AND NARRATIVE IN THE RAP OF FLÁVIO RENEGADO

ABSTRACT

This study aims at discussing the way Flávio Renegado – a rapper who was born in Minas Gerais, Brazil – uses his own experience of life to write his lyrics. He – who was born in Belo Horizonte, Alto Vera Cruz community – has launched his third album. Some topics that permeate his lyrics are criticism of the society, ideas of resistance and encouragement to positive attitudes when facing the bad things that happen in the routine of those who live in low-income outskirts. Based on his own life, he spreads knowledge and it makes him the narrator and messenger of his community, a writer of social injustices, a kind of “modern griot” with an essential political role: telling people’s stories using art as a tool of resistance. In order to make it clear, we are going to analyze the songs **Renegado**, **Benção** and **Redenção** (all part of **Do Oiapoque a Nova York**).

Keywords: Life experience. Flávio Renegado. Narrator. Resistance.

⁴ Mesmo sabendo que a canção se constitui pela junção entre letra e música, o foco de interesse para esta análise se concentra nas letras, levando em consideração o discurso inscrito nelas, visto que este artigo tem como objetivo identificar como Flávio Renegado constrói, por meio de suas letras, a narrativa de sua vida.

1 INTRODUÇÃO

O *rap* (ritmo e poesia), o grafite, o *break* e o MC constituem os quatro elementos da cultura *hip hop*, que se origina no Bronx, região periférica de Nova Iorque (maior cidade dos Estados Unidos). Os artistas associados ao movimento expressam suas realidades por meio de questões de cunho social e político, tendo ainda como propósito o entretenimento. Segundo as autoras Janaína Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano, o movimento nasce norteado por ideologias ou parâmetros ideológicos de autovalorização de jovens negros (resultado da diáspora negra) através da recusa consciente de estigmas relacionados à violência e à marginalidade que estavam associados a eles, imersos em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial. O meio mais importante para se livrar dessa situação seria a disseminação da palavra: por meio de ações culturais e artísticas, esses jovens seriam induzidos a pensar sobre sua realidade com o objetivo de tentar transformá-la (Cf. ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p. 19).

No Brasil, o movimento *hip hop* traça uma trajetória bem parecida com a que se deu nos Estados Unidos, tendo como porta de entrada a dança, e a cidade de São Paulo como espaço inicial, espalhando-se, depois, para outros centros urbanos. Ana Lúcia Silva Souza, a partir da leitura de autores como Gilroy, Hall e Canclini, aponta que como movimento cultural, o *hip hop*

[...] se transforma nos vários contextos em que aporta, hibridiza-se e assume distintos formatos, resignificando de maneiras diferentes os efeitos do fenômeno da diáspora negra pelo mundo, fazendo da musicalidade um dos elementos de sustentação de sua organização social, cultural e política (SOUZA, 2011, p. 58).

No cenário nacional, o *rap*, o *break* e o grafite perdem seu caráter de simples forma de expressão ou diversão para se transformar num estilo de vida, uma forma contemporânea de engajamento social, fazendo com que o *hip hop* passe a existir enquanto forma identitária que irá mediar a relação dos sujeitos com o social,

funcionando como uma forma artística, espontânea e criativa de inclusão e possibilidade de ascensão dos sujeitos que estavam a mercê de todo e qualquer tipo de exclusão. No caso específico do *rap*, ele acaba por representar

[...] a voz das minorias em tom de provocação contra tudo que sofreram. Exclusão é sua palavra-chave. Incômodo e subversivo, critica ferinamente a sociedade [...] O gênero torna-se plataforma de protesto contra a pobreza, a violência e o racismo (CARMO, 2010, p. 182).

Em Minas Gerais, um dos *rappers* de destaque é Flávio Renegado, nascido em Belo Horizonte, na Comunidade do Alto Vera Cruz⁵. Neste artigo, propomos refletir sobre o modo como Renegado apropria-se de suas experiências de vida para levar a sua comunidade mensagens de resistência e atitude frente às adversidades do sujeito periférico, destacando ainda a ideia de que a vivência do *rapper* é importante para a construção de sua arte. Isso porque, segundo Santos, a periferia, local de vivência do *rapper*, é “o ‘espaço do acontecer’, uma espécie de matéria prima para a criação de raps, transformando a experiência vivida em poesia musical, utilizando como estratégia de comunicação os ‘eventos’ que são produzidos nesses lugares” (SANTOS, 2013, p. 21). Para tanto, propomos a análise de três canções de Renegado, presentes no álbum **Do Oiapoque a Nova York**, de 2008: **Renegado**, **Benção** e **Redenção**.

⁵ A comunidade Alto Vera Cruz está localizada na região leste da capital mineira. Num passado mais remoto a área pertencia a fazendas de propriedade das famílias Necésio Tavares, Marçola e Jonas Veiga. Partes dessas terras foram vendidas para a Comiteco e posteriormente para a Ferrobela (Cia Mineradora de Belo Horizonte), que deveria promover a urbanização do lugar. Como isso não ocorreu, a área ficou abandonada e degradada ambientalmente. Apesar disso, era bem servida pelas águas limpas e abundantes do córrego Santa Teresinha, que nessa época era margeado por uma densa mata. A ocupação deste espaço se dá em 1950, no qual a área que não contava com nenhuma infraestrutura ou saneamento básico. Na década de 1960 é que o povoamento se intensifica com a chegada de trabalhadores provenientes da construção civil. Nessa época, o único meio de acesso ao local era o trem que vinha de Sabará, a “Maria Fumaça” e a “jardineira” que passava na rua Leopoldo Gomes com Caravelas. Os moradores costumavam andar a pé até o bairro Horto para pegar o bonde. O bairro conta com um comércio muito intenso, que se concentra na Rua Tebas. O local possui uma vida cultural rica e diversificada, abrangendo centros culturais, associações, projetos culturais e sociais, grupos de esporte e lazer, entre outros. Há ainda uma escola, A Escola Municipal Israel Pinheiro, que presta atendimento para crianças a partir de 6 anos de idade até jovens e adultos, que oferta ainda vários cursos de qualificação profissional. Disponível em: <https://www2.icb.ufmg.br/projetosol/?page_id=206> Acesso em: 12 nov. 2017 e <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=39243&chPlc=39243&&pldPlc=&app=salanoticias>> Acesso em: 12 nov. 2017.

2 O RAP DE FLÁVIO RENEGADO: VIDA E ARTE

Filho de mãe solteira e o segundo de três irmãos, Renegado iniciou sua carreira aos treze anos, quando entrou para a cultura *hip hop*, participando de bandas efêmeras como o *Brothers do Rap*. Ao entrar para o mundo artístico, assumiu o apelido adquirido quando criança, Renegado.

Em 1997, então com 15 anos de idade, criou o grupo Negros da Unidade Consciente, o NUC, junto com sua irmã, Dani Crizz, com Negro F e DJ Francis. O grupo teve duração de dez anos, fez shows em várias partes do país e liderou importantes projetos sociais na comunidade. O NUC apresentava como características o diálogo com outros estilos musicais e o significativo apelo social nas letras de suas canções. A partir dele, Renegado criou a ONG Grupo Cultural NUC.

Em 2007, com o fim do grupo, Renegado iniciou carreira solo, após convite da produtora Danuza Carvalho. Em agosto do ano seguinte, lançou seu primeiro álbum, **Do Oiapoque a Nova York**. A partir daí o cantor fez shows de divulgação do seu trabalho em várias cidades do interior do estado por meio do Projeto Natura. Este trabalho o levou também para shows na Europa, Oceania e Américas, num ciclo que se encerrou com um show em Nova York, no Central Park.

Foi em 2009, entretanto, que Renegado teve seu primeiro reconhecimento internacional, quando venceu o maior festival de *hip hop* da América Latina, o Hútz, nas categorias revelação e melhor site. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro clipe, com a música **Santo Errado**, que integrava seu primeiro CD. Esse clipe, gravado com Érich Batista, foi importante para que ele formasse parcerias com outros artistas e o levou a abrir shows de cantores aclamados da música popular brasileira, como Seu Jorge, Maria Alcina, Otto, Bebel Gilberto, Fernando Catatau, Mariana Aydar, entre outros.⁶

Em 2011, Renegado lançou mais um álbum, **Minha tribo é o mundo**, que apresenta um timbre mais urbano, sob forte influência de movimentos sonoros modernos. Com esse trabalho percorreu o país e integrou importantes festivais,

⁶ Disponível em: <[http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/Curriculo_Flavio_Renegado\(1\).pdf](http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/Curriculo_Flavio_Renegado(1).pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2017.

como o Black2Black e o Rock in Rio. Essa etapa culminou com o lançamento, em 2014, do CD e do DVD **Suave ao Vivo**. No mesmo ano, junto com a produtora cultural Danusa Carvalho fundou a Associação Cultural Arebeldia,⁷ uma entidade privada, sem vínculos partidários, religiosos ou lucrativos, que tem como objetivo a promoção da transformação social e a implantação de diversos projetos socioculturais na região do Alto Vera Cruz.

Em 2015, o *rapper* lançou o EP **Relatos de um Conflito Particular**, contendo sete faixas que tematizavam os sete pecados capitais. Produzido por ele próprio, o disco contava com participações de Alexandre Carlo, da banda Natiruts, e Samuel Rosa, do Skank. O EP contempla também dois clipes, **Só mais um dia** e **Redenção**, sob direção de Erich Batista e do próprio Renegado. Motivado pelo impacto do EP sobre os sete pecados, compôs outras sete músicas relacionadas às virtudes, nas quais conta a sua própria história.⁸ Com isso, lançou pela Som Livre, no ano de 2016, o álbum **Outono Selvagem**, no qual agrupou as músicas do EP com as músicas que acabara de lançar.

Ao longo de sua carreira, Renegado criou composições que expressam as principais dificuldades vividas pelas populações periféricas, representadas pela realidade da região em que ele passou toda a sua vida. Para isso, recorreu a letras que expressam um apelo social de maneira mais suave, abrindo espaço também para temas como relacionamentos afetivos e diversão,⁹ e indicando que a vida dos excluídos sociais, apesar do contato com a violência e com a carência, não é apenas marcada por estes elementos. Com essa postura, ele procura representar o morro, introduzindo em suas canções temas sociais relevantes, os quais são abordados de forma otimista, reativa, reflexiva e extremamente crítica.

Essa postura do *rapper* é explicada por Heloisa Buarque de Hollanda da seguinte maneira: “uma nova geração, em sua grande maioria, moradores das comunidades de baixa renda, elege a atitude artística (como é chamada) como forma de intervenção política” e essa intervenção é vivenciada “simultaneamente

⁷ Site oficial: <<https://www.arebeldia.org.br/>>.

⁸ Informação retirada do site oficial do álbum: <<http://flaviorenegado.com.br/outonoselvagem/>>. Acesso em 15 de abr. 2016>.

⁹ As canções que tratam desse tema são **Rola o beat**, **Qual o nome dela**, **A massa quer dançar**, **Tempo bom**, **Luxo só**, **Corda bamba** e **Maldita**.

como arte e como forma de transformação do cotidiano de suas comunidades” (HOLLANDA, 2012a, p. 87). Isso porque, segundo a pesquisadora, o *hip hop* desempenha um papel muito importante na vida dos jovens periféricos de todo o mundo, mas é no Brasil que os adeptos acrescentam mais um elemento à cultura, o “conhecimento”, o que de certa maneira acaba enfatizando o compromisso político e transformador do *rap*. Nas palavras da autora,

O conhecimento, chamado de o *quinto elemento*, é um componente extremamente importante, na medida em que o fator estruturante da estética hip hop brasileira é a questão do ativismo, da consciência de sua história, da afirmação da história de uma cultura local e de suas raízes raciais e, portanto, da necessidade da busca de informação e de conhecimento (HOLLANDA, 2012a, p. 87, grifos da autora).

Para Roberto Camargos, ainda que não assuma tal atitude de engajamento, faz parte da cultura do *rap* e do *rapper* brasileiros uma postura de envolvimento político, no sentido mais amplo do termo:

O engajamento no *rap* se espalha em um conjunto de ações, valores, práticas e discursos que estendem seu raio de ação às relações entre música e sociedade, entre cultura e política. A construção do sujeito engajado se efetua por meio do compartilhamento da visão segundo a qual o músico, graças às suas obras, participa de modo direto e pleno do processo social (CAMARGOS, 2015, p. 84).

É recorrente as letras de *rap* virem esculpidas em formas de conselhos e ensinamentos. E se para aconselhar é preciso falar da sua própria vida, os *rappers* fazem isso com muita facilidade. Segundo Camargos, ao relatarem a própria vida acabam criando “representações do real” (CAMARGOS, 2015, p. 136), pois enfatizam a verdade da sua mensagem. Tal experiência é relatada por praticantes do *rap*, como observamos abaixo:

[...] o *rap* é uma coisa autêntica, totalmente nossa, porque ele relata o que vivemos, problemas sociais que vêm desde os nossos antepassados e que têm de ser resolvidos. Por isso falamos deles e tentamos praticar uma forma de mudança. Eu acredito que não só as pessoas que moram em favelas e em comunidades necessitam ouvir o que falo (NEGA GIZZA apud CAMARGOS, 2015, p.136).

Renegado reitera as palavras de Nega Gizza ao afirmar que não há como “desconectar uma coisa da outra [ele se refere à vida e à obra], sou quem eu sou, pois tudo o que vivi me esculpiu, os meus problemas e conflitos me fizeram ser esta

pessoa, este poeta, ativista e sonhador, o filho da dona Regina” (RENEGADO apud FERNANDES, 2018, p. 131).

As canções **Renegado** e **Benção** são as escolhidas pelo *rapper* para contar sua própria história de vida. Vejamos, primeiramente, a letra de **Renegado**¹⁰:

Renegado, cão sem dono menino bandido
Renegado, me preservo e suicido
Renegado, com disposição se for aquilo
Renegado, por isso dou meu melhor

Entre becos e ruas escuras sempre caminhei
Com bandidos e ladrões criei e me criei

Aprendi que na vida não se marca bobeira
Senão vem alguém e me puxa a rasteira

Tá bom! Vou te contar uma parte da minha vida
Mano! E tanta fita que cê num acredita

Histórias de um passado ainda recente
Aonde o corpo não é mais forte que a mente

Na luta! Quem é fraco perde
O sol nasce para todos, mas a sombra é pra quem merece

No jogo! Vence o melhor
O bom malandro dá a volta pôr cima e nunca fica na pior

Não dá, não cede, sempre barganha.
A vida para mim sempre foi um perde e ganha

O meu lugar no pódio já está reservado
Muito prazer, me apresento, o meu nome é...

[REFRÃO]

Não. Aqui malandro aqui o papo é diferente
Pois personifico o que o inimigo teme
Negro, pobre, bem informando
Fui Renegado mas o passaporte tá carimbado

Conheci o mundo e outras formas de favelas
Conheci los chicos que lutam lá mesma guerra
Valores que não estão à venda
Respeito, amor e justa renda

Por poder a luta é travada
Desde o Santo Graal ao domínio da bocada

Nesta disputa vamos ver quem vai ganhar?
Corre atrás, que a minha cara é o primeiro lugar

¹⁰ Neste artigo, optamos por citar integralmente a letra a ser analisada para que o leitor possa ter uma dimensão do total do discurso do *rapper* mineiro.

Entre lobos e meninos sobrevivo sem medo
Microfone, caneta e uniforme alvinegro

Já falei, o pódio tá reservado
O meu nome você sabe bem qual é

Em uma entrevista para a TV Una,¹¹ exibida em 01/03/2013, Flávio Renegado, quando questionado sobre o porquê do apelido, explica que dentro do movimento *hip hop* há a tradição do rebatismo pela rua, no qual os integrantes recebem um apelido que o caracterize dentro do movimento. Como ele era o único que ainda não tinha um apelido, um amigo o apontou como um renegado. A princípio, ele não gostou, mas refletindo sobre o significado da palavra, acabou entendendo que renegado tinha tudo a ver com a história de luta que o povo negro (que é o seu povo) sempre enfrentou. Afinal, os negros e os sujeitos periféricos viveram e ainda vivem sem ter acesso a vários “bens incompressíveis”,¹² como acesso à escola, moradia, saneamento básico, dentre outros.

A letra descreve, mesmo que indiretamente, a vida de Flávio, colocando como ponto central a forma como ele constrói um discurso que propaga a atitude, a resistência, a reação positiva diante das dificuldades. Sua história funciona como uma espécie de paradigma social, pois foi criado com muita dificuldade em uma favela, abandonado pelo pai, com uma mãe que teve de assumir a função de sustento da família, trazendo a ideia de que a falta de oportunidade acaba empurrando jovens periféricos para o mundo do crime. A palavra utilizada para reforçar sua atitude para vencer na vida é “disposição”:

Renegado, cão sem dono menino bandido
Renegado, me preservo e suicido
Renegado, com disposição se for aquilo
Renegado, por isso dou meu melhor

O que pode ser observado na canção **Renegado** é que suas experiências de vida são transpostas de modo a servir de exemplo, modelo para que outros, apesar da violência sofrida, não desistam, aproximando-o, assim, do narrador tradicional,

¹¹ Disponível em: <<http://www.unatv.com.br/category/jornal-contra-mao/entrevistas/>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=pS4MpMKQXzs>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

¹² Antonio Candido, em **O direito à literatura**, define “bens incompressíveis” como aqueles “que não podem ser negados a ninguém”, como por exemplo, “o alimento, a casa, a roupa” (CANDIDO, 1995, p. 240).

definido por Walter Benjamin. Benjamim considera que a figura do narrador tradicional teria dois representantes arcaicos: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. De acordo com o autor,

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1994, p. 198-199, grifos do autor).

É a partir dessa definição que Benjamim evidencia características do narrador tradicional, ligado à oralidade, ao senso prático e à capacidade de intercambiar experiências, afirmando que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”, e as melhores narrativas “são aquelas que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Benjamim observa, a esse respeito, que a matéria desse narrador tradicional é sua vivência ou a observação da experiência de vida alheia, que incorpora à narrativa, derivando quase sempre uma espécie de sabedoria ou conselho:

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Essa figura do narrador tradicional, conforme descrita por Benjamim, se associa ao *rapper*, ambas mergulhadas na experiência da comunidade e na oralidade. Assim, o que o *rapper* canta não é só fruto de sua vivência pessoal, mas de uma vivência inserida em um contexto maior, que diz respeito a todos que pertencem ou se identificam com uma dada comunidade, ainda que as experiências sejam apropriadas em cada contexto, ressignificadas, conforme apontamos por meio das reflexões de Souza na introdução deste artigo¹³.

Ao cantar as mazelas e o desconforto do mundo circundante, o *rapper* encontra ressonância junto as suas comunidades para criticar alguns dos pilares de sustentação da cultura Ocidental: Democracia, Liberdade, Justiça

¹³ Para uma análise mais detalhada da relação entre o *rapper*, o narrador benjaminiano e o *griot*, figura ancestral africana, ver FERNANDES; PEREIRA, 2017.

e Cidadania. Evidenciam, assim, a pouca importância e o pouco significado que estes conceitos têm para as suas vidas (SOUSA, 2009, p. 10).

Na letra da canção **Renegado**, o *rapper* promove “um intenso diálogo da música com a vida social” (CAMARGOS, 2015, p. 17), pois canta a sua história não para se fazer de vítima, mas para mostrar aos outros que é possível enfrentar as adversidades colocadas pela vida, mas que isso se dá por meio do embate e da consciência social: **Negro, pobre, bem informado**. Nesse caso, o *rap* (e a música) funciona como um instrumento de transformação social. Para Heloísa Buarque de Hollanda, a cultura *hip hop* pode ser um elemento fundamental para transformar a realidade das pessoas. Ela afirma que o *rap*, num cenário conturbado de desigualdades sociais e inúmeros problemas que assolam a vida daqueles que não estão localizados numa zona de conforto e poder, ganha a nobre “função de um sacerdócio cuja missão é fundamentalmente política e de natureza transformadora e conscientizadora” (HOLLANDA, 2012b, p. 31).

Nesse caso, a veiculação de mensagens sobre o seu cotidiano é uma forma de experienciar esteticamente sua relação com a sociedade e de celebrar “a vida social de maneiras diversas (com tristeza, rancor, alegria, ironia e por aí fora) ao cantar sobre situações e vivências coletivas e individuais”, aponta Camargos (2015, p. 50).

Podemos observar nos versos “Entre becos e ruas escuras sempre caminhei”/ “Com bandidos e ladrões criei e me criei”/ “A vida para mim sempre foi um perde e ganha”, da letra de **Renegado**, que a mensagem central da canção diz respeito ao fato de que o compositor teve motivos para se inserir no mundo do crime, mas aprendeu “que na vida não se marca bobeira”, trazendo a ideia de que as armas que ele usa para enfrentar todas essas situações são o microfone e a caneta.

Microfone, caneta e uniforme alvinegro
Já falei, o pódio tá reservado
O meu nome você sabe bem qual é

O que Renegado propõe aqui é o entendimento do *rap* como uma “canção de reflexão, da luta e da tomada de consciência” (CAMARGOS, 2015, p. 49), aludindo ao que Carmo propõe ao pensar o *rap* como um novo modo de se fazer música de protesto no Brasil. Para Carmo, na década de 1960, jovens universitários de classe

média cultivavam um tipo de música com o propósito de conscientizar o povo sobre as injustiças sociais – em relação direta com a ditadura, que silenciava qualquer forma de descontentamento –; nos anos 1990, um novo discurso, um novo ritmo e outra origem social passam a recorrer às canções para denunciar as características da realidade de exclusão, vivenciadas nas periferias dos grandes centros urbanos. Assim como acontece no nascimento do samba, que se origina de uma cultura marginal ligada aos setores populares, ao cultivar o “ritmo dos excluídos”, os *rappers* tornam-se os porta-vozes ou cronistas das injustiças sociais e dão visibilidade a seus problemas (CARMO, 2010, p. 175).

No caso da canção **Renegado**, é como se o *rapper* mineiro estivesse falando: olha, parceiro, a vida é dura, mas vem aqui que eu vou contar uma história que vai mostrar para você que é possível enfrentar tudo isso com sabedoria. Este chamamento acaba por caracterizar seu modo de fazer música como uma “ação político-pedagógica, cujos objetivos incluem fazer ‘enxergar as coisas de um modo mais crítico e ao mesmo tempo esperançoso [...] passar uma mensagem de protesto com o intuito de obter algo melhor lá na frente” (CAMARGOS, 2015, p. 78), o que pode ser ilustrado com os versos “O meu lugar no pódio já está reservado”, “Fui Renegado, mas o passaporte tá carimbado”, conforme vemos na canção **Renegado**.

Nesse caso, como aponta Camargos, o *rap* acaba por ter uma função dupla: representa um “discurso de revolta e denúncia da deplorável condição” a que estão submetidos muitos sujeitos em nossa sociedade e é também um mecanismo catártico diante da “opressão e o controle social”, possibilitando a seus produtores e consumidores a criação de um espaço de reconstrução de identidade, de reconfiguração da autoestima e da propagação de outros valores (CAMARGOS, 2015, p. 51).

A letra da canção acima acena com a ideia de que o estado de carência da periferia ocorre em todo o lugar e que a luta entre os homens é uma continuidade histórica.

Conheci o mundo e outras formas de favelas
Conheci los chicos que lutam lá mesma guerra
Valores que não estão a venda
Respeito, amor e justa renda
Por poder a luta é travada
Desde o Santo Graal ao domínio da bocada

Nesta disputa vamos ver quem vai ganhar?

Considerando a ideia de Camargos de que a narrativa do *rap* acaba por se constituir como uma “representação do real”, na medida em que aciona a vivência do *rapper*, e que esse elemento é algo que une os jovens da periferia, dotados de histórias experiências semelhantes, uma das mais comuns diz respeito à ausência paterna (SOUSA, 2009, p. 204). Tal situação é exposta em **Benção**. Vejamos a letra:

Benção mãe,
obrigado por ter me ensinado
de fato o que é viver.

Eu sei, cheguei em uma hora conturbada
Apesar de me amar, você não me esperava
Sei colé que é, como a vida é dura
Aos 21, mãe solteira, dois filhos, loucura
Não teve medo da situação
Determinada e tinha opinião
Mesmo quando ele te abandonou
Eu já tinha 3 de idade quando ele nos deixou
Sem atitude, não fez papel de homem
Sem carinho, sem amor, do que vale o sobrenome?
Dele não tenho raiva, ou ressentimento
também não tenho afeto ou qualquer outro sentimento
Não moveu um só dedo, para ajudar
E você limpando o chão de playboy pra me criar
Se desgastando em várias jornadas de trabalho
Pra não deixar faltar o feijão no nosso prato
Do céu às vezes, nem chuva cai
Você pra mim sempre foi mãe e pai
Final dos anos 90 parte 2 do dilema
Eu entro na adolescência

Quando criança eu prometi não te fazer sofrer
mas comecei a desejar o que não podia ter
De gênio forte incontrolável, tá bom eu sei
Que eu sempre fui o mais rebelde de nós 3
Mas a senhora, sabe muito bem
Que eu nunca gostei de depender de ninguém
Dinheiro fácil, mulher, moral e respeito
A vida do crime é ilusória nego
Sempre me falava o que era certo ou errado
Apesar do meu descaso nunca saiu do meu lado
Quando me perdi em meio à escuridão
Você foi a única que me estendeu a mão

Peço perdão pelos desgostos que já te fiz passar
Peço perdão pelas lágrimas que já te fiz chorar
Peço perdão pela falta de atenção e de juízo
Que várias e várias vezes nos levaram ao litígio
Hoje agradeço cada tapa, a cada puxão de orelha

Pois eles me impediram de fazer muitas besteiras
Obrigado por não desistir de mim em meio as dificuldades
Dona Regina, a mulher que me fez homem de verdade

Para Sousa, as mães aparecem, nas letras de *raps*, “idolatradas, como ‘santas’, ‘guerreiras’, as únicas e verdadeiras conselheiras que eles precisam ouvir e em quem confiar” (SOUSA, 2009, p. 205). Em **Benção**, Renegado não só segue a cartilha do *rap*, considerando a fala de Sousa, como propõe uma escala de conselhos, referindo-se, implicitamente, que sua sabedoria vem da figura materna, que soube aconselhá-lo e guiá-lo quando estava na “escuridão”.

Benção mãe,
obrigado por ter me ensinado
de fato o que é viver.
[...]

Mais do que contar sua vida, Renegado narra a história familiar de muitos outros jovens iguais a ele, estabelecendo um pacto de identificação com seu ouvinte, morador da periferia, mas sobretudo deste que se vê em voltas com a vida do crime, quando se começa a “desejar o que não podia ter”, conforme citado na letra de **Benção**. A canção é construída por meio de sua narratividade,¹⁴ que acompanha a linha cronológica na vida do *rapper* mineiro, na qual se destacam três aspectos: (1) a ausência paterna; (2) a sugestão da vida do crime; (3) a figura materna forte, capaz de enfrentar as lutas diárias, mas submetendo-se à exploração alheia.

Enquanto a mãe é exaltada, à figura do pai são atribuídos o abandono e a falta de responsabilidade e de amor. O pai não é digno de nenhum sentimento por parte do *rapper*, enquanto a mãe é elevada à heroína, aquela que salva, que não

¹⁴ No artigo **Rita’, de Chico Buarque (e outras histórias femininas de devastação)**, Cilene Pereira observa, tendo a canção de Chico como ponto de partida, a presença da narratividade na canção popular brasileira – ela recorre, para isso, ao estudo de Ricardo Azevedo. A ensaísta levanta a hipótese de que tal narratividade pode levar “a uma compreensão mais imediata de seu ouvinte/leitor, uma vez que trabalha com categorias como enredo e personagem”, observando, a ensaísta, que “em um primeiro momento podemos avaliar este recurso narrativo como um elemento facilitador para o entendimento do ouvinte/leitor (ajudando até na memorização da canção)” (PEREIRA, 2017, p. 8). Tal estratégia poderia ser estendida também ao discurso do *rap*, sobretudo se pensarmos no tamanho das canções, muitas delas formadas por dezenas e dezenas de versos. Esse princípio narrativo garantiria não só o entendimento da canção pelo ouvinte (sobretudo associada à performance do *rapper*), mas também sua memorização.

mede esforços a favor de seus filhos, sendo esta uma espécie de paradigma da mulher negra pobre, abandonada pelo companheiro e subempregada.

Na adolescência, o sentimento de admiração e gratidão à mãe é substituído pelo desejo de possuir aquilo que a mãe não podia comprar. Seduzido e atraído pela vida fácil, o *rapper* se entrega à vida do crime, que proporciona “Dinheiro fácil, mulher, moral e respeito”, conforme vemos na letra de **Benção**. A canção termina como o enaltecimento da figura materna, responsável por fazer do *rapper* o homem que é hoje: aquele que sabe aconselhar, se identifica com sua comunidade, instiga a luta, mas não incita à violência, mas que, acima de tudo, conscientiza por meio do *rap*.

Para Camargos, narrativas como estas, nas quais os *rappers* narram suas próprias histórias, fazem com que estes,

[...] ao reconfigurarem suas experiências sociais, [...] [promovam] “o diálogo entre o ser social e a consciência social”. O modo de vida e a maneira como experimentaram concretamente diz muito sobre os fatos narrados, os usos e os costumes que se podem perceber no dito e no não dito, no juízo dos enunciadores diante do assunto que abordam, na forma como lugares e momentos da realidade social são construídos e pensados nas composições (CAMARGOS, 2015, p. 132).

Nesse sentido, nas duas canções, o discurso de luta (e não de violência) que Renegado promove pode ser percebido ao relatar sua própria história, para que esta sirva de exemplo a outros que passam pela mesma situação, sugerindo o caminho da arte como uma forma de resistência e de negação da opressão.

Se as duas canções comentadas nos ajudam a refletir sobre a história de vida de Renegado (potencializando entendermos muitas outras histórias), a canção **Redenção** traz a mensagem de libertação e de reconhecimento de que o *rap* (e a sua canção) podem salvar vidas. Como lembra Patrícia Curi Gimeno, os *rappers*

[...] tomam para si a missão de relatar e, desse modo, combater, as causas e consequências do “cotidiano suicida” que, de certo modo, dita o ritmo da difícil vida dos moradores da comunidade periférica, [no qual] imbuídos dessa missão, eles transformam o rap em uma arma (GIMENO, 2009, p. 107).

Nas canções de Flávio Renegado, este fator é fundamental, visto sua relação com o narrador tradicional, como apontado. O tema da redenção é muito cantado pelos *rappers* de forma geral, visto que o local onde é produzido o *rap* (a periferia) já

traz caracterizado em si todo um aspecto de violência e criminalidade, conforme se vê nas próprias letra de Renegado e de outros *rappers*. Assim, escapar desse mundo é algo que precisa ser compartilhado entre os membros da comunidade, nos quais se incluem os *rappers*. Vejamos a letra de **Redenção**:

Vim pra causar alarde, barulho e confusão
Registrar minha passagem e nunca viver em vão
Que o fim seja justo comprimento da missão
Ser lembrado como herói, é zica mesmo esse negão
Referência pros moleque que sempre segue lutando
Não abandona o fronte a família e nem o bando
Eu vivo a vida, pois a morte é mais que certa
O corpo é fechado e a mente sempre aberta
Alerta a virada dos ventos e das marés
Que venha o amanhã, o inabalável é minha fé
Firme os meus passos seguiram caminhando
Lutando e sorrindo, chorando e amando
Uns vão dizer que isso é uma mente insana
Outros dirão nessa mente tem gana
Mas na real essa mente africana
Conhece bem de perto a maldade humana
E nesse caso, o descaso câncer social
Pensamento tão raso corta mais que um punhal
Simplesmente atraso uma prova cabal
Que humanidade meu chapa anda muito mal
Com o vil metal, álcool ou tabaco
Tentaram me transformar em mais um fraco
Não sucumbi, subverti é fato
Que o meu sorriso deixa os coxinha bolado
Eles não entendem ou consideram um mistério
Sair do barraco e construir um império
Trabalho, amor sentimento sincero
Workaholic às vezes exagero
Pra confraternizar com os primo e com as prima
Fazendo da rima a mudança do clima
Pros pela, a confiança é mínima
Porque o meu pecado é ter muita autoestima
Porra

Já nos primeiros versos da canção, Renegado dá o recado direto, de forma clara e objetiva, ao anunciar que veio para “causar alarde, barulho e confusão”, usando esses termos para ressaltar que tem uma missão, a de levar mensagens de esperança e protesto para a população periférica.

Na canção, podemos observar a autoafirmação do *rapper* e o reconhecimento do seu poder de transformação social, no qual registrar a sua história pode ser uma maneira de se tornar referência para aqueles que vivem uma história como a sua, estabelecendo, assim, seu vínculo com a periferia a partir da “fé depositada em sua

história, memória, em seus semelhantes, para superar esses estados de coisas”, esclarece Sousa (2009, p. 198). Afinal, sua história é a de muitos outros jovens, não apenas na sua comunidade em Belo Horizonte, mas nas comunidades periféricas de todo o Brasil, que encontram na música a sua redenção, o meio de se libertar da violência e do crime e de se constituir, através da voz, um sujeito político:

[...] na condição privilegiada de abordar *in loco* os problemas da periferia, que esse movimento [o hip hop, do qual o rap faz parte] tem se firmado como uma voz amplificada das queixas e cobranças que os jovens pobres do Brasil fazem em suas cidades. Ao trazer à tona temas controversos da vida urbana, os jovens, envolvidos com esse grupo de estilo, deixam em xeque a legitimidade do estatuto-padrão que regulamenta suas vidas e forjam, na esteira desses acontecimentos, novas representações em torno das quais constroem o estilo rap. Um estilo que oferece, aliás, as bases materiais e simbólicas para reorientar a condição de existência na periferia. Assim sendo, o rap, como canto popular de raiz africana, por sua métrica própria, pode ser encarado como uma rica fonte para se compreenderem certas realidades da cultura suburbana e se desvendarem as histórias desse setor da sociedade quase sempre renegado pelo poder público (SOUSA, 2009, p. 79).

Nesse contexto, o rap é o instrumento de libertação e luta política que permite que o ser marginalizado estabeleça seu poder de fala na sociedade, expressando seu direito de voz para denunciar as mazelas que assolam o dia a dia de quem mora em lugares afastados do centro do poder, como periferias e comunidades. Assim, a expressão dessa voz ocorre por meio da relação entre arte e política, visto que moradores de periferias são estimulados, através da arte, e mobilizados a reconstruir seu lugar e criar mecanismos para romper com o discurso de violência a eles associados.

O rap de Flávio Renegado busca extrapolar as barreiras de sua comunidade, demonstrando que os problemas que uma dada periferia encontra podem ser os mesmos de outras periferias de todos os cantos do mundo, questionando, assim, a ordem social e a invisibilidade do marginalizado e excluído, independente do lugar que se encontra.

A mente para Renegado está sempre aberta, sujeita a transformações. Mas o que o mantém firme é a sua fé inabalável. Na letra da canção, a religiosidade é colocada como algo muito valioso e importante para a sua vitória. Para Sousa, o tema da religião tem se tornado frequente no rap brasileiro: “quando seus representantes sentem-se humilhados e desprotegidos pelas leis do homem, eles

apelam à Justiça Divina para pedir proteção e força para seguir adiante” (SOUSA, 2009, p. 203).

Sua maneira de lutar, de usar a palavra para poder expressar os seus desejos, anseios e alcançar a redenção resulta em posicionamentos diferentes, pois enquanto uns o condenam como louco, outros acreditam no seu potencial para conseguir o que se deseja. É através de um jogo com a palavra **mente**, conforme destacado nos versos a seguir, que o *rapper* traz à tona a questão do preconceito racial, colocado por ele como o **câncer** da sociedade. Ele, que conhece bem essa questão, conforme suas canções, sabe o quanto é doloroso e que “corta mais que um punhal” ser discriminado pela sua cor ou pela sua condição.

Uns vão dizer que isso é uma **mente insana**
Outros dirão nessa **mente** tem **gana**
Mas na real essa **mente africana**
Conhece bem de perto a maldade humana
E nesse caso, o descaso câncer social
Pensamento tão raso corta mais que um punhal
Simplesmente atraso uma prova cabal
Que humanidade meu chapa anda muito mal (grifos nossos)

Nesse caso, esclarece Silva,

A partir do “autoconhecimento” sobre a história da diáspora negra e da compreensão da especificidade da questão racial no Brasil, os rappers elaboraram a crítica ao mito da democracia racial. Denunciaram o racismo, a marginalização da população negra e dos seus descendentes. Enquanto denunciavam a condição de excluídos e os fatores ideológicos que legitimavam a segregação dos negros no Brasil, os rappers reelaboraram também a identidade negra de forma positiva. A afirmação da negritude e dos símbolos de origem africana e afro-brasileira passaram a estruturar o imaginário juvenil, desconstruindo-se a ideologia do branqueamento, orientada por símbolos do mundo ocidental. [...] A valorização da cultura afro-brasileira surge, então, como elemento central para a reconstrução da negritude (SILVA, 1999, p. 29-30, grifo do autor).

Por meio de uma linguagem figurada, o *rapper* aponta o dinheiro e as drogas como aliciadores para a vida do crime (“Com o vil metal, álcool ou tabaco/ Tentaram me transformar em mais um fraco”); mostrando-se forte, ele aponta: “Não sucumbi, subverti é fato”, conforme vemos nos versos da letra de **Redenção**.

Nos últimos versos da canção citada (“Pra confraternizar com os primo e com as prima/Fazendo da rima a mudança do clima/Pros pela, a confiança é mínima/Porque o meu pecado é ter muita autoestima/Porra”), para que a mensagem seja mais expressiva e significativa para seu interlocutor, novamente propõe um jogo

de rimas com as palavras **prima**”, **clima**, **mínima** e **autoestima**, para falar que foi a confiança em si mesmo e em suas rimas que fizeram com que ele alcançasse o lugar que sempre desejou, reforçando, mais uma vez, a ideia de que foi o *rap* que salvou a sua vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das letras das canções **Renegado**, **Benção** e **Redenção** evidenciam como o *rapper* mineiro Flávio Renegado tece sua narrativa a partir de suas vivências, de modo com que transmita aos seus interlocutores mensagens de resistência, esperança e de atitude frente aos problemas da vida. Fazendo isso, Renegado assume o papel de narrador e de voz de sua comunidade, tornando-se um cronista das injustiças sociais. Isso porque ao falar de sua história, ele fala da de outros, promovendo um diálogo direto com questões relacionadas tanto à ancestralidade negra quanto ao lugar periférico ocupado hoje pelas populações afrodescendentes.

Nesse sentido, sua música busca propor uma reflexão sobre essa situação de exclusão, reivindicando seus direitos de maneira consciente. Como aponta Camargos, a respeito do *rap* brasileiro, “a imagem de Brasil que ganha forma na arte produzida por muitos *rappers* não é grandiosa, a da ‘terra boa e gostosa’, mas a de um país mergulhado na catástrofe social” (CAMARGOS, 2015, p. 27), pontuada a partir da experiência própria daquele que canta/fala seus versos. Os versos de Renegado não encontram barreiras, no entanto, quando o assunto é a valorização e afirmação das suas origens, às quais recorre para reforçar a importância do negro na nossa sociedade, por meio de uma narrativa se que constrói a partir da história de resistência dos sujeitos periféricos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMARGOS, Roberto. **Rap e política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

CARMO, Paulo Sérgio do. A cultura da violência. In: **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2010.

FERNANDES, Joseli Aparecida. PEREIRA, Cilene Margarete. Do *griot* ao *rapper*: narrativas da comunidade. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Três Corações, v. 15, n. 2, p. 620-632, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4261>>.

FERNANDES, Joseli Aparecida. “**Através do meu canto o morro tem voz**”: o **discurso de resistência no rap de Flávio Renegado**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2018. Disponível em: <http://www.unincor.br/images/imagens/2018/mestrado_letras/dissertacao_joseli.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

GIMENO, Patrícia Curi. **Poética Versão a construção da periferia no rap**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281717>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Estética da periferia: um conceito capcioso**. 2012a. Disponível em: <<http://www.seminariosmv.org.br/2012/textos/heloisabuarquedehollanda.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. O engajamento hip hop. In: **Cultura como recurso**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia/Fundação Pedro Calmon, 2012b, p. 25-39. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/wp-content/uploads/2013/10/vol_5_holanda.pdf>. Acesso em: 02 out. 2016.

PEREIRA, Cilene Margarete. “Rita”, de Chico Buarque (e outras histórias femininas de devastação). **Recorte Revista Eletrônica**, Três Corações, v. 14, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/4271>. Acesso em 15 de jan. 2018.

ROCHA, Janaína; DOMENICH Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip hop: a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Luiz Henrique dos. **As letras de rap do movimento hip-hop como desdobramento do processo de segregação socioespacial**: antigamente quilombos, hoje periferia. 2013. 103f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Instituto de Geociências e Ciências Exatas) Campus de Rio Claro, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/95729>>. Acesso em 10 mar. 2017.

SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e Educação: A experiência do Movimento Hip Hop Paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). **Rap e educação; Rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

SOUSA, Rafael Lopes de. **O movimento Hip Hop**: a anti-cordialidade da “República dos Manos” e a Estética da Violência. 2009. 243f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280592/1/Sousa_RafaelLopesde_D.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip hop. São Paulo: Parábola, 2011.

Discografia

RENEGADO, Flávio. **Do Oiapoque a Nova York**. [CD]. Manaus: Sonopress Rimo da Amazônia Industria e Com. Fonográfica Ltda, 2008.

Sites consultados:

AREBELDIA – Alto Vera Cruz BH/MG. Disponível em: <<https://www.arebeldia.org.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

Flávio Renegado, Outono Selvagem. Disponível em: <<http://flaviorenegado.com.br/outonoselvagem/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Disponível em: <[http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/Curriculo_Flavio_Renegado\(1\).pdf](http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/Curriculo_Flavio_Renegado(1).pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Prefeitura Belo Horizonte. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=39243&chPlc=39243&&pldPlc=&app=salanoticias>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

Projeto Sol – UFMG. Disponível em: <https://www2.icb.ufmg.br/projetosol/?page_id=206>. Acesso em: 12 nov. 2017.

Una TV. Disponível em: <<http://www.unatv.com.br/category/jornal-contra-mao/entrevistas/>>. e <<https://www.youtube.com/watch?v=pS4MpMKQXzs>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

NÃO CONTEM COM O FIM DO LEITOR ✓

Jennifer da Silva Gramiani CELESTE¹
Juliana Gervason DEFILIPPO²

118

✓ Artigo recebido em 04/08/2018 e aprovado em 20/10/2018.

¹ Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2018). Especialista em Psicopedagogia (Clínica e Institucional) pela Faculdade Metodista Granbery (2018). Bacharela e Licenciada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2016). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015). Especializanda em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Metodista Granbery. E-mail: <djeceleste@gmail.com>.

² Coordenadora Adjunta do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Pós-Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, sob a supervisão do Prof. Dr. Karl Erik Schollhammer. Doutora em Estudos Literários pela UFJF. E-mail: <julianagervason@cesjf.br>.

NÃO CONTEM COM O FIM DO LEITOR

THIS IS NOT THE END OF THE READER

RESUMO

Em meados dos anos 1990, maneiras distintas de relacionamento foram constituídas a partir da disseminação das novas tecnologias e dos diversos recursos disponibilizados pela Internet e pelos aparatos eletrônicos. Citamos, ainda nesta seara, a construção coletiva e democrática de território virtual expressivo e vasto. Neste artigo, pretendemos apresentar breve panorama a respeito do espaço virtual nas duas últimas décadas, com o primordial intuito de discutir o lugar do leitor e da Literatura em tempos contemporâneos. Partindo do universo dos adolescentes, serão abordadas as profecias sobre a morte da escrita, difundidas no início deste século. Em seguida, serão tomadas como base as recentes discussões acerca da morte do jovem leitor, disseminadas em virtude das constantes inovações tecnológicas. Procuramos propor olhar menos rígido e pessimista a respeito das mídias digitais, nos tornando possível compreender que as transformações dos últimos anos estão modificando a Literatura e criando um jovem leitor ainda mais atuante, crítico e apaixonado pelos livros impressos.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Internet. Livro. Leitor.

ABSTRACT

In the middle of the 1990s, different ways of relationship were constituted by the dissemination of new technologies and the various resources made available by the Internet and electronic devices. We still cite the collective and democratic construction of expressive and vast virtual territory. In this article, we intend to present a brief panorama about virtual space in the last two decades, with the main purpose of discussing the place of the reader and of Literature in contemporary times. Starting from the universe of the adolescents, the prophecies on the death of the writing will be approached and, the spread at the beginning of this century. Then, the recent discussions about the death of the young reader, disseminated by virtue of constant technological innovations, will be taken as a basis. We seek to propose something less rigid and pessimistic about digital media, making it possible to understand that the transformations of recent years are changing Literature and creating a young reader who is even more active, critical and passionate about printed books.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature. Internet. Book. Reader.

1 INTRODUÇÃO

Entre muitas reflexões e alguns resultados, um dos levantamentos apresentados pelos pesquisadores da obra **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola** (2005) trouxe à tona o que até então se constituía como mito no espaço da Educação: em virtude da Internet – e suas salas de bate-papo – os adolescentes estavam escrevendo mais do que tinham por hábito fazer nos anos anteriores, conforme pesquisas publicadas até aquela data podiam comprovar. A geração que até então era definida como composta por jovens que não gostavam de escrever ou não sabiam se comunicar, de repente se tornou motivo de estudo por estar utilizando plataformas cuja comunicação só era possível a partir da escrita.

Diferente do que muitos profetizavam ou preconcebiam a respeito do envolvimento dos jovens com as virtualidades – e naquela época as virtualidades a eles acessíveis eram ainda poucas – a Internet estava possibilitando aos adolescentes um espaço de produção muito mais interessante e democrático do que o da sala de aula. No artigo *Por que *nickname* escreve mais que *realname*?*, as autoras Juliana Gervason Defilippo e Patrícia Vale da Cunha afirmavam:

[...] enquanto a escola trabalha a escrita dando-lhe um tratamento exaustivo, a Internet por sua vez, por ser uma esfera criativa, não o faz. Os resultados dessa diferença podem ser evidenciados através de enunciados que, ao contrário das orações de redação, são inacabados, mas prenes de significados para o interlocutor que o compreende no todo de uma cadeia (DEFILIPPO; CUNHA, 2005, p. 111).

As estudiosas realizaram uma pesquisa qualitativa acompanhando adolescentes, tanto em sua produção virtual, quanto escolar. A partir desta investigação, puderam perceber um intenso abismo entre a produção realizada por estes adolescentes em sala de aula, quando relacionada aquela por eles produzida no espaço virtual. Na contramão do que o meio educacional ainda ecoava a respeito dos estragos que a Internet gerava nos jovens, tanto as pesquisadoras citadas, quanto os outros autores presentes na obra, puderam comprovar que as novas práticas de escrita e leitura suscitadas pelo surgimento da Internet ofereciam aos adolescentes um universo muito mais otimista do que os apocalípticos da Educação poderiam prever.

A obra citada, apresentando frutos das pesquisas realizadas pelo grupo, comprovou que até aquele momento a Internet não havia assassinado a escrita.

Era evidente, então, que o adolescente, enquanto escrevente³, não estava morto. Mais de uma década depois, a discussão se estende em grupos de pesquisa que se propõem a refletir acerca não apenas deste, mas de outros assuntos relacionados à escrita e à leitura. O presente artigo parte destas reflexões para pensar os novos adolescentes, agora não mais envolvidos de pretensa morte da escrita, mas rodeados de vozes que preconizam que a leitura e o leitor enfrentam sérios desafios.

2 A INTERNET NÃO MATOU A ESCRITA...

A Internet não matou a escrita, tal como prenunciado anos atrás. Porém, conforme apontam vários estudiosos da área, tem-na transformado a seu favor e terror, como parte inerente do processo de evolução de uma língua. De modo que aos apocalípticos restou então, adiantar a culpa da Internet, profetizando então que ela mataria a leitura. Cabe aqui retomar a fala da pesquisadora Eliana Yunes: "[...] mas é inegável que a revolução da escrita trouxe uma mudança de paradigmas na relação do homem com o mundo sem, contudo, abolir ou substituir totalmente as práticas preexistentes, como o cinema não matou o livro [...]" (YUNES, 2002, p. 16).

As informações atuais, por sua vez, sustentam ainda mais essa reflexão, refutando, por exemplo, o questionamento feito por Andreia Cecilia Ramal (2002), há mais de dez anos, imbuído de preocupação quanto à prática de leitura por parte de jovens aprendizes em meio à grandiosidade dos computadores, da Internet e de suas facetas: "[...] os papéis estão descartados diante da magia dos monitores e do ambiente digital? [...]" (RAMAL, 2002, p. 147). Adiantamos nossa discussão respondendo negativamente ao questionamento de Ramal, buscando coro na fala de Yunes, pois assim como o cinema não matou a leitura, arriscamos afirmar mais: a Internet está alimentando a leitura. A afirmação é possibilitada em virtude da análise

³ Sobre este conceito, recorreremos ao seguinte fragmento de autoria de Eliana Yunes: "[...] sabendo que ser *leitor* é diverso de ser *ledor* – assim como ser **escritor** é diferente de ser *escrevente* –, a questão que se coloca é a de como entender sua formação em nível de estratégias que poderiam ser singularmente plurais [...]" (YUNES, 2002, p. 26, grifos da autora).

do levantamento de dados referente ao contingente de obras literárias impressas produzidas por adolescentes, direcionadas aos seus pares, realizada nos últimos dois anos. Neste período, realizamos mapeamento dos livros impressos publicados por este público para o montante jovem e averiguamos o evidente crescimento no que concerne a este ramo do mercado editorial, movimentado por blogueiros⁴ e *youtubers*⁵.

3 ...E TÃO POUCO MATOU A LEITURA

O levantamento de dados restringiu-se ao período compreendido entre os meses de janeiro de 2008 a dezembro de 2016. No geral, foram recolhidos duzentos e vinte e cinco autores, classificados entre crianças, adolescentes e adultos que, por conseguinte, apresentaram obras pertinentes ao público de faixas etárias semelhantes às suas, contingente este que, primordialmente, é constituído por internautas seguidores dos canais de comunicação dos autores.

Verificamos a existência de um total de cento e quinze autores adolescentes, número que ultrapassa aquele que se refere às crianças e aos adultos escritores. O poder de alcance das produções literárias dos jovens autores é tamanho que ao tomarmos como exemplo e recorte a produção da blogueira e *youtuber* Isabela Freitas, é possível perceber que alguns específicos títulos de sua autoria, tais como **Não se apega, não** e **Não se iluda, não**, ambos publicados pela editora Intrínseca nos anos de 2014 e 2015, respectivamente, estiveram, ininterruptamente, na lista dos livros impressos mais vendidos conforme pesquisa publicada pela Revista Veja⁶.

Acerca das diversas redes sociais que hoje se fazem presentes na grande rede, é importante salientar que os *weblogs*⁷ foram tidos, durante muitos anos, como um dos únicos veículos de comunicação e divulgação via Internet aos quais se tinha

⁴ Nomenclatura vinculada à atuação do produtor de conteúdo na Internet que gerencia uma página ou *website*, além de outras mídias. O termo, a princípio utilizado para o administrador de um *blog*, hoje denomina profissão oriunda do espaço virtual.

⁵ Denominação concedida ao produtor de conteúdo na Internet que gerencia canal no *YouTube*, produzindo vídeos. Assim como o blogueiro, o termo *youtuber* atualmente também designa profissão.

⁶ Reportagem disponível no *link*: <<http://veja.abril.com.br/tveja/arquivo/isabela-freitas-a-conselheira-do-desapego>> Último acesso em 25 ago. 2017.

⁷ Páginas nas quais o usuário pode divulgar textos, notícias e informações diversas. Além disso, é possível responder aos comentários deixados por visitantes.

pleno acesso. Todavia, a hegemonia no que se refere ao uso dos *weblogs* acabara sendo desmistificada, uma vez que o advento das tecnologias e o consequente surgimento de novas alternativas quanto à expressão no ciberespaço proporcionou o acesso e a utilização a / de inusitadas plataformas como, por exemplo, canais do *YouTube*, páginas do *Facebook*⁸, contas do *Instagram*⁹, do *Tumblr*, do *Twitter*¹⁰ e do *Snapchat*¹¹. Têm-se, então, inúmeras possibilidades de produção textual, por parte de seus usuários. Portanto, podemos afirmar, tomando-se como base a discussão em voga, que o processo de escrita não morreu. Ora, o *Facebook* – e os debates nele empreendidos – ou os *blogs* – e a incontável variedade de temas e endereços que surgem semanalmente, são a prova de que qualquer forma de escrita vale a pena. Afinal, há ali um exercício sendo realizado – sem o aval e a nota de um professor – por melhor ou pior que isto possa parecer. Até mesmo o *Twitter* e sua profética anúncio de que cento e quarenta caracteres matariam o texto, com sua longevidade frente à perenidade das mídias digitais, está provando que a escrita concisa sim, sobrevive, e pode vir a se tornar, também, de alguma maneira, Literatura¹².

Sobre o nascimento de eficientes ferramentas por meio das quais se torna possível expressar-se no espaço cibernético, Nicholas Carr, na obra **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros** (2011), diz que a partir da transformação de mensagens antes tidas como íntimas ou detentoras de caráter particular, mensagens estas, em geral, relacionadas às cartas, aos sussurros e aos telefonemas, as inúmeras redes sociais concederam aos indivíduos inusitadas formas de socialização e permanência de contato com os demais. Esta versatilidade inerente ao ambiente virtual é sedutora, como nos afirma Sérgio Roberto Costa, no artigo *Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na internet* (2005): “[...] no tempo e no espaço da rede universal ciberespacial, tudo e todos podem interagir

⁸ Rede social na qual há a possibilidade de se criar uma página de perfil pessoal, adicionar amigos, compartilhar textos, imagens e vídeos, trocar mensagens e integrar grupos de interesse.

⁹ Rede social que permite o compartilhamento de imagens e vídeos.

¹⁰ Rede social na qual os usuários podem divulgar informações com até cento e quarenta caracteres.

¹¹ Rede social na qual os usuários divulgam vídeos ou imagens. Não há histórico e, por esta razão, os conteúdos são automaticamente deletados após passadas vinte e quatro horas.

¹² Basta aqui citarmos como exemplificação as obras de poesia que surgem a partir desta plataforma virtual: o livro intitulado **Seu moço** (Chiado, 2015), escrito por Patrícia Pirota, *youtuber*, reúne alguns de seus textos compartilhados em sua conta de *Twitter*.

com tudo e com todos: com pessoas, com textos, com *sites*, com *home-pages*, com a mídia, etc., em qualquer parte do mundo [...]” (COSTA, 2005, p. 23, grifos do autor).

O mercado editorial brasileiro – sua emergência, seu crescimento e sua diversidade – prova de maneira quase irrefutável que a indústria da leitura do Brasil nunca esteve tão aquecida e diversa. Não há dúvidas: a Literatura atualmente no país é um meio lucrativo – não para os autores que em sua maioria continuam conquistando 10% no valor de capa, mas especialmente para editoras e livrarias.

Um adolescente tem hoje, no mínimo, dez vezes mais opções de livros que qualquer outra geração teve. Este incrível leque de variedades relativo às obras literárias publicadas atualmente e voltadas aos adolescentes pode ser apreciado a partir da verificação da lista nacional de livros mais vendidos, estruturada pelo *website* Publishnews no mês de agosto de 2016: **Só agente sabe o que sente** (Benvirá, 2016), de Frederico Elboni; **Confissões de uma garota excluída, mal amada e (um pouco) dramática** (Arqueiro, 2016), de Thalita Rebouças; **O amor nos tempos de #likes** (Galera Record, 2016), de Pâmela Gonçalves e outros *youtubers*; e os títulos, antes citados, assinados por Isabela Freitas, são apenas alguns dos diversos exemplos.

4 A LEITURA E A INTERNET: CIBERCAMINHOS

Claro que não pretendemos afirmar que todos os jovens estão lendo muito. Todos, aliás, corresponde a um perigoso termo e esse não é um campo que permita generalizações. Ao refletir, porém, a respeito do ato da leitura, estudiosos como Michelè Petit (2012) apontam que a supracitada ação configura-se como de caráter individual, solitário, democrático e transformador. Entretanto, compreendemos que o *YouTube* estendeu essa individualidade para uma coletividade virtual. Adolescentes estão dentro dos seus quartos falando de suas leituras para outros adolescentes. A cultura do quarto é o entorno destes jovens e é por meio deste singelo sistema cultural que estão criando singular rede de conhecimento, compartilhando escrita, leitura e Literatura. Diferente, portanto, das gerações anteriores que faziam do processo de leitura algo isolado, individual e de uma solidão nem sempre desejada,

eles estão transformando o ato de ler em algo além de coletivo e prazeroso, também extremamente partilhado.

Sabemos que a leitura proposta pela escola não se justifica se não exibir um resultado que vai além dela. Porém, o que é possível visualizar ainda atualmente, são professores – em sua maioria – fadados a repetir durante anos um material fixo de apostilas genéricas ou, ainda, programas com listas de livros que devem ser lidos com uma obrigatoriedade ainda rechaçada pelos jovens. Não há, e isso fica evidente quando os relatos dos adolescentes são confrontados¹³, nenhum significado nessas aulas, ademais, não se desenvolve nenhum gosto pelos livros. Na maioria das vezes o que é possível averiguarmos é a forte aversão à leitura. Obviamente, devemos confessar que o impacto é buscado incessantemente por docentes no interior das salas de aula. Todavia, o interesse se encontra em estado de hibernação, já que o que se observa na prática cotidiana são as propostas de trabalhos desligados da realidade dos discentes, como já antes clarificaram as pesquisadoras Defilippo e Cunha.

Sobre estas ocorrências, Ramal (2004) crê que a seleção de textos em ambiente escolar corresponde a um processo que se baseia em critérios que não levam consideração, quase sempre, elementos ligados à arte ou à estética. Segundo a estudiosa, nos anos constituintes do Ensino Médio, no que diz respeito à disciplina de Literatura, sobrepõem-se, em meio ao sujeito aprendiz e ao objeto de saber, grandes barreiras – às vezes, intransponíveis – “[...] ao utilizar-se o texto literário de forma descontextualizada da realidade imediata do aluno [...]” (RAMAL, 2004, p. 36). Carr (2011) desenvolve acerca destas barreiras e, por conseguinte, nos auxilia no que se refere ao seu entendimento: ora, os livros que a tradição literária nos apresentou como inesquecíveis clássicos não nos levam tanto ao encontro de singulares sentimentos como as obras que abraçamos a partir do instinto, da emoção ou da compreensão. Este montante de obras, que nos tocam, trazem à tona peculiaridades únicas.

Porém, devemos considerar a existência de profissionais ímpares pertencentes à área da Educação, para Petit (2012), sendo que estes seriam

¹³ Seja nos dados levantados pelos pesquisadores do livro **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola** (2005), seja confrontando a geração atual.

capazes, munidos de conhecimentos substanciais, de proporcionar ao seu alunado a relação com livros baseada em outros fundamentos se não aqueles que se referem ao “[...] do dever cultural, a da obrigação austera [...]” (PETIT, 2012, p. 158). Talvez possamos constatar que de fato Defilippo e Cunha (2005) já antecipavam algumas discussões hoje exploradas à exaustão por Petit (2012):

A escola deve voltar seu olhar para esse novo espaço de interação, não com o intuito de considerá-lo o fim das dificuldades para o ensino-aprendizagem da língua materna ou de outros conteúdos curriculares, mas como um auxílio no que tange à descoberta dos interesses de crianças e adolescentes e, ainda, como um indicativo da importância de enfatizar situações que estejam interligadas às realidades vivenciadas pelos sujeitos da aprendizagem (DEFILIPPO & CUNHA, 2005, p. 113).

Paralelo a isto, cresce cada vez mais um ambiente de devoção aos livros e seus escritores. A Bienal Internacional do Livro, na edição do ano de 2015, realizada no Rio de Janeiro, comemorou seus melhores resultados quando se comparada àquelas edições realizadas nos últimos trinta e seis anos. Afinal, foi uma Bienal feita para jovens e estes, de maneira avassaladora, estiveram muito envolvidos no evento, desfilando, orgulhosos com suas sacolas e autógrafos, ao longo dos corredores dos pavilhões.

Em 2016, o evento, agora realizado na cidade de São Paulo, não deixou a desejar, uma vez que, de acordo com reportagem produzida por Rodrigo Casarin para o *blog* Página Cinco, do *website* UOL, os blogueiros e *youtubers* arrastaram multidões de adolescentes rumo à festa literária promovida pelo evento e seus patrocinadores.

São inúmeros os títulos de livros oferecidos ao público, o que nos leva a refletir acerca do processo de produção pelos indivíduos em destaque e o alcance dos produtos literários e seus respectivos conteúdos, que se alternam entre gêneros como autoajuda, crônica, manual, relato autobiográfico, romance ficcional e poesia. A partir de mapeamento confeccionado, restringindo-se ao período de 2008 a 2016, foi possível percebermos que as produções textuais emergidas deste meio trazem à tona temáticas convenientes à fase da adolescência, ditando estilos, preferências e tendências de consumo. Daí, talvez, o sucesso deste fenômeno: a empatia e os vínculos transferenciais estabelecidos entre autor e leitor passam a deter sentidos e

significações várias. Tocante a este específico tópico, a estudiosa Telma Maria Vieira (2009) discorre: “[...] o papel do autor é recriar a realidade em um universo cuja ressignificação só é possível com a presença do leitor. Portanto, a literatura só se concretiza a partir do diálogo do leitor com o texto [...]” (VIEIRA, 2009, p. 42).

A respeito da hegemonia da Literatura canônica na escola e o posicionamento do educando em relação a esta situação, Ramal (2002) afirma:

O aprendiz não se sente valorizado, não consegue perceber o sentido daquilo que deve aprender e, frequentemente, se desinteressa, o que explica, em muitos casos, a evasão escolar, a repetência e a indisciplina. Aí se localiza também a relação com os textos: na escola que derivou dessas visões filosóficas importa, mais do que os sentidos produzidos nas / pelas leituras, o nome e a data de nascimento dos autores, seu estilo prescrito nos manuais, as características teóricas e formais dos períodos literários. Ter cultura, para essa visão, é algo que se relaciona muito mais com o acúmulo de conteúdos e com a memorização do que propriamente com a vivência de experiências e a construção de percursos de leitura e escrita (RAMAL, 2002, p. 54).

Retomando-se a edição da Bienal do Livro realizada em 2015, as reportagens comprovam que esta reuniu mais de duas mil pessoas em um único evento¹⁴. Um dos acontecimentos mais expressivos corresponde ao bate-papo com sessão de autógrafos de Kéfera Buchmann – uma das *youtubers* mais famosas entre os adolescentes brasileiros. A versão de 2016 abriu distribuição de senhas dias antes do evento, preparando os leitores para o lançamento do segundo livro da *youtuber*.

Mas as versões anteriores da Bienal, tanto do Rio de Janeiro, quanto de São Paulo, também conheceram este mesmo fenômeno com outras jovens celebridades: Bruna Vieira e Isabela Freitas, por exemplo, são autoras consagradas pelo público – sobretudo o feminino – e integram as listas de mais vendidos há mais tempo do que muitos autores contemporâneos já lograram desfrutar. O espaço conquistado por essas jovens escritoras não dependeu – apenas – do *marketing* de suas editoras – até mesmo porque seu sucesso é anterior ao formato do livro, uma vez que as obras por elas publicadas são resultado deste sucesso. A venda de seus livros alcança números grandiosos. O livro de Kéfera teve tiragem esgotada durante os primeiros dias do evento carioca no ano de 2015, e em menos de quinze dias já havia

¹⁴Reportagem disponível no *link*: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/jovens-lotam-bienal-do-livro-no-rio-para-ver-youtuber-kefera-buchmann.html>> Último acesso em 7 de set. 2017.

alcançado a marca de trinta mil exemplares vendidos. Seu segundo livro, lançado na primeira semana do evento em São Paulo, já havia vendido mais de dez mil exemplares¹⁵. Seu terceiro livro, agora enveredando para o gênero do romance, foi lançado na edição da Bienal do Livro de 2017 e, desde então, tem viajado todo o país para realizar o lançamento.

Basta dizer que estes dados não se restringem aos jovens. Autores de várias idades e nacionalidades estão construindo impérios a partir da Literatura. A escritora inglesa J. K. Rowling talvez seja uma das pioneiras, dentro da perspectiva que aqui exploramos, seguida de nomes como John Green, Nicholas Sparks, Sophie Kinsella, Meg Cabot, Marian Keyes, ou brasileiras, como Thalita Rebouças e Paula Pimenta, para citar apenas algumas. Contrariando todas as profecias do início deste novo milênio, os jovens estão lendo, e lendo muito. São eles que alimentam o mercado editorial brasileiro e eventos literários como a Bienal do Livro que, antes idealizados para o público leitor no geral, hoje são organizados e projetados para receber e agradar este público específico. Só no ano de 2015, o evento ofereceu dois espaços especialmente voltados apenas para os indivíduos desta faixa etária.

Dentre as novidades implementadas no evento de 2016, afirma a repórter Maria Fernanda Rodrigues (2016), podemos mencionar “[...] corredores mais largos, praça de alimentação maior, pontos com tomada, distribuição de senhas pela internet para sessões de autógrafos e presença da Polícia Civil [...]” (RODRIGUES, 2016)¹⁶. Conforme dito antes, a edição de 2015, segundo dados veiculados por organizadores do evento, atingiu público recorde nestes trinta e seis anos de feira – seiscentos e setenta e seis mil visitantes – e consolidou-se, agora de maneira oficial, como um evento voltado para o público adolescente¹⁷. Já a edição do ano de 2017 ganhou destaque na mídia, apresentando manchetes diversas, tais como **Bienal do Livro bate recorde de público com youtubers entre as principais atrações**¹⁸.

¹⁵ Dados disponíveis no *link*: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2016/09/02/kefera-esta-de-volta.-e-agora>> Último acesso em 7 de set. 2017.

¹⁶ Reportagem disponível no *link*:

<<http://revistapegn.globo.com/estadao/noticia/2016/08/bienal-do-livro-abre-hoje-em-sp-com-youtubers-como-destaque.html>> Último acesso em 7 de set. 2017.

¹⁷ Reportagem disponível no *link*: <<http://globoplay.globo.com/4455/>> Último acesso em 18 ago. 2017.

¹⁸ Reportagem disponível no *link*: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/bienal-do-livro-bate-recorde-de-publico-com-youtubers-as-principais-atracoes.html>> Último acesso em 31 de set. 2017.

Devemos nos lembrar de que dez anos atrás os jovens, em sua maioria, tinham suas visitas intermediadas pelas escolas, nas malfadadas excursões em que seguiam arrastados entre os corredores e seus expositores. Hoje, seguem sozinhos ou – o mais comum – marcam encontros com outros jovens, encontros esses mediados, sobretudo pelas redes sociais. Este movimento das mídias em que interação teve destaque até mesmo nos programas de televisão, como o Jornal Nacional, no ano de 2015 – veiculado pela Rede Globo. Uma das reportagens apresentadas pela emissora recebeu a seguinte chamada: **A maioria deles descobriu na Internet, na Internet, que ler é bom demais**¹⁹. O repórter frisou o termo Internet, consolidando seu histórico de preconceito e as profetizações quanto à morte da Literatura, do livro e do leitor²⁰.

Cabe-nos, a partir das informações aqui levantadas, refletir a respeito de um conceito que diz que a Literatura só se concretiza a partir do diálogo do leitor com o texto. Há o evidente redirecionamento desta visão – reducionista – nos dias de hoje. Pensemos: o diálogo que os jovens estão estabelecendo em seus vídeos no *YouTube* não seria uma forma moderna de concretização da leitura, por exemplo? Este diálogo não estaria respondendo a uma quase quimera de Yunes, no artigo Ensaio para pensar a leitura (2013). A saber: “[...] imagine o efeito qualitativo de uma escola em que todos estão engajados em um programa de leitura que envolva diferentes linguagens e suportes, com aportes diversos das áreas de conhecimento. Poesia não se mistura com física, nem história com literatura? [...]” (YUNES, 2013, p. 9).

Há um movimento acontecendo no espaço virtual que não pode ser ignorado pelo meio acadêmico. Isto, pois conforme concebemos, está levando a Literatura ao adolescente e o adolescente à Literatura – ainda que passível de transformações.

Refletindo acerca das teorias do texto, do livro e da leitura, é possível nos recordarmos daqueles que acreditavam ser o leitor um ser passivo, dotado de ingenuidade, responsável apenas pelo estado de contemplação em que se coloca

¹⁹Reportagem disponível no *link*: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/bienal-do-livro-atrai-legiao-de-fas-exigentes-e-cheios-de-atitude.html>> Último acesso em 29 ago. 2017.

²⁰Cabe destacarmos que no decorrer do processo de feitura deste artigo ocorrera a Bienal do Livro em São Paulo. Após ter acontecido o evento, fora possível percebermos que os números se comparam àqueles referentes à versão do ano anterior, ultrapassando-os.

diante da obra. Sabemos que teóricos vários colocaram por terra tais definições. Mas está na hora de pensarmos neste novo leitor que surge no meio virtual e tanto interfere no real. As editoras foram mais rápidas que a escola e estão seguindo com atenção os movimentos desses leitores. Estão pedindo opinião sobre tudo – é evidente que sabemos ser este interesse voltado para o mercado, sobretudo o lucro – mas ao menos não estão encarando mais o leitor com a passividade que lhe era devida. Grandes e clássicas editoras criaram selos próprios para o público jovem: Gutenberg e Nemo pertencem à editora Autêntica; Paralela, à Companhia das Letras; Novas Páginas, à Novo Conceito; e Galera, à Record. Os supracitados selos contemplam, ainda que de maneiras distintas, obras cujas temáticas permeiam ficção contemporânea, literatura feminina, relatos autobiográficos e memórias. Outras editoras investiram nas coleções clássicas para satisfazer o público cativo e de idade variada. E este público tem voz e circulação dentro das editoras. Vale dizer que as editoras estão, por exemplo, contratando *youtubers* que dominam outros idiomas para ler e avaliar originais estrangeiros opinando a respeito da viabilidade ou não da publicação dos livros – muitos deles sequer formados na área. Em suas mídias sociais, as editoras compartilham as resenhas de blogueiros em detrimento das críticas especializadas e pagas que antes tanto e exclusivamente vigoravam no campo literário.

Assim como Yunes (2005), Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, em **Não contem com o fim do livro** (2010), afirmam que o cinema, o rádio e a própria televisão não tiraram nada do livro, nada que lhe tenha causado dano. Hoje, anos após esta publicação, arriscamos dizer mais: o cinema, o rádio e a televisão estão fornecendo muito aos livros, sobretudo aos seus leitores. O fenômeno **Jogos vorazes** (2010), para não cair no óbvio de citar a célebre série **Harry Potter** (2000), permite que este leitor circule entre as artes – Literatura e cinema, por exemplo – apropriando-se do que ambas possuem de melhor e oferecendo a cada uma delas aquilo que lhes falta. Os leitores destes livros já existiam e eram muitos, e foi a paixão pelas séries que fez com que as mesmas fossem levadas aos cinemas. E a adaptação não os tirou das livrarias, ao contrário, fez com que mais leitores buscassem as obras e transformou os livros em fenômenos editoriais que, para

mencionar apenas um de seus méritos, trouxe a distopia e a fantasia para o linguajar dos adolescentes e para a lista de gêneros que consomem.

Ao lado das vendas de **Jogos vorazes** (2010), por exemplo, vimos crescer também a procura – e as reedições – de célebres e clássicas obras contemporâneas, como **Fahrenheit 451** (2013) e **A revolução dos bichos** (2007). Isto, para fazer referência apenas ao campo das distopias e da ficção. Mas mesmo a poesia, ainda gênero isolado da Literatura e pouco cultuado pelo grande público e pelas editoras, tem conquistado um lugar ao sol neste *boom* que a Literatura está sofrendo. Basta ver, por exemplo, as reedições de Paulo Leminski e Ana Cristina Cesar, lançadas pela Companhia das Letras. As obras se esgotaram nas livrarias e, em 2016, ganharam novas publicações no selo Companhia de Bolso, pertencente à editora.

A respeito da Literatura e de sua relação com o leitor, Michèle Petit traz um compilado de definições relevantes em **Os jovens e a leitura** (2012):

Nas cidades, como também no campo, nem sempre se tem alguém com quem dividir as tristezas, as angústias, as esperanças; podem faltar palavras para expressá-las e o pudor pode amordaçar a pessoa. Então, quando estamos na companhia de um livro, às vezes percebemos, para falar como o poeta belga Norge, que “felizmente somos muitos a estarmos sós no mundo”. E na literatura, em particular, encontramos palavras de homens e mulheres que permitem dizer o que temos de mais íntimo, que fazem aparecer, à luz do dia, aquele ou aquela que não sabíamos que éramos. Palavras, imagens, nas quais encontramos um lugar, que nos acolhem e que desenham nossos contornos. Palavras que fazem pensar, como dizia Breton em **O amor louco**: “é realmente como se eu estivesse perdido e alguém viesse, repentinamente, me dar notícias de mim mesmo” (PETIT, 2012, p. 74, grifo da autora).

Que a Literatura possibilita todo este movimento não resta dúvida. Todavia, cremos que hoje – com a utilização de espaços como *blog* e *YouTube* – é possível agregarmos a estas definições ponto muito singular: a solidão agora é compartilhada virtualmente. É necessário, ainda, manter o caráter da solidão, porque os jovens continuam dentro de casa, falando “sozinhos” no momento em que produzem seus conteúdos. Contudo, seguido a isto, tal solidão se emancipa e passam a dialogar com outros leitores, tanto dentro quanto fora da Internet. A título de curiosidade, o diálogo que estabelecem tornou-se tão intenso que foi notícia também no Jornal Nacional – e outros meios – na época da Bienal do Livro do Rio de Janeiro, no ano

de 2015. Trata-se do encontro de *booktubers* e seus seguidores que reuniu centenas de jovens, tanto os produtores de conteúdo, quanto os espectadores silenciosos.

Esbarramos, então, em um conceito muito caro: o das trocas, das partilhas. Se antes o leitor tinha apenas o seu entorno – e quando muito – para compartilhar suas leituras, hoje ele tem quantos queira ou muitos mais. Basta criar um *website* ou abrir um canal no *YouTube*. Ou menos, caso não queira se expor, basta entrar nas comunidades dos seguidores dos *booktubers* e criar laços com outros leitores com os quais trocará mensagens via *Facebook* e *Snapchat*, por exemplo. Basta, enfim, fazer parte de um clube de leitura – das centenas que existem, virtuais ou presenciais, no Brasil²¹.

O espaço de intercâmbio migrou das silenciosas e frias salas de biblioteca, das clandestinas anotações feitas nas bordas das páginas dos livros emprestados, dos olhares trocados com os poucos que se reconhecia nas livrarias, da meia dúzia de amigos que por acaso estava lendo o mesmo livro, para uma rede infinita de interlocutores que compartilham gosto, opinião e amor aos livros. Afinal, como colocado por Patte (2012), as redes sociais, elaboradas a partir do surgimento da Internet, configuram-se como positivas ferramentas para incentivar o compartilhamento de experiências, encorajando vivências de amizade e solidariedade.

Ainda sobre o advento da Internet, Patte (2012) se posiciona:

[...] Ao encorajar cada um a seguir o próprio caminho, ela favorece a emergência das identidades, em sua singularidade. Oferece um espaço onde a expressão das diferenças é possível, desejável e encorajada. É um lugar onde se pode aprender a construir relações com o outro. Ela privilegia tudo que liga e religa por meio da acolhida, dos encontros, do “estar junto”, não para se diluir, mas para tentar compreender-se (PATTE, 2012, p. 330, grifo da autora).

Eis, então agora, uma outra afirmação relevante: a Internet não matou a escrita; a Internet não matou o livro; a Internet não matou o leitor. Talvez a Literatura fique devendo muito para a era digital. A propósito, no livro **Como viver na era digital** (2012), de Tom Chatfield, há uma afirmação na qual o autor esclarece que

²¹ Este fenômeno, por si, constitui-se merecedor de estudos à parte.

“[...] se quisermos conviver com a tecnologia da melhor forma possível, precisamos reconhecer que o que importa [...] não são os dispositivos que utilizamos, mas as experiências humanas que eles são capazes de criar [...]” (CHATFIELD, 2012, p. 27). A geração que hoje explora a era digital está conseguindo utilizar de forma sábia e criativa dos dispositivos tecnológicos e através deles tem mantido a Literatura viva e pulsante, renovando-se diariamente. Citando o pesquisador Roger Chartier (1999), a revolução do livro eletrônico contempla as estruturas do suporte material, bem como nas maneiras de ler. O texto vive uma pluralidade de existências, sendo a eletrônica uma apenas.

E esta pluralidade de existências permite, em movimento concomitante, também, a existência de plurais leitores e leituras.

5 CONSIDERAÇÕES APOCALÍPTICAS, INTEGRADAS E FINAIS

Não foi apenas o suporte – impresso ou eletrônico – ou o espaço – escolar ou virtual – que mudou ou mudaram. É possível notar, de maneira significativa – que os mediadores da leitura hoje são outros. Se antes professores, bibliotecários, escritores ou psicólogos eram aqueles que incentivavam ou levavam os leitores às obras, hoje os mediadores são outros jovens, munidos de uma página na Internet ou um canal no *YouTube*. E seu papel vai além do da simples mediação, ocupando agora local duplo dentro da Literatura: fazem parte da crítica não especializada.

Ao professor cabe um desafio talvez maior do que o de anos atrás, já que não é mais necessário apenas incentivar essa geração a ler – isso já está acontecendo, conforme os breves dados aqui levantados. Resta ao docente o papel que lhe foi exigido com menos rigor, uma vez que era difícil exercê-lo quando eram poucos os alunos leitores: fazer com que compreendam o que estão lendo e desenvolvam, a partir deste processo, visão crítica e analítica. Afinal, a louvação que aqui se estabelece a respeito do crescimento da leitura no Brasil não garante que esta Literatura seja necessariamente elogiada: se nossos jovens estão lendo boa Literatura corresponde, certamente, a uma espécie de discussão postergada, já que não queremos aqui estabelecer, no presente estudo, critérios que definam ou

discutam o que é alta Literatura, ou que, ainda, legitimem ou não a Literatura produzida na atualidade.

O título deste artigo é, talvez, mais otimista do que a prática permite. Isto, é verdade. A política cultural hoje desenvolvida no país – e as outras que se arrastaram durante os outros anos – não beneficia a difusão da leitura e depara-se com uma série de impasses que vão muito além da boa vontade do professor, por exemplo. Logo, ao se discutir as relações entre leitura, escola e sociedade no Brasil, há que se tomar cuidado significativo, tanto para não sermos apocalípticos, quanto para não nos agarrarmos a um entusiasmo vazio que só é capaz de olhar para um único ponto e esquecer que há também uma parcela significativa de jovens no país que se inserem nos lamentáveis números que alimentam os dados sobre o analfabetismo funcional, por exemplo, além da inacessibilidade ao ciberespaço e suas tantas oportunidades.

Se ser acolhido pela Literatura já era mágico e especial, essa geração de adolescentes leitores vive uma experiência ímpar neste processo: ao dividir suas leituras na Internet, encontra outros leitores com os quais pode estabelecer diálogos livres e apaixonados atrelados aos livros que consome. Diálogos estes que não são intermediados por um ambiente escolar, não são avaliados por um professor e tão pouco são censurados por mediadores outros que não validam suas escolhas. Se a leitura contribui para a descoberta ou para a construção da identidade, poder falar sobre essas leituras para outros permite uma construção coletiva mediada pela relação com outros iguais que torna este processo mais concebível e palatável.

A possibilidade de leitura compartilhada que a Internet oferece intensificaria ainda mais esta relação. E a biblioteca, antes único espaço possível para as trocas e partilhas, estende-se agora para o meio virtual, onde os iguais se encontram, conversam sobre o que estão lendo, sobre o que leram, sobre o que querem ler e em especial, trocam sugestões. Entretanto, se antes todos os jovens estavam destinados à definição de não leitores, ao menos há uma parcela que está derrubando as barreiras das outras gerações e falando de livros e Literatura com muito mais entusiasmo e amor do que, infelizmente, alguns professores com os quais esbarramos em nossas carreiras escolares. Paralelo a este forte aquecimento do mercado editorial em que as publicações deste gênero lançam escritores de

forma veloz, surgem discursos extremamente críticos a respeito do conteúdo e da qualidade deste material. Notamos, sobretudo nas colunas de jornais e em artigos publicados em revistas fora da academia, a redução deste movimento ao que chamam de fenômeno das massas e, ainda, como uma moda que será tão passageira como foi a dos livros para colorir²². A este respeito, citamos Eco (2015):

O universo das comunicações de massa é – reconhecamo-lo ou não – o nosso universo: e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva (ECO, 2015, p. 15).

Ao comentário de Eco (2015), adicionamos agora também a Internet. Sabemos que a primeira característica do produto de massa, conforme ainda afirma o estudioso, é a efemeridade, e compreendemos que este fenômeno, ou esta moda, necessita de atento e cuidadoso olhar para dele retirar os apontamentos apocalípticos e, sobretudo, os apontamentos integrados. Umberto Eco, ainda em sua obra **Apocalípticos e integrados** (2015), a respeito das rejeições que sofreram a televisão e o rádio, cita um crítico que – incomodado com Beethoven sendo veiculado no rádio, em detrimento dos concertos – afirma: “[...] o homem que assobia Beethoven porque o ouviu pelo rádio já é um homem que, embora ao simples nível da melodia, se aproximou de Beethoven [...]” (ECO, 2015, p. 45). Parafraseando o autor a partir do que este artigo pretende discutir e contra todas as profecias que prometiam a morte do livro e da leitura, sobretudo nas mãos da geração que nasceu e cresceu no espaço virtual, podemos conjecturar que estes jovens que celebram os livros impressos de seus ídolos virtuais aproximaram-se deste objeto com mais afeto que as gerações precedentes.

A escrita não morreu. O livro não morreu. E o leitor, definitivamente, está mais vivo do que jamais esteve. Resta-nos agora pensar sobre a Literatura. E como profissionais, estudantes e escritores que somos, a sua maneira e a sua medida, resta compreender a relevância de seu papel e a importância de ter, se não um olhar otimista demais, uma abertura menos elitista, agressiva ou preconceituosa a estes

²²Sobre este mote de discussão, sugerimos a realização de leitura da seguinte reportagem: <<http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/08/26/bienal-do-livro-de-sp-comeca-hoje-e-consolidou-youtubers-como-a-moda-da-vez>> Último acesso em 31 ago. 2017.

livros que não são cânones – ainda – e a estes leitores que podem não estar lendo Machado de Assis, mas leem outros livros de maneira tão alegre e realizada quanto as gerações anteriores quando validavam aquilo que a academia define como Literatura. Cabe-nos, enfim, dar as mãos a estes jovens e a estes livros para que professores e alunos possam juntos atravessar a contemporaneidade e toda a sua liquidez. Entretanto, mesmo diante das inúmeras incertezas que tanto nos assolam na atual conjuntura na qual nos encontramos inseridos, em algo devemos crer, assim como nos coloca Pierre Lévy (2010): “[...] nenhuma reflexão séria sobre o devir da cultura contemporânea pode ignorar a enorme incidência das mídias eletrônicas e da informática [...]” (2010, p. 17).

E, desta maneira, tomando-se por base tamanha influência e relevância que as ferramentas eletrônicas e virtuais detêm e o fato de que não possuímos controle acerca da atmosfera que virá a nos envolver, talvez futuramente, finalizamos, recorrendo ainda e novamente aos apontamentos teóricos de autoria de Lévy (2010):

[...] Não podemos *deduzir* o próximo estado da cultura nem as novas produções do pensamento coletivo a partir das novas possibilidades oferecidas pelas técnicas de comunicação de suporte informático. [...] Pois é ao redobrar equipamentos coletivos da percepção, do pensamento e da comunicação que se organiza em grande parte a vida da cidade no cotidiano e que se agenciam as subjetividades dos grupos (LÉVY, 2010, p. 188, grifo do autor).

Os leitores adolescentes, tal como se caracterizam neste momento da produção e do consumo de livros no país, estão não apenas consumindo ou lendo a Literatura atual, mas especialmente escrevendo esta Literatura. Trata-se de fenômeno que não pode ser ignorado e cuja reflexão auxiliará a melhor tangenciar o espaço do ensino da Literatura, assim como os estudos literários.

Para Eco (2010), o *e-book* não matará o livro, segundo os jovens leitores brasileiros da atualidade, tão pouco matará o leitor. A Internet e as tecnologias estão, a seu modo, ressignificando o papel do leitor e da Literatura e, ao que parece, bem distante do que os apocalípticos poderiam profetizar.

REFERÊNCIAS

- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2013.
- CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CASARIN, Rodrigo. **Bienal do Livro de São Paulo começa hoje e consolida youtubers como a moda da vez**. Disponível em <<http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/08/26/bienal-do-livro-de-sp-comeca-hoje-e-consolida-youtubers-como-a-moda-da-vez/>>. Último acesso em 29 de ago. de 2016.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.
- CHATFIELD, Tom. **Como viver na era digital**. São Paulo: Objetiva, 2012.
- COLLINS, Suzanne. **Jogos vorazes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DEFILIPPO, Juliana Gervason; CUNHA, Patrícia Vale da. Por que nickname escreve mais que realname? Uma reflexão sobre gêneros do discurso. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- _____; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- ELBONI, Frederico. **Só agente sabe o que sente**. São Paulo: Benvirá, 2016.
- FREITAS, Isabela. **Não se apegue, não**. São Paulo: Intrínseca, 2014.
- _____. **Não se iluda, não**. São Paulo: Intrínseca, 2015.
- GONÇALVES, Pamela et al. **O amor nos tempos de #likes**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 2010.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: novas perspectivas**. Porto Alegre: Editora 34, 2012.

PIROTA, Patrícia. **Seu moço**. Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde: Chiado, 2014.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REBOUÇAS, Thalita. **Confissões de uma garota excluída, mal amada e (um pouco) dramática**. São Paulo: Arqueiro, 2016.

RODRIGUES, Maria Fernanda. **Com youtubers como destaque, Bienal do Livro 2016 espera receber 700 mil pessoas**. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,com-youtubers-como-destaque-bienal-do-livro-2016-espera-receber-700-mil-pessoas,10000072053>> Acesso em 29 ago. 2016.

ROWLING, J. K. **Harry Potter**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

VIEIRA, Telma Maria. Literatura: o leitor na modernidade. In: WITTER, Geraldina Porto (org.). **Literatura na formação de leitores**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: _____. (org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

_____. Um ensaio para pensar a leitura. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 14. n. 23. p. 5-18, jan./jul. 2013.

PAISAGEM, IMAGEM E SUJEITO: UM OLHAR SOBRE A POESIA DE MARCOS SISCAR ✓

139

Ariane Ávila Neto de FARIAS¹
Ânderson Martins PEREIRA²
Mariane Pereira ROCHA³

✓ Artigo recebido em 21/08/2018 e aprovado em 21/11/2018.

¹ Doutoranda em Letras, na área de História da Literatura da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). E-mail: <arianenetof@gmail.com>

² Doutorando em Letras, na área Estudos Literários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: <andersonmartinsp@gmail.com>.

³ Mestranda em Letras, na área de Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI). Email: <marianep.rocha@gmail.com>.

PAISAGEM, IMAGEM E SUJEITO:

UM OLHAR SOBRE A POESIA DE MARCOS
SISCAR

RESUMO

No que se refere à forma de composição poética, a poesia de Marcos Siscar é um marco importante na literatura brasileira contemporânea. Além de um trabalho minucioso e inventivo com a palavra, sua obra pode ser compreendida ainda a partir das múltiplas representações de paisagens, locais de interação entre natureza e sujeito, bem como meio de intervenção no mundo. Nesse sentido, essas configuram-se como espaços ricos para a compreensão do sujeito e do processo de construção de sua subjetividade. Isso posto, toma-se como ponto de partida as reflexões teóricas de Michel Collot (2003), que pensa o conceito de paisagem como algo de existência própria e que está em constante interação com os sujeitos, desvencilhando-a, assim, da ideia de natureza pura. O presente trabalho tem como objetivo, dessa forma, discutir a representação das diferentes paisagens na poesia de Siscar, que se configuram como formas de se habitar o mundo, ao se apresentarem como meio de percepções da diversidade dos sujeitos nos poemas “Interior sem mapa” (2010) e “Telescopia I” (2010), do poeta paulista.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea. Paisagem. Marcos Siscar.

LANDSCAPE, IMAGE AND THE SUBJECT:

A PERSPECTIVE ABOUT MARCOS
SISCAR'S POETRY

ABSTRACT

In that which concerns the form of poetic composition, the poetry by Marcos Siscar is a work of prominence in contemporary Brazilian literature. Besides the meticulous and inventive working with the word, his work can still be understood from the multiple representations of landscapes, places of interaction between nature and subject, as well as means of intervention in the world. In this sense, these features are configured as rich spaces to the understanding the subject and the process of construction of subjectivity. Having said that, spotting the point of departure in the theoretical reflection of Michel Collot (2003), who thinks of the concept of landscape as something with its own existence and which is in constant constant with the subjects, unleashing, thus, the landscape from the notion of pure nature. The present paper aims to discuss the representation of such different landscapes, which are configured as ways of inhabiting the world when they present themselves as means of perception of subjective diversity in the poems “Interior sem mapa” (2010) and “Telescopia I” (2010), by the paulista poet.

Keywords: Contemporary Brazilian poetry. Landscape. Marcos Siscar.

1 INTRODUÇÃO

A literatura no Brasil, em constante transformação, tem apresentado uma série de novas características nos últimos vinte anos, período em que, apesar das controvérsias, muitos teóricos e críticos concordam em chamar de contemporaneidade. Beatriz Resende (2008) aponta que para analisar a literatura brasileira produzida a partir da década de 90 é preciso "deslocar a atenção de modelos, conceitos e espaços que nos eram familiares até pouco tempo atrás" (RESENDE, 2008, p. 15). A autora afirma ainda que é possível apontar algumas tendências nesse período, entre elas, a fertilidade, ou seja, o grande número de publicações, o surgimento de novas editoras e, é claro, a internet como facilitadora do contato entre leitor e obras; a multiplicidade dessas publicações que se apresentam bastante heterogêneas, e a qualidade, já que segundo Resende (2008), não só se está escrevendo mais, como também há o predomínio de um talento na escrita do texto literário:

Em praticamente todos os textos de autores que estão surgindo revela-se, ao lado da experimentação inovadora, a escrita cuidadosa, o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe e uma erudição inesperada, mesmo nos autores muito jovens deste início de século. Imaginação, originalidade na escritura e um surpreendente repertório de referências da tradição literária (sobretudo a modernista) mostram que, como já disse uma vez, com as costas doendo menos e a correção imediata feita pelos programas de computador, nossos escritores parecem estar escrevendo tão rápido quanto bem (RESENDE, 2008, p. 17).

Embora Resende esteja enfatizando, em seu texto, especialmente a prosa de ficção, observamos que essas são características de um tempo e, portanto, são também percebidas no desenvolvimento da produção poética. De fato, Célia Pedrosa (2015) vai afirmar que a produção lírica do novo século "passa a se caracterizar também pela pluralidade de discursos e tendências" (PEDROSA, 2015, p. 322). A autora reflete, ainda, que as novas formas de poesia vão desestruturar a forma como a crítica de poesia era feita até então. Segundo ela, "percebe-se a dificuldade de enfrentamento do heterogêneo e de fazer disso oportunidade de questionar generalizações e discutir a partir de tensões, incertezas" (PEDROSA, 2015, p. 323).

Tendo em consideração que a multiplicidade, a heterogeneidade e o hibridismo parecem ser aspectos determinantes na contemporaneidade, os diálogos interdisciplinares vão se tornar cada vez mais frequentes nas novas manifestações poéticas, em que as mais variadas áreas de estudos são aproximadas, como as artes visuais, a psicologia, a psicanálise e a geografia. Dessa forma, o texto poético, na contemporaneidade, se torna uma experiência singular para discussões acerca de transgressões e ressignificações do eu e dos diferentes elementos que o compõem. Para se pensar a constituição desse eu e a construção de sua subjetividade, as memórias, os tempos e os espaços vão ocupar lugar de destaque nas novas produções. É assim que as vivências e os lugares em que o sujeito transita vão sendo expostos através dos versos de uma poesia que desvela as múltiplas faces e vozes desse eu. Nesse viés, é possível perceber um movimento constante de quebra de paradigmas, um rompimento com estruturas já cristalizadas que tem como resultado a percepção de novos mapas configurados pela poesia na atualidade.

É nesta perspectiva interdisciplinar que a geografia estabelece um diálogo com a literatura, a fim de aperfeiçoar a compreensão de um sujeito em constante deslocamento. Com o diálogo entre as áreas, passa-se ao estudo das interações entre os indivíduos e o espaço e, de acordo com estudiosos do tema, essa interação seria responsável por deixar importantes marcas durante o processo de construção do eu. Assim, a natureza enquanto espaço em que esse sujeito habita, parece ser ferramenta fundamental na impressão da subjetividade do eu.

No mesmo viés, Friedrich Schiller pontua noções acerca da importância de se pensar a natureza conectada à poesia e à arte, no texto **Sobre poesia ingênua e poesia sentimental** (1991), quando assinala diferenças entre o poeta ingênuo e o poeta sentimental e aponta o total distanciamento entre homem e natureza. O teórico afirma que enquanto “atribuímos a alguém caráter ingênuo quando em seus juízos sobre as coisas ignora o que têm de artificioso e rebuscado e só se atém à simples natureza” (p. 44-45); o poeta sentimental “medita sobre as impressões que os objetos lhe provocam, e é apenas nesta meditação que se fundamenta a emoção em que abarca a si e aos outros” (p. 48-49). Para o autor, a união entre sentir e

pensar a natureza pura distinguiria os sujeitos, já que esta seria responsável por sua “unidade sensorial” e seu “todo harmônico”.

Na mesma direção das ideias defendidas por Schiller, encontra-se o discurso de Michel Collot que salienta a fundamental conexão entre homem e natureza para a percepção do conceito de paisagem, trabalhado pelo teórico em seu famoso texto **Pensamento-paisagem**, publicado em 2013. Em seu artigo, Collot postula a edificação do sujeito a partir de seu contato com o outro; um outro exterior, que na teoria do professor francês vai ter todo o seu poder na figura da paisagem, demarcando uma total abertura com o mundo circundante, que é também responsável pela expansão dos limites da personalidade humana.

Pelo exposto acima, o presente artigo objetiva analisar como o encontro e as trocas entre paisagem e sujeito são representados pela poesia de Marcos Siscar. Tendo como referência a teoria de Michel Collot, que compreende o conceito de paisagem a partir da interação entre sujeito e natureza, buscar-se-á refletir acerca dessas relações e os seus reflexos na construção da subjetividade na contemporaneidade. Compreende-se também que esse encontro é ainda responsável pela construção de uma nova paisagem, paisagem que não se refere apenas a espaços físicos, mas que é resultado da interação com o sujeito, estando conectada à multiplicidade do eu. Além disso, o artigo visa discutir a função da fotografia nesse diálogo entre paisagem e sujeito, investigando um espaço interdisciplinar no qual o invisível torna-se visível na poesia contemporânea.

O poeta e professor paulista, Marcos Antônio Siscar, é autor de diversas obras poéticas e teóricas sobre literatura⁴. Na poesia, Siscar teve seu primeiro livro publicado em 1999, **Não se diz**. Depois desse, vieram livros como **Metade de arte**, publicado em 2003, e, **Cadê uma coisa**, de 2012. Entre seus livros de poesia, três foram publicados em língua estrangeira – dois em espanhol (*No se Dice*, de 2013 e, *La mitad del arte*, de 2014) e, um em francês (*La rapt du silence*, de 2007). O professor é responsável por traduções de obras de Jacques Roubaud e Tristan

⁴ Dentre as obras poéticas, destaca-se **Metade da Arte** (2003), **O Roubo do Silêncio** (2006) e **Manual de flutuação para amadores** (2015). Enquanto crítico, salienta-se **Poesia e Crise: ensaios sobre a crise da poesia como topos da modernidade** (2010) e **Da soberba da poesia: distinção, elitismo, democracia** (2012). Além de diversas traduções como: **Os animais do mundo** (2006), de Jacques Roubaud e **A rosa das línguas** (2004), de Michel Deguy.

Corbière, bem como pela escrita de ensaios e artigos teóricos sobre Ana Cristina Cesar, Haroldo de Campos e Jacques Derrida. Os poemas **Interior sem mapa** e **Telescopia I**, publicados no livro **Interior via satélite** (2010) foram escolhidos para esta análise.

2 A PAISAGEM TODA ENCOLHEU: POESIA DE INTERIORES

Ao se analisar a obra poética de Siscar, pode-se afirmar que essa se inscreve no presente ao pensar a potencialidade das palavras no corpo de seus poemas. A força das palavras do poeta, coloca o eu em um novo patamar. Ao encontro do afirmado por Michel Collot (2013), que reflete acerca da importância das teorias fenomenológicas, o sujeito lírico da poesia do paulista é aquele que não mais se possui, estando em um contínuo processo de relação com o exterior. Nesse sentido, “longe de ser o sujeito soberano da palavra, ele se encontra *sujeito* a ela e a tudo o que o inspira” (COLLOT, 2012, p. 222).

É em **Interior via satélite** (2010) e **Manual de flutuação para amadores** (2015) que se percebe ainda mais uma poesia que vai ser construída por meio das interações do sujeito com o exterior, que vão representar lugares conectados aos indivíduos de alguma maneira, formando toda a sua estrutura de sentido. O exterior geográfico vai ser assim convertido em um interior, expressão poética da subjetividade do eu lírico. É pela reiteração dessas imagens que Siscar vai olhar criticamente para a literatura.

Ao se pensar a poesia de Siscar (2010), o retorno à composição teórica de Michel Collot e toda a sua concepção de paisagem como interação entre espaço geográfico e sujeito se faz importante. Afirma o francês que

A paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista [...]. De fato, a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes, unidos numa relação complexa: um local, um olhar e uma imagem. [...] Um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem senão a partir do momento em que é percebido por um sujeito (COLLOT, 2013, p. 17-19).

Nessa perspectiva, Collot (2013) salienta que o entendimento acerca da paisagem não deve ser pautado unicamente pela exposição de determinada região

ou por uma representação pictórica, já que essa representa relações bem mais complexas. Afirma o teórico que “a paisagem não é um puro objeto em face do qual o sujeito poderá se situar numa relação de exterioridade” (2013, p. 18), assinalando o fato que ela é constituída por uma forma de olhar. Ele continua seu texto pontuando que “ela [a paisagem] se revela numa experiência em que o sujeito e o objeto são inseparáveis, não somente porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas também porque o sujeito, por sua vez, encontra-se englobado pelo espaço” (p. 18-19).

Pontuando o olhar como responsável pela transformação do espaço em paisagem, Collot (2013) enfatiza a natureza poética dessa que, por se tratar da visão e construção de um sujeito, acaba por não escapar de toda a sensibilidade e emoções do eu. Dessa forma, de acordo com o teórico, seria a paisagem uma forma de mediação entre “o mundo das coisas e da subjetividade humana” (HAZAN apud COLLOT, 2013, p. 27). Ainda por se tratar de um encontro entre o mundo e diferentes pontos de vista, outro fato reforçado pelo teórico é a da múltipla representação de um mesmo lugar, que pode ser percebido como formas diversas de paisagens, dependendo do sujeito que olha. Destaca-se, assim, que o pensar acerca da paisagem em muito depende do olhar de cada sujeito. Isso também se deve ao fato de que a paisagem, além daquilo que é visto, é também aquilo que é sentido.

Sendo assim, o autor chega ao conceito do que ele vai chamar de “pensamento-paisagem”, que seria “o pensamento partilhado, o qual participam o homem e as coisas” (2013, p. 29). É assim que este implicaria em um sujeito não mais em si, mas aberto para o lado de fora. O autor assinala que

o pensamento não procede de um encontro entre o homem e o mundo, mas de um princípio que transcende a ambos. [...] Melhor que a noção de lugar, a de paisagem me parece reunir essas duas direções de espacialidade humana, que é sempre, ao mesmo tempo, aqui e lá. O horizonte delimita a paisagem, mas este limite é móvel, aberto ao apelo de alhures (COLLOT, 2013, p. 34).

É a partir da teoria apresentada que melhor se pode compreender a paisagem dos poemas de Siscar (2010). Os movimentos do poema entre pertencer, ver e

perceber uma paisagem também fazem o caminho oposto com a ausência dessa paisagem. Dessa forma, essas apresentam-se como interações com lugares familiares ao poeta. Um cenário repleto de memórias afetivas, que guiam o leitor para a compreensão da necessidade de enxergarmos o mundo (MERLEAU-PONTY, 2012) em que se habita. Pela pluralidade de sentidos, as imagens do poeta paulista, que marcam a condição humana e constroem o sujeito poético, vão formando a sua poesia. "Interior sem mapa" (2010) sugere o até então afirmado:

INTERIOR SEM MAPA

descartes colonizou o interior. marx abriu o fosso. freud achou os ossos.
cabral rodeou o poço do interior. pessoa queria multiplicar. whitman
desbravar. drummond perdoar. o interior
do interior. as paixões da alma a gaveta dos armários a língua dos anjos os
pátios de sevilha a hegemonia as veredas do grande eu. que sei.
que sei senão andar correr discorrer. vou e quero voltar.
do interior caminhos. no corguinho trilhas de fazenda. em uru a lua. lagoa
negra. ribeirão dos fugidos. de um lado a outro a cor do rio relâmpagos no
laranja.
discorro pelo interior. na estrada estou fora do dentro à margem. a geografia
que traço é a mesma que me mantém em seu espaço. no asfalto o sintoma
o suplemento a luta de classes. fora da estrada nada. pasto.
entro num canavial levanto poeira me perco em mil encruzilhadas. caminho
de terra não tem placa. paro o carro. abro a porta. não há saída. só poeira.
tosse. o exílio é interior. interior não há. desejo o interior.
paro no posto abandonado. abro o mapa. encontro uma capela perdida no
mato. aqui não se vê mais nada. a paisagem toda encolheu.
só sei correr discorrer desfazer mapas estragar conceitos, enfiar o dedo na
malha rasgar solícitos remendos. sem os quais a vida.
arrancar a casca lamber a ferida (SISCAR, 2010, p. 18).

No poema acima, filosofia e poesia estão em diálogo. Ao trazer um sujeito em interação com o mundo, ele demonstra toda a força que o interior tem para o eu. Um interior que é apresentado em um jogo de trocas e interação com o espaço habitável, com a natureza em forma de escultura. Dessa maneira, o eu lírico assinala a sua entrada na paisagem – “entro num canavial” -, perdendo-se na geografia de si mesmo, mostra, ao mesmo tempo, todo o seu sentimento de pertencimento aos lugares que são desenhados por suas palavras e a incerteza quanto aos caminhos que deve tomar.

Sobre o sujeito do poema aqui analisado, Dariete Cruz Saldanha (2014), em sua dissertação de mestrado, **Paisagens em perspectiva na poesia de Marcos Siscar**, aponta que “é preciso perder-se para compreender sua geografia. Ao

desconstruir sua geografia interior e colocar os pés no chão da objetividade, o sujeito se perde. Mas perder-se é também delinear as veredas do interior, ou seja, o interior/lugar também sofre alterações” (2014, p. 20-21).

Nessa perspectiva, o poema vai construindo um nítido mapa que conecta importantes pensadores do século XX, uma viagem por uma paisagem histórica que se faz necessária para a compreensão do hoje. Os versos invertidos do poeta assinalam ainda mais a particularidade da paisagem que é apresentada. É dessa forma que o quebra-cabeça de suas memórias constrói uma paisagem que pertence ao presente e ao passado. “Aqui não se vê mais nada”, afirma o eu, reconfigurando seu interior, construindo um novo sujeito.

Saldanha assinala que “o interior no poema de Siscar fabrica a paisagem ampliada, reduzida, de fora e de dentro. A ampliação parte da prática do conhecimento filosófico na constituição da estética literária, ou seja, o retorno ao fosso, à colonização, à averiguação do poço, ao exame dos ossos deixados pelo tempo” (2013, p. 01). Nesse sentido, através das palavras, os fragmentos da memória sugerem os encontros e desencontros do sujeito ao mesmo tempo em que constroem objetos, natureza e, por fim, a paisagem. A memória íntima é apresentada com o objetivo de mostrar o processo de civilização de seu interior. Desse modo, como pontuado por Collot, “a natureza humana e a natureza das coisas estão reunidas em uma mesma palavra e em uma mesma emoção” (2013, p. 41).

A linguagem e a sonoridade do poema dão também uma nova roupagem à própria poesia. Siscar (2010) sugere, assim, que é no destaque de se pensar e fazer poesia, que nasce o contemporâneo. Uma reflexão sobre o entender as mudanças do mundo para se questionar o *status* atual da literatura.

3 O VISÍVEL QUE HÁ NO INVISÍVEL: OLHAR E VER

Conforme observamos até aqui, o processo de ressignificação dos espaços para que possam ser apreendidos enquanto paisagens, da percepção à compreensão do exterior geográfico, é perpassado pelo olhar. A lírica de Siscar (2010) é bastante voltada para os modos de ver, não somente através das

temáticas, que frequentemente trazem referentes visuais, mas também pela linguagem em si mesma e pela organização estrutural do poema. De acordo com Natália Brizuela (2014), o diálogo entre literatura e artes visuais é uma tendência contemporânea:

A literatura contemporânea é uma literatura que em parte propõe que os livros "do futuro" - os livros de hoje - sejam livros concebidos como objetos fronteirços, liminares, contaminados, que os livros de hoje sejam - valha a redundância - de um regime artístico das artes distinto do de um século atrás (BRIZUELA, 2014, p. 30).

Em Siscar (2010), notamos que os elementos da linguagem fotográfica estão presentes ao longo dos poemas, configurando o que Brizuela (2014) chamou de um "paradigma de uma nova sintaxe". Segundo ela, a linguagem literária se apropria de características próprias ao dispositivo fotográfico, "como a indexicalidade, o corte, o ponto de vista, o pôr em cena, a dupla temporalidade (passado-presente/o que foi-o agora), o caráter documental, sua função mnemônica, o ser uma mensagem sem código" (p. 31). Podemos notar como o poeta faz uso de tais características no poema **Telescopia I** (2010):

TELESCOPIA 1

a arte cativa pela proximidade ou pela distância. iminência ou adiamento. ut pictura poesis.

uma proximidade extremamente próxima capta o visível que há no invisível. o olhar enquadra e focaliza as pequenas coisas do mundo. aumenta sua grandeza desloca-as do contexto em que permaneciam despercebidas. olho meus pés dentro d'água ondulando na água turva. vejo resíduos de alga entre os dedos. enquadro. focalizo. o mundo todo são meus dedos. envolvidos em alga e lodo.

telescopia. olhar atentamente à distância trazendo para perto. o microscópico vê a estrutura do átomo. o zoom fotográfico perscruta o minúsculo desaparecido (Antonioni). a tecnologia transforma em visível todo o campo do invisível. mas aquilo que enfoca subverte. vê na coisa outra coisa. no visível seu invisível. aproximar é mostrar a sombra da coisa.

outra telescopia o extremo distanciamento. distanciar o próximo. escapar. a ideia do panorama é antiga. mas o distante pode ser vertical pode vir do espaço. outra perspectiva da paisagem.

alterar o espaço do visível por adiamento. até reconhecer o invisível que está em jogo no visível. reconheço o telhado da casa. apenas um toque de pincel. o canavial com base de verde sobre o marrom que aguarda. sol e vento chicote de águas claras.

quando o poeta ouvia estrelas era o tempo de subterfúgios. desde então morreu a morte das estrelas. reacendeu estrelas. lamentou satélites. deu-lhes as costas. espalhou na página constelações. quis duvidar de sua máquina ou merecer o big-bang.

como dizem os astrônomos fazemos parte do céu. como um anjo de paul klee. somos cometas astronautas desintegrando-se ao entrar na atmosfera (SISCAR, 2010, p. 21).

Na segunda estrofe, a utilização do enquadramento fica evidente. Ao longo de todo poema, Siscar (2010) vai utilizando enquadramentos e delimitando-os a partir da pontuação. É na segunda estrofe, porém, que ele vai falar como o enquadrar tem o poder de modificar o que é perceptível em cada paisagem, já que ao se aproximar ou se afastar, a percepção que se tem dos espaços é completamente modificada. Embora o poeta esteja se referindo, de acordo com o título, a um telescópio, esse movimento é bastante similar ao movimento da câmera fotográfica, conforme ele vai confirmar na próxima estrofe ao mencionar o 'zoom fotográfico'. As fotografias, de fato, são capazes de evidenciar aquilo que estava antes invisível ao olhar, de capturar movimentos, gestos e detalhes que passariam despercebidos pelo olho nu. Walter Benjamin (1985) em seu célebre ensaio **A pequena história da fotografia** foi um dos primeiros filósofos a pensar nessa característica da fotografia. Para ele, há sentidos na natureza que vem à tona a partir de uma fotografia que não poderiam jamais serem percebidos através da simples observação do referente. De acordo com o teórico, "a natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado consciente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente" (BENJAMIN, 1985, p. 94). O fragmento de segundo que é capturado pelo obturador da câmera revela detalhes sobre o referente que o olhar não é capaz de capturar por ele mesmo. É somente depois, ao olhar as fotografias, que o observador "sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem" (BENJAMIN, 1985, p. 94).

Bernd Stiegler explica que "graças à intermediação através do meio fotografia [...] a realidade do mundo cotidiano torna-se analisável em imagem, mas sem que o observador dela se distancie – ao contrário: ele a aproxima de si. A realidade 'salta' ao observador em detalhes" (STIEGLER, 2015, p. 38). Assim também, para

Benjamin, são técnicas que só a fotografia possui que são capazes de transparecer sentidos sobre referente, conforme ele explica:

Percebemos, em geral, o movimento de um homem que caminha, ainda que em grandes traços, mas nada percebemos de sua atitude na exata fração de segundo em que ele dá um passo. A fotografia nos mostra essa atitude, através dos seus recursos auxiliares: câmera lenta, ampliação (BENJAMIN, 1985, p. 94).

Reflexão similar é também feita no texto **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica** (1985), quando ao apontar a fotografia como uma maneira de reproduzir tecnicamente às obras de arte, Benjamin destaca as especificidades do meio:

Ela [a reprodução técnica], pode por exemplo, pela fotografia, acentuar certos aspectos do original, acessíveis à objetiva - ajustável e capaz de selecionar arbitrariamente o seu ângulo de observação -, mas não acessíveis ao olhar humano. Ela pode, também, graças a procedimentos como a ampliação ou a câmara lenta, fixar imagens que fogem inteiramente à ótica natural (BENJAMIN, 1985, p. 168, grifo nosso).

Benjamin entende que a fotografia atua, então, como esse dispositivo apto a tornar manifesto o que ele nomeia como **inconsciente ótico**, da mesma forma que só através da psicanálise conseguiríamos acessar nosso inconsciente pulsional. Nesse sentido, Stiegler afirma que

Fotografia e psicanálise são para Benjamin - em um campo de validade completamente diverso - etapas decisivas na história da percepção. Por meio delas o visível é novamente estabelecido, tornado acessível pelos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, analisado. Ambas desempenham um papel decisivo no fato de que aquilo que, até então, fora apenas parte do inconsciente e do não perceptível, torne-se agora perceptível e analisável (STIEGLER, 2015, p. 38).

Telescopia I, dessa forma, evidencia uma das principais características da contemporaneidade: a interdisciplinaridade. Nesse viés, a fotografia, inserida no contexto das artes visuais, mostra-se fundamental para a constituição da paisagem e a ligação com a história que está sendo narrada pelo poema de Siscar (2010). O poema analisado brinca com uma linguagem que se encarrega de criar as imagens

e seus efeitos no sujeito, transformando-se em um retrato que se compõe no exato segundo de sua leitura.

O sujeito vai tomando a sua liberdade e evocando sua habilidade de fotógrafo/escritor, reproduzindo uma fotografia do imperceptível, muito anterior à do visível, ao mesmo tempo em que reflete sobre a paisagem que nasce no encontro de ambos. Sua câmera é um mundo que aproxima e distancia as coisas e as palavras. Um coração do tamanho do mundo em um corpo que reage às mudanças, ao desconhecido.

Os ventos da vida é que vão moldando sua compreensão, ampliando o seu olhar através do ser. O astronauta viaja entre as coisas e o mundo, que podem ser tocados em suas mais diversas dimensões em toda a sua real intensidade. A paisagem vai sendo compreendida pela relação sensorial entre o sujeito. O verso que mostra o movimento dos cílios do sujeito, que distorce a imagem sendo vista sem quebrar a própria evidência da coisa, sugere a ação da relação singular do olhar, do eu e o objeto, que é nessa atividade modificado, seguindo a ideia defendida por Merleau-Ponty (2012).

Nessa perspectiva, as imagens vão redundantemente se aproximando, afirmando o visível e mostrando o invisível. Da tecnologia, é mostrada a força pela fotografia tirada, que também nos mostra a paisagem que está sendo construída, bem como pela visão através do microscópio. A telescopia marca o paradoxo dessa aproximação liderada pela figura do fotógrafo/ escritor.

Dessa maneira, todo o aparato da linguagem, apresentado no decorrer da poesia de Siscar (2010), questiona e desestabiliza a noção das coisas em seus estados naturais, elaborando a ideia de que a linguagem é um meio para tornar possível todas as coisas. É possível pensar que a poesia se faz nos e dos pequenos atos e das circunstâncias. As paisagens que se instalam no limiar da poesia de Siscar (2010) são, de algum modo, uma maneira de agregar traços da cultura, da transição e da tradição poética.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar a maneira como o poeta paulista, Marcos Siscar (2010), trabalha em sua poesia com o espaço em toda a sua relação com o sujeito. Com base na teoria de Collot (2013), percebe-se o espaço como aquela paisagem que atinge todos os sentidos humanos, valorizando ainda mais a subjetividade e tudo o que envolve o processo de sua construção. É assim que, em **Interior sem mapa** (2010) e **Telescopia I** (2010), é apresentado um interior com uma forte exterioridade, demonstrando toda a sua abertura para os atos de pensar e falar. Desse modo, tem-se acesso a um eu multifacetado.

Assim sendo, o poeta demonstra sua capacidade de retirar as mais variadas imagens de seus locais de origem, as reconfigurando no espaço poético. Entende-se que todas as imagens levam a diferentes paisagens e que unindo as mais variadas dimensões, tanto dos espaços físicos como dos atores humanos, representam algo para o eu que as narra.

Ademais, o eu na poesia de Siscar (2010) torna-se mais forte, pelo seu íntimo contato com os territórios que transita, colocando-se em uma atividade permanente de recuperação de memórias. Através de uma poética que reinventa o sublime, os poemas estudados mostram-se perfeitas criações de imagens, que são para o sujeito as mais simples formas de conexão com sentimentos, desejos, alegria e melancolia.

Por fim, percebe-se que o eu poético de Siscar (2010) é aquele que está 'fora de si', que, ao perder controle de toda a movimentação de sua interioridade, vê no exterior a possibilidade de conhecer uma diversidade de sentimentos nunca antes percebidos. Essa exterioridade é também um estado da alma que a ligação com a paisagem dá acesso.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 91-107.

COLLOT, Michel. Paisagem e Literatura. In: _____. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. In: **Signótica**, v. 25, n. 1, p. 221-241, jan./jun. 2013.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos. **Expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da palavra/Biblioteca nacional, 2008.

SALDANHA, Dariete Cruz Gomes. A paisagem da poesia de Marcos Siscar. In: **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC**, 2013, p. 1-11.

_____. **Paisagem em perspectiva na poesia de Marcos Siscar**. Dissertação de mestrado. Programa de Mestrado Acadêmico em Estudos Literários, Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2014.

SCHILLER, Friedrich. Sobre poesia ingênua e poesia sentimental. In: **Poesia ingênua e sentimental**. Iluminuras: São Paulo, 1991, p: 41-49.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. Poesia brasileira contemporânea, paisagem e memória. In: **Organon**, Porto Alegre, v. 31, n. 61, p. 65-80, jul/dez. 2016.

SISCAR, Marcos. **Interior via satélite**. São Paulo: Ateliê editorial, 2010.

_____. **Manual de flutuação para amadores**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

STIEGLER, Bernd. O álbum de fotografias de Walter Benjamin. In: **Revista da Cinemateca Brasileira**, n.2, São Paulo, 2013.

STIEGLER, Bernd. Walter Benjamin e a fotografia. In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO JR., Rubens; VEDDA, Miguel (orgs.). **Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas**. São Paulo: UNESP, 2015.

TEORIA DO MEDALHÃO E O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS: AS FACES DO (NÃO) TRABALHO NO BRASIL NO LIMIAR DOS SÉCULOS XIX E XX[✓]

154

Ernani MÜGGE¹
Daniel CONTE²
Liandra Fátima HENGEN³

[✓] Artigo recebido em 31/08/2018 e aprovado em 20/11/2018.

¹ Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela UFRGS. Professor do PPG em Processos e Manifestações Culturais e do Mestrado em Letras da Universidade Feevale. E-mail: <ernani@feevale.br>.

² Bolsista de produtividade em Pesquisa CNPq. Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela UFRGS onde atua como professor convidado. Professor do Mestrado Profissional em Letras e do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: <danielconte@feevale.br>

³ Mestranda no PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: <liandra@feevale.br>.

TEORIA DO MEDALHÃO E O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS:

AS FACES DO (NÃO) TRABALHO NO BRASIL NO LIMIAR DOS SÉCULOS XIX E XX

RESUMO

Este artigo propõe uma análise dos contos **Teoria do medalhão**, de Machado de Assis e **O homem que sabia javanês**, de Lima Barreto, e tem como objetivo compreender a questão do trabalho e do não-trabalho no primeiro conto; e, no segundo, o trabalho como uma estratégia de sobrevivência com a supervalorização da simulação do labor intelectual. O estudo partiu de uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de trabalho de Albornoz, Alves, Antunes e Pochmann; sobre cordialidade e cultura, baseou-se em Holanda e, sob o aspecto popular da distinção das classes, em Arantes. O artigo estabelece um diálogo com a história do país no final do século XIX e início do século XX, sob a perspectiva do tratamento estético que a literatura confere a eventos do contexto empírico.

Palavras-chave: Trabalho. Literatura brasileira. Cordialidade. Imaginário.

TEORIA DO MEDALHÃO AND O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS:

THE (NON)WORK FACES IN BRAZIL IN THE TRANSITION BETWEEN THE XIX AND XX CENTURIES

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the short stories **Teoria do medalhão**, by Machado de Assis and **O homem que sabia javanês**, by Lima Barreto, and aims to understand the work and non-work issue in the first story; and, in the second, the work as a survival strategy with the simulation of intellectual work overvaluation. The study started with a bibliographical review of the Albornoz, Alves, Antunes and Pochmann work concepts; on cordiality and culture terms, it was based in in the country of Holland and, under the popular class distinctions aspect, in Arantes. The article establishes a dialogue with the country history in the late nineteenth and early twentieth centuries, from the aesthetic treatment perspective that literature confers to empirical context events.

Keywords: Work. Brazilian literature. Cordiality. Imaginary.

1 DAS ANCORAÇÕES DO OBJETO OU UMA POSSÍVEL INTRODUÇÃO

Ancorada na rede de significações do imaginário, que lhe serve de matéria-prima, a literatura expressa aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais de um povo. Nessa ordem, é possível identificar na literatura brasileira momentos da história do país em seus processos formativos e, por conseguinte, atores que materializam literariamente traços de sua sociedade, o que evidencia as nuances performativas da identidade nacional. E o leitor, ao se debruçar sobre a ordem do imaginário que constitui e produz efeitos de sentido para seu percurso social, encontra a materialidade literária como espaço de entendimento de sua condição fenomenológica. Essa posição ideológica do sujeito aponta a ficção como representação do passado, que desvela o ponto de vista do sujeito criador, o qual imprime nela suas críticas sobre a sociedade e os aparelhos ideológicos de outrora. Desse modo, percebe-se a literatura como um campo ideológico, em que são expostas as formas de conceber e representar o comportamento dos sujeitos em sociedade, tanto quanto suas produções sociais em determinado contexto histórico.

Tendo como horizonte que a literatura carrega a propriedade de representar momentos específicos da narrativa constituidora da nação, busca-se, aqui, evidenciar como se articula a imagem do trabalho representada nos contos **Teoria do medalhão**, de Machado de Assis, e **O homem que sabia javanês**, de Lima Barreto.

O estudo consiste em apontar como o trabalho, o *facite cotidianam*, compreendido como atividade naturalizada dentro das relações imaginárias da sociedade brasileira no limiar do século XIX e XX, é representado pelos seguintes vetores: trabalho mental (que não macula as mãos e o corpo), trabalho da palavra (que se esgota em si), ausência de trabalho e trabalho como estratégia de sobrevivência. Para tanto, servem de base teórico-crítica Albornoz, Alves Antunes e Pochmann, quando se referem à ideia de trabalho; Holanda, de cordialidade e cultura; Arantes, da distinção das classes e Vital, da representação das materialidades literárias aqui abordadas.

As leituras no campo teórico-crítico suportam interpretações histórico-culturais e apresentam mecanismos de sobrevivência e ascensão em um ambiente cuja

hipocrisia se incorporava às máscaras da vida ordinária, elucidando nuances configuracionais presentes no cotidiano idealista do Segundo Reinado no Brasil e estendidas aos primeiros anos da República.

2 DAS CONCEITUAÇÕES DO TRABALHO OU DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas relações do imaginário, entre o sujeito histórico e o ser fenomenológico, há um contato interseccional onde habita outra categoria que define os atores sociais: a de operador econômico. Isso leva a macular o valor do sujeito social pelo trabalho que faz e pela riqueza que produz, de modo que o fazer laboral constrói um elo social de aprovação e reconhecimento.

Para que o sujeito possa conhecer as especificidades do mundo em que vive, é imprescindível que ele não apenas analise a época atual, mas também olhe para o passado no intuito de entender os processos históricos socioculturais que sustentam seu tempo presente. Além disso, faz-se importante que conheça a trajetória dos acontecimentos de outrora, para compreender os problemas cotidianos, especialmente, quando se trata do trabalho e da relação entre ele e seu espaço.

Sob essa complexa perspectiva de funcionamento estrutural dos mecanismos e das condições de produção, o não trabalho significa a inexistência. O trabalho, portanto,

não é só um dever, mas um direito, pois através dele o homem é homem, se faz, aparece: enquanto cria, entra em relação com os outros, com o seu tempo, cria o seu mundo, se torna reconhecido e deixa impressa no planeta em que vive a marca de sua passagem (ALBORNOZ, 1986, p. 94).

A prática laboral, além disso, pode ser entendida como uma estratégia do ser humano de se inserir nas esferas sociais e constituí-las de modo significativo. Ela está vinculada à estrutura antropológica, sendo indispensável analisá-la – na atualidade – a partir do modo de produção capitalista. Antunes (2005) evidencia as relações dicotômicas que os atores sociais estabelecem com o trabalho; propõe a reflexão do sentido do trabalho, baseada nos discursos, nas ideologias, nas relações de poder e em outros aspectos que originam a sociabilidade humana. Nesse âmbito, o trabalho caracteriza uma dualidade entre prazer e sofrimento. O próprio significado da palavra “trabalho se converteu em *tripaliare* – originário de *tripalium*, instrumento

de tortura – momento de punição e sofrimento” (ANTUNES, 2005, p. 11). Apesar de o trabalho ter essa conotação, também traduziu a ideia de imperativo social e de sua práxis organizacional, “o que significa que as atividades de trabalho eram verdadeiros rituais de socialização e cooperação social” (ALVES, 2007, p.74).

Um fator determinante que levou o trabalho a carregar a conotação de tortura foi o avanço tecnológico, que o tornou uma categoria decisiva nas relações de poder, garantindo a hegemonia do capital. Diante disso, ocorre um duplo fenômeno: as formas antigas de trabalho passam por um processo mutacional e, paralelamente, novas formas emergem. Isso acontece, segundo Pochmann (2002), devido a um conjunto de eventos que marcaram o início do século XX, como a Revolução Russa; a Grande Depressão ao largo da década de 30; as duas Guerras Mundiais e a Guerra Fria. Esta última sustentou a polarização do mundo entre o capitalismo norte-americano, que consolidou hegemonicamente o sistema econômico, e o socialismo soviético, que deu ao trabalho um caráter constitutivo de estado, debilitando as possibilidades de operadores econômicos do imaginário.

De acordo com Antunes (2006), o modelo taylorista-fordista predominou na grande indústria capitalista ao longo do século XX, massificando a produção, que obteve maior eficácia com a introdução do método organizacional proposto por Frederick Taylor. Com isso, o trabalho passa a ser fragmentado e integra uma linha de montagem em que cada etapa é desenvolvida por um profissional que está organicamente desvinculado da totalidade do processo produtivo. Desse modo, há uma desarticulação fenomenológica do ato do fazer, criando um novo modo de trabalho, em que emergem vetores especializados. O modelo taylorista-fordista, portanto, parcela e fragmenta as funções do trabalho

pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalho fabril” (ANTUNES, 2006, p. 25).

A nova dinâmica que se desenha gesta espaços de controle dos processos produtivos de trabalho. No final da década de 1960 e início da década de 1970, o modelo taylorista-fordista apresenta uma queda da produtividade e, por conseguinte, a perda da competitividade da indústria americana, o que leva há uma

reestruturação que a historiografia do trabalho irá denominar pós-fordista. Nos novos moldes, a indústria se torna mais competitiva e flexível, contingência que abre espaço para o toyotismo, modelo focado na demanda e no consumo. Assim, faz-se mister desenvolver o potencial criativo dos trabalhadores com a finalidade de obter respostas que contemplem as emergências acerca do processo produtivo. O consumo, nessa ordem, determina a produção, ou seja, existe uma demanda social e a orientação produtiva parte das estratégias concebidas para que se satisfaçam tais exigências. Ao lançar-se um olhar sobre a atividade produtiva no toyotismo, percebe-se que esta é baseada na capacidade dos trabalhadores em operar diferentes máquinas e desenvolver diferentes funções que são definidas de acordo com a demanda e as necessidades da empresa.

Para Antunes (2007) o modelo japonês de trabalho causou impacto, uma vez que apresentava maior flexibilidade e permitia ao trabalhador transitar entre as variantes operacionais, o que lhe conferia versatilidade, em contraponto à dinâmica de trabalho parcelado, característico do fordismo. No excerto que segue, tem-se a posição de Antunes sobre o conceito do toyotismo:

Criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador 'polivalente e multifuncional' da era informacional, capaz de operar com máquinas com controle numérico e de, por vezes, exercitar com mais intensidade sua diversidade intelectual. E, de outro lado, há uma massa de trabalhadores precarizados, sem qualificação, que hoje está presenciando as formas de *part-time*, emprego temporário, parcial, ou então vivenciando o desemprego estrutural (ANTUNES, 2006, p. 184).

As palavras do autor deflagram a relação existente entre o operário e a máquina, e nelas salienta que parte do saber intelectual do *homini opus* é transferida para o aparato que ele opera. O novo relacional complexo que ora se impõe transcende a práxis cotidiana e estabelece uma relação de conflito entre a atividade objetiva operacional e a subjetividade do sujeito implicado na produção. O capital, desse modo, objetiva envolver vigorosamente a percepção fenomenológica do trabalhador, por meio da apropriação crescente de sua dimensão intelectual e de suas capacidades cognitivas. A máquina, sem embargo, não elimina o trabalho humano, que resulta em maior interação com a subjetividade do trabalhador (ANTUNES, 2005).

O trabalho, em tese, na sua dimensão econômica e social, alia sustento, estilo de vida, consumo, realização pessoal, distribuição e apropriação de riqueza, enfim, proporciona a sobrevivência digna dos atores sociais. Para além disso, consoante Albornoz, o

trabalho tem um significado intrínseco. As razões para trabalhar estão no próprio trabalho e não fora dele. A satisfação não decorre da renda, nem da salvação, sequer do *status* ou poder sobre as outras pessoas, mas do processo técnico inerente (ALBORNOZ, 1986, p. 59).

Pelo trabalho, o ser humano desenvolve seus conhecimentos e habilidades, alcança sua autonomia como sujeito ativo das relações sociais, encontrando satisfação quando, na práxis ordinária, percebe suas potencialidades laborais.

O trabalho, no espaço contemporâneo, não é somente uma estratégia de obtenção de renda para a sobrevivência, mas, também, traduz-se em um expediente para conquistar uma vida confortável. Para tanto, faz-se necessária a acumulação de capital, promessa urdida pelo trabalho. Esse pacto origina outras prioridades e necessidades, que extrapolam necessidades primárias; destarte, os anseios diante de novos ideais prometem que o acúmulo de riquezas promova um estilo de vida legitimado pelo imaginário social.

Pode-se afirmar, diante disso, que o vínculo de atores sociais aos processos laborais – e o trânsito deles pelas esferas do imaginário – insere o *homini opus* em uma economia sistêmica do imaginário, espaço no qual ele articula interesses, necessidades e desejos. Nessa perspectiva – e considerando que a ficção oferece um tratamento estético a fenômenos histórico-sociais – lança-se um olhar sobre duas narrativas da literatura brasileira finissecular, **Teoria do medalhão**, de Machado de Assis, e **O homem que sabia javanês**, de Lima Barreto, com o objetivo de evidenciar a condição conferida ao sujeito ficcional (histórico) pelo campo simbólico do trabalho.

Essas duas obras trazem perspectivas do imaginário presentes até hoje na organização sistêmica laboral do Brasil, são obras que não só colocam seus autores em similar ordem de importância, mas, também, fixam, através de duas ordens estéticas, o testemunho de dois sujeitos que viveram, de fato, eventos político-culturais que **forjavam** a ideia de um estado-nação que buscava sedimentar-se. Em seu estudo publicado na revista **Machado de Assis em Linha**, a pesquisadora

Selma Vital realiza uma leitura comparativa entre Machado e Barreto, tomando como materialidade de análise, os dois contos que aqui são objetos de discussão. Observa a autora que as narrativas em questão “oferecem interpretações históricas reveladoras e instrutivas sobre seu tempo e, sobretudo, sobre os mecanismos de sobrevivência e ascensão num ambiente cuja hipocrisia se incorporava à filigrana da vida social” (VITAL, 2008, p. 86). É essa condição de resquício arqueológico que faz da literatura uma fonte de entendimento da condição política do sujeito social e de sua inserção no campo do imaginário coletivo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo da interlocução entre literatura e história, no âmbito das narrativas escritas em língua portuguesa, norteará a análise teórico-crítica das materialidades ficcionais de Machado de Assis e Lima Barreto. A visada é interdisciplinar e como tal situa e analisa a interlocução entre esses campos discursivos, além das relações que estas narrativas estabelecem com a emergência da memória e a representação de conflitos de representação de identidade. O estudo é de natureza bibliográfica, tendo por base, além dos conhecimentos relativos à historiografia, a teoria do imaginário, o dialogismo, a identidade e a memória. Assim, a sistemática do trabalho dar-se-á desde uma revisão de fontes bibliográficas no que tange às relações entre literatura, história, imaginário e identidade.

Nessa ordem, o estudo, de caráter descritivo-qualitativo, tem como propósito a análise da representação do trabalho e do não-trabalho nos contos **Teoria do medalhão**, de Machado de Assis, e **O homem que sabia javanês**, de Lima Barreto. Para tanto, vale-se das teorias sobre a temática desenvolvidas por Albornoz, Alves, Antunes e Pochmann; sobre cordialidade e cultura, baseou-se em Holanda e, sobre o aspecto popular da distinção das classes, em Arantes.

4 TEORIA DO MEDALHÃO OU A METÁFORA DA NÃO-PRODUÇÃO

O conto **Teoria do medalhão**, publicado pela primeira vez em 1882, possibilita uma análise das relações entre o sujeito e o trabalho no século XIX, descortinando a

ideologia que permeia a imagem do trabalho, que ainda refrata na atualidade. Assinala-se que, à época, as tensões sociais se acentuavam no imaginário do país, colocando em embate as oligarquias rurais, comerciantes e classe política, uma vez que o desenho de uma nação republicana se definia com maior nitidez (SCHWARCZ; STARLING, 2016). A narrativa de Assis apresenta uma sociedade patriarcal, personalista e individualista, em que se destaca o prestígio social adquirido com a profissão e a consequente estabilidade, pela qual se alcança o tão almejado *status*. Evidencia, dessa forma, as veredas de inserção social na elite cultural brasileira, espaço este que oferece, ao medalhão, uma posição social segura. Essa circunstância se materializa nas palavras do narrador (pai) quando ele orienta o seu interlocutor (filho) a não tomar posição definitiva sobre os assuntos correntes, mantendo-se flutuante em meio às tensões sociais cotidianas:

Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as idéias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida (ASSIS, 1994, p. 341).

Ocupando a condição enunciativa de um conselheiro, o pai alerta Janjão, no dia de seus 21 anos, que ele poderia ter várias carreiras diferentes, mas que deveria ter uma de resguardo, preferencialmente à de **medalhão** – sujeito deslocado da imanência do processo produtivo, contudo orientado a ocupar posições que evidenciem o poder simbólico do capital, o que leva ao prestígio, a títulos e à possibilidade de transitar nas esferas sociais, simulando uma imagem calcada na prosperidade, e a inserção nos círculos da elite nacional, perpetuando uma prática comum à época da Monarquia.

Para Albornoz, o desejo de reconhecimento “se apresenta sob forma intemporal e abstrata: corresponde ao movimento do espírito para alcançar pleno reconhecimento” (1986, p. 65). Isso se evidencia na materialidade ficcional de Machado, quando o pai de Janjão identifica a fixidez imaginária do medalhão. Mesmo que de forma abstrata, transparece, aqui, a concretude subjuntiva da “boa

economia para a velhice”: o que importa é o mundo das aparências, onde não é necessária a práxis laboral, mas a mera aceitação da condição histórica da exclusão dos comuns:

[...] Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. [...] Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros [...] Isto é a vida; não há planger, nem imprecisar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante (ASSIS, 1998, p. 328-329).

No excerto, o pai, endossado pela tradição da sabedoria paterna, projeta-a como uma experiência a ser seguida, quando orienta o filho. “O que a princípio poderia soar como singelas sugestões paternas a um filho no momento de escolher a melhor carreira a seguir, logo se transforma num minimanual muito ao gosto de Maquiavel”, afirma Vital (2009, p. 87). Dessa forma, a família constitui o primeiro vínculo de socialização e educação do sujeito, submetido a moldes patriarcais, que não alcança a necessária maturidade política, uma vez que foi condicionado a um sistema paralisante. Assim sendo, o conto traz a figuração de como a aristocracia pode aproveitar-se do espaço público para gestar estratégias de ascensão individual e política para o sujeito que pretende se inserir no campo simbólico dos privilégios da elite. Consoante Holanda, dessa práxis se originou um grande desequilíbrio social:

No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas (HOLANDA, 2014, p. 175-176).

Nesse sentido, o espírito do trabalho aventureiro corresponde à obtenção do diploma, sendo o título uma ponte para a ascensão social, especialmente quando se refere à estrutura política da família patriarcal:

– Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as idéias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte [...] (ASSIS, 1998, p. 330).

A recomendação paterna, que tangencia a esterilidade intelectual, pressupõe o labor humano como resultado da interação com a subjetividade do trabalhador, promove “o estranhamento e a alienação do trabalho, ampliando as formas modernas de reificação, distanciando-se ainda mais a subjetividade do exercício de uma vida autêntica e autodeterminada” (ANTUNES, 2005, p. 37). A ideia que o narrador de Machado de Assis apresenta converge com as ideias de Antunes, uma vez que o conceito de trabalho para Janjão não faz sentido, contudo ele segue ouvindo os conselhos do pai, os quais reforçam a ideia de iniquidade social oriunda do não-fazer diário. Para o narrador, a representação do “parecer” está superiormente valorizada, à época, na sociedade brasileira, em detrimento do “ser”. Esta é, pois, uma das nuances possíveis dentre as diversas características que o trabalho adquiriu ao largo do processo colonial no Brasil, o que levou Holanda a formular a seguinte questão: “E essa ânsia de prosperidade sem custo, de títulos honoríficos, de posições e riquezas fáceis, tão notoriamente característica da gente de nossa terra, não é bem uma das manifestações mais cruas do espírito de aventura?” (HOLANDA, 2014, p. 53).

Teoria do medalhão reproduz, essencialmente, a ambição dos atores sociais por prestígio e reconhecimento, por parte de seus pares. Integra e elimina qualquer expressão da subjetividade em nome da aprovação à superficialidade bem ornamentada das frases feitas. Consoante Faoro, este “é o quadro do idealismo do Segundo Reinado, com suas feições sociais e psicológicas. Muito amor verbal aos princípios, louvores às cousas abstratas, que, traduzidas na realidade do dia,

revelam-se incapazes de ação” (2001, p. 188). Uma significação irônica pode ser depreendida do processo enunciativo do pai:

– Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inóxia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloqüente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito (ASSIS, 1998, p. 330).

A todo momento, a narrativa machadiana dialoga com **Raízes do Brasil** e recria analogicamente as tradições ibéricas, em que a estrutura social é marcada por uma estratificação, bem como pelo código do mínimo esforço do homem cordial, que prefere mitigar seus saberes em troca de favores e privilégios, com o intuito de desfrutar de regalias, que se revestem de inteligência. Assim como Assis lança mão da ironia para expressar suas ideias, Holanda também se vale da mesma estratégia da linguagem para tratar da temática: “Não lhe ocorre um só momento que a qualidade particular dessa tão admirada “inteligência” é ser simplesmente decorativa [...] e que corresponde, à necessidade que sente cada indivíduo de se distinguir [...]” (HOLANDA, 2014, p. 99).

Nota-se que, para levar a cabo a ideia de constituir-se um medalhão, é necessário, ainda, fazer-se observar, através dos passeios públicos, e conversar sobre amenidades. Esse movimento, dentro da rede simbólica da sociedade em questão, capilariza, aos poucos, uma rede de relacionamentos que conformam sujeitos operadores de um campo simbólico do não-trabalho.

A sociedade brasileira, desde essa lógica, tende a tornar espaços vinculados historicamente à produção e veiculação de conhecimento em objetos de adorno, cenários estéreis que impossibilitam uma habitação produtiva do imaginário, o que reduz o ambiente polifônico a futilidades uníssonas:

[...] As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra, razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às

ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável (ASSIS, 1998, p. 331).

Arantes (2012, p.14-15) afirma que a distinção entre o saber e o fazer edifica uma estratégia de hegemonia ideológica de uma classe sobre as demais. Para que isso ocorra, manipulam-se “repertórios e fragmentos de ‘coisas populares’ que, em muitas sociedades, se expressam e se reafirmam simbolicamente na representação das identidades nacionais”.

O pensamento de Antunes coaduna com o de Holanda (2014) quando este se refere ao patriarcalismo e afirma que as práticas que orbitam o conceito de patriarcado trazem um modo de ascensão social. Por essa razão, é fundamental ter bons laços afetivos fora da vida doméstica. Se pensarmos na personagem machadiana, uma relação aporética se estabelece: para as pretensões paternas de Janjão, as relações comunitárias têm suma importância. Contudo, o rapaz se apresenta, aos vinte e um anos de idade, um ser pretensamente doméstico, distanciado do trabalho, que apreende o mundo através dos olhos do pai.

Imbricada às relações pessoais, aparece, na narrativa de Assis, de modo significativo, a organização da permanente adulação:

– Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu debes requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante, ações heróicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo (ASSIS, 1998, p. 334).

A **atividade** do parecer constantemente afetivo remete ao conceito de **homem cordial**, de Holanda, que traduz uma prática corriqueira de troca de favores, de gentilezas e todo o tipo de quinquilharia do imaginário que faz com que a imagem de cordialidade se perpetue. Desde essa perspectiva, o homem cordial apresenta duas

facetas imaginárias: se, por um lado, é afável e solícito, por outro, pode manifestar-se instintivamente, o que o coloca como arquétipo de um Estado que tende para uma esquizofrenia funcional. Daí a permanência da imagem de uma tenuidade entre o público e o privado. Portanto, sob essa ótica, a cordialidade está condicionada a interesses pessoais e políticos, que não aceitam juízos éticos. Conforme Holanda,

A lhaneza no trato, a hospitalidade, e generosidade, é um traço definido do caráter brasileiro, que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo (HOLANDA, 2014, p. 176).

167

Nessa ordem, podemos pensar que a materialidade ficcional de Machado de Assis dá um tratamento estético às particularidades da sociedade brasileira finissecular, desvelando aspectos do mundo do trabalho que ainda repercutem no espaço contemporâneo. E mais, recupera a estética quixotesca do parecer sobreposto ao ser pautada na palavra ornamentada e desvinculada da sua significação social, como observa Vital,

sua sonoridade, seu aspecto empolado serviam tão somente como recurso, eram o código de acesso a um patamar social elevado. As palavras devem terminar em si mesmas, em sua estatística, em seu efeito imediato, não se vinculando a nenhuma ideia de fato” (VITAL, 2009, p. 89).

5 O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS OU A INIQUIDADE PRODUTIVA

Na esteira da análise da narrativa machadiana, Lima Barreto apresenta **O homem que sabia javanês**. O conto foi publicado pela primeira vez no jornal Gazeta da Tarde, no dia 28 de abril de 1911, e constitui-se em um diálogo entre dois amigos, Castelo e Castro. O primeiro conta a estratégia que utilizará para sobreviver no Rio de Janeiro que, a essa altura da história, já apresenta aspectos de um urbanismo acentuado e inspirado nas grandes metrópoles europeias. A personagem, ao deparar-se com um anúncio de jornal que divulgava a necessidade de um professor de língua javanesa, vislumbrou a possibilidade de ascensão social. A ideia de não ter muitos concorrentes agradou-lhe e começou a construir uma estratégia para atender às exigências da vaga. Desconhecedor do objeto linguístico – a língua javanesa – Castelo iniciou seus estudos pelo alfabeto e por alguns

vocábulo aleatório, depois, lógico, de procurar nos mapas a localização geográfica da ilha de Java. Após a fase preliminar de estudos, estava pronto para ensinar o idioma ao Barão de Jacuecanga. Este, já surdo e com dificuldades de locomoção, torna-se um sujeito altamente vulnerável para a performance simuladora de Castelo.

Grato pelos ensinamentos, ignorando as falcatruas de seu professor, o Barão inclui-o no seu testamento. Mais do que a parte material herdada por Castelo, o que lhe proporciona uma ascensão social meteórica e o faz transitar nas altas esferas da sociedade carioca, são os valores simbólicos que ele herda de sua simulada condição de conhecedor da língua e da cultura javanesa e do contato que teve com uma imagem significativa da ordem monárquica, o Barão de Jacuecanga. A imagem de intelectual o leva a ser nomeado cônsul de Java, cabendo-lhe a representação do Brasil no exterior, onde profere palestras e publica artigos.

Àqueles que lançam um olhar atento às relações de trabalho na materialidade literária, cabe perguntar que espaços habitam as duas personagens, Barão de Jacuecanga e Castelo. Em relação àquele, o leitor percebe, através dos olhos de Castelo, um ambiente decadente, que se está esfacelando, paralelamente à Monarquia, que promoveu Jacuecanga a barão:

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortiças. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos... (BARRETO, 2001, p. 57-58).

Dada a plasticidade oferecida pelo narrador, supõe-se que o Barão habitava um espaço fora da rede de produção daquele tempo. A principal evidência que se

tem desse não-trabalho é quando, a Castelo, ele conta a história de seu avô, que foi conselheiro de D. Pedro I, quando de sua abdicação:

– O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgrças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faz com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz.” (BARRETO, 2001, p. 59).

As características de Jacuecanga aparecem em meio à descrição detalhada de sua casa. É possível presumir que a decadência de seu patrimônio é também uma decadência subjetiva de uma ideologia extemporânea. O excerto que segue serve como parâmetro para o cotejamento entre o ser e sua materialidade:

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei porque me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou malcuidadas (BARRETO, 2001, p. 57).

Sóbrio de sua condição decadente, o Barão, impulsionado pela superstição, busca a possibilidade de evitar desgrças, atribuindo valor simbólico a uma herança de família – um livro herdado de seu avô. A contratação de um professor de língua javanesa é uma espécie de último suspiro dentro da ordem monárquica que está sendo superada pela jovem república. Assim, o Barão, estabelece uma relação similar ao do aventureiro colonizador, que, igualmente, buscava riqueza, “mas a riqueza que custa ousadia não riqueza que custa trabalho” (HOLANDA, 2014, p. 56). Também é possível estabelecer uma analogia entre o desleixo que o Barão tem com sua casa e o descaso do colonizador lusitano ao construir estradas e vilas: “nenhum rigor, nenhum método, nenhuma previdência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra desleixo” (HOLANDA, 2014, p.131). Além disso, o Barão representou o homem cordial que desfrutava de grande influência, cujas

“concepções e formas de vida” estavam relacionadas “de algum modo ao nosso passado rural e colonial” (HOLANDA, 2014, p.100), ideologia que sustentava o patriarcalismo e reforçava a organização rural e os valores personalistas.

Castelo, por sua vez, apresenta-se, no conto, como uma personagem culta, discreta e com boas maneiras, tanto que consegue sair-se bem no convívio na casa do Barão. Essas características expressam que Castelo conseguiu entender os códigos linguísticos e culturais que constituíam a sociedade daquele período, elaborando uma estratégia para sobreviver. Com isso, a personagem exibe um grande domínio da linguagem, o que a ajuda a transitar por vários ambientes sociais e a conquistar um protetor, uma sombra que legitima seu trânsito, servindo-se dos benefícios que esta amizade proporciona.

Alves (2007) constata que a linguagem e a cultura, aliadas ao trabalho, viabilizaram uma sociabilidade em que os sujeitos conseguiram sobreviver à natureza inóspita através da cooperação e do labor: “a cooperação irá assumir uma forma de interatividade social e de sociabilidade plena, onde a consciência, e com ela a linguagem e a técnica, irão retro-alimentar uma nova forma de ser: o ser social” (ALVES, 2007, p.74). Isso significa que, assim como o domínio da linguagem ajudou os homens primitivos a sobreviverem perante todas as adversidades do período, ele também possibilitou a sobrevivência de Castelo em uma sociedade personalista e patrimonialista. No diálogo que segue, fica explícita a astúcia de Castelo para sobreviver em uma cultura em que o fazer laboral não tem tanto valor quanto as articulações interditas de ascensão social:

- Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.
 - Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?
 - Não, sou de Canavieiras.
 - Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo.
 - Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu.
 - Onde fez os seus estudos?
 - Em São Salvador.
 - Em onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.
- Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Conte-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês (BARRETO, 2001, p. 58).

Por meio do discurso de Castelo, é perceptível que a “atividade de trabalho humano é intrinsecamente atividade social” (ALVES, 2007, p.74), que legitima o estar comunitário. A personagem constrói sua imagem reforçando a ideia da tradição do trabalho familiar, embora não tenha uma ocupação definitiva. Convém assinalar que, à época da produção de Barreto, não havia mais espaço para os regalos monárquicos, dos quais o Barão se beneficiou ao largo da vida. A força que movimentava a sociedade já apresentava nucleações urbanas periféricas e ares de industrialização massiva para a época. Portanto, o trabalho pautava-se na produção de riqueza por meio de um sistema produtivo que incluía grande parte da população, porém onde havia os excluídos, como é o caso de Castelo.

Mesmo que o trabalho seja uma categoria essencial para os seres humanos, uma vez que exprime sua humanidade como componentes da malha antropológica, não existe um consenso no imaginário de sua necessidade absoluta. O fazer laboral é relativizado e se constituem à sua margem estratégias e mecanismos estabelecidos de uma práxis paralela ao ato pontual da produção. É o que substancializa Castelo em sua referência como professor de um idioma que foge ao domínio do senso comum, que se destaca em uma sociedade ignóbil e desinformada, a contingência histórica é o que o projeta ao êxito:

– Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro [...] Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentá-lo. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os "cadáveres". Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a Grande Encyclopédie, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu (BARRETO, 2001, p. 56).

A condição de não-trabalho da personagem leva-a a gestar uma estratégia longe da apologia moral que o signo trabalho carrega. Sua escolha escapa a imagens comumente construídas sobre o trabalho, visto que este engloba, além de uma função orgânica adaptativa, uma atividade cognitiva, tendo caráter

transformador da realidade. Todavia, no imaginário popular, apresenta um lado negativo, pois o valor do trabalho está no sofrimento e traz consigo a semântica da tortura, herança colonial. Na narrativa, Castelo expressa esse mal-estar: “- Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo! - Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado!” (BARRETO, 1911, p. 2).

Há dois momentos em que Castelo expressa uma dicotomia do trabalho: ao não o ter e estar na miséria e ao exercer um trabalho monótono. Esse paradoxo encontra fundamento na ideologia capitalista que emerge nas vielas cariocas na virada do século. É importante registrar que, com os escravos libertos ao final do século XIX e com a entrada maciça de imigrantes vindos da Europa e do Oriente Médio, a rede de comércio e de consumo sofreu um aumento exponencial. Inicia-se, portanto, o que Albornoz explica sobre a lógica do trabalho na atualidade:

Em muitas situações e momentos da sociedade contemporânea o trabalho e sua ideologia se tornam instrumentos de submissão política. O mundo é domesticado pela submissão ao trabalho. As pessoas se percebem como alegres robôs que não têm efetivo poder de decisão sobre o mundo em que trabalham. Todas as atividades são feitas como labores pela sobrevivência. O labor invade o mundo do trabalho, que os meios de comunicação de massas mantêm, enquanto manipulam o desejo e criam necessidades de consumo, dando aparência de necessidade a um trabalho que em si não seria mais necessário. Assim, apesar do aumento quantitativo do tempo livre na era da automação, muitas vezes desaparecem os lugares de participação política, que precisam ser reinventados (ALBORNOZ, 1986, p. 41-42).

A cordialidade de Castelo, sob o ângulo da cultura, converge para uma estratégia de sobrevivência. Para Sérgio Buarque de Holanda (2014, p.177), “a vida em sociedade é, de certo modo, uma libertação do verdadeiro pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias de existência”. Assim, a cordialidade, em Castelo, corresponde à máscara que ele usa para se proteger, isto é, um subterfúgio para poder adequar-se à vida social.

Outro ponto recorrente no diálogo é a questão do conhecimento – que Sérgio Buarque (2014) apresenta como inteligência – responsável pela distinção entre os atores sociais. Castelo, adornado por um falso conhecimento, seduz o Barão e, conseqüentemente, todos que viam nele uma figura que trazia consigo uma imagem

de autoridade intelectual legitimada pela tradição orgânica da jovem república, como o genro do Barão: “O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês” (BARRETO, 1911, p. 60).

A máscara social também é vestida pelo Barão, que ostenta uma titulação já em desuso e não percebe o descaso que os outros lhe oferecem. Guardadas as devidas particularidades, as relações sociais ainda se estabelecem através da respeitabilidade da tradição e do conhecimento, que é, acima de tudo, a dissimulação de onde se origina a ideia de homem cordial.

O conto de Lima Barreto satiriza as estruturas sociais e de poder, nos quais um homem que não tem dinheiro para pagar a pensão conquista espaço no círculo restrito da elite carioca tão somente com a habilidade de simular uma intelectualidade que está distante de ter. Isso evidencia que, em um país de medalhões, a edificação de uma imagem subjuntiva da intelectualidade, a habilidade em conquistar empatia alheia e a troca de favores são suficientes para auferir ascensão social e, assim, perpetuar as regras do jogo colonial, que condenam o trabalho do fazer diário ao passo que louva os subterfúgios da práxis não-produtiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o trabalho é um campo de batalha pelo poder e que as terminologias mudam conforme o período histórico. O objetivo, entretanto, se assemelha ao largo dos séculos: obter dinheiro e prestígio social para estabelecer uma ordem de distinção dos semelhantes. No Brasil, isso se particulariza uma vez que a ideia do trabalho não-intelectual coloca o sujeito social em um nível de menosprezo e, por consequência, valoriza sobremaneira o fazer do campo simbólico da intelectualidade. Em uma país de medalhões, o que vale é colocar-se dentro de uma rede de não-trabalho, o que marca, pontualmente, uma função social privilegiada na ordem imaginária do cotidiano.

Em **Teoria do medalhão**, o pai apresenta estratégias que o filho deve seguir para se tornar uma pessoa bem-sucedida, com trânsito livre em todas as esferas

sociais e não comprometida politicamente em nenhuma alçada de poder. Ser medalhão aponta para uma direção de ausência de trabalho e de pensamento crítico, em suma, é ocupar um espaço social que desconstrua a ideia do sofrimento e tortura, mas torne permanente a imagem afirmativa desse sujeito, embora desvinculado do fazer social, o que sustenta a desnecessidade e a ausência do trabalho.

Ao analisar, por seu turno, **O homem que sabia javanês**, o leitor depara-se com um sujeito deslocado dos modos de produção do trabalho e de sua geografia imaginária. Castelo, ao enfrentar uma rede de necessidades não contempladas pelo espaço urbano, coloca em marcha o projeto de gestar uma estratégia de sobrevivência a partir de uma esdrúxula notícia de jornal: o Barão de Jacuecanga, uma figura simbólica da monarquia – já erosionada a essa altura da história – necessita de um professor de javanês. Embora desconhecendo completamente a língua e a cultura javanesa, percebe a possibilidade, pela contingência histórica, de assumir a tarefa. Selma Vital observa que embora haja um espaço considerável de tempo entre as duas publicações, a de Machado e a de Barreto, há a possibilidade de aproximação das duas obras, pois “apesar de muitas mudanças anunciadas pela República, o novo regime teria herdado alguns vícios do Império. Portanto, o tempo não inviabiliza uma leitura crítica dos contos, sob uma lógica similar” (VITAL, 2009, p. 95).

Dentro de um jogo de simulações e de dissimulações em que a imagem do não-trabalho aparece como estratégia de sobrevivência, a personagem percebe a possibilidade de ascensão social, o que de fato se materializa quando consegue, por meio de diversos estratagemas, uma colocação definitiva contexto laboral.

Em **Teoria do medalhão** e **O homem que sabia javanês**, os narradores trazem à luz arquétipos singulares da sociedade brasileira, não só à época da escritura das narrativas, mas que continuam significando ao largo da história da nação durante o século XX e nos primeiros decênios do século XXI. É essa história que condena e que destrata conceitualmente a ideia da força de trabalho, da produção necessária do ordinário cotidiano – herança evidentemente escravagista – e, também, supervaloriza as máscaras decoradas pela intelectualidade, muitas

vezes falaciosa das elites que operam economicamente os valores da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Londrina: **Praxis**; Bauru: Canal 6, 2007.
- ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 14. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. In: **Contos: uma antologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V. II.
- BARRETO, Lima. O homem que sabia javanês. In: MORICONI, Italo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- FAORO, Raymundo. **Machado de Assis – a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Globo, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- POCHMANN, Márcio. **O trabalho sob fogo cruzado**: exclusão, desemprego e precarização no final do século. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- VITAL, Selma. O Medalhão que sabia Javanês: uma leitura comparativa entre Machado de Assis e Lima Barreto. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, ano 2, número 3, junho de 2009, 85-100.
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

UM SINO QUE DOBRA OU LETRAS QUE BALANÇAM? CONSIDERAÇÕES SOBRE NOVELAS ROSIANAS E PALAVRAS BÍBLICAS ✓

177

Altamir Celio de ANDRADE¹
Mariana Aparecida VENÂNCIO²

✓ Artigo recebido em 31/08/2018 e aprovado em 03/11/2018.

¹ Coordenador do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <altamirandrade@cesjf.br>

² Docente do Curso de Teologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Mestranda em Letras pelo CES/JF. E-mail: <marianavenancio@cesjf.br>.

UM SINO QUE DOBRA OU LETRAS QUE BALANÇAM?

CONSIDERAÇÕES SOBRE NOVELAS
ROSIANAS E PALAVRAS BÍBLICAS

RESUMO

A criação de novas palavras é comum no processo de escrita de João Guimarães Rosa. Os neologismos que estruturam as obras do autor mineiro surgem da linguagem sertaneja, da reprodução de sons ouvidos e imaginados ou mesmo da combinação de raízes pertencentes a outras línguas. Isto se deve ao fato de que Rosa, além de poliglota, era atento ouvinte das conversas desenvolvidas no sertão mineiro. Na maioria das vezes, descobrir a origem de suas inventivas palavras favorece a compreensão das narrativas nas quais estão inseridas, e esse é o propósito das investigações do presente artigo, que busca uma conceitualização da expressão **Dão-lalalão** – título para uma das novelas de **Corpo de Baile**. Para a construção de um conceito para o termo, será considerada a intertextualidade com a novela **A estória de Lélío e Lina** (2016), bem como a possibilidade de relação com antigas raízes da língua hebraica, cujo sentido emerge em narrativas bíblicas. No decorrer da investigação, será fundamental a percepção de que o significado de **Dão-lalalão** estende-se sobre as personagens principais da novela, Doralda e Soropita, justificando suas atitudes e personalidades. Este estudo, portanto, além de oferecer uma reflexão detalhada sobre o título de **Dão-lalalão** (2016), constitui-se também em uma proposta de interpretação para a novela.

Palavras-chave: Dão-lalalão. Bíblia.
Linguagem rosiana.

A BELL THAT JINGLES OR LETTERS THAT SWING?

CONSIDERATIONS ABOUT ROSA'S
NOVELS AND BIBLICAL WORDS

ABSTRACT

Creation of new words is rather common in João Guimarães Rosa's writing process. The neologisms that structure the work of this mineiro author arise from the language of the countryside, the reproduction of heard and imagined sounds, or even the combination of stems from other languages. This is due to the fact that Rosa, besides being a polyglot, was an attentive listener of the conversations taking place in rural areas of Minas Gerais. In most cases, discovering the origin of his inventive words favours the understanding of the narratives in which they are inserted. Such is the purpose of this paper, which also seeks a conceptualization of the expression **Dão-lalalão** – one title of the short story that make up **Corpo de Baile**. In order to formulate a concept for such a term, intertextuality between the above-mentioned work and the short story **A estória de Lélío and Lina** (2016) was used, as well as the relating of the neologisms to their possible roots in the Hebrew language, whose meaning is found in biblical narratives. In the course of the following investigation, it will be essential to notice that the meaning of **Dão-lalalão** extends over the main characters of the novel, Doralda and Soropita, justifying their attitudes and personalities. Therefore, besides offering a detailed reflection on the title **Dão-lalalão** (2016), this study also becomes a proposal for interpreting the novel.

Keywords: Dão-lalalão. Bible. Rosa' language.

1 INTRODUÇÃO

O título da novela **Dão-lalalão** (2016), pertencente à obra **Corpo de Baile**, publicada em 1956 por João Guimarães Rosa, deve soar um tanto estranho até ao leitor que esteja familiarizado ao estilo de escrita do autor mineiro. Mesmo àqueles já iniciados no universo da linguagem rosiana, que, por isso, não se espantam com a excentricidade do título, sua função e significado permanecem misteriosos, uma vez que o termo não volta a ser mencionado ao longo da narrativa da novela. O neologismo **Dão-lalalão** talvez possa parecer familiar apenas aos leitores de **A estória de Lélío e Lina** (2016), porque é nesse romance que ele aparece, uma única vez, em um contexto que favorece a compreensão de seu significado.

Levando em consideração que o entendimento do título é fundamental para a interpretação de uma obra literária e que, muitas vezes, é ele a primeira das chaves oferecidas pelo próprio autor para que se abra o universo da narrativa, escolhemos dedicar algumas páginas ao estudo do neologismo. Mais do que repetir algumas referências que já se debruçaram sobre o exame da ocorrência de **Dão-lalalão** em **A estória de Lélío e Lina**, queremos examinar os sentidos emergentes dessa intertextualidade e também expor um paralelo possível com antigas raízes hebraicas. Justificamos a procedência e a relevância destas aproximações com o fato de que a relação entre a obra rosiana e algumas narrativas bíblicas já fora reconhecida pelo próprio autor, como é o caso de “uma espécie de paráfrase do **Cântico dos Cânticos**” (ROSA, 2003, p. 80, grifo nosso) em **Dão-lalalão**, que Guimarães Rosa confessa em correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri.

2 O AMOR ERA ISSO: DÃO-LALALÃO A PARTIR D'A ESTÓRIA DE LÉLIO E LINA

O vocábulo **Lão-dalalão** n'**O léxico de Guimarães Rosa** (2001) fornece o significado de “badaladar, toque de sino” (MARTINS, 2001, p. 295) e referencia diretamente a narrativa de Lélío e Lina, ao indicar o verbete **Badaladal**:

Badaladal. *O amor era isso – lãodalalão – um sino e seu badaladal [...].* Muitas badaladas; bimbalar. // De **badalado** + -al. Voc. Foneticamente expressivo pela repetição da vogal /a/ e pelas consoantes oclusivas (MARTINS, 2001, p. 60, grifos do autor).

Entender o significado que Rosa provavelmente atribuiu a **Dão-lalalão** parece-nos, portanto, fundamental para compreender a novela que carrega esse nome³. Antes de passar à investigação etimológica do termo, tentaremos elaborar uma conceituação baseada na ocorrência da palavra n'**A estória de Lélío e Lina**, porque é precisamente em seu contexto que Guimarães Rosa deixa entrever sua concepção do termo. É significativo observar também que, na primeira parte do clássico ensaio de Benedito Nunes, intitulado **O amor na obra de Guimarães Rosa** (2013), o autor circunscreve a maior parte das exemplificações às narrativas de **A estória de Lélío e Lina** e **Dão-lalalão**. As escolhas evidenciam a semelhança das representações do amor no romance e na novela⁴.

2.1 OS AMORES DE LÉLIO: UMA SINOPSE

A estória de Lélío e Lina e **Dão-Lalalão** são duas das sete narrativas pertencentes à obra **Corpo de baile**, publicada pela primeira vez em 1956 por João Guimarães Rosa. Em sua primeira edição, as sete histórias foram publicadas em dois volumes. Na segunda edição todas foram reunidas em um volume único e só na terceira edição é que a obra foi dividida em três livros. Nessa configuração, **A estória de Lélío e Lina** integra o segundo volume de **Corpo de baile**, intitulado **No Urubuquaquá, no Pinhém**, enquanto **Dão-lalalão** figura na terceira parte, **Noites do sertão**. **A estória de Lélío e Lina** fora classificada pelo próprio autor como romance, enquanto **Dão-lalalão** já havia sido considerada uma novela. Desde a primeira edição, o romance precedia a novela, o que justifica que o título desta segunda tenha seu significado original atrelado ao contexto da primeira.

³ No exercício de compreender a novela a partir da busca pelo significado de seu nome, já explicitamos um paralelo com a **Bíblia**. Nesta última, o nome de uma personagem revela o essencial sobre sua identidade, desenvolvida ao longo das narrativas que a ela se referem.

⁴ Para referir-nos às narrativas, partiremos da classificação feita pelo próprio Guimarães Rosa: romance para **A estória de Lélío e Lina**, novela para **Dão-lalalão**.

N'A **estória de Lélío e Lina** o leitor acompanha os principais eventos que se sucedem no espaço de um ano da vida de Lélío do Higino. O vaqueiro chega ao Pinhém – uma fazenda dos Gerais – no tempo da entrada-das-águas, provavelmente Outubro, e ali permanecerá até a primavera do ano seguinte. Sua chegada se dá de forma despretensiosa, acompanhado de um cachorrinho que fugira da casa de Dona Rosalina. O início da narrativa já sugere algo que somente ao fim será confirmado: o propósito da chegada de Lélío à fazenda é precisamente o encontro com Rosalina, que tem como consequência seu encontro consigo mesmo⁵.

O romance mescla diversos eventos a diversas personagens ao redor de Lélío. Aos propósitos deste artigo, portanto, interessam as dinâmicas do conhecimento e da experiência do amor pelas quais passa o vaqueiro ao longo do desenrolar do enredo. Protagonizam esta visada narrativa o próprio Lélío e sete mulheres, às quais atentaremos doravante.

A primeira destas mulheres é a Mocinha do Paracatu, por quem Lélío cultivava um amor platônico, de forma alguma concretizado. Ela era bela e despertava o interesse do vaqueiro, mas não lhe dava atenção. Mais que isso, a diferença social entre ela, filha do patrão, e Lélío, um empregado, afastava-os ainda mais, aproximando-os do mito do amor impossível.

O sofrimento do amor não correspondido e não concretizado acompanhavam Lélío em sua chegada ao Pinhém, de modo a fazer aflorar seu desejo por encontrar “outras mulheres, de carinhos fortes” (ROSA, 2016a, p. 155). Logo somos apresentados à Jiní, mulher de Tomé Cássio, um dos vaqueiros da fazenda onde agora estava Lélío. Mais adiante na narrativa, ele terá um relacionamento com Jiní, mas que limita-se à esfera sexual. A figura dela, sedutora aos olhos de Lélío, contrasta com a delicadeza do encanto pela Mocinha deixada no Paracatu:

A gente ia vendo, e levava um choque. Era nova, muito firme, uma mulata cor de violeta. A boca vivia um riso mordido, aqueles dentes que de brancos aumentavam. Aí os olhos, enormes, verdes, verdes que manchavam a gente de verde, que pediam o orvalho. Lélío tirara o chapéu, e nada se

⁵ A cena da chegada do vaqueiro acompanhado do cachorrinho preludia sua união amorosa com Dona Rosalina, um ano depois. Lélío fora como que conduzido ao Pinhém, onde encontraria o amor, pelo cachorrinho. O mesmo acontece no conto de **Primeiras estórias**, intitulado **Sequência** (2016). Nele, vemos o personagem principal ser conduzido pelo vagar de uma vaca, até chegar a uma fazenda e encontrar o amor em uma moça.

disse a não ser o saudar de boas-tardes [...]. No lugar durava ainda aquela visão: o desliz do corpo, os seios pontudos, a cinturinha entrada estreita, os proibidos – as pernas... (ROSA, 2016a, p. 169).

Contrastantes com Jiní são as duas moças que se apresentam a seguir pela narrativa, nas quais Lélío veria a possibilidade de um casamento. São elas Mariinha e Manuela, respectivamente, filha e sobrinha de dois de seus companheiros de trabalho na fazenda.

Mais uma vez a narrativa volta a acentuar o desejo sexual que em Lélío torna-se presente, ao apresentar Tomázia e Conceição. As chamadas **Tias** são como que prostitutas, mas não recebem pelos seus serviços, nem abrigam-se em lugar escondido: elas cuidam das roupas dos vaqueiros, moram também no Pinhém e atendem a todos com alegria:

Aquelas ancas não se poupavam. Só podia gostar delas. E ali mesmo ia ouvindo, dum e doutro, como elas eram irmãs de bondade, no diário, no atual, e tudo mereciam. Não recebiam dinheiro nenhum – só, lá de vez em quando, quem queria dar dava um presentinho – e estavam ali sempre às ordens. E ainda ajudavam mais: lavavam roupa, botavam remendo ou costuravam botão, faziam remédios p'ra quem precisasse [...] (ROSA, 2016a, p. 188).

É importante perceber como Lélío não sacia o anseio que traz em si quando concretiza o ato sexual com elas. O desejo de estar com uma mulher, que ele expressa desde o princípio da narrativa, nesse ponto torna-se concreto, mas ainda assim não lhe é suficiente. A narrativa já começa a acenar para o fato de que o desejo de Lélío é por algo que vá além do amor platônico por Mocinha, e também não se resume a relações sexuais esporádicas com as Tias.

Nesse ponto, entra em cena a sétima das mulheres com as quais Lélío tem contato no romance. Dona Rosalina aparece-lhe em uma cena carregada de simbolismos:

E, vai, a solto, sem espera, seu coração se resumiu: vestida de claro, ali perto, de costas para ele, uma moça se curvava, por pegar alguma coisa no chão. Uma mocinha [...]. Era um estado – sem surpresa, sem repente – durou como um rio vai passando. A gente pode levar um bote de paz, transpassado de tranquilo por um firo de raio [...]. Viu riso, brilho, uns olhos – que, tivessem de chorar, de alegria só era que podiam... –; e mais ele

mesmo nunca ia saber, nem recordar ao vivo exato aquele vazio de momento (ROSA, 2016a, p. 190).

Toda a história de Lélío será doravante também a história de Rosalina ou, simplesmente, Lina. Ela tornar-se-á confidente e conselheira do vaqueiro. É a ela que ele recorrerá como fonte de sabedoria sobre tudo o que lhe ocorre, principalmente em seu relacionamento com as outras mulheres. Ao fim da narrativa, Lélío vai embora do Pinhém levando Lina, em quem ele parece ter encontrado o amor que buscara de diversas formas.

As experiências de Lélío oscilam entre um amor concretizado exclusivamente no ato sexual e o amor que permanece na esfera do possível/impossível, mas sem realizar-se, até que ele encontre algo diferente em Rosalina:

A	Mocinha	Amor platônico, não se concretiza.
B	Jiní	Atração física, relacionamento restrito à esfera sexual.
A'	Mariinha e Manuela	Possibilidade de casamento, sem concretização.
B'	Tomázia e Conceição	Satisfação exclusiva do desejo sexual.
C	Rosalina	Sabedoria, confiança, amizade.

Enquanto os extremos das seis primeiras mulheres parecem insuficientes a Lélío, ele encontra-se saciado apenas pelo amor oferecido por Lina, que por sua vez, difere de tudo o que ele experimentara com as outras. A narrativa parece, então, sugerir que em Rosalina está o amor perfeito: no que tange sua personagem há o equilíbrio entre o desejo sexual e o amor [dito] espiritual. Conforme a análise de Benedito Nunes,

na verdade, Dona Rosalina dá ao seu Mocinho uma forma de amor mais completa, mais ampla, que sumariza os seus passados amores, e que tem o poder de sublimar o impulso amoroso do vaqueiro, disperso em paixões várias, a ela confiadas [...]. Lina oferece-lhe a espécie rara e ardentemente buscada por ele nas mulheres que amava. O fogo do sexo, que nela ardera, se transformava na chama de uma beleza remanescente e se tornava em “vida ensinada”, capaz de infundir no vaqueiro amoroso “outro poder inteiro de se viver”. *Eros* converte-se, em Dona Rosalina,

naquela fruição de si mesmo – no amor do amor que inspirava os trovadores e que os místicos conhecem. Por isso é que ela não sente o coração envelhecer (NUNES, 2013, p. 75, grifos do autor).

Mais do que o simples equilíbrio, Lina parece representar a sabedoria pela qual Lélío anseia durante todo o enredo e à qual ele é impelido do início ao fim. A esta perfeição do amor aludem pistas e símbolos deixados pela narrativa. Basta perceber, porém, que Lina é a sétima das mulheres que o romance associa à existência de Lélío.

2.2 UM PÊNDULO

Em meio a esse quadro de oscilações, **lão-dalalão** (uma variação do título da novela) aparece em uma cena que espelha as idas e vindas amorosas que marcam a narrativa como um todo. Já em suas páginas finais, quando o romance é colorido com um tom de ocaso, Lélío encontra-se com Mariinha e eles passam a conversar por umas duas ou três tardes. A moça entrega-lhe uma flor de cravo, dizendo: “Te dou, por querer. Você é meu amigo” (ROSA, 2016a, p. 245). Não obstante a confissão de amizade, Lélío apaixonou-se por ela, dorme com o cravo ao lado do rosto e no outro dia vai procurá-la novamente. Antes, porém, não deixa de ter com dona Rosalina:

“Eu gosto de Mariinha... – falou. – ...Ela amanheceu em mim...” Disse, redisse, nem esperou como dona Rosalina responder. **O amor era isso – lãodalalão – um sino e seu badaladal. Ele estava maior que todos.** O dia fugia claro, a tarde passava; por pois, apressava ir ver Mariinha [...]. “Te amo por querer!...” – foi o que ele disse, sem tanto nem tento, precisava de ser assim [...]. “Bem que eu sinto, mesmo e muito, Lélío. Você desentendeu o de mim...” Tinha querido dele a amizade (ROSA, 2016a, p. 245, grifos nossos).

A breve cena na qual Lélío é desiludido pela esperança com Mariinha é o contexto para a inserção do termo **lão-dalalão**. O romance como um todo é a moldura que permite perceber o movimento pendular do sino, que Guimarães Rosa usa como metáfora para o amor. Lélío, em especial, é a personagem que oscila entre diferentes formas de buscas e experiências do amor: ora o escolhe, ora deixa-se levar por seu desejo, ora é pela razão que deseja unir-se a alguém. Em alguns

momentos seu desejo desperta-se pela delicadeza da mulher, em outros, pela sensualidade de um corpo.

A personagem Rosalina espelha aquilo que é a concepção rosiana do amor: um sentimento que está relacionado à necessidade de completude do amor, que não realiza-se em apenas um dos extremos que o pêndulo do sino alcança – sexo, amizade, companheirismo ou encanto – mas que faz sentido pelo conjunto harmônico da oscilação. Benedito Nunes identifica esse conjunto à dimensão da sabedoria:

Na escala da simbologia amorosa em que devemos situá-la, a Rosalina de Guimarães Rosa [...] merece o lugar de *Sofia*, *Sapientia*, última etapa da cultura do *Eros*. Expressão do eterno feminino, Sofia [...] aproxima-se da função religiosa preenchida por Beatriz ou por Maria. Ela representa a divina sabedoria. Mas como vimos que a tradição mais condizente com o erotismo místico de Guimarães Rosa é a que deflui do platonismo e se insere na sabedoria alquímica, e que esse erotismo místico nos leva à ideia de imanência da divindade no homem, não podemos interpretar Sofia no sentido de sabedoria celestial, supraterrana, e sim como aquela que espelha da própria alma convertida em si mesma, nos movimentos de retorno ao núcleo do seu verdadeiro ser (NUNES, 2013, p. 77, grifos do autor).

Em Guimarães Rosa, portanto, definir o amor como **lão-dalalão** – ou **Dão-lalalão** – é expressar a necessidade de conciliação equilibrada de todas as suas formas possíveis. O amor **Dão-lalalão** é um movimento: um pêndulo entre o amor carnal e a sabedoria, entre a saída de si e a entrada em um outro ser.

Como já referido no início do artigo, a novela que carrega o nome **Dão-lalalão** é inspirada em um livro bíblico (que bem poderia ter o mesmo nome): o **Cântico dos cânticos**. Neste último, o amor também é entendido a partir desta noção de completude que se dá na conciliação entre o sentimento e o desejo físico. A amada e o amado, personagens principais do livro bíblico, elogiam-se mutuamente a partir de suas características físicas e confessam o sentimento amoroso no companheirismo e na amizade.

Outros exemplos bíblicos, porém, podem ser aproximados dessa noção de **Dão-lalalão**. As personagens da **Bíblia** são, no mais das vezes, marcadas pelas oscilações ou pela mutabilidade de sua personalidade, que se estende sobre suas relações. Na subsequente seção, seguiremos a pista deixada pela aproximação do

título a raízes da língua hebraica, a fim de confirmar e ampliar a noção até aqui apresentada.

3 UM SINO E SEU BADALADAL: CONSTRUÇÃO DE UM SIGNIFICADO A PARTIR DE ETIMOLOGIAS ANTIGAS

No que tange ao título **Dão-lalalão**, sentimos falta, na pesquisa, de uma leitura mais detida dos significados desse nome, para além de sua significação contextual oferecida por **A estória de Lélío e Lina**. Assim sendo, achamos por bem tentar recuperar algum sentido a partir de etimologias antigas, uma vez que o próprio João Guimarães Rosa era um exímio artífice dessa manobra. Ele mesmo deixou bem claro seu interesse pelas aproximações com a **Bíblia**. Justificamos, então, o retorno que proporemos à língua hebraica – majoritariamente a língua com a qual foi escrito o **Antigo Testamento** – para tentar dar conta de nossa proposta.

Dālal é um verbo e, como tal, apresenta uma série de derivações e variantes em seu significado. A ele estão atrelados significados como “empobrecer-se, minguar, consumir-se, esgotar-se, decair, desfalecer. Estar pendurado, suspenso” (SCHÖKEL, 1998, p. 156). Dessas significações, duas delas parecem bem a propósito para a leitura de **Dão-lalalão**, sobretudo a partir da figura de Soropita: consumir-se e estar pendurado, suspenso. Neste último caso, há uma sensível aproximação sonora com *dālāh*, outro verbo que alude ao gesto de se retirar água de um poço, lembrando a vasilha pendurada (SCHÖKEL, 1998, p. 155).

Passamos, então, a demonstrar onde há ocorrências significativas desse uso para depois buscarmos aproximações com a novela rosiana. Talvez a ocorrência mais marcante esteja em **Jó** 28,4, até mesmo em razão de toda a trama do livro, onde um homem que tudo possuía está, agora, em uma situação de suspensão: “Estrangeiros perfuram as grutas, em lugares não frequentados, e suspensos balançam longe dos homens”⁶. **Suspender** é o verbo em questão, indicando, talvez, uma ação de mineiros em trabalho de perfuração. Tal trabalho é feito sem os pés ao chão, o que pode caracterizar a situação de insegurança e mobilidade perigosa.

⁶ Todas as citações são feitas segundo a tradução da **Bíblia de Jerusalém** (2002).

Como afirmamos, trata-se de *dālal*, mas sua estreita aproximação com *dālāh* pode ser verificada nesta passagem.

Outra ocorrência que pode ajudar esta análise está em **Isaías** 38,14, na segunda parte do versículo: “[...] meus olhos se cansam de olhar para o alto. Senhor, estou oprimido, socorre-me!” Aqui, trata-se do verbo traduzido como **cansar**. O lamento do poeta indica seus olhos **debilitados, cansados** (*dallû*).

Os salmos 79,8; 116,6 e 142,7 sugerem uma situação de fraqueza por parte do poeta. **Isaías** 17,4 e 19,6 também comparecem mais com sentido de definhar e minguar. Note-se que, associados a **Jó** e **Salmos**, boa parte da ocorrência deste verbo está em textos poéticos. Para reforçar essa afirmação notamos ainda – como um último exemplo – a curiosa presença do verbo em **Provérbios** 26,7: “São bambas as pernas do coxo, e o provérbio na boca dos insensatos”. Mais uma vez a ideia de algo inconstante, indeciso e vacilante.

Como primeira conclusão, podemos ver, a partir desses verbos e seus correlatos (inclusive sonoros), que *dāl* está quase sempre associado à ideia de algo que **oscila, balança, dança, cambaleia**. Neste campo semântico, aparece, também, a ideia de **fragilidade**, permitindo uma leitura muito profícua no campo do simbólico, já que o verbo e suas derivações aparecem indicando, ainda, **trama, trança, pobreza, balde, goteira, fogo a arder, febre** e uma série de elementos outros. É a partir daí que gostaríamos de ler **Dão-lalalão**, buscando interpretar seus dois personagens principais neste horizonte.

Voltemos, agora, nosso olhar para a novela e dela busquemos retirar alguns elementos que se aproximem do que ora foi apresentado. Isso será feito com o recorte de algumas passagens, uma vez que uma análise de toda a obra resulta quase impossível dada a sua profundidade simbólica e terminológica.

Na novela, Doralda é a mulher por quem Soropita se apaixona. Desde o início, ela é o sensor que desperta nele as mais diversas reações. Assim sendo, queremos afirmar que nela estão os motivos, as dores, as angústias e as maiores alegrias daquele homem do sertão. Talvez assim resultem mais claras as mudanças em seu comportamento, o jeito como ele a vê, o desejo que sente por ela e as fantasias que constrói ao redor daquela figura.

É tão assim que, já nas primeiras linhas da novela, ela é apresentada como mulher. Uma mulher que “com o seu belo modo abaianado – o rir um pouco rouco, não forte mas abrindo franqueza quase de homem, se bem que sem perder o quente colorido, qual, que é do riso de mulher muito mulher” (ROSA, 2016b, p. 25). Em outro lugar, o narrador completa: “Até o nome de Doralda, parece que dá um prazo de perfume.... Roda das flores - de flor de toda cor . - . - você podia cantar, você dançava, no meio das meninas” (ROSA, 2016b, p. 83).

Doralda não só inspira a dança como é ela mesma a própria dança. É melodia e acompanhamento, instrumento e par. Na dança afloram os sentimentos, o que era seguro põe-se vacilante; o que estava escondido aparece sem receios. É como um fogo a arder e que pede saída.

Aqui uma nota descompromissada, mas que nos ocorre até mesmo a partir da obra completa de Guimarães Rosa: a dança é não somente de uma celebração, mas também de linguagem. O estilo rosiano proporciona isso. Assim, vemos em narrador e personagem a riqueza de uma harmonia, de danças de palavras, de gestos e de detalhes.

Apenas as linhas indicadas já mostram muito do que será a longa narrativa que se desenrola fora e dentro de Soropita. Ele que, estando longe, carrega dentro de si Doralda; ela que, estando perto, retira de dentro de si Soropita. Ele será um homem confrontado, sempre, com a figura da mulher. Algo que o toca e o faz mudar. Mexe com seu interior e exige dele um posicionamento: “Ao fogo dos olhos de Soropita, as pontas de seus seios **oscilaram**. Soropita recostado, repousado, como num capim de campo” (ROSA, 2016b, p.83-84, grifo nosso). Os seios oscilam, sinais visíveis de oscilações invisíveis. Nele e nela.

Toda a novela deixa transparecer a ideia de oscilação que antes verificamos, comparada ao texto bíblico. Em algumas das passagens, essa proximidade é tão marcante que dispensa até comentários. O narrador indica que “Soropita se sentia **bambo** até das pernas, vinha a passos contados” (ROSA, 2016, p. 64, grifo nosso). A bambeza das pernas dele acusam sua própria forma de se comportar. Ao longo de toda a narrativa ele só pode ser identificado configurando-se a Doralda.

Isso já é perceptível desde o começo, quando em suas visitas à casa de mulheres, ela “pegava na mão dele, via a aliança, brincava de a **rodar**” (ROSA,

2016b, p. 43, grifo nosso). A aliança que roda no dedo faz o homem todo rodar em si mesmo. Dessa forma, a mulher começa a ter o controle, do dedo ao coração, de um simples gesto a uma mudança completa de vida para o homem que a procura.

A partir daí, Soropita já começa a balançar-se. Começa, então, a configurar-se à Doralda. Se ele está tranquilo, Doralda o tira do eixo; se ele está desconfortado, ela é quem o devolve a si mesmo. Ela é a medida, a balança. Doralda é o equilíbrio para a vida pendular de Soropita. Algumas passagens deixam essas ideias muito claras:

Volta de viagem, a gente está sempre suoso, **desconfortado**... Doralda era um consolo (ROSA, 2016b, p. 61, grifo nosso).

O **sobressonhar** de Soropita se apurava, pesponto; com o avanço sem um tropeço naquele espaço calmo de estrada (ROSA, 2016b, p. 37, grifo nosso).

“Toe sujo, tou suado... Vim amontando burro...” Mas já a moça se agarrava, de abraço, ia-o puxando, para o quarto. O corpo dele todo se amornava grande, sabia só de seu sangue mesmo bater, **nada ouvia, não via**. Lá a dentro de portas, se empeava um pouco, **cismado** outra vez, percalço (ROSA, 2016b, p. 39, grifos nossos).

Em todos os momentos, Doralda aparece como aquela que norteia Soropita. A viagem que o homem faz para a sua própria casa pode ser um indicativo da mesma viagem que ele realiza para dentro de si. Uma viagem do presente ao passado, revisitando histórias e situações numa novela de si mesmo. Como bem afirmou o poeta: “E lá vou eu mundo afora montado em meu próprio dorso”⁷.

Se nos for permitido um paralelo, podemos afirmar que antes Soropita viajava pelo sertão, parando em casas de mulheres. Hoje, ele viaja no mesmo sertão, mas indo para a própria casa. Quais os pontos comuns? Ora, em primeiro lugar, notamos que não é mais uma escolha entre várias mulheres, mas a mesma mulher lhe espera. Aquela mesma que outrora o recebeu em uma outra situação. Aqui, casa e feminino voltam a dialogar como cenários fecundos no funcionamento da novela. Em outro lugar, afirmamos que o rosto do feminino deixa de ser apenas estético para ser o gerador de identidade. O feminino passa a ser, portanto, “o recolhimento por

⁷ Trecho da música **Cavalo Bravo**, de Renato Teixeira.

excelência e o outro por excelência” (DERRIDA, 2004, p. 56). Assim sendo, o rosto implica em acolhimento e o acolhimento acolhe um rosto.

Soropita é, então, acolhido em sua própria casa. Entendamos, portanto, essa casa como sendo a própria Doralda. É “a dentro de portas” que ele se vê nesta casa. Uma casa da qual não sai mais. Assim, mais que chegar em sua casa é chegar em Doralda: ela, sim, abre suas portas para a entrada deste errante. Doralda é o consolo para o Soropita em viagem. Mesmo chegando em casa, a viagem continua. Diante de Doralda, ele estará sempre em trânsito, embora dentro de casa.

Antes, o sertanejo “ardia de ir” para a casa das mulheres; agora, ele anseia chegar em casa, sabendo ser recebido por aquela que ainda lhe deixa fora do eixo. Mesmo que não soubesse ou não quisesse admitir, Soropita sempre foi recebido e acolhido por Doralda. Tornou-se ele um eterno hóspede dela. O que mais lhe machuca, no entanto, é a incerteza de que ela ainda permaneça com ele. Isso o leva ao ciúme exagerado e a uma fictícia guerra com o negro Iládio. Essa guerra dilacera seu interior, modificando seus pensamentos, obscurecendo sua razão.

A figura de Doralda aparece, assim, como se fosse dependente ou estivesse como um brinquedo nas mãos dos homens que a ela se dirigiam. No entanto, o que se nota é a dependência dos homens em relação a ela e, muito particularmente, Soropita. De um lado, há a insegurança de Soropita que atesta mais uma oscilação entre a certeza da hospitalidade recebida pela [e na] mulher e a incerteza do amor correspondido. Em outra perspectiva, Doralda também balança entre a volubilidade dos carinhos de uma prostituta e a solidez da união livremente assumida com Soropita.

Fica explicitado, na narrativa, o quanto o narrador está interessado na figura da mulher: a sobrevivência do sertanejo se dá por causa dela; os infortúnios gerados pelo seu ciúme são por causa dela; o deixar a lida passada com o gado e as viagens é resultado daquele rosto que se abateu sobre ele. O rosto-rosto de Doralda se converte num rosto-outro, ou seja, ela deixa de ser uma mulher bonita e desejável apenas para se tornar aquela que faz Soropita mudar de rumo em sua própria identidade. Doralda cambiante de rosto torna cambiante, também, o Soropita-rosto-duro-do-sertão.

Soropita segue se convertendo naquele que oscila entre o presente e o passado. Antes mesmo do encontro com Dalberto e Iládio ele já trazia dentro de si essa oscilação-insegurança. Agora, explicitada por eles, ela aflora com mais força, levando o homem a uma efervescência de memórias e passados. Ele volta a si mesmo para justificar suas próprias percepções do que seja o feminino, a partir da fala de Dalberto:

Só quando se está com mulher é que a gente sente mesmo que está lorde, com todos os perdões... que é que se está vivendo, mesmo. Afora isso, tudo é poeira e palha, casca miúda. A gente vai indo, caçoando e questionando, agenciando, bazofiando, tendo medo, compra isto, vende aquilo. Como que na gente deram corda. Homem não se pertence. Mas, um chegou, viu mulher, acabou-se o pior. Começa tudo, se tem nova coragem... (ROSA, 2016b, p. 54-55).

Mais uma vez notamos o quanto suas próprias ações são dirigidas pelo feminino. Seria um exagero afirmar que aqui se encontra um traço universal? Não só da percepção do homem que se prende a uma mulher, mas das relações várias entre as pessoas que as deslocam na direção umas das outras. Sobre isso, o autor de **Provérbios** 30,18-19 já havia afirmado:

Há três coisas que me ultrapassam e uma quarta que não compreendo: o caminho da águia no céu, o caminho da serpente na rocha, o caminho da nave no mar, o caminho do homem com a donzela.

Essa impossibilidade de rastros é o que não permite mensurar as relações existentes. Elas podem ser fluidas, sólidas, fugazes. Podem, também, mudar de tempos em tempos, permitindo tempos de abraços e tempos de separações. O amor e a atração, a paixão e o desejo configuram-se como elementos imprevisíveis, tornando quem a eles se sujeitam necessitado de uma reconfiguração da própria identidade.

Uma primeira conclusão talvez seria a de que Doralda, em relação a Soropita, é quem mais permanece no eixo. Ela é que atrai, fazendo-o orbitá-la. Ainda assim, embora a novela não deixe isso explicitado, ela mesma tenha tido seus tempos de órbita. Ele, no entanto, é a personagem mais explícita e característica dessas mudanças. Quando o leitor o encontra sobre seu cavalo voltando para casa, entra

em seu mundo girante, cavalcando com ele para uma estrada mais longa do que aquela que vem do Æo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interpretações de **Dão-lalalão** confluem, se pensamos segundo a intertextualidade da novela homônima com **A estória de Lélío e Lina** ou de acordo com as aproximações a raízes hebraicas. O sentido da oscilação e do balanço estão presentes nas duas propostas apresentadas e constroem, portanto, o sentido do neologismo rosiano. A título de conclusão, no entanto, queremos apresentar, ainda, uma terceira proposta para a conceituação de **Dão-lalalão**.

As duas seções precedentes evidenciaram um movimento das personagens que não se faz, apenas, entre formas possíveis de amor, mas entre interioridades. Soropita viaja do Æo ao Andrequicé, mas também de si até Doralda. A mulher abre a porta de casa para que o marido entre, mas também oferece repouso em si mesma. A esses movimentos, que acontecem no nível do ser, temos denominado, respectivamente, *intinerância* e *hospintralidade*⁸. Designam o movimento de um ser que parte de si, motivado pela existência de outro, e é por esse outro recebido, ganhando a possibilidade de existência em um território que não é o de sua própria individualidade, mas em um lugar de alteridade. A *intinerância* é um movimento de saída, enquanto a *hospintralidade* é um movimento de chegada. O conjunto dessas duas é o balanço de alguém, que vai de si para o outro, do outro para si: é **Dão-lalalão**.

Estabelecemos, assim, a partir de nossas considerações, uma possível conceituação para **Dão-lalalão**, conscientes de que este é, ainda, um início de reflexão:

Dão-lalalão. s.m. **1.** Oscilação, movimento pendular, mobilidade, balanço, dança. **2.** Insegurança, suspensão, fragilidade, estar em órbita ao redor de um referencial. **3.**

⁸ É importante destacar que ambos os conceitos resultam de nossa pesquisa de Mestrado em andamento, intitulada **Hospintralidade e Intinerância: Dão-lalalão e a Bíblia** [de] Guimarães Rosa, desenvolvida no Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Sinônimo do amor completo, que concilia as dimensões do erotismo, da amizade e da sabedoria. **4.** Movimento pendular de si para o outro e de volta a si; resultado das ações simultâneas de *intinerância* e *hospintralidade*.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: EDUSP, 2001.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: _____. **A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa**. Organização Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

ROSA, João Guimarães. A estória de Lélío e Lina. In: _____. **No Urubuquaquá, no Pinhém**. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 145-253.

_____. **Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. Dão-lalalão. In: _____. **Noites do Sertão**. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 25-94.

_____. Sequência. In: _____. **Primeiras estórias**. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 97-100.

SCHÖKEL, Luís Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Tradução Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

O MEDO E A VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO: A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS NO ORDENAMENTO DA CIDADE[✓]

195

Marise Baesso TRISTÃO¹

[✓] Artigo recebido em 28/08/2018 e aprovado em 21/11/2018.

¹ Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Jornalista formada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF -1993). Possui mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2012) e especialização em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-1997). Editora na Tribuna de Minas, professora no Curso de Comunicação Social-Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). E-mail: <marisebaesso@hotmail.com>.

**O MEDO E A VIOLÊNCIA NO RIO DE
JANEIRO:****A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS NO
ORDENAMENTO DA CIDADE****RESUMO**

Este artigo busca mostrar como se dão as narrativas sobre as violências no Rio de Janeiro, com foco em alguns sujeitos envolvidos com esta questão no jornal **O Globo**. A análise leva em conta a década que antecedeu a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora. Três sujeitos cuja frequência é maior neste período nas páginas do periódico serão destacados: os traficantes de droga, os milicianos e os agentes da ordem (policiais).

Palavras-chave: Violências. Rio de Janeiro. O Globo.

**THE FEAR AND VIOLENCE IN RIO DE
JANEIRO:****THE CONSTRUCTION OF THE SUBJECTS
IN THE URBAN PLANNING****ABSTRACT**

This article seeks to show how the narratives about violence are given in Rio de Janeiro, focusing on some subjects involved with this issue in the newspaper **O Globo**. The analysis takes into account the decade that preceded the implementation of the Pacifying Police Units. Three subjects whose frequency is greatest in this period in the pages of the periodical will be highlighted: the drug traffickers, the militiamen and the agents of the order (policemen)

Keywords: Violence. Rio de Janeiro. O Globo.

1 INTRODUÇÃO

Como têm sido construídas as narrativas e os sujeitos acerca das questões das violências urbanas no Rio de Janeiro? Essa é uma das indagações pertinentes a este artigo, que vai olhar para quase uma década de discurso do jornal **O Globo**, entre os anos de 2002 a 2010, o que inclui os governos de Benedita da Silva (PT), Rosinha Garotinho (PR) e o primeiro governo de Sérgio Cabral (PMDB). Com isso, o *corpus* a ser verificado será composto por notícias e reportagens sobre questões de violências encontradas no jornal no período.

As violências, no sentido explorado pelo discurso midiático, são hoje uma das preocupações centrais da população no país e, conseqüentemente, tornaram-se uma das questões primordiais nas plataformas políticas das administrações públicas. No entanto, estas violências, muitas vezes, são simplificadas como se fossem única. Quando falamos em violência, muitas vezes, temos consolidada em nossa memória histórica aquela que aparece nos veículos de comunicação. Isso revela como esse discurso é central para o entendimento do mundo.

Em nosso recorte sobre as violências no Rio vamos alinhar a década que antecede a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), procurando alguns sujeitos que emergem dos discursos e averiguando como eles se projetam na dinâmica da cidade. Tudo feito no sentido de tentar encontrar, como nos lembra Foucault (2005, p. 31), algo além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer ou ainda o jogo inconsciente que emerge de maneira involuntária do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas.

Para atingir os objetivos, este trabalho busca em **O Globo** o seu material de análise para entender a construção dos sujeitos no ordenamento da cidade. Foram escolhidos alguns sujeitos que têm papel preponderante no período analisado, seja porque estão entre aqueles indesejáveis aos olhos da mídia e de outros atores sociais e que precisam ser extirpados do projeto da cidade que se quer, seja porque estão envolvidos com as políticas de segurança pública, sendo autoridades ou agentes da ordem.

2 O SUJEITO E A LINGUAGEM

O sujeito se constitui por fala de outros sujeitos, sendo resultante da interação de várias vozes e da relação com o sócio-ideológico. É o sujeito da língua e da ideologia, estando submetido a, abaixo de certas condições. Para Pêcheux, o discurso produzido por um sujeito (A) pressupõe um destinatário (B). E este destinatário se encontra em um lugar determinado na estrutura de uma formação social. “Tais lugares estão representados nos processos discursivos a partir de uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem mutuamente, ou seja, a imagem que fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” (INDURSKY, 2013, p. 67)

Por estar inserido em determinado lugar e tempo, o sujeito é essencialmente histórico e ideológico, e os indivíduos tornam-se sujeitos somente se estão posicionados em um discurso, em uma formação discursiva. “O sujeito é, desde sempre, um indivíduo interpelado em sujeito” (PECHÊUX, 1997). Isto quer dizer que, para se significar como sujeito, todo indivíduo sofre o processo de interpelação.

Pensando a relação do sujeito com a linguagem enquanto parte de sua relação com o mundo, compreende-se o estabelecimento e a transformação do estatuto do sujeito como correspondente ao estabelecimento (e transformação) das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado. É Orlandi quem traz estas definições.

Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção dos sentidos” (ORLANDI, 1999, não paginado).

Assim, Orlandi ressalta que, neste sentido, o indivíduo não é a unidade de origem, mas o resultado de um processo, um construto, referido pelo Estado. E este, por sua vez, é o único agente legitimado para criar as leis e enquadrar as formas de relações sociais que vão se impondo. Para Orlandi, é o indivíduo, produzido por esse modo de individuação, que vai se inserir/identificar com esta ou aquela

formação discursiva, constituindo-se em uma posição-sujeito específica na formação social.

O discurso dos sujeitos é constituído por vozes contraditórias e conflitantes sustentadas por diferentes filiações discursivas. Vamos acompanhar algumas vozes e atores sociais, todos envolvidos com as questões das violências no Rio, e procurar entender se houve resignificação e deslizamentos de cada um no período de quase uma década. Mendonça lembra, ao analisar as estratégias de interação discursiva no telejornalismo – mas entendemos também que cabe para o jornalismo impresso – que

há, por um lado, uma série de estratégias de interação discursiva que envolve a negociação de sentidos entre o veículo enunciador e os múltiplos estratos da audiência. Neste aspecto de interação, situamos a relação entre as estratégias de construções de efeitos de sentidos desejáveis pela emissora em relação a 'telespectadores ideais' a quem os discursos seriam, preferencialmente, direcionados. [...] Um segundo nível de interação discursiva deve ser levado em conta, por sua vez, pelo analista. Trata-se da tensão entre as expectativas dos jornalistas em relação ao que desejam que suas fontes façam (ou falem) e as tentativas destas mesmas fontes de, a partir de artimanhas, táticas ou linhas de fuga criativas, produzir subjetividades outras, através da visibilidade momentânea conquistada (MENDONÇA, 2012, p. 265-266).

Ao analisar os sujeitos e suas vozes, é preciso lembrar que o comportamento dos falantes irá levar em consideração também o fato de estar em um veículo de comunicação, com suas regras e técnicas. Os enunciados foram escolhidos por meio de uma busca lexical no Acervo de **O Globo** e, a partir daí, selecionamos alguns episódios que consideramos importantes para a nossa análise ao longo do período de 2002 a 2010.

3 O TRAFICANTE COMO GRANDE INIMIGO

Na narrativa da instância jornalística, o traficante tem o domínio das favelas cariocas, sendo considerado o grande responsável pela criminalidade no Rio e ainda o problema para o desenvolvimento, o turismo, a insegurança e a maioria dos outros males que impedem o projeto de uma Cidade Maravilhosa. Como este sujeito se transformou no maior inimigo do Rio nos últimos anos será o nosso ponto de ataque. Este traficante ganha outros itens lexicais. Por meio da metonímia, ele se transforma

no próprio tráfico, tratado como sujeito, entidade, instituição que age de forma deliberada no Rio, e ainda poder paralelo, crime organizado, criminosos, bandidos, facções, bandos opressores nas áreas pobres, entre tantos outros.

Desta maneira, passa a ser um instrumento político, através do qual se mobilizam vários discursos sobre a cidade e não apenas o significado literal do dicionário, que afirma que traficante é a pessoa que pratica negócios ilegais ou clandestinos ou trabalha com este comércio ilegal. Enquanto a memória discursiva reforça este traficante, há um silenciamento sobre o traficante que age no asfalto, entregando a droga em apartamentos e coberturas luxuosas da Zona Sul. Também há um silenciamento sobre o traficante comum, pouco glamourizado e sem nenhum domínio, que, envolvido com o tráfico, terá uma vida difícil e um risco maior de perder a vida ainda jovem.

No ano em que tem início nossa pesquisa, a reportagem escolhida para verificar como este sujeito será narrado e como se dão as relações de força e poder em relação a ele será sobre um motim na Penitenciária de Bangu I, em 11 de setembro de 2002. A chacina em Bangu I, que teria sido comandada por Fernandinho Beira-Mar, termina com quatro mortos, feridos e com um anunciado clima de insegurança no Rio. A partir deste episódio, Beira-Mar será chamado de liderança do poder paralelo no Rio. Neste período, há três facções rivais que, supostamente, comandariam o tráfico de drogas no município: Comando Vermelho, Amigos dos Amigos (ADA) e Terceiro Comando. Estas duas últimas, porém, estariam se unindo e trabalhando de forma conjunta.

Estamos falando de um período do governo de Benedita da Silva, iniciado em abril de 2002 e que duraria apenas até dezembro daquele ano, quando a governadora deixaria o cargo para sua sucessora Rosinha Garotinho. Benedita era vice-governadora na chapa liderada por Anthony Garotinho, que sai de seu posto para se candidatar à presidência da República. Ela será a primeira mulher negra e ex-moradora de uma favela a assumir o governo do estado, trazendo consigo todo o simbolismo que isso representa. A reportagem tem uma representação emblemática por permitir observar os vários eixos: a violência e o medo na cidade, o desejo de ordem, as relações políticas do jornal e a crise de governabilidade provocada pela violência.

O grande inimigo é aquele contra o qual o Governo de Benedita, um governo de esquerda, não terá armas à altura para lutar. A narrativa de *O Globo* é construída no sentido de mostrar o poder do inimigo dentro e fora da cadeia.

O traficante Luiz Fernando da Costa, o Fernandinho Beira Mar, comandou em Bangu I um motim que resultou na chacina de pelo menos quatro presos das facções criminosas Terceiro Comando (TC) e Amigos dos Amigos (ADA). Os presos foram mortos por rivais do Comando Vermelho. (...) Com a posse das chaves de seis portões gradeados, Beira-Mar, preso na galeria A, fez oito reféns e invadiu a galeria vizinha, onde matou Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê. (O 11 de setembro foi aqui, Editoria Rio, p. 14, 12/9/2002)

Segundo agentes penitenciários, Fernandinho e seus cúmplices teriam gritado: “Duas torres caíram”, numa referência ao ataque terrorista às torres gêmeas de Nova York, no dia 11 de setembro do ano passado. (...) - Pelo telefone, Beira-Mar teria dito à polícia que só deixaria a galeria D após terminar o serviço. (O 11 de setembro foi aqui, Editoria Rio, p. 14, 12/9/2002)

- Já morreram seis. Agora queremos que a polícia entre para negociar – disse o preso, por volta das 11h. (...) A rebelião com mortes em Bangu I ultrapassou os muros do presídio e interferiu no cotidiano de moradores de nove bairros do Rio. Numa demonstração de força, traficantes ordenaram o fechamento do comércio nessas áreas em sinal de luto pelos bandidos mortos. (...) o clima de medo tomou conta da cidade. (Tráfico fecha comércio e escolas em 9 bairros, Editoria Rio, p. 16, 12/9/2002)

No bloco de enunciados acima, chama atenção, primeiramente, o fato de o título fazer menção ao 11 de setembro do ano anterior, quando milhares de pessoas morreram vítimas de atentado terrorista nos Estados Unidos. O compromisso desse modo de dizer está na memória do terrorismo.

Ao narrar este motim, reforça-se o estereótipo do agente produtor da violência na capital fluminense. Busca-se ainda confirmar a tese do poder paralelo do traficante e do clima de medo generalizado diante deste poder. Entre os enunciados acima, estes exemplos podem ser vistos quando afirma-se que Beira-Mar “comandou motim”, teria dado ordem para fechamento de instituições de ensino, que teria dito à polícia que só deixaria a galeria D após terminar o serviço e ainda quando estipula o momento em que a polícia poderia entrar na prisão. Se ele comandou o motim é porque outros participaram, mas há um não dito a este respeito. Entre esses outros, podem estar agentes penitenciários e outras instâncias do poder, que também não são mencionadas. Ou seja, há uma extensa e complexa malha por trás do tráfico que vai criar na cidade uma demanda por mais

militarização, mas este circuito, que começa nas fronteiras brasileiras não é percorrido. Esta malha, como lembram Pires, Queiroz e Kant de Lima (2010), envolve grupos e setores ligados ao Estado e às instituições privadas:

(...) essas malhas operam, não apenas à margem da legalidade, mas nas entranhas do aparelho estatal, reproduzindo e sustentando esse mercado. Isso ocorre aqui no Brasil, bem como em outros países capitalistas desenvolvidos, cujos “colarinhos brancos” são sujeitos ativos do processo de produção e reprodução desse mercado e de suas mercadorias. (PIRES; QUEIROZ; KANT DE LIMA, 2010, não paginado)

Os autores lembram ainda que estas redes que permitem o desenvolvimento do tráfico vão possibilitar a diversificação desse mercado, uma oportunidade de negócios e até a criação das variadas facções.

Enquanto mostra-se o poder de facções do tráfico, revela-se uma cidade que estaria sem governo para combatê-las. Esta parece assistir a tudo sem comando, à espera de ser tomada. As marcas de verdade são reforçadas no texto, com reproduções de falas que o jornal não presenciou e que, mesmo assim, são aspeadas.

O Globo aproveita a coincidência de datas a respeito do 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos e faz comparação carregada de sensacionalismos e metáforas, referindo-se, por exemplo, diretamente às Torres Gêmeas. As falas dos presos são fundamentais para indicar como aquele conflito se deu, mesmo que não tenham sido presenciadas pela instituição jornalística.

O discurso do medo evolui para o pânico, a narrativa coloca o Rio na iminência de uma guerra, onde “bandidos” andariam armados com medo de outros bandidos. Ao reforçar este sentido, **o Globo** intensifica também a posição de que é preciso mais punição e rigor para lidar com a desordem espalhada pelos traficantes. Fazendo-se uma clivagem: para lidar com a desordem, é preciso colocar-se ordem, combatendo o inimigo com a força. Não por quem está no comando, mas por um outro tipo de governo. É como se fosse possível viver numa cidade sem conflitos. É Simmel quem lembra que pensar a sociedade como destituída de conflito seria pensá-la de “modo superficial”.

A sociedade, para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e

competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis (SIMMEL, 1983, p. 124).

Assim, nesta sociedade sem conflitos, o inimigo materializado na figura do traficante é demonizado, legitimando-se, muitas vezes, a violência estatal contra aqueles que se colocam do lado do tráfico. Desta forma, vão se apagando do discurso inimigos outros e problemas urbanos, como se a retirada do traficante solucionasse as desigualdades, a pobreza, as mortes violentas que têm origem em outros fatores, a heterogeneidade da cidade, enquanto reforça-se a necessidade de opressão ao outro.

O traficante de drogas morador da favela seria o grande ator da desordem social nas páginas dos jornais cariocas. Luiz Antônio Machado da Silva fortalece esta hipótese quando afirma que

(...) “o ator típico tem sido identificado com os traficantes de drogas, uma vez que, nas interpretações correntes, a expansão do tráfico tem sido a grande responsável pelas mudanças que afetam a continuidade das rotinas cotidianas” (SILVA, 2008, p. 37).

Estas regularidades persistem em relação ao tráfico como grande inimigo do Rio, que, pela instância jornal, terá nas Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) a grande missão de extirpá-lo das comunidades. Os sentidos acionados são de que o Rio não será uma cidade que pode ser vista como uma grande capital aos olhos estrangeiros se estiver sob o domínio deste tráfico.

4 OS MILICIANOS

Dando sequência, passemos aos milicianos, outro sujeito encontrado ao longo de nossa análise na cadeia das violências na capital fluminense, principalmente a partir de 2006, quando ganha destaque em reportagens do jornal ao ocupar comunidades e entrar em confronto com traficantes. A milícia é conhecida em sua origem como um grupo que atua, sobretudo, em loteamentos ilegais da periferia do Rio. A atuação no ramo começa nos anos de 1970, período em que as invasões de terrenos por grupos autônomos de sem-teto são substituídas por uma espécie de “empreendedor imobiliário”.

Estes grupos de ex-policiais constituem o mesmo fenômeno denominado grupo de extermínio nas décadas de 1960, 1970 e 1980 na Baixada Fluminense e na zona oeste do Rio de Janeiro, onde predominavam migrantes vindos de outros Estados. A novidade está apenas na ampliação dos negócios com a “venda” de produtos e serviços, por meio de extorsões apresentadas como proteção contra assaltos, que marcaram também o início da máfia italiana no século XIX e, posteriormente, das máfias estadunidenses. São os novos milionários da tragédia da segurança pública no Rio de Janeiro. São os subversores da disciplina e hierarquia militares, usadas como argumentos para justificar a permanência da estrutura militar na força policial brasileira (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007, p. 89).

Há relatos que apontam que a atuação começou em Rio das Pedras, maior favela da Zona Oeste do Rio. Revoltado com o número de vezes em que seu comércio foi assaltado, um açougueiro teria organizado um grupo para garantir a segurança da comunidade. O grupo matava e espancava os ladrões e, com o tempo, passou a agir de maneira profissional e em vários pontos do Rio, expandindo suas atividades para o setor imobiliário. Este grupo não tolera uso e tráfico de drogas. Com estes princípios, passou a ocupar cada vez mais espaço nas favelas, “vendendo um modelo de urbanização, ainda que ilegal ou irregular, centrado na segurança e na moralidade, algo que, informalmente, vem seduzindo muitos moradores de favelas territorializadas pelo tráfico” (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007, p.89).

Entre 2005 e 2006, de acordo com Relatório da Subsecretaria de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública, o número de comunidades dominadas pelos milicianos passou de 42 para 92. Esses grupos são formados por agentes das forças de segurança do Estado. Entre as práticas impostas está a cobrança de ‘mensalidades’ dos moradores das áreas “protegidas” para remunerar a segurança privada. O argumento é de que estão entrando nos locais para estabelecer a ordem e a paz, livrando as comunidades do tráfico de drogas.

Em 2005, a palavra milícia tem outra flutuação de sentido, ainda sem o valor histórico que terá futuramente na memória discursiva. A palavra vai ganhar nova materialidade linguística em anos posteriores, deslizando, porém, entre o legítimo, o legal e o ilegal ao longo da análise. Ressaltando que são policiais que serão chamados de milicianos e que, como lembra Pêcheux (1997), denominar não é um gesto aleatório, é uma interpretação no nível do simbólico. O que já traz um

questionamento: a violência policial só é tratada como legítima quando autorizada pelo Estado com o argumento de que seria para garantir paz, ordem e segurança.

Ainda em 2005, no dia 9 de abril, uma carta de um leitor publicada no jornal, na página 6, na Editoria Opinião, mostra que as milícias eram vistas como alternativa para fazer frente ao tráfico.

Sobre as milícias, as famosas mineiras, o tema está sendo tratado com a simplicidade de quem desconhece o dia a dia das pessoas destas comunidades. Conversei com conhecidos que me garantiram que preferem pagar cinco ou dez reais mensais por uma segurança particular, informal, do que sofrer violência e humilhação nas mãos de traficantes. (...) Bartolomeu Paes leme (via Globo Online, 7/4, Rio) (Editoria Opinião, 9/4/2005, p. 6)

205

Neste caso, o sentido dado à milícia está relacionado com a moral. Suas ações são aceitas, ainda que ilegais, mas porque confrontam com a imoralidade do tráfico. De início, como vimos, “essas práticas foram apresentadas pelos meios de comunicação como um exemplo bem-sucedido da postura cidadã em que cada um ‘faz a sua parte’ (MACHADO SILVA; LEITE; FRIDMAN, 2005, p. 26).

Veremos que o sentido de milícia vai sendo atualizado até se tornar mais um grupo “inimigo” do Rio. Na reportagem que analisamos, o discurso é: a milícia é ilegal, mas tenta nos proteger do mal maior.

A cada 12 dias, uma favela dominada pelo tráfico é tomada por milícias no Rio. O fenômeno cresce em proporção geométrica e tem como alicerce estruturas do próprio poder público. Os atores envolvidos são provenientes das forças de segurança, políticos e líderes comunitários, como diagnostica relatório elaborado há dois meses pelo Gabinete Militar da prefeitura do Rio. (A polícia paralela, Editoria Rio, p. 19, 10/12/2006)

Um menor flagrado com maconha pelo PM fardado é preso em flagrante, conduzido à DP, assume o compromisso de comparecer posteriormente em juízo, ganha liberdade imediata e retorna à favela, onde reincidirá no crime. Já o menor flagrado com maconha por integrantes da “mineira” recebe imediatamente um corretivo físico e psíquico. É encaminhado à presença dos pais e ameaçado de morte caso volte a reincidir. O Estado tem que agir dentro da legalidade, enquanto que a milícia, não. (...) Eu não estou defendendo milícia, mas é preciso analisar esse fenômeno pela ótica do morador da favela. [...] o morador da favela também quer ter segurança. (A polícia paralela, Editoria Rio, p. 19, 10/12/2006)

Primeiramente, é preciso ressaltar o que significa o título da matéria que, no lugar de “poder” ou “estado” paralelo, usa o termo “polícia paralela”. Que sentidos outros podem ser entendidos deste termo criado pelo jornal? Se a polícia (de

Rosinha, assim como a de Benedita) não resolve, existe uma paralela que, estando acima da lei, irá resolver os problemas nos territórios dominados mais rápido do que a burocracia da corporação estatal.

Nos enunciados, percebemos como o processo de evidências sobre a milícia está relacionado com o espaço das favelas. Se são comunidades dominadas, não estariam de acordo com esta ação. Pelo menos, percebemos uma dissonância de vozes em relação aos moradores. A milícia seria aquela que dá o corretivo e pune em um país em que o discurso da impunidade, tipicamente da direita, é crescente, principalmente, provocada pelas leis “protetoras” do estado. Desta forma, a rede de filiação desta milícia é a da punição, apesar de o termo usado ter sido o corretivo “físico e psíquico”, quando evita-se usar o termo tortura.

A partir do momento que ganha expressão na mídia, o termo passa a ser reconhecido da comunidade como um todo, aquele sentido permanece, quando ganha novo valor histórico. Vai funcionar na memória discursiva do brasileiro como o ato de grupos que buscam o próprio poder, subjagam moradores das favelas e querem tomar as favelas do tráfico. A palavra ganha nova materialidade linguística. O verbete era termo rarefeito, não dizia respeito apenas às milícias do Rio. O sentido que vai reativar na memória a partir daí é o de milícia do Rio.

Desta maneira, o discurso de **O Globo** sobre os milicianos sofrerá deslizamentos. Daquele grupo que aparece como alternativa ao tráfico em 2005 e 2006, teremos, em 2007, já no primeiro ano do governo Sérgio Cabral, as milícias na mira, as milícias que avançam pelo corredor do PAN 2007, portanto já são vistas como ameaça em um momento em que o Rio estará em maior evidência. A narrativa mostra que a ação de milicianos corrói as forças de segurança, onde estariam entranhados.

Em 2008, chegamos na milícia formada por PMs matadores, momento em que também se compara ao inimigo, quando temos milícia x poder público. Uma condição de produção que explica parte deste deslocamento de sentido na instância jornalística é o episódio de tortura a uma equipe de jornalistas do jornal “O Dia”, que foi descoberta na favela do Batan, em Realengo, dominada pela milícia, onde fazia uma reportagem. A equipe, formada por repórter, fotógrafo e motorista, estava morando disfarçada há duas semanas na favela, preparando uma reportagem sobre

o cotidiano de quem vivia no local. Depois de horas de tortura, a equipe foi libertada na Avenida Brasil.

Descobertos pelos bandidos, no último dia 14, os três foram torturados por sete horas e meia, com choques elétricos, socos e pontapés. A Secretaria de Segurança informou, ontem, ter determinado a abertura de uma investigação para apurar o sequestro e a tortura. (Jornalistas são torturados por milicianos. Editoria Rio, 1 de junho de 2008, página 31)

Amanhã, um dos casos de violência contra jornalistas que mais chocou o país completa seis anos. Tim Lopes, repórter da TV Globo, foi morto a mando do traficante Elias Maluco quando fazia uma reportagem sobre bailes funk na Vila Cruzeiro, favela do Complexo do Alemão. (Seis anos da morte de Tim Lopes. Editoria Rio, 1 de junho de 2008, página 31)

- Entidades dizem que caso acabará com mito de que milícia protege favelas. [...]. (Um atentado à liberdade de informação. Editoria Rio, 1 de junho de 2008, página 31.)

De polícia paralela, no bloco anterior, aqui as milícias passam a ser chamadas de “bandidos”. O termo tortura, antes evitado, passa a ser utilizado. O fato foi definitivo para a abertura da CPI das Milícias² na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, um ano e meio após ter sido solicitada pelo deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL), revelando que os acontecimentos de repercussão midiática acabam reverberando, muitas vezes, de forma imediata no campo político.

Na análise, percebemos que os sentidos deslizam, se significam e ressignificam. Ao mesmo tempo em que nomeiam e renomeiam o grupo, há um silêncio em relação àqueles que sofrem a ação dos milicianos, os moradores das áreas afetadas. Há uma tentativa de atrelar o nome do governo que sai, de Rosinha, a políticos milicianos, enquanto o novo governo será aquele que vai combater “o problema”.

É interessante ressaltar que a ação dos milicianos será retratada no filme **Tropa de Elite 2**, em 2010, último ano desta análise, portanto influenciará ainda mais na recepção das reportagens. Naquele ano, o protagonista do crime no Rio deixa de ser os traficantes e passa a ser os milicianos, conforme Luiz Eduardo Soares, em entrevista à Revista Época: “A milícia coloca o policial como protagonista

² http://www.nepp-dh.ufrj.br/relatorio_milicia.pdf

do crime. É o maior problema de segurança no Rio de Janeiro, hoje”, diz Luiz Eduardo³.

Este protagonismo dos milicianos aparece momentaneamente no jornal, principalmente, naqueles territórios onde já estavam instaladas as UPPs.

Com o enfraquecimento das facções ligadas ao tráfico, há uma tendência de os milicianos continuarem a expandir o domínio territorial, o que representa maior poder político e aumento de arrecadação com a cobrança de taxas de segurança e ágio (na venda de produtos como bujões de gás) – diz Storani. (O avanço das milícias. Editoria Rio, 7/11/2010, p. 32)

[...] a tendência para a próxima década é que o tráfico fique cada vez mais enfraquecido, perdendo poder territorial. Em compensação, os grupos paramilitares tendem a ganhar espaço. (O avanço das milícias. Editoria Rio, 7/11/2010, p. 32)

Estes enunciados sobre a milícia mantêm relação com outros e também com este momento histórico de apostas na UPP. Portanto, está ligado a um contexto que envolve políticas de segurança pública, a cidade, as favelas e outros sujeitos, como o traficante, o morador das favelas, da cidade, autoridades, políticos, entre outros. Mas, se aparentemente começa a se resolver o problema com um inimigo, o traficante, o discurso de medo continua, e “o inimigo agora é outro”.

Mais uma vez, a narrativa do domínio, da violência e do subjugo dos moradores será a predominante em relação à favela, onde os milicianos fazem a “segurança patrimonial”. Porém, depois de, em 2008, termos os milicianos que matam, aqui aparece novamente uma reacomodação desse sujeito. Enquanto parte dos moradores da favela vai denunciá-lo, outra parte será “simpática” à presença deles, ou seja, continua-se associando a pobreza ao ilícito, justificando, assim, a necessidade de controlá-los.

Portanto, mesmo que a milícia tenha se transformado em “o inimigo”, assim como o antigo traficante das favelas, ela volta e meia tem a simpatia dos moradores também das favelas e vai ganhando espaço ancorada em um discurso de enfrentamento da criminalidade:

A pretexto de impedir o controle dos bandos de traficantes sobre as favelas, as milícias constituem-se como verdadeiras empresas, típicas do

³ É possível consultar a reportagem completa em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI176445-15228,00.html>. Acesso em 20/01/2015.

capitalismo aventureiro mencionado por Max Weber: além de cobrar proteção como as máfias, monopolizam algumas importantes atividades econômicas locais (transporte alternativo, comércio de botijões de gás, distribuição de sinal roubado de televisão a cabo etc). MACHADO DA SILVA, 2008, P. 25)

De maneira geral, da mesma forma que há sentidos estabilizados que naturalizam as ações dos milicianos de condenar, punir e executar, tendo o apoio de autoridades do setor de segurança pública e moradores, por outro lado, há sentidos que são deslocados, que relacionam a milícia com extermínio, insegurança e arbitrariedade, comparando-a já com facções do tráfico, portanto inimigo ao qual é preciso temer.

5 OS AGENTES DE SEGURANÇA: POLICIAIS

Outro sujeito presente na análise são os agentes de segurança, em especial as polícias Civil e Militar, que ora aparecem como fontes das reportagens, principalmente quando se tratam dos policiais militares de alta patente, delegados e inspetores, enquanto, em outros momentos, apresentam-se de maneira generalizada, com o nome “policiais” e que, em geral, estão atrelados a reportagens sobre operações nas ruas, casos de corrupção e mortes ou vítimas fatais de confrontos. Para o jornalismo, muitas vezes, os agentes e os registros policiais (boletins de ocorrência) são as fontes oficiais das reportagens, são eles que informam, por exemplo, quais crimes estão ocorrendo na cidade e quais seriam os assuntos de “maior destaque”.

De acordo com Ramos e Paiva (2007), a escolha das fontes é realizada com base naqueles que os jornalistas julgam ser atores qualificados. No caso da cobertura das violências na grande mídia, a principal fonte de informação das matérias são os policiais. A informação é da pesquisa feita pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) em 2004 e 2006.

É interessante também como se dá o direcionamento de sentidos em relação a estes agentes. No período analisado, há clamores para que haja mais policiamento nas ruas, principalmente em momentos em que há coberturas mais amplas do assunto, ocasiões em que há tiroteios, mortes em ruas da Zona Sul, algum acontecimento que irrompe e desencadeia uma série de matérias a respeito.

Nestes casos, mais uma forma-sujeito aparece como a salvadora do Rio: os agentes das Forças Armadas, que muitas vezes presentes na instância jornalística consideram a força ideal para combater inimigos, como o traficante.

O número de pessoas mortas pelas polícias no Rio é considerado alto, o que fica evidente ao longo de algumas reportagens. No entanto, se o clamor é por mais policiamento, é secundária a preocupação com aqueles que morrem nos confrontos com a polícia. Ou seja, imagina-se que a maioria dos mortos em confrontos seja de bandidos e, por isso não importa se será uma vida perdida, formação discursiva de direita que defende que “bandido bom é bandido morto”, condicionando os dizeres a partir desta fala com a qual o político Sivuca, ex-integrante dos “Homem de Ouro”⁴, se elegera deputado estadual (MACHADO DA SILVA; LEITE, FRIDMAN, 2005, p. 13).

Em relação a estes agentes, chegamos ao governo Benedita tendo um cenário conturbado de muitas experimentações recentes e mudanças de modelos de atuação. O partido da governadora, o PT, havia feito aliança nas eleições de 1998 com o PDT de Anthony Garotinho. Com a vitória da chapa, Luiz Eduardo Soares, ligado ao PT, assume a Subsecretaria de Pesquisa e Cidadania da Secretaria de Segurança Pública, onde permanece por 500 dias e tenta implantar uma política de “civilizar” a polícia (MACHADO DA SILVA; LEITE; FRIDMAN, 2005, p.17): “sintetizado nos temas de sua reforma (moral), de seu reaparelhamento (técnico) e de sua modernização (associação de técnicas investigativas e de pesquisas científicas, monitoramento e prevenção). A chamada “inflexão civilizatória” das corporações não deu certo, e a Secretaria de Segurança Pública retomaria o endurecimento contra o crime.

A saída de Garotinho do governo estadual para disputar as eleições presidenciais, em 2002, e sua substituição pela vice-governadora, Benedita da Silva, criou uma situação que foi interpretada por ela e por seu partido, o PT, como a oportunidade de “fazer diferença no Rio de Janeiro” – o que certamente só produziria impacto desde que focada na atuação policial (MACHADO DA SILVA; LEITE; FRIDMAN, 2005, p.17).

⁴ Homens de Ouro é o nome dado aos integrantes deste grupo, criado na década de 1960, que teria licença para matar a despeito das implicações legais sobre a execução.

Apesar deste trabalho em relação à mudança de atuação das corporações, estas medidas não repercutem na mídia, que, por todo o período Benedita, vai continuar mostrando a ineficácia e a corrupção dos agentes em meio ao sentimento de insegurança da população.

De maneira geral, encontramos, nos enunciados, neste período, a polícia corrupta, que investiga mal e que, com isso, permite que os criminosos fiquem soltos.

Frequentemente, há comparações do modo de atuação das polícias militares e civis do país, apontando os pontos negativos e positivos que apresentam em relação a corporações de outros estados.

A polícia do Rio é a que mais recebe denúncias de corrupção; a do Pará é a mais violenta; a mineira a que mais abusa da autoridade; e a paulista comete mais infrações disciplinares. Essas são algumas das conclusões de uma pesquisa feita pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, da Universidade Cândido Mendes, que traça o perfil das polícias Civil e Militar do Rio de Janeiro, Pará, de Minas Gerais, de São Paulo e Rio Grande do Sul, a partir das denúncias recebidas pelas cinco ouvidorias do país, instituídas nesses estados. (...) O Rio de Janeiro é o estado que apresenta o menor índice de punições a policiais denunciados. (...) O Rio de Janeiro é o estado onde as pessoas se sentem mais desprotegidas (Policiais do Rio são os mais denunciados por crime de corrupção. Editoria Rio, 17/09/2002, p. 14, terça-feira).

No enunciado acima, percebemos como se chama a atenção para a corrupção policial no Rio por meio de uma pesquisa que diz respeito a anos e governos anteriores. Esta polícia chamada de ineficaz pela instância jornalística seria aquela que não estaria agindo nas ruas para proteger os cidadãos de bem.

A terceira via proposta por Luiz Eduardo Soares, que se referia à compatibilização entre eficiência policial e respeito aos direitos humanos, não encontra reverberação nas próprias instituições e tão pouco na instância jornalística em um momento crucial, às vésperas de uma eleição para governador, que ocorreria em outubro.

Com a derrota do PT nas urnas, sai a política da inflexão civilizatória e retorna aquela da intolerância com o crime com a eleição de Rosinha Garotinho. A morte de supostos bandidos praticada pelos agentes volta a ser comemorada, por exemplo, quando Anthony Garotinho assume a Secretaria de Segurança Pública.

A partir de maio de 2003, o ex-governador Anthony Garotinho assumiu a Secretaria de Segurança Pública do estado. Na transição entre ele e seu antecessor, Josias Quintal, e em meio à pressão por uma nova intervenção federal, foi decretada a operação “Rio Seguro”. Nos primeiros quinze dias no cargo, Garotinho se vangloriava de a ação da Polícia ter produzido 100 mortes (todas de bandidos, afirmava na época) (BORGES, 2009, p. 30).

Neste período, encontramos um outro tipo de agente, mas cujo teor passará longe de modificar práticas policiais, como se as práticas negativas estivessem restritas a um grupo de maus policiais e não à corporação, que continuará sendo solicitada na mídia como salvação para reduzir a criminalidade.

Mas este agente, que é multifacetado em **O Globo**, na maioria das vezes, é responsabilizado por “sobrarem crimes” no Rio e pelos criminosos continuarem nas ruas. As contradições sobre os agentes da ordem continuam. Nesta proximidade com o mundo do crime, onde prevalece a postura da punição, estes policiais também morrem de forma violenta.

O mês de janeiro registrou um novo recorde de violência contra policiais militares. Pelo menos 11 morreram e dez ficaram feridos, um deles gravemente, em confrontos, emboscadas e assaltos no Rio. O número é quase três vezes maior do que o de janeiro de 2004, quando foram registradas quatro mortes, uma delas em serviço. No ano passado, 133 PMs foram assassinados, destes 52 morreram em serviço (Mortes de PMs batem novo recorde em janeiro. Editoria Rio, 1/02/2005, p. 17, terça-feira).

Aparentemente, se as mortes de policiais estão batendo recorde é porque eles estão sendo assassinados no exercício da profissão. Caso contrário, seriam contabilizadas apenas como mortes violentas de cidadãos no espaço urbano. No entanto, ao longo da matéria, percebe-se que as mortes acontecem principalmente fora do horário de trabalho, então, podem estar ou não relacionadas com a profissão da vítima. Mais uma vez, o discurso construído é o do medo, ou seja, o medo de que os soldados desta guerra contra o tráfico estejam perdendo a batalha. Mas se o inimigo mata, deve pagar com a mesma moeda, ou seja, morrendo também. É por isso que os policiais precisam se armar melhor. O discurso é o do incentivo à violência e não o da paz.

Diante destes enunciados, temos um aspecto constantemente silenciado nas coberturas jornalísticas a respeito do funcionamento das polícias, que é sua proximidade com os traficantes e, muitas vezes, as negociações e concessões feitas

em troca de recebimento de propinas, o que acaba enredando os agentes da ordem e sua complexa presença, por exemplo, nas ocupações nas favelas.

Por outro lado, temos enunciados que apontam para uma polícia diferente, bem treinada, que é exemplo, que foi criada para o combate e que vai até capacitar os policiais da Força Nacional. Esta polícia, muitas vezes considerada modelo pela instância jornalística, será o Batalhão de Operações Especiais (Bope), chamada de tropa de elite da PM.

Instrutores do Batalhão de Operações Especiais (Bope), tropa de elite da PM, treinarão integrantes da Força Nacional de Segurança. As normas dos treinamentos foram definidas, na tarde de ontem, durante a reunião entre o secretário de Segurança Pública, Marcelo Itagiba, e o secretário nacional de Segurança, Luiz Fernando Correa (Bope vai treinar policiais da Força Nacional, Editoria Rio, 1/2/2005, p. 17, terça-feira).

Enquanto se valoriza o Bope como força exemplar, esquece-se que este braço de elite da PM do Rio é um dos mais violentos, principalmente em suas incursões nas favelas. O grupo tem como emblema duas pistolas na frente de um crânio espetado por uma faca. Além disso, em suas sessões de treinamento, são comuns os homens cantarem músicas como: “Bandido favelado não se varre com vassoura, se varre com granada, com fuzil, metralhadora.” Outro grande temor provocado pelo Bope nas favelas é a presença do Caveirão – carro blindado, que intimida os moradores durante as incursões policiais e que demonstra a relação de desconfiança existente entre os dois lados: polícia e comunidade. Ao entrar no ambiente dos pobres, esta polícia está, de antemão, incluindo toda a população da localidade no que Kant de Lima chama de processo preliminar inquisitorial, ou seja, apurando e verificando a situação social daqueles de quem se suspeita, afinal o Caveirão não é usado no asfalto.

A prática da vigilância requer o uso de *critérios policiais* para selecionar criminosos potenciais de cidadãos respeitadores da lei. No exercício de suas funções de vigilância e investigação, espera-se que a polícia previna e reprima a criminalidade e, mesmo, prenda criminosos. Como essas atividades são exercidas inquisitorialmente, a polícia e a população vigiada e investigada - particularmente as classes baixas - não desenvolvem relações de confiança recíproca e incondicional (KANT DE LIMA, 1989, não paginado).

Então, esta polícia, treinada para confrontos de guerra, é a que vai selecionar quem tem direitos constitucionais e quem não tem. É aquela polícia que vai olhar o criminoso como um inimigo e não como alguém que cometeu um crime e que precisa responder de maneira adequada pelo que fez.

Em seguida, temos a polícia que mata inocentes de forma brutal. Este tipo de morte é aparentemente condenado no discurso de *O Globo*, que, no entanto, utiliza os argumentos policiais para justificar as mortes ocorridas nos confrontos. Por exemplo, quando um criminoso é morto, em seguida há uma afirmação de que ele estava também armado ou possuía uma granada, portanto, se não fosse morto, ele mataria, conforme veremos nos enunciados. Desta forma, quase sempre justifica-se de forma legal as mortes ocorridas. A exceção acontece quando há divulgação de relatórios da Anistia Internacional, ou de outros órgãos, condenando as ações policiais no Rio.

Nestas ocasiões, o jornal abre manchetes, ouve vozes de especialistas, autoridades policiais e parentes de vítimas que morreram inocentemente pelas mãos de policiais.

Uma análise feita pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República nos laudos periciais dos 19 mortos durante uma megaoperação policial no Complexo do Alemão, em 27 de junho, concluiu que várias pessoas foram executadas sumária e arbitrariamente (sem chance de defesa). O relatório, de 15 páginas, divulgado ontem foi contestado pelo secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, e por três peritas estaduais. O documento foi elaborado por um órgão do governo federal, embora ministros e até o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenham elogiado as ações policiais no Rio (Sinais de Execução, Editoria Rio, 2/11/2007, p. 16).

A discussão passa para a questão política, em um embate entre o relatório realizado por um órgão do governo federal e as ações de agentes da ordem, subordinados ao governo estadual. Apesar dos questionamentos encontrados nos enunciados e das acusações de que a polícia age praticando execução sumária e arbitrária, não se aprofunda no tema a partir do momento que se silencia e não se questiona o auto de resistência policial, no qual o agente tem o direito de reagir de modo extremo a uma ameaça sem ser processado por seu ato. O texto em vigor a respeito deste ato diz que a autoridade responsável pode usar os meios necessários para vencer a resistência.

Nossa análise mostra, então, como há um silenciamento na instância jornalística a respeito de culpabilizar os agentes da ordem nos casos chamados de autos de resistência. Mas Misse (2011, p. 128) faz questão de chamar atenção para uma hipótese que mostra que há muitos outros atores sociais e instâncias que silenciam sobre o comportamento destes agentes da ordem.

Formulamos a hipótese de que a política de manutenção da alta incidência de “autos de resistência” não poderia vigorar sem a cumplicidade de todas as instituições do Sistema de Justiça Criminal e ficou comprovada a baixa qualidade dos controles sobre a atuação dos policiais e da apuração dos homicídios por eles cometidos. É insuficiente atribuir a responsabilidade por estas mortes a uma “cultura policial”, sendo imprescindível avaliar a eficácia dos controles legais externos às polícias sobre os casos desse tipo, em especial daqueles exercidos pelo Ministério Público e o Tribunal de Justiça (MISSE, 2011, p. 128).

Todo este envolvimento possibilitou que a morte em confrontos estivesse protegida pela legislação. Segundo Misse, Grillo e Neri (2014, p. 49), o auto de resistência foi regulamentado durante a ditadura militar, em outubro de 1969, pela antiga Superintendência da Polícia Judiciária do Estado da Guanabara, através da ordem de serviço “N”, número 83, na qual se dispensava a necessidade de prisão em flagrante dos policiais ou de inquérito nas circunstâncias previstas no artigo 292 do CPP. O conteúdo da ordem de serviço foi alterado no final de 1974 por uma portaria da Secretaria de Segurança Pública do Rio, estabelecendo que o policial não poderia ser preso em flagrante e nem mesmo indiciado por mortes ocorridas durante confrontos.

No ano de 2011, um plano de acompanhamento dos autos de resistência foi criado pela Polícia Militar, enquanto a Polícia Civil determinou que, nestes casos, os delegados deveriam acionar imediatamente uma equipe para isolar o local, pedir a perícia e apreender as armas usadas pelos policiais envolvidos. Esta mudança ocorreu depois da morte do menino Juan Moares, baleado em confronto naquele ano entre policiais militares e traficantes em Nova Iguaçu. Olhando para esta questão mais recentemente, é importante lembrar que o projeto de lei que determina a investigação imediata dos casos de auto de resistência tramita desde 2012 em Brasília, na Câmara dos Deputados, onde enfrenta resistência, principalmente da

chamada Bancada da Bala⁵. Em contrapartida, em março de 2015, a Câmara aprovou aumento da pena para crimes cometidos contra policiais. Fazer este paralelo é importante diante do jogo de forças políticas que envolve a imprensa nesta questão.

Depois do acontecimento discursivo Unidade de Polícia Pacificadora parece surgir uma nova polícia no discurso de **O Globo**. A Polícia Militar, que terá o trabalho relacionado diretamente com a UPP, terá um índice de confiança diante de um projeto que será “um claro objeto de desejo” da população, conforme matéria do dia 12 de dezembro de 2010. O momento em que aparece este agente é pós ocupação do Complexo do Alemão. O discurso é positivo, e analisam-se números de uma pesquisa de acordo com este sentimento de “esperança”, ainda que os moradores que vivem nas favelas cariocas admitam nesta mesma pesquisa que tenham receio de se expressar livremente.

Um mês após a ocupação do Complexo do Alemão, a ação policial, antes criticada, muda diante deste acontecimento histórico no Rio. É neste momento que não se “pode” referir-se de maneira negativa às UPPs e policiais. Há uma mudança na organização das frases. A instância jornalística procura mostrar que uma nova polícia foi criada, aquela que se pode confiar e que vai resolver os problemas da favela.

A instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em favelas até então controladas por traficantes e milicianos, melhora a segurança da população e também a própria relação dos moradores com a Polícia Militar. Um estudo encomendado pelo Globo ao Instituto Brasileiro de Pesquisa Social (IBPS) mostra que as UPPs são amplamente aprovadas em favelas com e sem as unidades de pacificação (92% e 77%, respectivamente). Por outro lado, em locais com UPPs, a confiança na PM é mais que o dobro da registrada em favelas ainda não pacificadas (60% contra 28%) (Um claro objeto de desejo, Editoria Rio, 12 de dezembro de 2010, p. 16).

Entre os sentidos está o de tentar levar o leitor a acreditar no surgimento de uma nova corporação policial junto com a criação do projeto das UPPs. De inimiga da comunidade, a polícia, para a instância jornalística, passa a ser aquela que vai

⁵ Nome dado pela imprensa para se referir a um grupo de deputados federais financiados por indústrias de armas e munições, que defendem, entre outros projetos, a redução da maioridade penal, o aumento de penas e a revisão do Estatuto do Desarmamento.

manter a segurança dos moradores, instalando a paz nas favelas e, conseqüentemente, nos bairros do entorno.

No Brasil, a vocação da polícia em resolver problemas que não necessariamente diziam respeito à esfera da segurança pública encontra seus ecos na criação da primeira Guarda Real de Polícia, em 1809, no Rio de Janeiro. O então intendente Paulo Fernandes Viana implementou obras de calçamento de ruas, aterrou pântanos, regularizou o fornecimento de água, construiu pontes, chafarizes e o cais do Valongo, sempre contando com a mão de obra oriunda dos quadros da polícia. Dessa forma, a atividade policial ligava-se a outras mais relativas ao próprio ato de governar, ao menos enquanto instrumento eficaz de gestão do espaço público urbano (SANTOS, 2005, p. 66).

A polícia era a instituição por meio da qual se dava o contato do Estado com as camadas mais baixas da população. Ela seria o organismo de vigilância das chamadas classes perigosas e, ao mesmo tempo, de proteção das demais classes. Era ela quem, em princípio, controlava e disciplinava os hábitos e costumes das cidades, não só as questões criminais, mas também, como lembra Santos (2005), questões que referiam-se “às esferas da salubridade, da higiene e da gestão da vida urbana” (SANTOS, 2005, p. 64), que tratavam-se sobretudo da noção de fazer civilizar-se a população.

A polícia é um dos instrumentos por meio do qual o estado detém o monopólio da violência legítima, com o objetivo de conter a violência praticada pelos sujeitos. Para possibilitar a vigilância, nada como considerar a rua como o lugar perigoso. Ora, para exercer o controle, principalmente da chamada população “desocupada”, são criados os ambientes de tensão e hostilidade permanentes entre a polícia e os demais que se sentiam e ainda se sentem constantemente vigiados e que precisam comprovar sua honestidade e enquadrar seu comportamento. Portanto, chegamos ao ponto que colocaria, de um lado, os policiais e, de outro, a população economicamente mais pobre. De um lado, aqueles que vão defender os interesses dos governantes e das classes dominantes e, de outro, aqueles que precisam ser “invisíveis”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar para os sujeitos que compõem o discurso sobre as violências no Rio de Janeiro é apenas um recorte de um estudo mais amplo. Os sujeitos traficantes de drogas, milicianos e agentes policiais são aqueles que aparecem com maior destaque no período analisado em **O Globo**, mas outros são também importantes, entre eles as vozes oficiais, os usuários de drogas, os adolescentes que praticam atos infracionais, os moradores das favelas.

Estes sujeitos midiáticos ajudam a construir a realidade sobre as violências no Rio. O jornal alimenta o consenso de que, para combater o crime, basta o aumento do rigor na punição dos criminosos. Essa evidência é opaca ao apagar o caráter material da palavra. Desta forma, buscamos mostrar, com as reportagens, como o discurso da criminalidade se textualiza, por meio dos sujeitos, silenciando sentidos outros e parecendo que aquilo que foi dito só poderia ser daquela forma.

REFERÊNCIAS

BORGES, Wilson Couto. **Narrativas jornalísticas como produção material da cultura**: a presença do imaginário na construção ideológica em torno da criminalidade. Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), Niterói, 2009.

CANO, Ignácio, LEMGRUBER, Julita & MUSUMECI, Leonarda. **Quem vigia os vigias?** Rio de Janeiro. Editora Record. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2.ed. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2013.

KANT DE LIMA, Roberto. **A administração dos conflitos no Brasil**: a lógica da punição, in VELHO, G. e ALVITO, M. Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ED. FGV, 1996.

_____. Cultura Jurídica e Práticas Policiais: a tradição inquisitorial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.10, n.4, p.65-84, jun. 1989.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Sociabilidade violenta**: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.

_____. **Sociabilidade Violenta**: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. <https://pt.scribd.com/doc/46593716/Sociabilidade-Violenta-Machado-Da-Silva>; Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

_____. **"Violência urbana", segurança pública e favelas** - o caso do Rio de Janeiro atual. **Cad. CRH vol.23 no.59 Salvador May/Aug. 2010**
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000200006
Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio; PEREIRA LEITE, Márcia; FRIDMAN, Luis Carlos. Estudo de caso Matar, morrer, "civilizar": o "problema da segurança pública" 2 MAPAS | monitoramento ativo da participação da sociedade MATAR, MORRER, "CIVILIZAR": O "PROBLEMA DA SEGURANÇA PÚBLICA"

MENDONÇA, Kleber Santos de. **Tramas discursivas**: apontamento para a análise dos efeitos de sentido no telejornalismo brasileiro. In: *Análise de Telejornalismo – desafios teórico-metodológicos*. Org: GOMES, Itania Maria Mota. Edufba, 2012.

MISSE, Michel. **Sobre a construção social do crime no Brasil**: esboços de uma interpretação, in *Acusados e Acusadores*. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2008.

_____. *et all*. Autos de resistência: uma análise dos homicídios cometidos por policias na cidade do Rio de Janeiro (2001-2011). 2011.

<http://www.pm.es.gov.br/download/policiainterativa/PesquisaAutoResistencia.pdf>
Acesso em 19 de março de 2017.

ORLANDI, Eni. **Do sujeito na história e no simbólico**. In: *Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso*, n. 4, Laboratório de Estudos Urbanos, Unicamp, 1999.
<https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf> Acesso em 11 de dezembro de 2018.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso, estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

PIRES, Lenin; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; KANT DE LIMA, Roberto. **Entre a guerra e a pacificação**: paradoxos da administração institucional de conflitos no Rio de Janeiro. 2010. www.observatoriodasmetropoles.org. Acesso em 19 de março de 2017.

RAMOS, Sílvia e PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Iuperj. Rio de Janeiro. 2007.

Reportagens Acervo O Globo

SANTOS, Marco Antonio Cabral. Criminalizando a pobreza: implicações entre ação policial e políticas médico-sanitárias em São Paulo (1890-1920). **Revista de Humanidades**. Departamento de História e Geografia da Universidade Centro de Ensino Superior do Serido – Campus de Caico. V. 07. n. 17, Natal, ago/set. 2005. ISSN – 1518-3394. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme>>. Acesso em: 20.Ago.2011.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. Tradução: Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio G.(org), *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987 (1902).

ZALUAR, A.; CONCEIÇÃO, I. S. **Favelas sob o controle das milícias no Rio de Janeiro**: que paz?. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v. 21, n. 2, p. 89-101, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>; <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 17 Jan. 2016.

DIÁLOGOS SOCIOTÉCNICOS E EXISTÊNCIAS HIBRÍDAS: A ABORDAGEM DE BRUNO LATOUR APLICADA À PERFORMANCE NA PASSARELA DE ALEXANDER MCQUEEN ✓

221

Henrique Grimaldi FIGUEREDO¹
Thamara Venâncio de ALMEIDA²

✓ Artigo recebido em 14/07/2018 e aprovado em 21/11/2018.

¹ Mestre em Artes, Cultura e Linguagens na linha de pesquisa Arte, Moda: História e Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora. Arquiteto e Urbanista pelo CES/JF - PUC MINAS, possui formação livre pela CSM em Londres, no Reino Unido. E-mail: <henriquegrimaldi@hotmail.com>.

² Mestra em Artes, Cultura e Linguagens pela Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha Arte, Moda: História e Cultura. Bacharela em Artes e Design pela mesma instituição e produtora cultural na ProCult/UFJF. E-mail: <thamaravenancio@live.com>

DIÁLOGOS SOCIOTÉCNICOS E EXISTÊNCIAS HÍBRIDAS:

A ABORDAGEM DE BRUNO LATOUR
APLICADA À PERFORMAÇÃO NA
PASSARELA DE ALEXANDER MCQUEEN

RESUMO

Neste trabalho procuramos tecer algumas considerações aproximativas entre a ideia de agência desenvolvida na abordagem da pesquisa de Bruno Latour e as performances características nos desfiles do estilista britânico Alexander McQueen. Os objetos criados por McQueen (re)modelam as existências, exigindo de seus usuários um modo híbrido de viver que oscila e se interpenetra entre o roteiro do próprio sujeito e o roteiro do objeto, desconstruindo os princípios de agência operados pelas sociologia e filosofia funcionalistas e deterministas que hierarquizam o humano-entre-eles e os objetos prático-inertes. Nesta reflexão propomos, uma outra leitura, a partir das condições sociotécnicas trabalhadas por Latour e, aqui, aplicadas ao campo da moda, em que a aproximação entre humano e objeto não é mais categorizada mas sim hibridizada, desmontando as hierarquias vigentes em prol de um ser miscigenado - homem-objeto - no qual as afluências de um ratificam certas narrativas sobre o outro. Numa abordagem teórica ampla pretendemos formalizar alguns conceitos que podem ser amplamente aplicados na compreensão da cultura juvenil e da moda contemporânea, clarificando alguns de seus padrões comportamentais e de identificação.

Palavras-chave: Bruno Latour. Alexander McQueen. Agência. Sociotécnico. Hibridação.

SOCIOTECHNICAL DIALOGUES AND HYBRID EXISTENCES:

BRUNO LATOUR'S APPROACH APPLIED
TO PERFORMANCES ON THE ALEXANDER
MCQUEEN'S CATWALK

ABSTRACT

In this essay we try to make some approximate considerations between the idea of an agency developed in the approach of the Frenchman Bruno Latour and the characteristic performances in the fashion shows of the British designer Alexander McQueen. The objects created by McQueen reshape existences by requiring of their users a hybrid mode of living that oscillates between the subject's own script and the object's script, deconstructing the principles of agency operated by functionalist sociology and philosophy that hierarchize the human-between them and practical-inert objects. In this reflection we propose another reading from the sociotechnical conditions worked by Latour, and applied here to the field of fashion, in which the approximation between human and object is not more categorized but hybridized, dismantling the hierarchies in force for a to be miscigenated - man-object - in which the affluences of one ratify certain narratives on the other. In a broad theoretical approach we intend to formalize some concepts that can be widely applied in the understanding of youth culture and contemporary fashion, clarifying some of their behavioral and identification patterns.

Keywords: Bruno Latour. Alexander McQueen. Agency. Sociotechnical. Hybridization.

1 INTRODUÇÃO: DA POLARIZAÇÃO HUMANO/NÃO-HUMANO AO AGENCIAMENTO PELOS OBJETOS

No cipoal quimérico das teorizações que versam sobre um dado sujeito filosófico, há uma concordância – pelo menos entre certos autores – que hierarquizam as dinâmicas entre o humano e o não-humano. Eis aí um paradigma filosófico que não é só uma construção científica da mente, mas que perpassa – por sua complexidade – a sociedade, a cultura, a linguagem e a história como substitutos do lugar do sujeito enquanto agência. É encontrar no macro uma dimensão mapeável do micro, do sujeito, do eu. Mas ao promover essa fuga ontológica do subjetivo puro – do sujeito-uno – insiste-se numa continuidade estrutural no qual “continuam sendo instâncias purificadas às quais atribui-se o privilégio da ação”, assim, “abandona-se o sujeito, mas há uma continuidade idealista na qual a agência só pode estar no campo dos humanos-entre-eles” (OLIVEIRA, 2005, p.56).

Neste dualismo percebe-se a insistência na mecanicidade polarizada que organiza as dinâmicas entre o humano detentor do direito de ação e os objetos prático-inertes – aliás mecanicidade que tem vindo a ser reproduzida pelas ciências sociais ao longo de mais de 150 anos: ator vs. sistema; explicação vs. compreensão; subjetivo vs. objetivo; estrutura vs. ação. Aos primeiros, garante-se a dimensão da agência a partir e sobre seu direito discursivo-relacional: o humano convive em sociedade, distingue seus gostos, impetra suas vontades, e acima de tudo, tem seu direito hierárquico assegurado pelo seu poder de explanação. A linguagem torna-se, neste contexto, um marcador social da humanidade, utilizada para excluir os outros – os objetos-entre-eles – como coisas ou entidades sobre as quais se fala, substituindo-se o “essencialismo naturalista que supunha sujeitos e objetos como naturais e apriorísticos, (...), por um essencialismo social no qual uma única instância unificada – a dos humanos-entre-eles – funciona como agência e continua justificando a bifurcação sociedade-natureza, sujeito-objeto, humano-máquina” (DOMENÈCH; TIRADO; GÓMEZ *apud*. OLIVEIRA, 2005, p. 56-57).

Ao pensarmos a dicotomia filosófica que estrutura o conceito e os detentores da agência, nos deparamos com uma perspectiva alternativa. Para Bruno Latour, há

uma certa inseparabilidade nesta situação, uma vez que, a percepção das forças que equilibram humano e não-humano faz-se sempre na compreensão do aspecto social da natureza e do aspecto natural de toda artificialidade; assim, os objetos – em seu caráter fetichista e imagético – são construídos por nós, e advém daí sua dimensão social – daí a sua teoria da rede de atores. Portanto, para além de uma problemática filosófica, a questão da agência é também uma questão prática do social, do conjunto de domínios que azeitam e remodelam o “órgão social” em sua essência (LATOURE, 2002).

Émile Durkheim em sua sociologia funcionalista compreendia o órgão social como parte fundamental de um meta-sistema, indicando que, qualquer alteração em uma de suas partes (família, escola, modelos de relacionamento, Estado, etc) acarretaria uma afetação no sistema social em sua generalidade. Em seu livro *Reagregando o Social* (2012), Bruno Latour propõe uma revisão deste conceito de órgão social, aditando-o ao de outras concepções como a de mediação e tradução. O que Latour busca é complexizar seu funcionamento voltando sua atenção aos elementos que compõe este mundo social, não apenas elementos humanos, mas entidades físicas não verbais, potentes e em regime de potencialização ao serem tratadas em conjunto com os elementos humanos. Este posicionamento, um segundo empirismo – em contrapartida ao empirismo clássico de John Locke – irá cartografar as zonas de transição em que as relações entre objeto e humano assumem uma narrativa conjunta e atravessada. No roteiro da inter-relação entre cientista e pipeta de laboratório, recuperado por Latour, vemos tal fato,

Um órgão social é o que a pipeta e eu, no meu exemplo, se tornaram. Somos uma instituição-objeto. Essa posição soa trivial, se aplicada de forma assimétrica. “É claro”, pode-se dizer, “que um pedaço de tecnologia deve ser apreendido e ativado por um ser humano, um agente intencional”. Mas a posição que estou assumindo é simétrica: o que acontece no “objeto” – a pipeta não existe por si só – é ainda mais verdadeiro no “sujeito”. Não há nenhum sentido possível em dizer que humanos existem como humanos, sem entrar no comércio com aquilo que os autoriza [...] a existir (ou seja, a agir) (LATOURE *apud.* SANTAELLA; CARDOSO, 2015, p.175).

A negação desta interferência – humano-entre-eles e objeto-entre-eles – Latour associará à um “projeto da modernidade”, que parte da negação do outro como afirmação de si, centrando-se numa agência única e autocentrada, dominada

exclusivamente pelos humanos-entre-eles. Ora, se para Latour “Jamais fomos modernos” (1994), esta insistência na distinção entre humano e não-humano, apenas poderia ser limitada, uma vez que, desconsidera progressivamente um possível hibridismo gerado a partir dos dispositivos-materiais e coletivos-sociotécnicos; tornando todas as demais coisas em objetos mudos ou forças intermediárias. Em oposição ao purismo desta formatação, Latour busca abandonar os modelos de representação desta modernidade em prol de uma composição híbrida em “quase-objetos” e “quase-sujeitos”³ (LATOURE, 1994); é perceber que a composição polarizada entre natureza e sociedade é reducionista das potencialidades vivenciais do homem em hibridização. Assim, se um novo formato compositivo entre homem e objeto é possível, torna-se crucial nos atentarmos a “estes grandes monstros heteróclitos que são as empresas, as administrações, as usinas, as universidades, os laboratórios, as comunidades e coletivos de todos os tipos” (LÉVY, 1998, p. 191).

Um risco, sobretudo, nos hibridismos de Latour é a vontade humana por uma essencialidade, isto é, a busca inerente que reparte o híbrido em suas possíveis partes constituintes, alterando a composição deste agenciamento fluido em prol de uma arqueologia que busca segmentar o social e o artefato. Contra isso, Latour adverte que “os híbridos são considerados comumente como misturas de formas puras, (...), contudo, não há uma Natureza transcendental, exata, verdadeira e povoada de entidades (uma coisa-em-si)”, de mesmo modo que não há “um Social, um espaço puro do humano, dos humanos-entre-eles, que não seja também constituído pelos objetos” (OLIVEIRA, 2005, p. 57). Latour propõe, em substituição a esta dicotomia estrutural, uma alteração do lugar do sujeito e do lugar do objeto, tirando-os de sua posição de coisa-em-si para leva-lo “ao coletivo (os coletivos sociotécnicos) sem contudo aproximá-los da Sociedade” (OLIVEIRA, 2005, p. 57).

Este exercício por uma coletividade sociotécnica e mediada entre humano e objeto é que introduz uma simetria inaudita neste sistema. Assim, se é lícito e aceitável dizer que o homem cria a técnica, torna-se igualmente lícito afirmar que a

³ A referência à Latour aqui reside no fato de que estas terminologias foram retiradas de seu texto como um todo e não de um trecho específico. Serão estas terminologias que nos auxiliarão a construir nossa reflexão ao longo deste trabalho.

técnica cria o homem: a ideia de ação “funda não apenas a condição técnica, como também a condição humana” (SANTAELLA; CARDOSO, 2015, p. 175). O que Latour promove é a inauguração de uma nova dimensão do social, dilatada a partir de um conceito do coletivo para abarcar a troca de propriedades humanas e não-humanas no órgão social, condição esta que se expande para integralizar um intercâmbio não permitido pela sociedade na sua visão estruturo-funcionalista – perpetuada durante décadas pelo sociólogo Talcott Parsons (GUERRA, 2010):

O que o novo paradigma atende são os movimentos pelos quais um dado coletivo estende seu tecido social a outras entidades. Primeiro, há a tradução, sentido pelo qual nós inscrevemos recursos em um material diferente de nossa [própria] ordem social; em seguida, a passagem, que consiste na troca de propriedades entre os não humanos; em terceiro lugar, a inscrição através da qual um não humano é seduzido, manipulado, ou induzido no coletivo; em quarto lugar, a mobilização dos não humanos dentro do coletivo, que adiciona recursos inesperados, resultando novos híbridos estranhos; e, por fim, deslocamento, a direção que o coletivo toma quando [sua] forma, extensão e composição tenham sido alteradas (LATOURE, 1994, p. 46).

Esta simetria gerada entre atores forçam-nos ao abandono do duplo oposto objeto-humano, uma distinção que se mantida impede uma compreensão mais atualizada das técnicas e da própria sociedade. “Não são nem pessoas, nem as armas que matam. A responsabilidade pela ação deve ser compartilhada entre os vários actantes. E este é o primeiro dos significados, (...), de mediação” (LATOURE, 1994, p. 34). Ao afastar-nos de tudo que mantém uma objeção diametralmente estabelecida, vemos um ganho de complexidade em que “talvez seja possível vislumbrar fenômenos bem mais sutis que, antes, tinham de ser guardados no santuário interior do sujeito por causa de sua aparente insignificância” (LATOURE, 2012, p. 295-296). Ora, de forma inusitada, ganha aqui relevo a proximidade entre Latour e Giddens (2001), nomeadamente quando este último apela à constituição da sociedade pela dualidade da estrutura – e dualidade não é dualismo.

Ao pensarmos nos conceitos de tradução, de passagem, de inscrição e de mobilização à ótica de Bruno Latour, temos de pensar na forma através da qual ele nos apetrecha nas cartografias técnico-afetivas de campos outros, dispersos em redes. A mesma lógica empírica que aplica-se ao cientista e sua pipeta poderá ser aplicada ao artista e seu objeto de trabalho, ao artesão e à sua madeira, ou ainda ao

objeto de moda – roupas, acessórios, etc – e seu criador/usuário. Esta breve recuperação do conceito expandido de agência, do múltiplo humano-objeto (não mais dual), nos fornece as bases teóricas para refletirmos sobre um possível roteiro ou narrativa impelida pela moda na criação de uma performatividade própria ao sujeito, em que não há mais um preponderância dominante entre homem e objeto, mas uma existência fluida e hibridizada a partir de um corpo fundido.

2 OBJETOS DE MODA, AGENCIAMENTO NARRATIVO E HIBRIDAÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DA PASSARELA DE ALEXANDER MCQUEEN

No contexto das criações humanas, a moda, dada a sua funcionalidade, sempre manteve-se à parte das reflexões mais subjetivas e espirituais do universo artístico. A roupa tem seu objeto fim no vestir. Os desfiles de moda, prática que historicamente atrela-se ao final do século XIX, possuíam um enredo característico de apresentação, em que cada modelo – neste ponto ainda desprovidas de uma personalidade/personalidade, eram apenas cabides móveis – portavam o número do *look*, cujo fim era a comercialização. Apesar da opulência estética e de desvios tentados ao longo das décadas, o desfile de moda manteve-se mais ou menos inalterado até a segunda metade do século XX.

Sendo a venda seu princípio final, parecia não haver uma dimensão dispersa ou incoerente entre corpo vestido e objeto do vestir, o segundo aparentemente subordinado à vontade subjetiva do primeiro por identificação e distinção social. Talvez tenha sido a chegada de criadores japoneses em Paris na década de 1980 – Rei Kawakubo, Issey Miyake e Yohji Yamamoto – o primeiro sintoma de uma mudança substantiva. Ao modificarem a estrutura da roupa e as proporções em seu conceito ocidental, tais criadores dilataram suas próprias narrativas, acarretando uma alteração nos modos e limites do corpo ante à vestimenta. As corcovas acolchoadas, os volumes deslocados e os tecidos rasgados, recriaram uma certa forma de se portar na passarela, eliminando ora os movimentos soltos, ora a sensualidade característica à indumentária do Ocidente.

A partir dos anos 1990, a moda europeia realiza incursões aproximativas e mais consolidadas com a arte; em parte pela remodelação dos currículos de ensino e fusão entre escolas práticas de moda e centros de ensino de arte (McRobbie, 1998) – a *Central Saint Martins*⁴ em Londres, formada a partir da fusão, em 1989, entre *Central School of Art and Design* e a *Saint Martin's School of Arts* – em parte pelos formatos expandidos e experimentais que a arte contemporânea vinha assumindo. A teórica e curadora Ginger Greg Duggan afirma que arte e moda passam a partilhar uma espécie de coluna vertebral comum, repartindo anseios representativos e remasterizando os próprios formatos de apresentação. Para Duggan,

O final da década de 1990 representa um ponto significativo no desenvolvimento de um intensificado fenômeno arte/moda, com alcance maior em seu efeito ao resultar em produções de desfile de moda que se comunicam através da arte performática. Valendo-se de fontes de inspiração tão variadas quanto ativismo político, arte performática dos anos 60 e 70, performances dadaístas e do grupo Fluxus, teatro e cultura popular, muitas *maisons* de moda contemporânea transformaram por completo o desfile de passarela. O resultado é uma nova arte performática híbrida quase totalmente desvinculada dos aspectos tradicionalmente comerciais da indústria da confecção. Desde meados da década de 1990, *designers* como Alexander McQueen e John Galliano, (...), ganham notoriedade por desfiles de moda que se interpretam como sequência de imagens de sonho ou visões fantásticas (DUGGAN, 2002, p.3-4).

Roberta Shapiro, socióloga francesa, ao tecer suas considerações sobre artificação nos sistemas culturais contemporâneos, corrobora à hipótese de Duggan ao afirmar que esta entrada da moda num universo cultural outro, nomeadamente o artístico, faz-se pois a “ênfase passou a ser colocada sobre a arte como atividade mais do que como objeto. Tal ênfase pode estar relacionada com a virada pós-moderna dos mundos da arte depois de 1960 e com a banalização das performances” (SHAPIRO, 2007, p. 140), facilitando-se, portanto, a apreensão do valor simbólico em atividades temporais, ou seja, em atos ou cenas ainda em realização e que não possuíam como fim a geração de um *corpus* de objetos. Neste cenário, os desfiles criados pelo britânico Lee Alexander McQueen (1969-2010),

⁴ Alexander McQueen, John Galliano e Hussein Chalayan foram alguns dos estilistas que se formaram na *Central Saint Martins* e que transformaram a moda dos anos 90 a partir de uma abordagem mais conceitual e artística, sendo considerados por vários críticos e autores ora estilistas conceituais, ora estilistas-artistas.

tornam-se pertinentes: ao aproximar seus formatos de apresentação aos paradigmas formais e temporais da arte performática contemporânea, McQueen instaura um novo tipo de moda que têm sua gênese numa hibridação intencional, cosendo o subjetivo dos mundos da arte com as objetividades clínicas – e muitas vezes cínicas – do vestir.

Egresso do *MA in Fashion Design* da *Central Saint Martins*, McQueen foi treinado sob um tipo de ensino ampliado que horizontalizava por vezes arte, moda e design. Esta nova geração de designers e artistas formados numa outra ótica, e em sua maioria advindos da classe trabalhadora londrina, irá ao fim de sua formação espalhar-se para o *East End* – região periférica de Londres até meados da década de 1990, mas que possuía grandes galpões onde permitia-se a instalação de ateliês – ocasionando, em consequência, um movimento de reativação pitoresca e acupuntural da malha urbana. A proximidade entre Alexander McQueen e a dupla de escultores, Dinos e Jake Chapman, na Hoxton Square, levará a um cenário de construção imagética colaborativa em que os liames ontológicos entre arte e moda prontamente eram desmontados.

O artista Jake Chapman recordou do espaço que ele e seu irmão Dinos compartilhavam: 'O nosso era um armazém antigo na Old Kent Road. Havia lixo na porta de nosso estúdio, bem próximo ao McDonalds, era um plano contínuo de destroços escultóricos, bagunça e alguma arte. O estúdio de Lee era um pouco mais organizado'. Essa atmosfera facilitou oportunidades únicas de trocas e colaborações artísticas. 'Nós lhe dávamos desenhos', disse Chapman sobre McQueen, 'Ele enviava roupas que fisicamente nenhum humano poderia usar. Uma vez Lee chegou ao nosso estúdio e viu que possuíamos algumas latas de narizes protéticos, remanescentes da Primeira Guerra Mundial, e claro, ele os levou pra casa' (WHITLEY, 2015, p. 171).

Sua profícua relação com estes artistas, jovens oriundos da *Central Saint Martins* e do *Goldsmiths College*⁵, harmoniza consideravelmente sua criação aos novos formatos estéticos em experimentação. A preponderância da performance em seu trabalho seria tão pungente que Sam Gainsbury – produtora da maioria de seus desfiles a partir de *The Hunger* (Primavera/Verão 1996) – descreve a centralidade

⁵ Este grupo de artistas ficará nomeadamente conhecido por *YBAs* (*Young British Artists*), lançados em sua maioria na mostra *Freeze* organizada por Damien Hirst em 1988 e patrocinada pelo empresário do ramo publicitário e colecionador, Charles Saatchi, serão os responsáveis pela renovação estética na arte contemporânea inglesa.

que o ato/ação representava na criação de Lee. Gainsbury afirmava que “McQueen nunca poderia começar uma coleção até ter uma ideia ou conceito desenvolvido para o desfile, (...), para ele, o desfile não era apenas crítico em seu processo criativo, era o catalisador da criação” (BOLTON, 2015, p. 18).

Há aqui algo de sintomático. Ao criar moda a partir de/e como ícone de arte, McQueen e seus colaboradores usaram uma série de objetos impensáveis, promovendo-os e agenciando-os como propulsores e negociadores de ação, de agência. Neste ponto, temos, então, uma colisão entre a criação de moda em McQueen e o pensamento de Latour: será na reinvenção dos roteiros do sujeito pelo/através do objeto; na apreensão e reelaboração de um algo novo (jeitos inventados de caminhar, sentar, posar, etc); na ascensão de um modo de ser-agir distinto, que o híbrido homem-objeto aparecerá numa reencenação inaudita, e portanto venerável de nossa atenção.

Uma das relações mais prolíferas no cerne desta (re)construção deu-se entre McQueen e o designer-joalheiro inglês Shaun Leane⁶. Entre 1995 e 2010 – ano da morte de McQueen – Leane criou uma série de peças icônicas, especificamente desenhadas por Lee, para serem utilizadas em seus desfiles-performances. As criações de Leane não apenas castravam os movimentos do corpo, como também os reinventavam (mudavam) por completo. A relação vertical entre usuário e objeto, em que este serve exclusivamente aos anseios formais ou estéticos do primeiro, era reinaugurada a partir de uma lógica em que o próprio objeto impunha seu roteiro; assim, a concepção antagônica entre objetos prático-inertes e humanos-entre-eles sucumbia ante a uma amálgama sociotécnica em que ambos tornavam-se um só, e no momento da performance, ou ainda no uso cotidiano, existiam inseparadamente. Provém desta e de outras colaborações uma série de objetos agenciadores, ou actantes para utilizar a terminologia de Latour, que atuavam na hibridização entre sujeito e coisa.

Imagem 1: Alguns objetos desenvolvidos por Alexander McQueen, Shaun Leane e outros colaboradores.

⁶ Shaun Leane (1969 -) é um designer joalheiro inglês que colaborou com McQueen ao longo de sua carreira. Treinado na tradição clássica da joalheria britânica de Hatton Garden, Leane comissionou trabalhos para Björk, Lady Gaga e para o galerista inglês dos YBAs, Jay Jopling.



Fonte: WILCOX, Claire (org.), *Alexander McQueen*, Nova York: Abrams, 2015.

Estes elementos agenciadores de uma ação específica – elementos mediadores e tradutores de um social – irão formatar a dinâmica sociotécnica de Latour, em que o órgão social é operado e transmutado através de micro incisões em seus roteiros originais. Assim, o sapato cujo objetivo central é proteger os pés das intempéries e do terreno acidentado e que tem maior ou menor apelo estético apenas como aplique desinteressado de seu uso, será, na visão de McQueen, repensado como extensão protética do corpo num aceno por um pós-humano. Em *N.º 13* (Primavera/Verão 1999), a paratleta Aimee Mullins, que teve ambas as pernas amputadas logo abaixo dos joelhos, adentra a passarela calçando longas próteses de madeira com salto. À primeira vista e na mente dos que não a conheciam, parecia se tratar apenas de mais um par de botas, mas na idealização de McQueen estes extensores corporais correspondem a uma tentativa de harmonização entre humano e sintético. As pernas de madeira de Mullins não são apenas itens apáticos que se encerram na sua utilidade, mas que inauguram um outro jeito de se portar, um novo modo de caminhar e uma adaptação corporal que exige sacrifícios: escoriações, arranhaduras. Corresponde ao objeto em essencialidade de diálogo com o sujeito, e que agencia no sujeito um novo roteiro de vir-a-ser (WATT, 2012).

Ainda em *N.º 13*, McQueen vai explorar mais uma vez este processo de hibridização que instaura um reflexo sociotécnico inédito. Nesta coleção, Alexander

McQueen demonstra, sua fascinação pelas instalações da artista alemã Rebecca Horn – neste caso em específico, suas *Painting Machines* (1988). As máquinas de Horn, acopladas às paredes da galeria lançavam jatos de tinta sobre papéis e telas afixados à sua estrutura, em uma reflexão pertinente para um ato artístico que transcende a mão do criador, uma transferência da responsabilidade criacional para um elemento externo e controlado parcialmente. Ao transferir para a máquina o ato da pintura, Horn ratifica a ideologia de uma arte conceitual em que a concepção transcende o ato, e o processo eclipsa o produto final; discute também nesta composição a ideia de um espaço performativo orgânico, que funciona no Outro independentemente da presença do artista.

De modo semelhante, McQueen busca um distanciamento entre o fazer artístico e a indumentária, em defesa de um objeto inacabado que busca sua formatação final de forma alheia ao seu criador. É o resguardo de uma beleza que nasce do acaso, do ato e do objeto incontrolável. Neste desfile, o espaço de performance é ativado através de dois braços mecânicos que tingem, em pleno show, um vestido branco, enquanto a modelo gira em uma plataforma. As cores – amarelo e o preto – a ferocidade dos jatos e a dança cambaleante dos aparelhos de tinta criam uma fusão conceitual entre o trabalho de Horn, a pintura de ação do americano Jackson Pollock e um híbrido mulher-robô cujo roteiro de ação nasce apenas naquele instante. Existe em *N.º 13* a presença da performance como ação de um devir, de um agenciamento que vem do objeto: é em si um parto de uma experiência nova, algo nascido sem guião. Erin O'Connor – modelo de McQueen ao longo de sua carreira e em muitas ocasiões a intérprete de seus atos de encerramento – “descreve como que para cada look ela desenvolvia uma *persona* diferente. Em *Voss*, por exemplo, para os dois looks utilizados, ela catalisou duas diferentes performances” (EVANS, 2015, p. 198).

Imagem 02: Modelo Shalom Harlow durante sua simbiose performática com os braços mecânicos no final de *Nº 13* (Primavera/Verão 1999) de Alexander McQueen.



233

Fonte: alexandermcqueen.com. Acesso em 12 jun. 2018.

Para a socióloga Caroline Evans, o que O'Connor descreve é exatamente o ponto de tangenciamento entre a criação mista da moda de McQueen com os princípios estabelecidos por Bruno Latour sobre os “objetos que agenciam”, em suas palavras, “objetos que fazem algo acontecer” (EVANS, 2015, p. 194). Nesta concepção,

modos específicos devem ser desenvolvidos para fazer eles (os objetos) falarem, isto é, oferecerem descrições próprias de seu modo-de-ser, produzindo roteiros do que tem estimulado os outros – humanos e não-humanos – a fazerem; (...), seguindo Latour, as restrições físicas que os acessórios dos desfiles produzem podem ser vislumbrados como geradoras de um “roteiro”; (...), assim, por exemplo, a armadura de metal criada por Shaun Lane e utilizada sob um casaco em *La Poupée* (Primavera/Verão 1997), restringia os movimentos da modelo, forçando-a a andar de um modo distinto (EVANS, 2015, p. 194).

Imagem 03: A modelo Debra Shaw no desfile *Bellmer la Poupée* (Primavera/Verão 1997) de McQueen. O objeto criado por Shaun Leane criou todo um novo roteiro de como agir-andar.



Fonte: alexandermcqueen.com. Acesso em 14 jun. 2018.

Catherine Brickhill, assistente de McQueen ao longo de toda sua atuação na casa francesa Givenchy⁷, afirmava sobre as roupas e acessórios criados pelo designer, “Você não as está usando, você é usado pelas peças” (EVANS, 2015, p. 197), esta consciência que acena a um intercâmbio íntimo entre homem e objeto descreve a mesma percepção adquirida pela personagem de Orlando (1928), romance de Virginia Woolf: “*There is much to support the view that it is clothes that wear us, and not we, them*”⁸. Neste exercício de troca contínua entre ser e deixar-se mudar, Caroline Evans afirma que

⁷ Alexander McQueen foi designer-chefe da maison francesa Givenchy entre 1996 e 2001. Finaliza seu contrato com a grife após vender sua própria marca para o Gucci Group em 2001, concorrente direto do LVMH, que possuía as ações da empresa francesa.

⁸ Há muito que suporta o ponto de vista que as roupas nos usam e não nós as usamos (Tradução livre).

A roupa que realmente se torna parte do modelo é um exemplo daquilo que o filósofo fenomenológico Merleau-Ponty chamou de “ser uma coisa”⁹. Isso não significa ser objetificado, mas imergir a si mesmo ou perder-se em uma atividade, de modo que, nas palavras de Sennet, estamos tão absortos na arte do que estamos fazendo que nos tornamos a coisa em que estamos trabalhando (EVANS, 2015, p. 200).

O ato do agenciamento é causador de eclipses, ele embaralha a consciência do sujeito com a coisa, reorganiza suas potências, de modo que não há mais só sujeito ou só coisa. O deslocamento fenomenológico torna-se tamanho que não há uma só voz, passa-se a uma existência polifônica onde o humano-entre-eles divide o monólogo com o objeto-entre-eles. Erin O’Connor, uma das modelos favoritas de McQueen para encenar estes momentos, descreve bem essa metodologia; processo de perdas de si mas também de encontros em si e para si. Em suas palavras, aqui citadas através de Evans,

Você está dando sua permissão, (...), para se perder naquele momento. Assim, Eu andei sobre a água, eu fui envolvida pelas chamas, fui suspensa no ar vestida como uma *geisha*, (...), nós não estávamos usando objetos, eles se tornavam parte de nós e de quem realmente éramos. Era na verdade uma performance e eu havia compreendido isto, (...), se você me perguntar o que eu fiz, eu não poderia lhe dizer, realmente não tinha muito controle naquele momento (EVANS, 2015, p. 199-200).

Portanto, a perspectiva sociológica de Latour nos instrumentaliza a pensar formas outras de agenciamento, e a moda por seu aspecto técnico e fim objetivo passa a ser remasterizada por estas novas relações insurgentes. O fenômeno de imersão numa atividade metódica e qualificada como a moda deixa de ser simplista, ela existe no próprio tensionamento de um paradoxo, em que o homem exercerá duas funções contraditórias em simultaneidade: controle absoluto sobre o vestir e rendição mental quando vestido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que propusemos neste ensaio foi um alargamento de visão. Equipados pelas reflexões de Latour sobre a questão da agência, nos debruçamos em tecer aproximações possíveis de um outro empirismo no campo da moda. Se para o

⁹ No texto de Evans, “*being a thing*”.

sociólogo francês Frédéric Monneyron (2001) a moda não é apenas um reflexo cultural da sociedade que a cerca, mas uma medida premonitória de um porvir, ao nos atentarmos aos aspectos relacionais e novos roteiros possíveis, a moda torna-se uma prática de reescrita do social. O exemplo de McQueen pode-nos, num primeiro momento, parecer distante de uma realidade cotidiana, mas a mesma lógica que o cerca pode ser vislumbrada no vestuário de um sem fim de agentes: nas calças absurdamente baixas dos cantores de *RAP* norte-americanos, nas transformações corporais efêmeras presentes na cultura drag e nos *club kids*, no modo de se vestir e portar das religiões de ramo evangélico na América Latina, e entre muitos outros grupos. O que ocorre nestes contextos são mediações, traduções e incorporações sociotécnicas engendradas em roteiros únicos e em constante reinvenção; modos únicos de representação que reescrevem constantemente a moda como prática cultural (e artística) na sociedade. Em última análise, unindo e diluindo as duas grandes entidades da modernidade que têm andado de costas voltadas: a sociedade e a natureza; a estrutura e a ação. A separação entre esses dois conjuntos era (e é) uma questão política, de imposição de uma lógica cartesiana, de dominação de um modelo único de cultura, de arte e de vida.

REFERÊNCIAS

- BOLTON, Andrew. **In the search of the sublime**, In: WILCOX, Claire (Org.). Alexander McQueen. New York: Abrams, 2015.
- DUGGAN, Ginger. **O maior espetáculo da Terra: os desfiles de moda contemporâneos e sua relação com a arte performática**. Fashion Theory, São Paulo, v. 1, n.2, jun. 2002.
- EVANS, Caroline. **Modelling McQueen: hard grace**. In: WILCOX, Claire (Org.). Alexander McQueen. New York: Abrams, 2015.
- GIDDENS, Anthony. **A Dualidade da estrutura. Agência e estrutura**. Oeiras: Celta Editora, 2001.
- GUERRA, Paula. **A Instável Leveza do Rock**. Porto: Universidade do Porto, 2010.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, Bruno. **On technical mediation- philosophy, sociology, genealogy**. Common Knowledge, v. 3, n. 2, 1994, p. 29-64.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.
- LATOUR, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru: Edusc, 2002.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- McROBBIE, Angela. **British fashion design: rag trade or image industry?** Londres: Routledge, 1998.
- MONNEYRON, Frédéric. **La Frivolité Essentielle: du vêtement et de la mode**. Paris: PUF, 2001.
- OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. **Tecnologia e subjetivação: a questão da agência**. Psicol. Soc. [online]. 2005, vol.17, n.1, p.56-60.
- SANTAELLA, Lucia; CARDOSO, Tarcísio. **O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour**. MATRIZES, v. 9, n.1, 2015, p. 167-185.

SHAPIRO, Roberta. **O que é artificação?** Sociedade e Estado, Brasília, v.22, n. 1, p. 135-151, jan./abr. 2007.

WATT, Judith. **Alexander McQueen**, the life and the legacy. Nova York: Harper Design, 2012.

WHITLEY, Zoe. **Wasteland/Wonderland**. In: WILCOX, Claire (Org.). Alexander McQueen. New York: Abrams, 2015

EN(SAIA)NDO A MODA: A INDUMENTÁRIA DO TORÉ POTIGUARA PARAIBANO EM UMA COLEÇÃO DE MODA ✓

239

Anderson Noel de Lima e SILVA ¹
Eduardo Dias da SILVA ²

✓ Artigo recebido em 31/08/2018 e aprovado em 12/12/2018.

¹ Especialista em Arte e Educação pela UNAVIDA (2018), Graduação em Eventos pela UNIPLAN (2009) e em Design de Moda pela UNIPÊ (2018). E-mail: <andernol@outlook.com>.

² Doutorando em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (PósLIT/UnB) e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (2014), Licenciado em Letras Francês - UnB (2006) e Inglês e Português - ICSH/CESB (2017) e em Pedagogia pela FACIBRA (2015). Professor de Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisador nos Grupos CNPq FORPROL e GIEL. E-mail: <edu_france2004@yahoo.fr>.

EN(SAIA)NDO A MODA:

A INDUMENTÁRIA DO TORÉ POTIGUARA
PARAIBANO EM UMA COLEÇÃO DE MODA

RESUMO

Esta pesquisa visa apontar possibilidades de conexões entre o reaproveitamento de tecidos obsoletos doados por pequenos ateliês de costura da cidade e o trabalho de pesquisa com a cultura local. Por isso o nome da marca: D'aqui. A marca inicia sua história apresentando um estudo sobre o saio usado no ritual Toré da etnia Potiguara paraibana como fonte de referencial estético e dos quais descobrimos aspectos inerentes a sua identidade, representação e simbolismo. Possibilitando enaltecer e ampliar o conhecimento dessa etnia, seus costumes e aspectos culturais. Assim, apresenta uma coleção de moda autoral idealizada para consumidores que apreciem o prazer da experiência invés de um consumo mecânico. Um consumidor contemporâneo atento ao moderno, porém, apaixonado por valores intangíveis, atemporalidade e técnicas manuais. Esta pesquisa foi idealizada no intuito de trazer alguns saberes e fazeres desse povo e a partir dessa referência, atizar o tear e o fiar da memória e das tradições. Esta experiência se configurou como uma premissa para futuras parcerias em projetos onde a marca possa desenvolver seu trabalho de fazer uma moda atemporal, com base no movimento *slow fashion* que prima pelo consumo consciente e prega o conceito da sustentabilidade. Dessa forma, almejou-se disseminar este trabalho em comunidades, associações e grupos pequenos como a localidade que gerou o referencial estético desta pesquisa e com isso produzir um questionamento crítico sobre consumo e desperdício.

Palavras-chave: Saiote. Toré. Sustentabilidade. *Slow fashion*. Potiguara.

REHEARSING FASHION:

THE TORÉ SKIRT POTIGUARA'S FROM
PARAÍBA ON A FASHION COLLECTION

ABSTRACT

This research aims to point out possibilities of connections between the reuse of obsolete fabrics donated by small sewing ateliers of the city and the research work with the local culture. That's why the name of the brand: D'here. The brand begins its history by presenting a study on the kilt used in the Toré ritual of the Potiguara ethnic group as a source of aesthetic reference and from which we discover aspects inherent to its identity, representation and symbolism. Enabling and enhancing the knowledge of this ethnicity, its customs and cultural aspects. Thus, it presents an authorial fashion collection idealized for consumers who enjoy the pleasure of experience rather than mechanical consumption. A contemporary consumer attentive to the modern, however, passionate about intangible values, timelessness and manual techniques. This research was conceived in order to bring some knowledge and actions of this people and from this reference, to stir up the loom and the trust of memory and traditions. This experience has been configured as a premise for future partnerships in projects where the brand can develop its work of making a timeless fashion, based on the slow fashion movement that presses for conscious consumption and preaches the concept of sustainability. Thus, it was sought to disseminate this work in communities, associations and small groups as the locality that generated the aesthetic reference of this research and with that produce a critical question about consumption and waste.

Keywords: Saiote. Toré. Sustainability. Slow fashion. Potiguara.

1 INTRODUÇÃO

A moda pode ser mudança. Porque mudanças existem o tempo todo. Uma pessoa pode mudar também a partir do modo de vestir. Nesse caso, vestir é um verbo que possui várias possibilidades. Possibilidades que rimam com finalidades. Os tempos propiciam. A era digital transformou o mundo e encurtou distâncias. Hoje, todos podem ter acesso a informação. Nessa transformação acelerada, a demanda do consumo de moda cresceu. O mercado de consumo de moda continua a impulsionar necessidades, padrões e estilo de vida. É preciso oferecer a antigos e novos consumidores a mesma premissa de inspiração e novidades com a intensa frequência que foi imposta por essas alterações. São as redes sociais que proclamam essas promessas e constroem mitologias efêmeras. Há quem não viva mais sem isso. Há quem cansou dessa obrigação. Tudo é aparência. E a aparência dita regras severas de convivência e até como e quem se deve seguir. Se a maioria aprendeu e acostumou a ostentar e publicar, para outros, esta forma de viver está saturada.

Para essa parcela de consumidores insatisfeitos com a atividade consumista que a moda produz, um movimento contrário surgiu e começou a tomar força embasado em inquietações identitárias, qualidade de vida, contextos sustentáveis e preocupações sócio-ambientais: o *Slow Fashion*³. Esse movimento propõe uma forma de consumo cuidadoso, com produção mais justa, limpa e atemporal. E dentro desse modelo de fazer moda e originar reconhecimento frente a esse determinado público, muito tem sido feito em relação a conscientizações. Inclusive abraçando causas.

³ **Slow Fashion é um movimento sustentável, uma alternativa à produção em massa.** Foi criado em 2008 pela inglesa Kate Fletcher, consultora e professora de design sustentável do britânico **Centre for Sustainable Fashion**, inspirado no movimento **Slow Food**. Assim como em relação à alimentação, ele incentiva que tenhamos mais consciência dos produtos que consumimos, retomando a conexão com a maneira em que eles são produzidos e valorizando a diversidade e a riqueza de tradições, segundo Miranda (2014) e Fletcher & Grose (2011). De acordo com Legnaioli (2013), a prática do **slow fashion** preza pela diversidade, prioriza o local em relação ao global, promove consciência socioambiental, contribui para a confiança entre produtores e consumidores, incentiva preços reais que incorporam custos sociais e ecológicos e mantém sua produção entre pequena e média escalas.

Desde a opção de troca do consumo frenético pela experimentação pessoal como a promoção do valor intangível de um produto, no qual a cultura e as tradições são dois vieses, de impacto e mobilização. Algumas marcas, percebendo esse panorama, observaram que é preciso interagir mais próxima com esse consumidor engajado. Assim passaram a *conversar* com esse novo cliente a fim de captar suas opiniões, anseios e perspectivas no intuito de potencializar e estreitar essa relação de consumo e trazer a espontaneidade e o carisma que as grandes marcas perderam.

Essa abertura permitiu que algumas pequenas marcas comprometidas com esses ideais encontrassem uma forma para promover seu trabalho e fornecer novas propostas de consumir produtos e serviços. Em alguns casos, estreitando laços com associações e comunidades e utilizando, de modo responsável, sua mão de obra em diversas atividades como corte e costura, bordados, distribuição, produção de acessórios, etc. Isso possibilita uma produtiva troca entre capacitação de saberes e fazeres de um povo. O verbo compartilhar é agregador e também faz parte como atividade sugerida e sempre que possível executada. Esses são, de modo geral, os principais aspectos que uma pequena marca de moda voltada ao *slow fashion* defende e agrega valor no trabalho.

Esta pesquisa consiste na construção de uma marca de moda amparada em movimentos de mudanças. Mudanças que movimentam o modo de viver. Viver em tempo real olhando o futuro. Futuro que chega através de ideais de consciência. Conscientizar no modo como se encara o consumo. Como se consome moda no momento. E nesse momento atual abrimos o olhar para um cenário coletivo e ecossistêmico. Assim, abraçamos a moda consciente com os movimentos do *slow fashion* e da Economia Solidária⁴. E com esses parceiros acreditamos numa moda

⁴ De acordo com Tygel (2011), a Economia Solidária pode ser definida em três dimensões: **Economicamente**, é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão: ou seja, na Economia Solidária não existe patrão nem empregados, pois todos os/as integrantes do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são ao mesmo tempo trabalhadores e donos. **Culturalmente**, é também um jeito de estar no mundo e de consumir (em casa, em eventos ou no trabalho) produtos locais, saudáveis, da Economia Solidária, que não afetem o meio-ambiente, que não tenham transgênicos e nem beneficiem grandes empresas. Neste aspecto, também simbólico e de valores, estamos falando de mudar o paradigma da competição para o da cooperação da inteligência coletiva, livre e partilhada. **Politicamente**, é um movimento social, que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado nas grandes empresas nem nos latifúndios com seus proprietários e acionistas, mas sim um

mais ética e comprometida com a redução de impactos ambientais como o reaproveitamento de tecidos.

Além de todos esses agentes, a marca ainda pretende focar em suas produções a valorização do trabalho manual, do artesanato e da cultura local. Pretende incitar discussões relevantes referentes a costumes e consumo nos dias atuais, como também vai provocar e estabelecer um relacionamento mais emocional que comercial com seu consumidor alinhando seu repertório de informações e convicções com a afirmação de sua identidade, sob a forma de um ateliê virtual e participação em feiras locais. A indumentária usada no ritual Toré da etnia Potiguara paraibana serviu como referencial estético dentro desse processo criativo. A partir da pesquisa com o saio, feito com a planta imbirá de jangada, foi criada uma coleção de roupas para homens e mulheres utilizando imagens desse evento e outras afins ao tema.

As peças foram confeccionadas levando em consideração materiais de boa qualidade, baixo custo e impacto ambiental. Todos os tecidos são à base de algodão e derivados, utilizamos retalhos esquecidos e obsoletos doados por ateliês de costura da cidade como também alguns tecidos encontrados em liquidação. O intuito é apresentar uma roupa versátil, econômica e inebriada de sentimento.

Segundo Kazazian (2005, p. 27), “a passagem de uma sociedade de consumo baseada no produto para uma sociedade de utilização, cuja principal modalidade é o serviço, tem por resultado uma economia leve”. Essa fala reafirma os valores e ideais contidos neste trabalho onde a coleção apresentada fornece os elementos defendidos pelo movimento *slow fashion*, como também a inspiração coletada por seu referencial estético e a forma de comercialização de seus produtos através da internet e suas ferramentas.

2 EN(SAIA)NDO-SE, VAI-SE LONGE!

Nesta seção, apresentaremos os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, da proposta da marca, do segmento de mercado no

desenvolvimento para as pessoas e construída pela população a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos.

qual almeja-se atuar, da fundamentação teórica e da pesquisa do público alvo.

Para isso foi utilizada uma pesquisa qualitativa (que é constituída de um conjunto de práticas materiais e interpretativas) que garantiram uma visibilidade a uma série de representações. Seu objetivo foi compreender o fenômeno em termos de significados que as pessoas a ele conferiram (DENZIN; LINCOLN, 2006). No caso dessa pesquisa, o uso deste vestuário como peça principal usada por homens, mulheres e crianças como identidade, representação e simbolismo no **Toré** do ritual da etnia Potiguara paraibana.

O processo de pesquisa qualitativa contempla três conjuntos de decisões, relacionadas com ontologia, epistemologia e metodologia. Nesse contexto, conforme asseveram Denzin e Lincoln (2006, p. 32-33), o pesquisador percebe o mundo como “um conjunto de ideias, esquemas (teorias, ontologia), bem como uma série de questões (epistemologia), as quais são examinadas em aspectos específicos (metodologia, análise)”.

Nessa direção, para Barros (2015, p. 101),

A pesquisa qualitativa, na realidade é subjetiva e múltipla, sendo, nesse caso, diferente para cada pessoa. O pesquisador interage com o objeto e sujeito, com objetivo de construir significados. Os valores pessoais, ou seja, a visão de mundo do pesquisador acaba fazendo parte do processo.

Inicialmente a pesquisa procurou conhecer melhor a origem do *Toré* e o grau de relevância da indumentária dentro da comunidade potiguara de Baía da Traição/PB, suas características, função e importância. Pois, como elucidam Marconi e Lakatos (1990), foi com a obtenção dos dados da pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e contatos diretos (uso de entrevistas, depoimentos e etc.) que realizamos a pesquisa. Alcançamos com a pesquisa documental uma maior abrangência de informações e intimidade que trouxeram questões de afirmação em identidade, representação e simbolismo do ritual da etnia Potiguara paraibana, proporcionando maior visibilidade à temática. Essa pesquisa foi adotada por ser e “é o que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (Gil, 1996, p.46).

A pesquisa documental “apresenta descrições fidedignas de uma situação, tentando descobrir as relações existentes entre seus elementos” (Almeida, 1996,

p.105). Gil ainda esclarece que a pesquisa documental, na maioria dos casos, envolve “levantamento bibliográfico [e] pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (1996, p. 45). Com base nos procedimentos técnicos, realizamos também pesquisa bibliográfica que, segundo Gil, “é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos” (1996, p. 48), ou seja, “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados” (MARCONI; LAKATOS, 1990, p. 23). Nesta pesquisa de abordagem qualitativa, os dados colhidos, em sua grande maioria, são compostos por relatos de profissionais e pessoas que trabalham com a Moda, Antropologia, Sociologia, Povos indígenas, dentre outros; por basear-se “na presença ou ausência de alguma qualidade ou característica, e também na classificação de tipos diferentes de dadas propriedades” (MARCONI, LAKATOS, 1990, p.126).

Este estudo teve caráter conceitual e experimental, pois busca-se (re)criar novas formas de perceber e usar o *Toré* na experiência e na interação com os indígenas potiguaras, pesquisadores, consumidores, dentre outros. O Público alvo foi ampliado pelas coletas e análises dos dados, na medida em que a pesquisa foi avançando.

As redes sociais foram importantes instrumentos de promoção e observação de dados, pois, de acordo com Fachin (2005), ao realizar uma pesquisa com fatos sociais, colhidos em ambientes natural e virtual e empregá-los, em investigações que visam avaliar a eficiência de um conjunto de processos podem auxiliar a sociedade como um todo.

Adotada metodologia de Freebody (2003), eis os procedimentos que seguimos nesta pesquisa qualitativa: seleção dos participantes (coleta e análises dos dados), desenvolvimento prévio dos instrumentos e/ou materiais (questionários e entrevistas semiestruturadas), coleta de registros, análise dos dados; elaboração de inferências e o desenvolvimento do produto. Esses procedimentos foram norteadores básicos nessa pesquisa. Considerando especial atenção para a entrevista e o questionário, que segundo Salvador (1980), tornaram-se nos últimos anos, um dos instrumentos dos quais se servem constantemente, e com maior profundidade, para os pesquisadores das áreas de Ciências Sociais e de Psicologia.

Portanto, a opção pela técnica de coleta de dados através dos instrumentos de entrevistas e de questionários foi feita quando o pesquisador/entrevistador precisou valer-se de respostas mais profundas para que os resultados dessa pesquisa fossem realmente atingidos e de forma fidedigna, como explicam Rosa e Arnoldi (2008). Apenas os sujeitos selecionados e conhecedores (indígenas da etnia Potiguara) do tema foram capazes de emitir opiniões concretas a respeito desse assunto.

A análise da entrevista e o questionário como técnicas/instrumentos de coleta de dados afirmam não se tratar de um simples diálogo, como observam Rosa e Arnoldi (2008), mas sim de uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através de um interrogatório, leve-nos a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados utilizados nessa pesquisa.

Sendo assim com as informações coletadas e analisadas conseguimos trafegar livre e muito respeitosamente pelo tema, buscando inspiração para representá-lo através de um design consciente. Ao abordar a ancestralidade de um povo é necessário ter consciência da importância dessa circunstância na vida da comunidade local, no caso dessa pesquisa – indígenas da etnia Potiguara de Baía da Traição/PB - para que a formação da coleção, a partir desse tema, seja motivo de orgulho e pertencimento entre os mesmos.

Para isso, disponibilizamos um questionário semiestruturado aplicado através do **Google docs**, uma plataforma digital especializada que viabiliza formulários e vinculamos à rede social *facebook* em dois perfis pertencentes aos pesquisadores nos quais quaisquer pessoas que tivessem acesso a esses perfis, poderiam participar. Este questionário procurou identificar a perspectiva do consumidor sobre o tema consumo e produtos com características de contextos sustentáveis e responsabilidade social.

Coadunando com Cervo e Bervian (1983), essas observações metodológicas são para um olhar mais atento e delicado com a história do outro, seus modos de circulação e ao público que se destinam. Portanto, o método e a ordem que se devem impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado, não pode subjugar o caráter humana dessa pesquisa.

Elaborar um projeto de moda é reconstruir a própria existência. Essa não é uma tarefa fácil, afinal Moda é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas através dos tempos, o qual possibilita inferências de suas preferências, como elucidam Laver e Probert (1989). Por isso, ao elaborar este estudo levou-se em conta à crítica e autocrítica da Moda ao longo da trajetória dessa pesquisa.

Ao longo desse trabalho, destacamos elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerência e incoerências, e por meio das relações estabelecidas com a moda e o design, possibilitaram a construção da trajetória acadêmica que envolve o pessoal e profissional na dialética da vida.

O processo metodológico de Munari (2002) serviu de encaminhamento para desenvolver esse trabalho que procura ampliar o conhecimento da cultura da etnia potiguara paraibana. Com base no movimento *Slow Fashion*, usamos tecidos a base de algodão encontrados em liquidação, com o preço bem abaixo do mercado e também doações de retalhos feita por alguns ateliês de costura com o propósito de desenvolver um produto autoral, de boa qualidade, atemporal, com o capricho de beneficiamento de bordados e aplicações.

Através desse encaminhamento se empreendeu uma série de operações necessárias, dispostas e em ordem lógica, ditadas pela experiência para obter um resultado satisfatório e com o mínimo de erros. Ainda de acordo com esse autor, identifica-se que o objetivo de atingir o melhor resultado é através do menor esforço, dessa forma, procuramos seguir essa indicação usando a sequência de etapas percebida na Figura 1:

Figura 1- Modelo de metodologia Munari (2002)



Fonte: Mova Design Disponível em: <<http://movadesign.com.br/qual-seu-metodo-metodologia-no-design>>

A metodologia de Munari (2002) permite que a pesquisa da problemática possa ser definida pelos problemas e seus componentes. Assim, através dessa análise de coleta, possamos estabelecer uma liberdade de criação utilizando os materiais necessários para essa experimentação. Desse modo, os modelos de verificação irão apresentar um desenho de construção que deve ser a mais provável solução. Essa sequência adaptada ao projeto de planejamento de uma coleção de Moda consiste na definição de tarefas e soluções do problema abordado. No caso, valorizar um produto através de seu referencial estético, trazendo à luz o conhecimento de uma etnia, seus costumes e tradições utilizando também o beneficiamento de técnicas manuais e curiosidade provocam um desafio que esse conjunto de informações e provocações pode analisar através de uma específica pesquisa e coleta de dados feita por um questionário *online*.

A proposta da marca *d'aqui* é trabalhar com cultura local. Valorizar os saberes e fazeres das antigas e pioneiras técnicas manuais. Esse é um debate que não chega a ser novidade. A tecnologia digital trouxe acesso à informação e o mundo virou uma grande aldeia global⁵. Para escapar do processo de padronização imposto por essa nova mudança, torna-se necessário jogar luz sobre as origens e tentar um diálogo entre esses dois hemisférios, passado e futuro, na esperança de se (re)conhecer a identidade local como um pilar para uma nova e melhor qualidade de vida.

A moda que propomos se apoia no empreendedorismo de critérios sustentáveis. Reaproveitar, reciclar e reeducar. Resíduo, retalho, descarte e resto não pode ser sinônimo de uma coisa sem uso ou sem valor, sabe-se ao passo da moda que roupa tem que ter finalidade, bom design e conforto, como elucidado por

⁵ Em 1964, o teórico Marshall McLuhan desenvolveu esse conceito para explicar a tendência de evolução do sistema midiático como elo de ligação entre os indivíduos num mundo que ficava cada vez mais pequeno perante o efeito das novas tecnologias da comunicação. McLuhan considerava que, com as novas mídias, o mundo se tornaria uma pequena aldeia, onde todos poderiam falar com todos e o mais insignificante dos rumores poderia ganhar uma dimensão global. O conceito tornou-se uma das pedras angulares das teorias que procuram explicar o fenômeno da globalização e da localização, de acordo com Infopedia (2018).

Kazazian (2005).

O uso apropriado desse material agrega personalidade e comprometimento. Não se deve temer o uso de retalhos ou tecidos comprados em liquidações com alguns pretextos como cores velhas, sujeira, tamanhos, rasgões ou que possam ficar amarrotados facilmente. Atualmente, a moda se abriu para incontáveis e possíveis versões com esse material. Nem mesmo vincular a técnica de *patchwork* para associar negativamente o uso dos retalhos como algo ultrapassado e sem valor.

Pois bem, o trabalho aqui desenvolvido, busca não somente reaproveitar matéria prima e resgatar essas sensações, mas almeja também ser atemporal no conforto, na afetividade, no estilo e no custo (preço). Assim a marca *d'aqui* estréia como referência numa moda além daquilo que se vê.

Sendo assim, a marca associa e valoriza expressões artístico-culturais, oferece uma moda autoral, despreocupada com modismos, envolvida com contêndência de comportamento, com a praticidade que um bom design deve ter, sempre na busca de melhoramentos e experimentações, considerando a diversidade de gêneros, formas e perspectivas de expressão dos consumidores, ou seja, na liberdade alicerçada com consumo consciente, como elucidado por Bonsiepe (2011).

A marca *d'aqui*, conforme Figura 2, será um produto que como o próprio nome já sinaliza “deste lugar; deste ponto” na qual procura trabalhar com as coisas que ela conhece, descobre e aprende do lugar onde está. A proposta da marca é atuar dentro do sistema de vendas conhecido como *e-commerce*, expondo suas peças em um sítio eletrônico que funcionará como um ateliê e loja virtual, onde qualquer pessoa pode acionar e adquirí-las. Todas as suas ações serão via internet: atendimento, venda e divulgação.

A divulgação das coleções, editoriais e produtos serão feitas pelas redes sociais: **Instagram, Facebook e Twitter**. Sempre interagindo com a clientela buscando aprimorar e conhecer quem consome os produtos. Dessa troca, pode-se surgir parceiros, mais idéias, mais troca de informações, divulgação e, principalmente, confiança. Essa é a forma inteligente, econômica e diferenciada que encontrou-se de fazer moda e influência. Sempre coerente com a proposta de valor.

A marca, amparada no movimento de uma moda mais acessível com preço percebido como justo, ética (sem exploração trabalhista), nos ideais de consumo consciente e na busca de uma moda mais sustentável, trabalha com uma equipe pequena e, porém, procura ampliar sua área de atuação integrando-se ao movimento da economia solidária, a qual procura capacitar pessoas e aproveitar suas habilidades para parcerias e geração de renda. A troca de saberes e fazeres favorece ambas as partes, de acordo com Manzini & Vezzoli (2008).

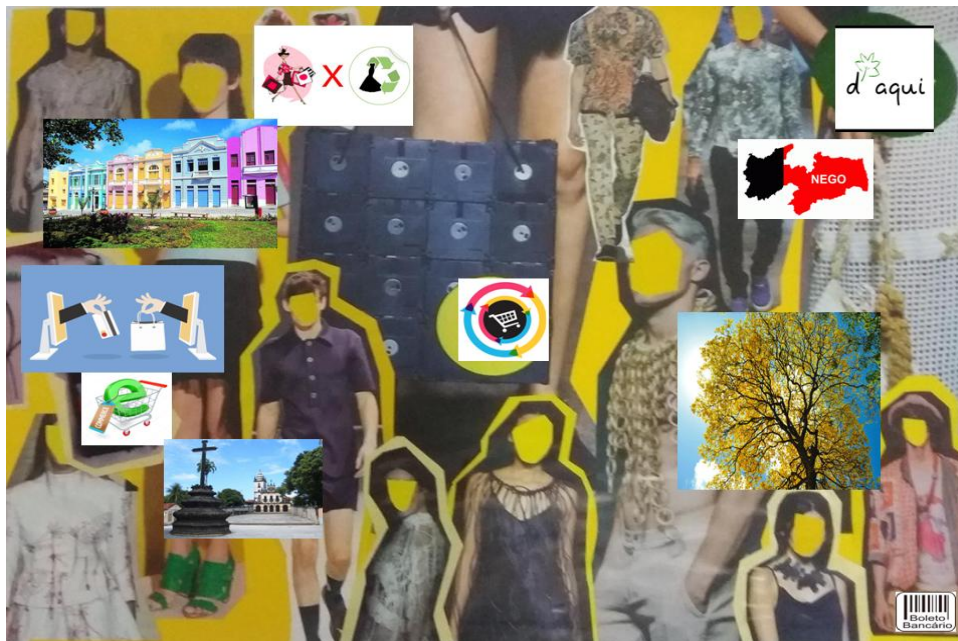
Figura 2: Logomarca



Fonte: material desenvolvido pelos autores (2018)

A Logomarca *d'aqui*, de acordo com a Figura 2, traz o nome numa fonte que lembra uma escrita feita à mão e após o 'd' vemos uma folha verde representando um ideal de mundo melhor e mais sustentável. Com essa logomarca conseguimos uma simbologia simples que traduz o espírito de atuação, personalidade e identidade, como exemplificado na Figura 3.

Figura 3: Painel da Marca



Fonte: Painel desenvolvido pelos autores (2018).

Considerando a vertente da moda para produtos com práticas produtivas mais éticas e ecológicas que vem crescendo tanto no Brasil como no mundo e as observações pessoais em anos de trabalho no comércio de vestuário, artesanato e eventos sócio-culturais, surgiu a idéia de construir uma marca para um público alvo de homens e mulheres que apreciem uma moda atemporal, com propriedades artesanais e empoderamento das influências de técnicas manuais e culturas dos saberes locais.

Este cliente pretendido pela marca não chega a ser desconhecido para quem já passou pelas experiências citadas e conhece a realidade do consumo e imagem dos produtos manufaturados. Porém, para se fazer inovador e diferenciar o produto em meio a tantos do gênero e criar um consumidor mais expressivo, e por que não dizer reconhecido, foi necessário fazer uma pesquisa de campo dividida em duas abordagens.

A primeira foi disponibilizar um questionário eletrônico em uma rede social onde qualquer pessoa, independente de sexo ou região do país, poderia participar. Este questionário procurou analisar o olhar do consumidor sobre o consumo e produtos com características de contextos sustentáveis e responsabilidade social. A

partir das respostas obtidas apareceu uma direção mais aproximada do interesse que o consumidor possui sobre os produtos com características para a qual a marca se destina e como também aponta para a existência de um perfil do público alvo para este segmento, apresentado na Figura 4. A pesquisa também se mostrou bastante útil no que se refere a trazer informações para encaminhar futuras ações de marketing.

A segunda parte constitui-se em garimpar dentro dos perfis que responderam a primeira parte da pesquisa alguns perfis que, por suas postagens e postura pessoal, assim, divulgam novos hábitos de consumo e passam a idéia de estarem mais afinados com a ideologia da marca. Essas observações foram importantes para se nortear para o caminho a seguir e de como se apresentar ao mundo. Essas pesquisas ainda indicaram que o público consumidor para este segmento ainda é muito restrito e intelectualizado. Isto, de certa forma causa certo desconforto e inibição em investimento.

A primeira parte da pesquisa foi disponibilizada na rede social *facebook* em dois perfis do preponente. No total, 235 participaram, sendo que 228 mais ativamente. Foram formuladas 20 perguntas de múltipla escolha com as quais em 4 delas se podia marcar mais de uma opção. Nessa primeira parte da pesquisa, podemos constatar que o grupo na faixa etária entre 36 a 45 anos foram os mais interessados na criação de nova marca. Enquanto que com o grupo de 55 anos tivemos menos aceitação. Esse dado serviu para percebermos que o público que mais se interessa por nosso produto está na fase estável da vida. A geração que enfrentou várias mudanças bem importantes com a entrada da era virtual e todas as suas transformações sociais e profissionais.

Em relação ao gênero dos participantes, foram obtidas 227 respostas e notamos que o público feminino liderou com 62,9% de interesse no assunto moda. Contudo, consideramos os 37,9% do público masculino um número bem expressivo e digno de especial atenção. Sobre o estado civil dos pesquisados, 228 respostas indicaram que ser solteiro foi a maioria das respostas dos participantes. Acerca da renda mensal, percebe-se que, segundo dados dos participantes, o grupo que recebe entre 2 a 4 salários mínimos compareceram mais na pesquisa. Esse

levantamento é importante para que possamos avaliar e traçar estratégias de vendas e o panorama do poder aquisitivo dos interessados pela marca.

De acordo com critérios estabelecidos, cada participante pode assinalar até 3 itens. Assim, tivemos a surpresa de perceber que a sustentabilidade também foi um dos itens lembrados por 7% dos pesquisados. Superando inclusive o item valor de mercado. Com este dado, tem-se a percepção que, mesmo pequena, há um movimento crescente de consciência latente influenciando o mercado. Os fatores sócio-ambientais também possuem sua representatividade.

Algumas outras questões foram levantadas para conhecer como participante/consumidor se relaciona com a oferta de moda no mercado e que vão servir para direcionar futuras campanhas e modos de apresentação da marca, como também, ajudarão na logística de produção das coleções. Entre essas perguntas, destacamos alguns dados que são relevantes para a conjuntura dos produtos, tais como o valor mais alto pago por uma peça de roupa, 33,6% responderam que de 251 a 500 Reais. Isso evidência que mesmo sendo um público exigente e seguro com aquilo que empregam, quando se trata de algo que eles apreciam e valorizam, é certo que haverá investimento.

Outros dados interessantes surgiram quando perguntados onde costumam comprar roupas e percebermos que mesmo as lojas de departamento (73,1%) sendo as mais visitadas, ainda há espaço para lojas específicas (41,9%), compras pela internet (29,1%) e costureiras (13%). São esses números menores os que tanto nos interessaram. Pois, são com eles que iremos trabalhar.

Sobre ser fiel a uma marca, a maior parte respondeu que não há essa fidelização. A respeito do uso de redes sociais para conhecer, comprar e se informar sobre moda, 89,9% disseram que na correria diária e na praticidade dos aparelhos celulares, encontra-se nesse meio a melhor maneira de comprar. O **facebook**, o **instagram** e até o **whatsapp** foram considerados as melhores ferramentas de divulgação. Porém, sobre estratégias de marketing decisivas para adquirir um produto, a maioria afirmou que conhecer o produto, referencia de amigos e o famoso boca a boca ainda fazem muita diferença.

A maioria dos participantes disseram não conhecer o *Slow Fashion* e o movimento de *Upcycling*⁶. O quê já nos deixou interessados em enviar um material para que possam se informar sobre esse movimento e com isso, a proposta da marca. Outro item de revelância foi a inspiração que apareceu como a principal motivação para vestir-se bem. Em seguida, estar de bom humor, desenvolver seu estilo próprio, ter confiança para dizer que se veste bem todos os dias, estar apenas vivo, com dinheiro e da cor preta foram as outras respostas marcadas ou relacionadas pelos participantes. E quando perguntados se gostavam do modo como se apresentavam ao mundo, um número representativo respondeu que sim, outros que poderiam melhorar. E uma parcela pequena respondeu que não.

Figura 4 – Painel de público Alvo



⁶ Apesar de não ser uma prática nova, já que é muito comum durante tempos economicamente incertos, o **upcycling** está na moda no universo sustentável. A técnica do **upcycling** consiste em, com criatividade, dar um novo e melhor propósito para um material que seria descartado sem degradar a qualidade e composição do material. Um item que passou pelo **upcycle** normalmente possui uma qualidade igual ou melhor que a de seu original, segundo Ecycle (2013).

Fonte: Painel desenvolvido pelos autores (2018)

Dessa forma, foram escolhidas dentre esses 238 participantes 50 perfis (25 do gênero masculino e 25 do gênero feminino) que possuem características e afinidades com os ideais que a marca se propõe e esses perfis figuravam tanto no **Facebook** como no **Instagram** para fazer uma pesquisa mais personalizada. O foco inicial foi apresentar as propostas da marca e perceber como esse possível consumidor reagiria ao contato com ela. Assim, pontuou-se algumas particularidades observadas através da pesquisa. Perfil feminino: a) a partir dos 25 anos. Classes B e C que pagam com cartão de crédito; b) vida intelectual ativa, em sua maioria curso na área de Humanas; c) investem em cultura de qualidade, priorizando viagens a lugares exóticos; d) adeptas de hábitos moderados, comprando para si mesma e economizando para alguns luxos; e) preferência de compor o próprio estilo, buscando equilíbrio e mesclando peças novas com antigas; f) rejeitam o óbvio e o previsível, detestando estereotipação feminina; g) apreciam produtos manufaturados, na tradição local.

Em contrapartida, nos perfis do gênero masculino, podemos listar alguns pontos relevantes: a) faixa etária de 25 anos, em média. Classes B, C e D, pagam com cartão de crédito ou com dinheiro; b) intelectualizados, em sua maioria, profissionais na área de humanas. Solteiros ou Separados; c) grande parte gays ou simpatizantes do movimento LGBT; d) apreciadores de um estilo mais conceitual ligado às raízes e tradições culturais; e) facilmente reconhecidos por seu modo de vestir; f) não consomem moda com frequência, uma vez por ano ou a cada 6 meses; g) nem saudosistas, nem religiosos, contudo, espiritualizados e politizados.

Apresentamos neste projeto a criação de uma marca e o desenvolvimento de uma coleção de moda, que tem uma intenção bem definida: valorizar a cultura, técnicas manuais e identidade local. A marca denominada *d'aqui* acredita que em tempos globalizados a conhecida frase de Leon Tolstoi “Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia” amplia o conceito de arte e originalidade e consolida a diferença.

E acreditamos que diferenciar é saber a valorização da sua história, da sua memória e dos saberes de seu povo. Atendendo a essa perspectiva e pesquisando

material para se apostar em produtos futuros encontramos na cultura dos índios Potiguara paraibanos um trilha que podemos explorar tanto como referencial estético como incluí-lo naquilo que a marca se propõe.

Os indígenas sempre foram fonte de inspiração para várias coleções de estilistas renomados no mundo todo. Causaram tendência e tiveram suas culturas representadas de diversas maneiras. Algumas de forma superficial e outras em uma abordagem mais profunda. Porém, representar a cultura de um povo é sempre uma atitude muito arriscada e suas escolhas precisam ser cruciais para que não resvale apenas numa estética banal. O mote da história tem que ser considerado, de preferência sem legendas, para que se torne compreensível a quem o vê. Assim, ao contar uma história daqui ela pode ser compreendida em qualquer lugar.

Barcellos (2014) e Magalhães (2004) afirmam em seus relatos que a cultura do povo Potiguara proporciona uma riqueza religiosa plural, de tal forma que a dimensão do sagrado move essa etnia, a ponto de ser impossível desassociá-la com toda a vida na aldeia. Este projeto visa conhecer um dos mais significativos rituais religiosos desse povo: o Toré. E dele extrair conhecimentos sobre sua indumentária. Em um projeto de moda, acredita-se que o vestuário rege uma gama de informações entre quem olha e quem o consome e isso transpassa a simples idéia de estética. Segundo Lurie (1997), o modo de vestir é como um idioma. Sendo assim, uma pessoa aprende desde cedo sua língua nativa e no decorrer de sua vida pode aprender e desenvolver outra língua ou apenas palavras que a levarão a formar um vocabulário mais amplo das coisas que conhece.

O modo de vestir protege o corpo, embeleza e traz conhecimentos sobre quem o veste. Essas identificações sofrem influências e cobranças diárias como estados de espírito, arquétipos profissionais e tendências de mercado. É preciso personalidade para enfrentar o mundo, mantendo a identidade e mesclando com todas essas interferências. Humberto Eco e outros autores no livro **A Psicologia do Vestir** (1989) analisa bem o código do vestuário quando compara que uma mitra não é um chapéu para a proteção da chuva e sim para comunicar que quem o usa é um bispo.

Esse mesmo autor avança ainda mais ao analisar que um vestuário honesto cobre apenas uma parte do corpo enquanto o restante (gravata, solas, adornos) são

opções ideológicas ou maneiras de lançar mensagem em códigos e convenções. Essas afirmações dialogam com a invenção de domínio vestual na qual uma roupa pode nos construir e se torna um elemento de cultura material. Onde enviamos mensagens visuais de sentido, significação e representações. O vestuário também se torna responsável pela construção de relações com o mundo e com ele se construí a cultura e quem somos, assim como podemos notar nas vestimentas apresentadas na Figura 5, dos rituais Toré.

Figura 5 – Ritual Toré na aldeia Lagoa do Mato



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2018).

Todo esse discurso traz luz a importância da representatividade do vestuário no mundo atual. Na afirmação de uma identidade e no valor do simbolismo. A partir desses preceitos, tornou-se mais interessante pesquisar a indumentária usada nos rituais do Toré. Ao qual classificamos como indumentária Potiguara paraibana. Segundo Barcellos (2014) e Magalhães (2004), a riqueza religiosa e cultural desse povo traz detalhes e aspectos significativos de mitos e ritos dessa etnia que ainda são desconhecidos pela sociedade e pouco divulgados nos meios de comunicação. A dimensão do sagrado move a etnia, e será norteadora para este trabalho de final

de curso. Dentro do contexto histórico e das práticas religiosas mais conhecidas e expressivas dos Potiguara, a mais importante é o ritual do Toré.

Segundo dados coletados na obra de etnomapeamento de 2012 do governo federal sobre essa etnia, sabe-se que são mais de 19 mil habitantes, autóctone do Litoral Norte da Paraíba, desde a chegada dos colonizadores há mais de 500 anos, os Potiguara, são os únicos povos indígenas que permanecem morando no mesmo lugar. Ocupam um território de 33.757 hectares, distribuídos em 32 aldeias, vivendo em três áreas vizinhas, nas cidades de Rio Tinto, Baía da Traição e Marcação. Falam o português, mas fazem parte dos povos da família lingüística Tupi. Idioma que está sendo revitalizado na educação escolar indígena.

Segundo Barcellos (2014) e Magalhães (2004), o Potiguara apresenta uma admirável tradição milenar, uma cultura de valor com raízes próprias, cultivada ao longo de muitas gerações, com movimentos que lhes são peculiares. Assim como outros indígenas que vivem no Nordeste, possuem uma longa história com a sociedade não-indígena.

Figura 6 – Povos da etnia Potiguara paraibana



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2018).

No cenário Potiguara há duas importantes representações locais, independente da quantidade de indígenas existentes nas aldeias: o Cacique, a quem é delegado a

liderança e o Pajé, que é responsável pela religiosidade. Entre os Caciques existe uma autoridade maior que orienta e zela seus componentes. A maioria das aldeias conta com a infra-estrutura dos centros urbanos, possui escolas de ensino básico, posto de saúde e casas de farinha. Entre os Potiguara, o catolicismo é a religião mais antiga e com mais adeptos que remonta ao período colonial, e existem 19 igrejas na área Potiguara onde duas delas são fontes de simbolismos étnicos, históricos e territoriais: A igreja de São Miguel da aldeia de mesmo nome, e a de Nossa Senhora dos Prazeres na Vila de Monte-Mor. Nessas aldeias é tradição anual, os festejos de seus padroeiros. Este momento também serve para ser um momento de encontro e aliança com as comunidades.

Entre as principais atividades econômicas desenvolvidas pela comunidade potiguara estão a pesca marinha, o extrativismo vegetal, a agricultura de subsistência, a criação de animais em pequena escala, o plantio comercial de cana-de-açúcar, a criação de camarões em viveiros, o assalariamento rural, o funcionalismo público e no turismo. Antigamente a economia da região esteve centralizada na Companhia de Tecidos Rio Tinto, da família Lundgren, que contratava inúmeros índios e criava um mercado consumidor para a produção agrícola e pesqueira. Porém, hoje a fábrica faliu e a economia se concentra em outras atividades.

O Toré é um ritual sagrado que celebra os antepassados, a tradição e que limita as diferenças internas, aproximando os povos de todas as aldeias num momento de comunhão. Geralmente realizado nas comemorações da semana do Índio tendo seu apogeu no Dia do Índio (19 de abril). Esse é o acontecimento que traz a reflexão de união entre os povos donos de um passado histórico comum.

O Toré é um ritual de dança e segundo Barcellos (2014) e Magalhães (2004) o Cacique, conduzido pelos espíritos de luzes, utiliza um maracá para abrir o ritual, comum discurso afirmando a importância daquele exercício para a tradição e em seguida, todos se ajoelham e em silêncio louvam e pedem permissão e proteção à mãe natureza. Em algumas circunstâncias, reza-se o pai-nosso cristão. Mas, em geral, é silenciosamente que o divino e o encantado são acionados.

Logo depois formados três círculos: Um pequeno, um médio e um grande. A força do Círculo é conhecida há séculos, e é um poderoso símbolo de unidade e

totalidade, como elucidado por Barreto apud Barcellos (2014) organizadamente, no menor e no centro deles ficam os tocadores de zabumba e gaita responsáveis por puxar as cantigas; num outro círculo, um pouco maior, ficam crianças e adolescentes participando da dança; E no terceiro, o maior de todos os índios (homens e mulheres), vestidos ou não com trajes do Toré.

Como advoga Barcellos (2014), cada povo indígena tem seu jeito de ser, sua musicalidade, dança, coreografia, forma de estabelecer contatos com ancestrais, conjunto de elementos presentes nas várias etnias, mas cada grupo tem sua especificidade local, conservando sua singularidade. E ainda segundo Grunewald (2004) apud Barcellos (2014), o ritual Toré é a principal característica dos povos indígenas do Nordeste.

Figura 07- Imbiras de jangada expostas ao sol para secar e em seguida ser usada na confecção do saiote.



Fonte: acervo pessoal dos autores (2018).

Para Barreto apud Barcellos (2014), dançar em círculo é algo como conspirar – respirar junto – e conspirar é aspirar a um verdadeiro sentimento de comunhão, de cooperação, entre um e outro, entre indivíduo e grupo, entre eu e você. O contato com esse ritual traz uma experiência sensorial muito interessante.

Aos poucos, o corpo vai se embalando pelas cantigas, pelo movimento giratório e através da cadência desses passos um espírito recreativo e ancestralidade mediúnica que vão tomando conta até que a roda entre num sincronismo que contagia todos os presentes. “Ninguém é o mesmo depois que dança o Toré”, relato do Cacique Dijalma em abril de 2003 depois de uma apresentação do Toré.

Em outras etnias nordestinas, o Toré pode se dançar abraçando e de mãos dadas, na Potiguara é dança do individualmente. As cantigas são criações antigas passadas de geração a geração. E suas temáticas variam entre coisas da natureza, os animais, os ancestrais, os encantos de luz, à Cabocla Jurema, a luta pela terra e os santos do catolicismo. Muitas são apropriações de outros povos indígenas do Nordeste, ou cantos indígenas conhecidos em todo Brasil trazidos para a realidade eritmo paraibano.

Como em todo ritual, é preciso de aparatos para que eles possam se realizar. No caso do Toré, esses aparatos são os instrumentos e a indumentária. Os instrumentos usados no ritual Toré são importantes tanto no aspecto sonoro-percussivo para a execução da dança, mas eles também trazem um apoio estético ao conjunto.

Uma indumentária ou um acessório representa muito do quanto uma pessoa diz sobre ela. É possível identificar a influência das tendências de moda sobre uma pessoa que pode estar vestida da cabeça aos pés com essas referências, apenas usando um pequeno adorno simbólico com algum símbolo da região, etnia ou idéia de onde pertence ou do que acredita. Lurie (1997) afirma que adornos são como adjetivos pois modificam ou reforçam uma composição, são vistos como verdadeiros modificadores de intenção. Os detalhes traem, traduzem e trazem, naturalmente, mais dados do que imaginamos.

Sendo assim, acreditamos que roupa e acessórios precisam trazer uma história em si, no caso dessa pesquisa, os ritos e representações da comunidade Potiguara, pois, assim compartilhamos as vivências e conhecimentos da etnia que reflete uma das múltiplas faces da identidade brasileira.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo almejou unir a atemporalidade que a moda pode oferecer para falar sobre consumo, questões sócio ambientais e tradições. O consumo desenfreado e caótico que explora as reservas naturais de maneira devastadora e sem se importar com futuro; falar sobre movimentos contrários a esse consumo como o *Slow Fashion* e todas as possibilidades de fazer uma moda mais consciente e sustentável; falar de iniciativas coletivas como a economia solidária que tira pessoas de situações de risco e as insere novamente dentro do panorama social e fazem um trabalho que buscam novas possibilidades, até mesmo dentro da crise, usando um material descartado como o tecidos obsoletos e transformando suas vidas e ajudando o ecossistema; falar de tradições, cultura local e dos saberes e fazeres hereditários que valorizam ainda mais as raízes e trazem empoderamento a pequenos núcleos e comunidades.

Este trabalho buscou também trazer uma coleção de moda baseada na pesquisa sobre a cultura da etnia Potiguara paraibana. Usando do pretexto de estudar o saio usado no ritual Toré, procuramos desvendar o simbolismo, a identidade e representação dessa indumentária. Ao falar de todos esses assuntos, a marca *d'aqui* aparece como uma pequena semente curiosa e incitadora de novos mercados e possibilidades.

Em todas as etapas desse projeto encontramos um encanto e um desafio, tanto no modo como é enriquecedora conhecer uma tradição como a do Toré e sentir a realidade da etnia Potiguara paraibana, injustiçada pela ação de um tempo sem interesse na memória dos nossos povos e guerreira por resistir, por permanecer e preservar, mesmo sofrendo a ação do homem urbano, sua tradição. Emocionados, em ter conhecimento de iniciativas como a economia solidária que promove ações para destinar pessoas e material em situação de risco. Ver que a moda pode se reinventar e redesenhar caminhos oferece uma dimensão maior para algo massificadamente visto como superficial. A moda pode ter mais futuro do que meramente dar lucro.

Sendo assim, concluímos que essa pesquisa atendeu todas as expectativas pensadas e ainda foi mais além, trazendo a possibilidade de desenvolver um

trabalho conjunto com associações, costureiras e artesãos que queiram investir no nicho da economia solidária e resíduo têxtil. A marca *d'aqui* por ser pequena acreditamos que pode contribuir para fazer uma moda diferente e autoral.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. P. **Como elaborar monografias**. 4. ed. Belém: Cejup, 1996.
- BARCELLOS, L. **Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora UFPB, 2014
- BARROS, S. M. **Realismo crítico e emancipação**: contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso. Campinas: Pontes editores, 2015.
- BONSIEPE, G. **Design, Cultura e Sociedade**. Tradução de Itiro Lida. São Paulo: Edgar Blucher, 2011.
- BRASIL. **O Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI)**. FUNAI/MS. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cggam/pdf/2017/GATIi_web.pdf> Acesso em: 31 ago. 2018.
- CERVO, A. L.; BERVIAN P. A. **Metodologia Científica**. Mcgraw Hill. 1983.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, I. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: (Org.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2006, p. 15-41.
- ECO, U; SIGARTA, R.; LIVOLSI, M.; ALBERONI, F.; DORFLES, G.; LOMAZZI; G. **Psicologia do vestir**. 3 ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.
- ECYCLE. **Upcycling: qual o significado e como aderir à moda**. [Online], 2013. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/77-upcycling-upcycle>> Acesso em: 14 dez. 2018.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- FREEBODY.P. **Qualitative research in education: interaction and practice**. London: Sage, 2003.
- FLETCHER, K.; GROSE, L. **Moda e sustentabilidade**: design para mudança. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- GIL. A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- GRÜNEWALD, R. A. **Toré: regime encantado do índio do Nordeste**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2004.
- INFOPEDIA. **Aldeia global**. [Online]. Porto: Porto Editora, 2018. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$aldeia-global](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$aldeia-global)> Acesso em: 31 ago. 2018.

KAZAZIAN, T. **Haverá a idade das coisas leves**: design e desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

LAVER, J.; PROBERT, C. **A roupa e a moda**: Uma história concisa. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEGNAIOLI, S. **O que é slow fashion e por que adotar essa moda?** [Online], 2013. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/5950-slow-fashion>> Acesso em: 14 dez. 2018.

LURIE, A. **A Linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAGALHÃES, E. dos S. **Tupi or not Tupi**: religiosidade e processos de atribuição étnica na comunidade indígena Potiguara. 2004. 97f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais - Bacharelado). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2004.

MANZZINI, E; VEZZOLI, C. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MIRANDA, B. Slow Fashion: o que é esse movimento, que veio para ficar, e transformar. In: **REVIEW** [Online], 2014. Disponível em: <<https://reviewslowliving.com.br/2014/09/24/slow-fashion-o-que-e-esse-movimento-que-veio-para-ficar-e-transformar/>> Acesso em: 31 ago. 2018.

MUNARI, B. **Das coisas nascem coisas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A Entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisas bibliográficas**: Elaboração de Trabalhos Científicos. 8 ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

TYGEL, D. O que é Economia Solidária. In: **Fórum Brasileiro de Economia Solitária**. [Online], 2011. Disponível em: <<https://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>> Acesso em: 31 ago. 2018.